

Fazendo Gênero 10

IMAGENS e MEMÓRIA

um livro-pôster



TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS
JAIR ZANDONÁ
CLAUDIA RENATA DUARTE
JULIA TELÉSFORO OSÓRIO
(ORGANIZAÇÃO)

Fazendo Gênero 10

IMAGENS e MEMÓRIA

um livro-pôster

GRÁFICA
Copiart
EDITORA

Tubarão-SC
2015

IMAGENS E MEMÓRIA: um livro-pôster

ORGANIZAÇÃO

Tânia Regina Oliveira Ramos
Jair Zandoná
Claudia Renata Duarte
Julia Telésforo Osório

REVISÃO ORTOGRÁFICA e NORMATIVA

Michela Silva Moreira

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO e CAPA

Rita Motta sob coordenação da Gráfica e Editora Copiart

O conteúdo dos textos e as ilustrações são de responsabilidade dos autores.

Para a publicação foram consideradas as informações registradas no sistema de inscrições do Fazendo Gênero 10.

I29 Imagens e memória : um livro-pôster : fazendo gênero 10 /
Tânia Regina Oliveira Ramos, Jair Zandoná, Claudia
Renata Duarte, Júlia Telésforo Osório (Organização). - -
Tubarão : Ed. Copiart, 2015.
229 p. : il. ; 28 cm
ISBN 978.85.8388.032.5

1. Mulheres - Condições sociais. 2. Mulheres - História.
3. Feminismo e arte. 4. Feminismo - História. 5. Mulheres na
política. 6. Mulheres na literatura. I. Ramos, Tânia Regina
Oliveira. II. Zandoná, Jair. III. Duarte, Claudia Renata. IV.
Osório, Júlia Telésforo.

CDD (22. ed.) 305.42

Dedicatória

Dedicamos esse livro-pôster aos que contribuíram para esse momento do Fazendo Gênero:

à coordenação geral, Luzinete Simões Minella, Susana Bornéo Funck e Gláucia de Oliveira Assis;

ao apoio da Secretaria de Política para as Mulheres (SPM);

à Carmem Vera Gonçalves Vieira Ramos;

à Elba Maria Ribeiro;

a Thiago do Vale Pereira Livramento, Gizelle Kaminski Corso, Joana Vieira Borges, Maise Caroline Zucco e Tanay Gonçalves Notargiacomo;

às avaliadoras e avaliadores e à equipe de monitoria;

a todas e todos que inscreveram imagens e memória dos Desafios (sempre) Atuais dos Feminismos com suas pesquisas.

Um livro-pôster do Fazendo Gênero

A Comissão de Pôster do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos* tem o prazer de apresentar este volume que traz trabalhos de alunas e alunos de graduação que participaram do evento realizado na UFSC, em setembro de 2013, com a efetiva apresentação/exposição de suas pesquisas.

Este número em formato de livro-álbum permitiu o registro visual desses trabalhos. E, pela primeira vez, possibilitou dar visibilidade às pesquisas de graduação, as quais representam um espaço importante para fomentar e sedimentar os estudos de gênero, militância que tem motivado o Fazendo Gênero nesses 20 anos. É interessante observar que os pôsteres aqui publicados demonstram a(s) interseccionalidade(s) entre áreas, saberes, temáticas, seguindo a concepção da 10ª edição deste Seminário que é referência internacional no campo acadêmico. Esses trabalhos apresentados, vinculados a núcleos e a grupos sólidos de pesquisa, se desdobrarão sob a forma de dissertações, teses, livros publicados e produzidos por uma nova geração de jovens pesquisadoras e pesquisadores. As minibiografias demonstram a certeza do *vir a ser*, uma vez que as graduandas e os graduandos agora se apresentam como mestrands e mestrandos em sua grande maioria.

A concepção geral do evento partiu do entendimento de que, apesar dos avanços obtidos por meio das inúmeras lutas travadas pelas mulheres, muitos obstáculos ainda persistem. Alguns se reconfiguraram, outros emergiram,

exigindo, por isso mesmo, o debate em torno dos *Desafios Atuais dos Feminismos*, os quais incluem, entre outros, a baixa participação das mulheres nas instâncias de poder político; as desigualdades de gênero no âmbito do trabalho e da distribuição de renda; as dificuldades enfrentadas no âmbito das lutas pelo direito ao aborto; as violências domésticas e institucionais de gênero; a grave situação das mulheres, principalmente as de baixa renda, nos contextos pós-coloniais e transmodernos; as iniquidades em saúde; as contramarchas nas lutas pelos direitos LGBT e contra os efeitos de subordinação das interseções de gênero, classe, gerações, raça/etnia e deficiência; as assimetrias de gênero no âmbito da participação das mulheres na produção do conhecimento científico; a inserção significativa das mulheres nas mobilidades contemporâneas etc.

Entre os trabalhos apresentados e avaliados por uma comissão científica durante o evento, quatro foram premiados:

- **Amores Rabiscados: diário de uma favelada** – Luciano Marques da Silva (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- **Hugo/Muriel e relações de gênero: montando um debate sério através de ade-reços de humor** – Clara Cazarini Trotta (Universidade Federal de Minas Gerais), Kênia Araújo Pires (Universidade Federal de Viçosa).

- **As Minas dos Muros: trajetória feminina no grafite em Fortaleza** – Ananda Andrade do Nascimento Santos (Universidade Federal do Ceará).
- **Entre a delimitação dos espaços e a negociação das categorias de gênero e sexualidade contidas na narrativa cinematográfica almodovariana** – Alan Pereira Ribeiro (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Guilherme Rodrigues Passamani (Universidade Estadual de Campinas).

Por fim, cabe ainda enfatizar que apenas foram incluídos os trabalhos enviados com todos os materiais solicitados para a comissão responsável por esta publicação, dentro do prazo estipulado. A organização dos pôsteres está em

ordem alfabética de título da pesquisa apresentada no pôster, pelas graduandas e pelos graduandos dos mais diversos cursos e instituições do Brasil.

Desejamos a todas e a todos uma boa leitura desta memória do Fazendo Gênero. Gerúndio que se quer passado, presente e futuro dos *Desafios Atuais dos Feminismos*.

Novembro de 2014.

DRA. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

DR. JAIR ZANDONÁ

DOUTORANDA CLAUDIA RENATA DUARTE

DOUTORANDA JULIA TELÉSFORO OSÓRIO

Sumário

A condição feminina expressada nas artes visuais pelas artistas nos séculos XX e XXI.....	21
Camila Bourguignon de Lima Docente responsável: Profa. Édina Schimanski	
A construção do sexo e do gênero no filme “A Pele Que Habito”	23
Kênia Araújo Pires Clara Cazarini Trotta Docente responsável: Profa. Dra. Debora Breder Barreto	
A escrita autobiográfica feminina durante os anos da Resistência Italiana: o diário de Ada Gobetti.....	25
Rafaela Souza Maldonado Docente responsável: Profa. Dra. Gabriela Kvacek Betella	
A identidade intersexual e a autonomia da vontade	27
Adelina Bengtsson Bernardes Laura Lovato Pires de Lemos Docente responsável: Prof. Dr. Brunello Souza Stancioli	
A incidência da educação nas escolhas profissionais de mulheres e homens.....	29
Paula Cervelin Grassi Docente responsável: Profa. Dra. Natalia Pietra Méndez	
A mulher do mundo esportivo: análise da obra <i>Offside</i>	31
Mayara Cristina Mendes Maia Paula Nunes Chaves Docente responsável: Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo	
A mulher negra por suas impressões: reflexões acerca da cor da pele nas relações afetivo-sexuais	33
Luara Paula Vieira Baia Eduardo Oliveira de Almeida Docente responsável: Profa. Dra. Marivânia Conceição de Araújo	
A participação das mulheres da comunidade São Raimundo do Jarauá (RDS Mimirauá/AM) em atividades de gestão de recursos pesqueiros	35
Adriana Guimarães Abreu Docente responsável: Profa. Dra. Edna Ferreira Alencar	

A relação da imagem corporal, do gênero, e do esporte na participação das aulas de Educação Física	37
Aline Aparecida de Souza Ribeiro Luana das Graças Pinto Procópio Ayra Lovisi Docente responsável: Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão	
A saúde reprodutiva na seção Ciência & Vida do Jornal A Tarde.....	39
Lorena Bernardes Oliveira Docente responsável: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira	
Aborto e <i>Biopoder</i> : uma experiência sociológica e etnográfica em uma maternidade de Natal/ RN.....	41
Fabiana Damasceno Galvão Docente responsável: Prof. Dr. Alessandro Galeno A. Dantas	
Aborto legal e seguro: direito da mulher, dever do Estado	43
Clara Flores Seixas de Oliveira Marília Flores Seixas de Oliveira Docente responsável: Profa. Marília Flores Seixas de Oliveira	
Abriço, Adolescência e Maternidade: concepções sobre o que é ser mãe e mulher.....	45
Maria Eduarda Nascimento dos Santos Leandro Ribas de Almeida Docente responsável: Profa. Dra. Maria Theresa da Costa Barros	
Abuso sexual contra crianças e adolescentes em Manaus: discursos sobre gênero, família, moralidades e sexualidades	47
Isabelle Brambilla Honorato Docente responsável: Profa. Dra. Raquel Wiggers	
Abuso sexual para além do sexo: reflexões sobre o “Grupo de Autores” em Manaus.....	49
Natã Souza Lima Docente responsável: Profa. Dra. Raquel Wiggers	
Adoção por homossexuais e a legitimação da homoparentalidade pelo poder judiciário	51
Jacson Gross Docente responsável: Profa. Dra. Paula Pinhal de Carlos	
Alison Bechdel e <i>Fun Home</i> : a transgressão do(s) gênero(s).....	53
Ana Luiza Bazzo da Rosa Docente responsável: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos	
Artes Marciais e Mulheres, um Encontro Possível.....	55
Vanessa de Oliveira Freitas Docente responsável: Prof. Sérgio Aboud	
As condições de gênero na bibliografia dos cursos superiores de Moda no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina	57
Ariella Capellari Nunes Bruna Strosich Gabriela Martini Docente responsável: Profa. Dra. Mara Rubia Sant’Anna	

As famílias que não cabem nos formulários: as travestis e suas (re)configurações familiares.....	59
Sândala Cristina Fernandes Silveira	
Ricardo Soares Sucena	
Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	
As Minas dos Muros: trajetória feminina no grafite em Fortaleza	61
Ananda Andrade do Nascimento Santos	
Docente responsável: Profa. Dra. Cristina Maria da Silva	
Autoconceito Masculino e Autocuidado em Saúde	63
Amanda Trajano Batista	
Juliana Rodrigues de Albuquerque	
Docente responsável: Profa. Dra. Ana Alayde Werba Saldanha	
Batucando no couro e reafirmando a identidade de gênero	65
Rosa Maria Costa Santos	
Docente responsável: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira	
Bree Osburne, o nome também é uma inclusão	67
Arthur Henrique Silva Santana	
Manuela Oliveira Rocha e Sousa	
Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Considerações sobre mulheres indígenas internas no Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brilhante/MS.....	69
Bruna Amaral Dávalo	
Docente responsável: Profa. Dra. Simone Becker	
Coral da Diversidade: Vozes que se atravessam por um mundo diferente.....	71
Franciele Castilho dos Reis	
Julia de Castro Campos	
Walter Elias Mazzer	
Docente responsável: Prof. Fernando Silva Teixeira Filho	
Corpo, tecnologia e controle: uma análise antropológica do filme <i>Gattaca</i>	73
Halina Rauber Baio	
Docente responsável: Profa. Laura Pérez Gil	
Desigualdade de Gênero: um estudo introdutório acerca da valoração social atribuída à diferença estabelecida entre o feminino e o masculino na cidade de Formosa.....	75
Ana Sara Spindola da Silva	
Kaithy das Chagas Oliveira	
Docente responsável: Profa. Ms. Kaithy das Chagas Oliveira	
(Des)Construção da noção de papel de gênero no CASEF: Imagem, expressão e diálogo.....	77
Carina Rocha de Macedo	
Gabriela Fischer Armani	
Janaina Invernisi Freitas	
Docente responsável: Profa. Dra. Jaqueline Tittoni	

(Des)construindo sexo e gênero: uma releitura arqueológica aplicada ao Direito.....	79
Carolina Maria Nasser Cury	
Melina Pereira Gonçalves	
Docente responsável: Prof. Dr. Brunello Stancioli	
“De mulher pra mulher, machista”: um estudo sobre a campanha “Números”	81
Gabriela Almeida Moreira Lamounier	
Docente responsável: Prof. Dr. Adriano Beiras	
“Em casa que mulher manda, até galo canta fino”: análise da construção midiática da personagem Dilma Rousseff.....	83
João Gabriel Maracci Cardoso	
Cristiano Hamann	
Docente responsável: Prof. Dr. Adolfo Pizzinato	
Emancipação da mulher: um diálogo possível entre políticas públicas, gênero e papel social da escola	85
Eliane Godinho	
Docente responsável: Profa. Dra. Márcia Alves da Silva	
Encontros à luz de <i>pixels</i> : narrativas de amor na Internet.....	87
Bruna Kocsis Dorés	
Docente responsável: Profa. Dra. Iara Beleli	
Entre a delimitação dos espaços e a negociação das categorias de gênero e sexualidade contidas na narrativa cinematográfica Almodovariana.....	89
Alan Pereira Ribeiro	
Docente responsável: Prof. Ms. Guilherme Rodrigues Passamani	
Escrita como degeneração em Carolina Maria de Jesus.....	91
Marianna Guimarães Alves	
Docente responsável: Profa. Dra. Valeria Rosito	
Espacialidade, escola de guardas mirins e constituição de masculinidades na cidade de Ponta Grossa – Paraná	93
João Paulo Leandro de Almeida	
Docente responsável: Prof. Dr. Marcio Jose Ornat	
Estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade no Brasil: os Encontros Anuais da ANPOCS (1979-2012).....	95
Rubens Mascarenhas Neto	
Docente responsável: Profa. Dra. Regina Facchini	
Famílias e Proteção Social na Cidade de Niterói: o papel das mulheres no Programa Bolsa Família na cidade de Niterói	97
Carina Pereira Silva	
Rita de Cassia dos Santos Freitas	
Docente responsável: Profa. Dra. Rita de Cassia dos Santos Freitas	

Formação e mobilização de atores sociais para o enfrentamento da violência doméstica: o conceito de intelectuais orgânicos revisitado	99
Rafânya Mareza Silva de Carvalho	
Dyjane dos Passos	
Docente responsável: Profa. Dra. Paula Dias Bevilacqua	
Gênero e Cinema – Uma Análise Crítica dos discursos sobre “ser” mulher no filme <i>As Horas</i>	101
Alexandre Henrique do Nascimento Freitas	
Joanna Ferrão dos Santos	
Docente responsável: Profa. Dra. Karla Galvão Adrião	
Gênero e esporte: apontamentos sobre <i>Menina de Ouro</i>	103
Paula Nunes Chaves	
Mayara Cristina Mendes Maia	
Docente responsável: Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo	
Gênero e trabalho: trajetória das mulheres na indústria metalúrgica e no sindicalismo de Caxias do Sul nos anos 2000 a 2010.....	105
Stefany Rettore Gabin	
Docente responsável: Profa. Natalia Pietra Méndez	
Gênero, loucura e crime: por trás das grades da periculosidade	107
Bruna Piazzi	
Maria Fernanda Cardoso	
Mariah Vieira	
Docente responsável: Profa. Dra. Sílvia Pimentel	
Geografias de gênero em um currículo da medicina: demarcando lugares e inscrevendo sujeitos.....	109
André Filipe dos Santos Leite	
Docente responsável: Prof. Ms. Thiago Ranniery Moreira de Oliveira	
Gravidez na adolescência, pesquisa e intervenção: a experiência do grupo Muda no Sertão de Pernambuco	111
Joanna Ferrão dos Santos	
Mayara Lacerda de Mello	
Docente responsável: Profa. Dra. Karla Galvão Adrião	
Homofobia nas Escolas de Cuiabá.....	113
Jucilene Oliveira de Moura	
Docente responsável: Prof. Dr. Moisés Lopes	
Homofobia, lesbofobia e transfobia: uma análise dos discursos nas redes sociais.....	115
Daniele da Silva Fébole	
Docente responsável: Profa. Dra. Patrícia Lessa	
Hugo/Muriel e relações de gênero: montando um debate sério através de adereços de humor	117
Clara Cazarini Trotta	
Kênia Araújo Pires	
Docente responsável: Profa. Marlise Miriam de Matos Almeida	

Indagações feministas a partir do monitoramento e da avaliação participativa de um projeto social: tecendo redes entre a universidade e a sociedade civil para o enfrentamento da violência contra mulheres	119
Talita Rodrigues da Silva	
Docente responsável: Prof. Dr. Jorge Lyra	
Instituição escolar: espaço de produção de Subjetividades normatizadas	121
Franscielle Ribas de Araújo	
Docente responsável: Profa. Ms. Alayde Maria Pinto Digiovanni	
Interseccionalidade: gênero, loucura, juventudes e autonomia.....	123
Ísis Maurício Coelho	
Docente responsável: Profa. Dra. Karla Galvão Adrião	
Jogos Virtuais: Constituindo a Dualidade de Gênero a Partir de Estereótipos Femininos.....	125
Lucienne de Almeida Machado	
Docente responsável: Prof. Dr. Fernando Lacerda Júnior	
Lei Maria da Penha: uma análise etnográfica de audiências de conciliação na cidade de Juiz de Fora	127
Luiza Mattheis Cruz	
Paolla Jenevain Braga	
Docente responsável: Profa. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira	
Libertação de figuras opressoras e autodefinição na poética de Sylvia Plath.....	129
Mariana Chaves Petersen	
Docente responsável: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio	
Mães, negligentes ou negligenciadas?.....	131
Maíra Rangel Campos	
Nathália Gonçalves da Barra	
Docente responsável: Profa. Nivia Valença Barros	
Maternidade soropositiva e padrões de gênero tradicionais entre mulheres das camadas populares.....	133
Carolina Cordeiro Mazzariello	
Sônia Nussenzweig Hotimsky	
Docente responsável: Profa. Dra. Sônia Nussenzweig Hotimsky	
Matilde Garcia Rosa: aquém/além de um nome próprio	135
Thalita da Silva Coelho	
Docente responsável: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos	
Maura de Senna Pereira em “Fatos e Fotos”	137
Ana Beatriz Mello Santiago de Andrade	
Docente responsável: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos	
Mídias Móveis e Pesquisa-Intervenção: ajudando a aguçar o olhar crítico das-dos jovens	139
Ruan Costa Paiva	
Docente responsável: Profa. Dra. Karla Galvão Adrião	

Mulheres e Futebol: memórias de licenciandas em Educação Física	141
Rebecca Barahona Cantreva	
Fabiano Pries Devide	
Docente responsável: Prof. Dr. Fabiano Pries Devide	
Novas feminilidades e o enfrentamento da violência contra a mulher	143
Dyjane dos Passos	
Rafânya Mareza Silva de Carvalho	
Docente responsável: Profa. Dra. Paula Dias Bevilacqua	
O direito de não saber/cuidar: os dilemas dos profissionais de saúde entre o reconhecimento da autonomia e o descaso	145
Ariane Malta Pereira	
Laís Melo Rocha	
Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso	
O direito, a produção da verdade do sexo e a subversão do binarismo de gênero no discurso jurídico.....	147
Caio César Klein	
Docente responsável: Prof. Dr. Ricardo Aronne	
O feminismo nosso de cada dia: a vivência das conquistas do movimento na visão transgeracional de mulheres entre a faixa etária de vinte a sessenta e cinco anos.....	149
Poliana Gomes Goslar	
Docente responsável: Profa. Dra. Maris Stela da Luz Stelmachuk	
O papel da mulher no processo de tomada de decisões na família.....	151
Dalilia Maranhão Cardoso	
Docente responsável: Profa. Dra. Sande Maria Gurgel D'Ávila	
O papel social da mulher em representações da Revista do Globo no início dos anos 30	153
Karin Dau Bauken	
Docente responsável: Profa. Dra. Eloisa Capovilla Ramos	
O poder da mídia nos anos 60: um recorte sobre a importância de Marilyn Monroe no Movimento Feminista da época.....	155
Tássio da Silva Santos	
Maria de Fátima Ferreira	
Docente responsável: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira	
O retrato da mulher espanhola do século XVII nas obras satíricas de Quevedo.....	157
Beatrice Távora	
Ismael Cabrera Martín	
Docente responsável: Profa. Dra. Andréa Cesco	
O Serviço Social na luta por uma sociedade emancipada.....	159
Lilian da Silva Cortez	
Docente responsável: Profa. Dra. Rita de Lourdes de Lima	

O uso de imagens na colonização de Ubiratã: práticas femininas e representações sociais na década de 1960.....	161
Andrea Marcia de Souza Tatiane Alves da Silva Eva Simone de Oliveira Docente Responsável: Profa. Dra. Claudia Priori	
Observatório de Violência contra Mulher.....	163
Mariana da Silva Vieira Viviane Pereira Monteiro Docente responsável: Prof. Dr. José Nilton de Souza	
Oficinas sobre adolescência, sexualidade e gênero: uma estratégia de intervenção potencializadora.....	165
Schaiene Martinez Brandolt Patricia Moraes Bicca Docente responsável: Profa. Ms. Elisa Girotti Celmer	
Os (ab)usos da rua: relato da experiência de resolução não violenta de conflitos envolvendo travestis e policiais militares	167
Mayara Ferreira Biasi Marcela Oliveira Franco Assunção Flavia do Bonsucesso Teixeira Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Os paradoxos da inserção social das travestis	169
Camilla Resende Silva Emerson Fernando Raserá Docente responsável: Prof. Dr. Emerson Fernando Raserá	
Pesquisa-intervenção, gênero e mídias móveis como recurso de sensibilização de mulheres e homens jovens.....	171
José Mário Gomes de Souza Filho Docente responsável: Profa. Dra. Karla Galvão Adrião	
“Pinus nesta banda nunca foi pinheiro”: a resistência e a viabilidade camponesa frente a floresta exótica.....	173
Flávia Soares Ramos Docente responsável: Profa. Dra. Maria Ignez Silveira Paulilo	
Posso cuidar de/com você?! A relação entre a demanda de cuidado e a “emergência” no Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais	175
Leonardo Augusto Dias Nascimento Cristina Aparecida dos Santos Crovato Júnia Rodrigues de Araújo Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Projeto adesão e as travestis: não se “trata” do diagnóstico.....	177
Ludmila Ribeiro Pedrosa Denise Vieira Santos Flavia do Bonsucesso Teixeira Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	

Prostituição feminina em São Luís: uma análise acerca das manifestações de violência contra mulheres profissionais do sexo.....	179
Joseana Priscila Carvalho Azevedo	
Docente responsável: Profa. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva	
Que visibilidade é essa? Política e participação na comunidade travesti.....	181
Ericka Daniela Gonzalez Santana	
Emerson Fernando Rasesa	
Lais Castro	
Docente responsável: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasesa	
“Quero deixar a rua, mas”...: problematizando o discurso sobre a prostituição entre as travestis e suas interfaces com o posicionamento da rede brasileira de prostitutas	183
Laura Moukachar Ramos de Oliveira	
Jacqueline Gonçalves Paiva	
Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Docente responsável: Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira	
Questões de Educação Sexual no Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul.....	185
Émerson Flores Gracia	
Ana Rita Silva Rodrigues	
Docente responsável: Prof. Dr. Fernando Coutinho Cotanda	
Questões de gênero no Projeto das Ações de um CRAS	187
Juliana Borges de Souza	
Núbia Daniela de Oliveira Rolim	
Docente responsável: Profa. Ms. Carolina Duarte de Souza	
Reestruturação produtiva e a feminização no mundo do trabalho: reflexões no contexto da terceirização em Catalão (GO).....	189
Laudicéia Lourenço de Araújo	
Docente responsável: Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa	
Relações de gênero e educação: um olhar sobre o universo feminino no PROEJA.....	191
Andréia Zanchetti	
Docente responsável: Prof. Dr. Edson Carpes Camargo	
Relações de gênero e sexualidades no ciberespaço	193
Aline Gonçalves Ferreira	
Francielle Alves Vargas	
Docente responsável: Profa. Shirlei Rezende Sales	
Relações sociais de gênero: uma análise sobre as condições de vida das mulheres agricultoras do território rural da Mata Sul de Pernambuco.....	195
Aryadne Castelo Branco Correia Lins	
Eynat Kelly Heliodoro de Moraes	
Docente responsável: Profa. Dra. Vitória Régia Fernandes Gehlen	
Relatos da disciplina de “Orientação Sexual” através do PIBID: O que os (as) jovens pensam sobre isso?.....	197
Mariana Martines Tozzi Moreira	
Luan Fernando Schiwin Santos	
Docente responsável: Prof. Dr. Cristiano da Silveira Longo	

Representações da mulher veiculadas no Jornal Impresso Folha do Norte do Paraná no período de 1962 a 1963.....	199
Amanda de Souza Ribeiro	
Docente responsável: Profa. Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro	
Representações do feminino na publicidade: de consumidora a consumida.....	201
Ana Paula de Souza Santos	
Docente responsável: Profa. Dra. Patrícia Lessa dos Santos	
Representações do gênero feminino veiculadas no jornal folha do norte do Paraná (1964/1965) ...	203
Gessica Aline Silva	
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro	
Docente responsável: Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo	
Representações Sociais e Gênero: reflexões acerca do pensamento social de internautas sobre a <i>Marcha das Vadias</i>	205
Caroline Gonçalves Nascimento	
Docente responsável: Profa. Dra. Aline Accorssi	
Saúde do homem: um desafio a ser vencido	207
Bruno Coimbra Queiroz	
Débora Clarkson	
Lucas Monteiro Gomes	
Docente responsável: Prof. Sérgio Aboud	
Sobre veteranas e fisiculturistas: notas de um estudo sobre mulheres praticantes de <i>bodybuilding</i> ...	209
Amanda Mello A. de Araújo	
Docente responsável: Prof. Dr. Jaison José Bassani	
Teatro como meio pedagógico no enfrentamento da violência contra as mulheres	211
Iara Cássia de Castro	
Paula Dias Bevilacqua	
Docente responsável: Profa. Dra. Paula Dias Bevilacqua	
Trabalho feminino nas colônias alemãs da África: uma questão de gênero, classe e raça.....	213
Ana Carolina Schweitzer	
Docente responsável: Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa	
Um estudo sobre igualdade de gênero e casamento homoafetivo na sociedade e na Igreja Luterana na Suécia.....	215
Tatiani Müller Kohls	
Docente responsável: Profa. Dra. Lori Altmann	
Um outro olhar sobre a Novembrada: a resistência através da atuação das mulheres no movimento estudantil.....	217
Lídia Schneider Bristot	
Docente responsável: Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff	
Um projeto investigativo: banco de dados na área de gênero da Universidade Federal Fluminense	219
Karla Herdy Mackenzie	
Docente responsável: Prof. Sérgio Aboud	

Uma análise de gênero dos trabalhadores mais bem remunerados no mercado de trabalho brasileiro.....	221
Jéssika Martins Ribeiro	
Docente responsável: Profa. Dra. Moema de Castro Guedes	
Violência contra mulheres rurais: reflexões na perspectiva de gênero e no campo da saúde....	223
Daiane Toebe	
Docente responsável: Profa. Dra. Marta Cocco da Costa	
Violência de gênero e reafirmação patriarcal na Síndrome de Alienação Parental.....	225
Humberto Soares Costa	
Docente responsável: Profa. Dra. Valeska Maria Zanello de Loyola	
Violência de Gênero no jornal popular <i>Super Notícia</i> : a Leitura de quem é notícia	227
Gerliani de Oliveira Mendes	
Margareth Diniz	
Docente responsável: Profa. Dra. Margareth Diniz	

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



A condição feminina expressada nas artes visuais pelas artistas nos séculos XX e XXI

Autora: Camila Bourguignon de Lima*
Orientadora: Édina Schimanski**

Introdução

Esta pesquisa resulta da iniciação científica promovida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e financiada pela Fundação Araucária no período de agosto de 2012 a agosto de 2013.

Objetivos e Metodologia

Objetivou mostrar as diferentes artistas mulheres das Artes Visuais em seus contextos sociais nos séculos XX e XXI e as condições que as motivaram a produzir artisticamente sobre a temática gênero. Quanto à metodologia, a investigação desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica visando à articulação entre as categorias: a) artes visuais; b) gênero e c) condição feminina, além da leitura de imagens, ou seja, a análise dos dados visuais das obras de arte, para entender a expressão dessas produções.

*Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Doutora pela University of London Institute of Education (2005) e professora adjunta vinculada ao Departamento De Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa

Discussão

As referências consultadas foram: Coutinho (2009); Horn (2006); Landim (2007); Scott (1989); Tedesco (2004) e Trizoli (2008). E as artistas pesquisadas: Annette Messager, Cindy Sherman, Guerrilla Girls, Mônica Mayer, Nair Benedicto, Sarah Lucas, Shirin Neshat, Valie Export, Vanessa Beecroft e Sylvie Fleury. Foram apresentadas a poética principal e as marcas das diferenças de gênero impostas pela sociedade presentes nas obras desde 1940 até a atualidade.

Resultados

As obras das artistas pesquisadas mostraram poéticas que expressam distintas condições femininas e apontaram para quatro abordagens: autobiográfica, sobre a própria condição da artista mulher, as subversões do feminino e as imposições sociais e culturais sofridas pelas mulheres. Além disso, percebeu-se que as instalações artísticas foram mais frequentes nas produções, pois ocasionam interação entre objetos, espaço e observador, sendo essa relação uma das marcas das artistas. Isto se deve ao fato de que a arte contemporânea tem a intenção de atingir aspectos que agucem o pensamento crítico do(a) observador(a) sobre o tema exposto, não se preocupando em enfatizar a dimensão estética e a técnica.



Beholdson Sisters, 1994, Shirin Neshat



B Dicks, 1999, Sarah Lucas



Do women have to be naked to get into the Met. Museum?, 1988, Guerrilla Girls



Mulheres no Sítio, 1985, Nair Benedicto

The female condition expressed in the visual arts by artists in the XX and XXI centuries

As a result of scientific initiation promoted by the State University of Ponta Grossa, this work shows the different women artists of Visual Arts in their social contexts in XX and XXI centuries and conditions which motivate them to produce artistically on the theme of woman. The investigation is developed through a bibliographical research on gender, visual arts and female condition, subsequently by read of images, in other words, the analysis of the visual data of the piece of art, in order to understand the expression of these productions. The artists researched are: Annette Messager, Cindy Sherman, Guerrilla Girls, Mônica Mayer, Nair Benedicto, Sarah Lucas, Shirin Neshat, Valie Export, Vanessa Beecroft and Sylvie Fleury. The research introduces the main poetic and the different marks of gender imposed by the society and present in the pieces since 1940 until nowadays. By now, the research attests that these artists, regardless of nationality, represent the theme of feminine, woman as object of sexuality, as well as the beauty standards imposed by society to them. Besides expressing the condition of female artist who conquers gradually, since the 1960s, spaces in museums and in the discourse of art history, hitherto dominated by men.

A condição feminina expressada nas artes visuais pelas artistas nos séculos XX e XXI

AUTORA: CAMILA BOURGUINGON DE LIMA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. ÉDINA SCHIMANSKI

RESUMO: Resultado da iniciação científica promovida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, este trabalho mostra as diferentes artistas mulheres das Artes Visuais em seus contextos sociais nos séculos XX e XXI e as condições as motivam a produzirem artisticamente sobre a temática da mulher. A investigação desenvolve-se por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre gênero, artes visuais e condição feminina, seguida também de leitura de imagens, ou seja, da análise dos dados visuais das obras de arte, para entender a expressão destas produções artísticas. As artistas pesquisadas são: Annette Message, Cindy Sherman, Guerrilla Girls, Mônica Mayer, Nair Benedicto, Sarah Lucas, Shirin Neshat, Valie Export, Vanessa Beecroft e Sylvie

Fleury. São apresentadas a poética principal e as marcas das diferenças de gênero impostas pela sociedade presentes nas obras desde 1940. Até o presente momento, a pesquisa atesta que estas artistas, independentemente da nacionalidade, representam a temática do feminino, da mulher como objeto, da sexualidade, bem como dos padrões de beleza impostos pela sociedade a elas. Além de expressarem a própria condição de artista mulher que conquista aos poucos, desde a década de 1960, espaços em museus e no discurso da história da arte, até então dominados pelos homens.

Palavras-chave: Gênero. Artes Visuais. Condição Feminina.

MINIBIOGRAFIA:

Camila Bourguignon de Lima: Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Desenvolveu, entre os anos de 2012 e 2013, pesquisa sobre a temática de gênero e sua relação com as artes visuais. Atualmente, é bolsista PIBIC/Fundação Araucária-Paraná.



Universidade Federal de
Viçosa

A construção do sexo e do gênero no filme "A Pele que Habito"

UFMG

Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos
Modalidade: Pôster

Autoras: Kênia Araújo Pires (UFV), Clara Cazarini Trotta (UFMG)
Orientadora: Débora Breder Barreto (UFMG)

INTRODUÇÃO:

O filme "A Pele que Habito" (*La Piel que Habito*, 2011, Espanha), idealizado e dirigido pelo cineasta Pedro Almodóvar, é capaz de nos fornecer diversos elementos imagéticos e contextuais para a realização de reflexões acerca da construção do gênero e da sexualidade. Pego por um ato de vingança, Vicente aparece na trama como uma cobaia humana, enquanto o cirurgião Ledgard aparece como arquiteto e escultor.



Figura 1. Fazendo referência a Laqueur, podemos afirmar que o cirurgião Ledgard aparece na trama como a figura do homem que "coloca para dentro" o pênis de um paciente como forma de punição, rebaixando-o à condição subalterna da mulher.

OBJETIVOS E METODOLOGIA:

Tendo como pano de fundo o enredo do filme, que aborda questões referentes à mudança de sexo/gênero forçada em meio a diversos procedimentos violentos, o presente trabalho tem por objetivo empreender uma análise acerca dos processos de modificação não apenas do corpo de Vicente, mas também de suas práticas e subjetivações, sob a luz do conceito de performatividade e da idéia de Judith Butler sobre a matriz do imperativo heterossexual.



Figura 2: Enquanto pessoas trans* estão em busca de uma "adequação" para seus corpos, Vicente passou por um processo de "inadequação". Ou seja, se antes sexo e gênero estavam em conformidade, agora, em termos de subjetividade, ambos se dissolvem, tornando impossível a categorização de si.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES:

Após realizar a modificação da genitália de Vicente, Ledgard inicia um cuidadoso e demorado processo de construção de uma feminilidade nesse novo corpo. Esse processo ocorre através do que Butler denomina "performatividade", que consiste na reiteração de práticas e discursos normatizadores que visam consolidar a matriz do imperativo sexual, ou seja, estabelecer uma linearidade entre sexo, gênero e desejo. Aquele que foge a essa linearidade possui uma existência abjeta. A tentativa de construir essa feminilidade, ao longo do filme, se dá através das maquiagens, vestidos, programas de TV, hábitos domésticos, entre outros aspectos que podem vir a influenciar nas subjetivações do sujeito.

Ao final do filme podemos perceber que Vicente não se compreende enquanto Vera, mesmo depois de ter passado seis anos sendo construído enquanto uma mulher. De acordo com Butler, a necessidade da reiteração nós aponta que a materialização das normas de gênero nunca é completa, existindo sempre a possibilidade de existência de fissuras que venham subverter a matriz. No caso de Vicente/Vera há uma inconformidade em relação ao corpo e o entendimento de si.

O processo de mudança corporal sofrido por Vicente nos mostra uma violência explícita, mas também nos possibilita refletir sobre a violência que todas as pessoas passam ao ter seu sexo/gênero moldado culturalmente desde o nascimento.



Figura 3. Na última cena do filme, Vera/Vicente vê seu reflexo no manequim de vestido vermelho e olha fixamente por alguns segundos, aparentando estranhamento ao perceber que seu corpo está em conformidade com aquela roupa. Ela/ele parece não se reconhecer no próprio reflexo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, G. L., org. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

A construção do sexo e do gênero no filme “A Pele Que Habito”

AUTORIA: KÊNIA ARAÚJO PIRES

CLARA CAZARINI TROTTA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. DEBORA BREDER BARRETO

RESUMO: Pedro Almodóvar, renomado cineasta espanhol, é conhecido por abordar a temática de gênero e sexualidade em seus filmes, tendo seu longa-metragem “A Pele Que Habito” (La Piel Que Habito, 2011, Espanha) um caráter provocador e impactante devido aos processos violentos expostos ao longo da trama. Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo empreender uma análise acerca dos processos de construção do corpo e do gênero da personagem Vicente/Vera, que passa por um processo de mudança de sexo forçado, sob a luz do conceito de performatividade e da ideia de Judith Butler sobre a matriz do imperativo heterossexual.

Toda a modificação corporal e performática de Vicente/Vera é resultado de um processo de reiteração de normas e discursos no qual o objetivo seria alocar esse sujeito dentro da linearidade da matriz heteronormativa, pois aquele que está fora torna-se ininteligível, abjeto, não humano. O desfecho do filme nos proporciona uma desnaturalização da ordem dicotômica do mundo e uma reflexão acerca da dissolução das categorias identitárias, colocando em questão nossa própria condição como seres generificados.

Palavras-chave: Sexo. Gênero. Cinema. Pedro Almodóvar.

MINIBIOGRAFIAS:

Kênia Araújo Pires: Graduanda do décimo período do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Realiza pesquisas na área de gênero e sexualidade, e compõe, desde 2010, o grupo de diversidade sexual Primavera nos Dentes.

Clara Cazarini Trotta: Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher (NEPEM) desde 2010. Realiza pesquisas nas áreas de Gênero, Sexualidades, Feminismos e Maternidades.

A escrita autobiográfica feminina durante os anos da Resistência italiana: o diário de Ada Gobetti

Rafaela Souza Maldonado (UNESP/Assis – IC FAPESP)

Dra. Gabriela Kvacek Betella (Orientadora)

Objetivos

A pesquisa pretende resgatar a diário de Ada Gobetti, com o objetivo de estudar a escrita autobiográfica feminina na época da Resistência, ou seja, os relatos femininos sobre a Resistência, bem como efetivar o resgate histórico e a análise literária. A autora em questão foi escolhida não por acaso, mas porque, dentre outras coisas, participou ativamente da luta *partigiana*, liderou grupo de mulheres, sendo considerada apta para politizar e preparar mulheres para entrar no grupo *partigiano*. Algumas mulheres que até então não haviam tido contato com os grupos clandestinos, passavam a ajudar nas ações contra o governo fascista e exército nazista. Um dos papéis da autora em questão foi o de dar suporte para a luta pela emancipação política das mulheres da época, luta que começa no início das organizações clandestinas, ultrapassa a ditadura do fascismo e culmina na emancipação política das mulheres. O motivo pelo qual elegemos o diário de Ada como objeto de estudo é seu caráter intelectual, demonstrado pela participação da autora em vários nichos sociais, sendo professora, tradutora e organizadora de grupos seja das mulheres ou outros que ajudaram na produção de manifestos contra o fascismo.

Metodologia

Para a realização da nossa pesquisa utilizamos um viés qualitativo que primeiramente dá atenção à contextualização e embasamento histórico, pois trata-se de uma época muito importante e conturbada para a história da Itália. Num segundo momento, demos atenção ao papel da mulher nos anos da resistência italiana (1943-1945). Nesse período algumas mulheres tomaram a frente na organização da família, pois os maridos saíram para lutar na guerra, e estimuladas por essa "saída do casulo" decidiram lutar pelas causas do povo. Esse não é propriamente o caso da nossa autora, pois esta sempre teve esclarecimento político, sempre conviveu com intelectuais que lutavam pelos mesmos objetivos que os seus. Um outro aspecto de muita importância no nosso trabalho é a tradução de alguns excertos do texto, para melhor entendimento e análise. O livro (terminado em 1949 e publicado em 1956) é um diário que, como gênero autobiográfico fragmentado, possui uma forma às vezes seguindo o raciocínio da autora, em outras retomando alguns acontecimentos sobre as manifestações e fugas de seu grupo *partigiano* durante a invasão nazista e governo fascista.

Fundamentação teórica

Como já foi dito, o trabalho discute o papel da mulher na Resistência e, para tanto, utilizamos estudos atualizados sobre a Resistência italiana e a mulher nesse contexto. São eles *Storia delle donne partigiane* (2004); *Il ruolo delle donne nella resistenza* (2006) e *Le resistenze delle donne* (2006). Todos esses textos discutem, grosso modo, o papel da mulher, a introdução, ascensão e emancipação da mulher na vida social e política italiana, sendo que o último engloba a resistência das mulheres em várias épocas da história e partes do mundo. A noção de intelectual orgânico, proposta por Antonio Gramsci, também embasa o nosso estudo.

Resultados

A pesquisa está em fase de acabamento, e teve início no segundo semestre de 2012 com as discussões, delimitação do tema e escolha do objeto. Até aqui já fizemos a maior parte da tradução e, com a supervisão da orientadora, concluiremos no segundo semestre de 2013. Durante a escrita do projeto levantamos algumas questões que na presente etapa estão sendo discutidas e exploradas, como o perfil de intelectual engajado da autora (segundo as considerações de Antonio Gramsci), suas influências – tendo sido casada com Piero Gobetti, um dos personagens mais importantes da luta antifascista, Ada praticamente transformou sua casa, durante o período e depois, num refúgio da Resistência, onde os *partigiani* se encontravam para discutir sobre o governo, organizarem manifestações e boicotes. As atividades empenhadas de Ada e seu grupo concentram motivos suficientes que nos levaram a escolher a autora e seu diário como objeto da pesquisa. Outras discussões são o papel da mulher na Resistência e, por fim, a análise dos excertos.

Referências Bibliográficas

- BAGNATO, Tiziana. *Il ruolo delle donne nella resistenza*. Disponível em http://www.instoria.it/donne_resistenza.htm
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MAFFEO, Stefania. *Storia delle donne partigiane: fu una resistenza taciuta*. *Storia in network* n. 89 mar 2004. Disponível em < <http://www.storiain.net/arret/num89/artic3.asp> >
- PERETTI, Alessandra. *Le resistenze delle donne*. *Quaderni del centro per la didattica della Storia* n. 12 mar 2006.

A escrita autobiográfica feminina durante os anos da Resistência Italiana: o diário de Ada Gobetti

AUTORIA: RAFAELA SOUZA MALDONADO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. GABRIELA KVACEK BETELLA

RESUMO: Ada Gobetti foi escritora, professora, tradutora, organizadora do *Partito d’Azione* e do grupo *Giustizia e Libertà*. A pesquisa parte da obra autobiográfica da autora para integralizar aspectos históricos como a Resistência e o papel feminino na luta contra a ocupação alemã na Itália dos anos de 1940. Analisamos aspectos do discurso memorialista na forma de diário, com o apoio de teorias como a de biografia coletiva, a de intelectual orgânico e a de micro-história. Nosso objeto de estudo é o *Diario Partigiano*, diário da militante publicado em 1956, composto com base nas anotações em inglês que a autora fez durante os anos da Resistência (1943-1945). O texto narra a participação de Ada

Gobetti nas ações dos partigiani, com detalhes sobre o caráter clandestino, as prisões, as torturas e as mortes sofridas pelos civis do movimento que libertou várias regiões da Itália, sobretudo após os chamados “quarenta e cinco dias badoglianos” (período de 25 de julho de 1943, data da deposição e prisão de Mussolini, até 3 de setembro, marco do chamado “armistício curto”, o qual foi divulgado somente no dia 8 de setembro do referido ano) e a consequente divisão no país, com o sul libertado pelos aliados e o norte ocupado pelas forças alemãs.

Palavras-chave: Resistência italiana. Autobiografia. Escrita feminina. Memória.

MINIBIOGRAFIA:

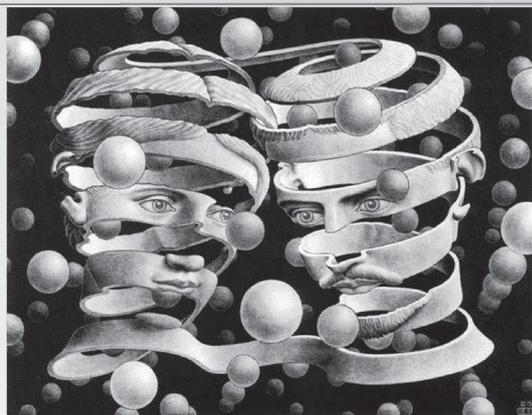
Rafaela Souza Maldonado: Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Assis. Desenvolveu o trabalho no âmbito da Iniciação Científica com o apoio da agência FAPESP. Atualmente, é mestranda em Letras pela UNESP/Assis com semelhante temática.

A Identidade Intersexual e a Autonomia da Vontade The Identity of the Intersexual and the Freedom of Will

Adelina Bengtsson Bernardes - Graduanda/Faculdade de Direito da UFMG
Laura Lovato Pires de Lemos - Graduanda/Faculdade de Direito da UFMG
Brunello Souza Stancioli - Prof. Dr./Orientador - Faculdade de Direito da UFMG

Resumo

A identidade sexual, como determinação biológica, rígida e dualística, marginaliza os intersexuais, seres humanos portadores de genitália considerada ambígua. A cultura ocidental adentrou a chamada “era cirúrgica” no século XX, introduzindo a interferência médica a fim de conformar esses indivíduos a um modelo estanque de gênero (SPINOLA-CASTRO). A imposição de cirurgias corretivas frequentemente se deu logo após o nascimento de intersexuais, sem que se pudesse sequer falar em consentimento. Com isso, pode-se dizer que foram institucionalizadas violações ao direito fundamental de livre manipulação do próprio corpo, restringindo a livre expressão da autonomia da vontade dessas pessoas (STANCIOLI). O paciente, então, é reduzido à condição de objeto de pesquisas e intervenções protagonizadas pelo médico, ignorando-se a necessidade de um diálogo em que sejam intercambiadas informações para a tomada de decisões autônomas sobre o corpo. Mais além, é preciso superar o modelo identitário tradicional, em que a intersexualidade é considerada patologia por fugir ao padrão dualista homem-mulher, demandando, portanto, uma imposição cirúrgica. O modelo estreito de identidade de gênero não deve ser imposto à revelia da autonomia humana para a autoconstrução e a busca pessoal de vida digna.



Bond of Union - M.C. Escher, 1956

Abstract

The gender identity, as a biological, rigid and dualistic concept, marginalizes the intersexuals, persons who own what is considered ambiguous genitalia. Occidental culture has entered the so called “surgical age” in the XX century, introducing the medical intervention in the conformation of those individuals to the rigid gender model (SPINOLA-CASTRO). The imposition to the intersexual of corrective surgery frequently was done just after birth, without even the consideration of the possibility of consent. It can be stated, then, that violations of the fundamental right of free use of one’s own body were institutionalized, restricting the freedom of will of those persons (STANCIOLI). In that scenario, the patient is reduced to the condition of a research and intervention object, and the necessity of a dialogue in which information is exchanged in order to develop autonomous decisions over the body is not fulfilled. In addition, it is necessary to overcome the traditional identity model, which considers intersexuality pathological for not conforming to the dualistic pattern man-woman, imposing then, the surgery correction of ambiguous genitalia. The rigid gender model cannot be imposed against human autonomy for self-construction and the personal pursuit of a happy life.

Bibliografia

SPINOLA-CASTRO, Angela Maria. A importância dos aspectos éticos e psicológicos na abordagem do intersexo. *Arq Bras Endocrinol Metab.* São Paulo, v.49, n. 1, Feb. 2005.

STANCIOLI, Brunello Souza. *Renúncia ao Exercício de Direitos da Personalidade Ou Como Alguém se Torna o que Quiser.* 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2010. v. 1. 187p.

WEIL, Elizabeth. What if It's (Sort of) a Boy and (Sort of) a Girl?. *New York Times.* 24 setembro 2006.

Realização:



Apoio:



A identidade intersexual e a autonomia da vontade

AUTORIA: ADELINA BENGTSSON BERNARDES

LAURA LOVATO PIRES DE LEMOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. BRUNELLO SOUZA STANCIOLI

RESUMO: A identidade sexual, como determinação biológica, rígida e dualística, marginaliza os intersexuais, seres humanos portadores de genitália considerada ambígua. A cultura ocidental adentrou a chamada “era cirúrgica” no século XX, introduzindo a interferência médica a fim de conformar esses indivíduos a um modelo estanque de gênero (SPINOLA-CASTRO). A imposição de cirurgias corretivas frequentemente se deu logo após o nascimento de intersexuais, sem que se pudesse sequer falar em consentimento. Com isso, pode-se dizer que foram institucionalizadas violações ao direito fundamental de livre manipulação do próprio corpo, restringindo a livre expressão da autonomia da vontade dessas pessoas (STANCIOLI). O paciente,

então, é reduzido à condição de objeto de pesquisas e intervenções protagonizadas pelo médico, ignorando-se a necessidade de um diálogo em que sejam intercambiadas informações para a tomada de decisões autônomas sobre o corpo. Mais além, é preciso superar o modelo identitário tradicional, em que a intersexualidade é considerada patologia por fugir ao padrão dualista homem-mulher, demandando, portanto, uma imposição cirúrgica. O modelo estreito de identidade de gênero não deve ser imposto à revelia da autonomia humana para a autoconstrução e a busca pessoal de vida digna.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Intersexos. Autonomia da vontade.

MINIBIOGRAFIA:

Adelina Bengtsson Bernardes e Laura Lovato Pires de Lemos: Graduandas do curso de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Participam do grupo de estudos “Dissolução da identidade de gênero: biotecnologias e autonomia para uma (in)definição”, coordenado pelo Prof. Dr. Brunello Souza Stancioli e pela mestranda Laís Godoi Lopes.

A incidência da educação nas escolhas profissionais de mulheres e homens

Objetivo

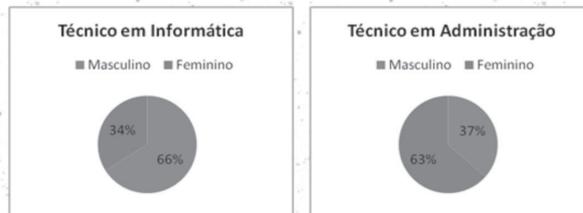
O estudo propõe analisar a incidência da educação nas escolhas e possibilidades profissionais de jovens homens e mulheres, a partir da experiência dos cursos Técnico em Informática e Técnico em Administração, do Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Metodologia

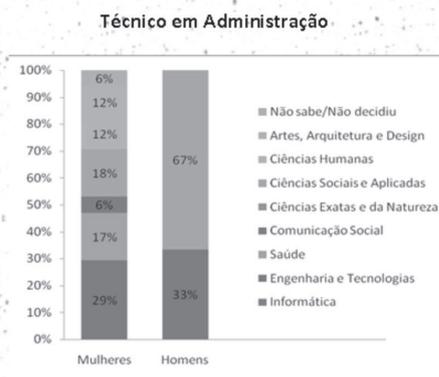
A pesquisa realizou o levantamento quantitativo de estudantes formados/as e corpo docente por sexo ao longo dos anos de 1999 a 2011. Nas turmas atuais dos cursos técnicos foi aplicado um questionário com perguntas relacionadas ao mundo da educação e do trabalho.

Resultados

Formandos/as



Você após a conclusão do ensino médio e técnico pretende entrar na universidade? Se sim, qual curso universitário escolherá?



Discussão

A condição juvenil no Brasil, embora em processo contínuo de transformação, apresenta ainda o mundo da educação e do trabalho como elementos ativos da forma de viver a juventude, junto das desigualdades de idade, gênero e classe (ABRAMO, 2005). Quanto ao aspecto de gênero, o ambiente escolar (re)produz as relações de poder entre homens e mulheres acentuadas na divisão sexual do trabalho. O espaço público associado à produção se refere ao masculino, enquanto o espaço privado ligado à reprodução e ao cuidado pertence ao feminino. Nos dados analisados da pesquisa, observou-se diferenças na participação de homens e mulheres nos cursos. Enquanto na Informática, os jovens formados ao longo dos anos de existência do curso são homens (66%), na Administração a predominância é feminina. (63%). Resultado do curso da área administrativa que se conecta aos dados do Boletim Anual Mulheres e Mercado de Trabalho de 2012 (Observatório do Trabalho da UCS) ao apontar o setor de serviços e administração pública como o que concentra a maior presença de trabalhadoras em Caxias do Sul, cerca de 60%. No questionário aplicado nas atuais turmas do módulo III dos cursos do ensino técnico, foi indagado aos estudantes: "Você após a conclusão do ensino médio e técnico pretende entrar na universidade? Se sim qual curso universitário escolherá?" Na turma do Técnico em Informática, onde a predominância é masculina (cerca de 60%), a escolha profissional do sexo masculino ocorre, em especial, nas áreas de Informática (21%) e Engenharias e Tecnologias (47%). Quanto ao sexo feminino a escolha nessas áreas diminui: 7% na Informática e 31% nas Engenharias e Tecnologias. No curso Técnico em Administração, em que 74% da turma são mulheres, a preferência pelas Engenharias e Tecnologias é dos homens (33%). Apesar de menor, o percentual feminino nas duas turmas revela que as mulheres vêm procurando áreas consideradas redutos "masculinos". Segundo BITTENCOURT (2006, apud FREITAS, 2007) o campo da engenharia é marcado por características vinculadas à masculinidade como o raciocínio lógico, competitividade, frieza e rigidez disciplinar. A opção significativa das jovens mulheres pela área da saúde (Medicina e Odontologia) chama a atenção: 31% na turma da Informática e 17% na turma da Administração. Dados que evidenciam que a escolha feminina não rompeu com a lógica da perpetuação do papel tradicional feminino do cuidado e da bondade, ao preparar as mulheres para ocupar os "guetos" profissionais femininos (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2007). A opção por cursos de prestígio econômico e social, manifesta que "os empregos mais nobres e de melhor qualidade acabam sendo preservados para os mais ricos", como coloca Márcio Pochmann (2004). A falta de estudantes que optam por alguma Licenciatura tanto nas turmas de Informática como em Administração, demonstra a preferência em áreas consideradas bem sucedidas e valorizadas. O Centro Tecnológico da UCS, de caráter privado, recebe em sua maioria estudantes das classes de renda média e alta. Classes que podem financiar a formação de seus filhos por mais tempo, permitindo que ingressem no mercado de trabalho suficientemente preparados para ocupar as melhores vagas disponíveis (POCHMANN, 2004).

Considerações finais

A experiência juvenil dos/as estudantes dos cursos técnicos do CETEC reflete as desigualdades de classe e gênero. Na contramão da realidade dos jovens de baixa renda, a condição socioeconômica do público alvo da pesquisa, possibilitará possivelmente o melhor ingresso no mercado de trabalho. Além disso, apesar da crescente participação e autonomia feminina no mercado de trabalho, a divisão sexual do trabalho persiste e encontra novas formas de diferenciação ao marcar áreas profissionais para homens e para mulheres.

Bibliografia

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- Boletim anual Mulheres e mercado de trabalho [recurso eletrônico] / UCS, NID Observatório do Trabalho. - n. 3 (mar. 2012) - Dados eletrônicos. Caxias do Sul, RS : UCS, 2012.
- BRUSCHINI, M. C. A. ; LOMBARDI, M. R. . Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliãna. (Org.). Organização, trabalho e gênero. São Paulo: Senac, 2008
- FREITAS, Taís Viúdes e SILVEIRA, Maria Lucia da. Trabalho, Corpo e vida das Mulheres. Crítica à sociedade de mercado. São Paulo: SOF, Cadernos Sempre Viva, 2007.
- POCHMANN, M. . Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?. Educação & Sociedade, Campinas - SP, v. 25, n. 87, 2004.

A incidência da educação nas escolhas profissionais de mulheres e homens

AUTORIA: PAULA CERVELIN GRASSI

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. NATALIA PIETRA MÉNDEZ

RESUMO: Este estudo propõe-se a analisar a incidência da educação nas escolhas e possibilidades profissionais de jovens homens e mulheres, a partir da experiência dos cursos Técnico em Informática e Técnico em Administração, do Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Para a metodologia, considerou-se o levantamento quantitativo de estudantes formados e corpo docente por sexo ao longo dos anos de 1999 a 2011. Nas turmas atuais, foi aplicado um questionário com questões relativas ao mundo da educação e do trabalho. Os resultados indicam que a (re)construção do feminino e do masculino na educação perpassa

a divisão do trabalho doméstico, contribuindo e avigorando para a manutenção da divisão sexual do trabalho profissional. Nos cursos analisados, diversos aspectos apresentam significativas diferenças entre os sexos, como a participação. A proporção masculina é maior na Informática enquanto na Administração a predominância é feminina. Embora as transformações no mundo do trabalho denotem uma crescente autonomia feminina, a distinção de lugares sexuados insiste na sua continuidade, gerando novas formas de segregação de gênero.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Juventude.

MINIBIOGRAFIA:

Paula Cervelin Grassi: Graduada em Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Trabalho inserido no projeto Gênero e trabalho: trajetórias de mulheres e homens no mercado de trabalho formal de Caxias do Sul na década de 2000 (GENTRAB), desenvolvido no Observatório do Trabalho da UCS, Rio Grande do Sul.

A MULHER DO MUNDO ESPORTIVO: ANÁLISE DA OBRA *OFFSIDE*



Mayara Cristina Mendes Maia¹
Paula Nunes Chaves²
Allyson Carvalho de Araújo³



INTRODUÇÃO

A história da humanidade por muito tempo foi retratada apenas aos olhos masculinos. No esporte até hoje erroneamente a força, a determinação, a resistência e a busca de limites são predominantemente reconhecidas como características apenas masculinas. O nosso trabalho é caracterizado como primeira aproximação com a temática a partir da pesquisa "Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema.". A pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa. O recurso metodológico utilizado foi a descrição das imagens do esporte a partir de uma análise da obra *Offside* (2006) atrelado a reportagens que enfatizam a realidade atual do futebol feminino iraniano. Nosso objetivo é apresentar e compreender as representações de gênero centralizadas na mulher em meio ao espaço esportivo, dialogando, para tanto, com o cinema contemporâneo e alguns discursos jornalísticos. Nossa análise busca discussões sobre representações que ferem a liberdade de expressão feminina e descentram as visões patriarcais e religiosas a respeito do gênero nas práticas corporais.

OFFSIDE E A REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO NO IRÃ

O esporte reproduz as peculiaridades sociais que estão em torno de sistemas hierárquicos dos diversos locais que permeia. No Teerã, capital pertencente a República Islâmica do Irã, a lei, apoiada fortemente por muitos religiosos que acreditam que a cultura de cobrir o corpo protege as mulheres de serem objetos sexuais, determina que as mulheres cubram seus cabelos e seus corpos em público e são proibidas de irem aos estádios para assistir partidas de futebol, apesar do Futebol ser hoje o esporte mais popular entre os iranianos. No site do jornal "Público" (2011), estava em destaque uma reportagem, "Vêu islâmico retirou sonho olímpico às mulheres iranianas" acompanhada da foto das jogadoras chorando por seu sonho retirado, pois nas regras da FIFA, para o torneio de futebol em Londres 2012, pode ler-se que "jogadores e árbitros não devem exibir mensagens de cariz político, religioso, comercial ou pessoal, ou slogans em qualquer língua ou forma nos equipamentos de jogo", afirma o mesmo jornal. Assim, ao sabermos que as futebolistas iranianas são obrigadas por sua cultura a jogarem com fatos de corpo inteiro e a cabeça coberta por um lenço, o uso do véu islâmico se tornou o principal motivo das jogadoras infringirem as normas para a partida segundo as regras da FIFA. Outras reportagens falam de diversas dificuldades e proibições impostas as mulheres quanto a sua vontade de praticar o esporte Futebol ou mesmo, de assistir. Uma reportagem, no site do UOL esporte (2012) diz, "Mulheres iranianas são proibidas de assistir jogos da Euro-2012 por ambiente 'inadequado'".



Jornal Público (2011)

Ao estudarmos a obra *Offside* (2006), encontramos personagens fictícios, mas que podem representar essa população real presente no Irã. O filme é do diretor Jafar Panahi, se passa no Irã e acompanha o período das classificações da seleção Iraniana masculina para a Copa do Mundo de 2006. A realidade cultural desse país revela a hegemonia masculina que proíbe a entrada das mulheres nos estádios para assistirem aos jogos de futebol com argumentos de que não é um local seguro e adequado para elas. Mas, a sedução pelo esporte, mostra que as mulheres Iranianas almejam igualdade de oportunidade para ocupar espaços no âmbito esportivo. Assim, as mulheres do filme se disfarçam vestidas com trajes ditos masculinos, encontram dificuldades para comprar o ingresso, para passar pela fiscalização e para manter-se dentro do estádio. No mundo inteiro, as mulheres sempre se identificaram com diversas atividades físicas que perpetuam o âmbito esportivo, mas a autoridade masculina prevaleceu por muito tempo com argumentos que defendiam a incapacidade feminina de realizar tais práticas e o suposto perigo que estas poderiam sofrer se estivessem ao menos presentes nos locais de prática.

No filme, as mulheres descobertas no estádio são levadas para uma prisão temporária. Em nossa perspectiva, as mulheres pertencentes a esta conjuntura se disfarçam pela mesma lógica que as nega. Para elas, importa mais assistir ao jogo do que suas aparências. São jovens mulheres que entendem que suas formas de se expressar ou se vestir para alcançar seu objetivo não as fazem menos ou mais mulheres, nem altera seu caráter. Entendemos que a mulher foi considerada, por muito tempo, como invasora de um espaço masculino e que paralelamente o poder de questionamento destas sempre representou uma grande ameaça à estrutura patriarcal (COSTA; GUTHRIE *apud* RUBIO; SIMÕES, 1999). A história da mulher no mundo esportivo perpassa muitos caminhos com vitórias e derrotas. As conquistas das mulheres até os dias de hoje, às revelam como sujeitos capazes de enfrentar situações com alta demonstração de virilidade, força e resistência, demonstrando assim que tudo não passa de uma construção cultural machista, defendida por leis ou pensamentos religiosos e patriarcais.



Cena do filme (Offside - 2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário do cinema alimenta nossos pensamentos para uma realidade atual. A expressão feminina dentro do espaço esportivo muitas vezes é ferida por preconceitos historicamente construídos pela e na cultura local ou, até mesmo, mundial por questões de caráter religioso e econômico concentradas em visões masculinas e ainda é utilizada erroneamente como um fator de caracterização de gênero e muitas vezes, de escolha sexual. Apesar dos grandes avanços no mundo da mulher esportista, lugares como o Irã revelam que ainda faltam muitas batalhas para esse espaço ser concretizado com igualdade. Só conhecendo as realidades pode-se buscar as melhores soluções para futuras conquistas femininas em busca da igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESPORTO: Vêu islâmico retirou sonho olímpico às mulheres iranianas. Jornal Público, 06 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.publico.pt/noticia/vêu-islamico-retirou-sonho-olimpico-as-mulheres-iranianas-1497772>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

FUTEBOL: Mulheres iranianas são proibidas de assistir jogos da Euro-2012 por ambiente 'inadequado'. Uol Esporte, 10 jun. 2012. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/eurocopa/ultimas-noticias/2012/06/10/mulheres-iranianas-sao-proibidas-de-assistir-jogos-da-euro-2012-por-ambiente-inadequado.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos.

In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Orgs.). Comunicação e Experiência estética. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento. Ano 5. V. 11, p. 50-56, 1999.

¹Graduanda/Educação Física/UFRN.Bolsista PROPESQ; ²Graduanda/Educação Física/UFRN.Bolsista PROPESQ; ³ Prof. Adjunto I. Dep. Educação Física/UFRN.

A mulher do mundo esportivo: análise da obra *Offside*

AUTORIA: MAYARA CRISTINA MENDES MAIA
PAULA NUNES CHAVES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO

RESUMO: A história da humanidade por muito tempo foi retratada apenas aos “olhos” masculinos. No esporte, até hoje, erroneamente a força, a determinação, a resistência e a busca de limites são predominantemente reconhecidas como características apenas masculinas. O nosso trabalho é caracterizado como uma primeira aproximação com a temática a partir da pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”. A pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa. O recurso metodológico utilizado foi a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006). O filme analisado foi *Offside* (2006), do diretor Jafar Panahi. Trabalhamos com a utilização de uma ficha técnica de análise elaborada por nosso

grupo de estudo, e organizada em duas categorias: a primeira é composta pelos objetos e condições da experiência estética; a segunda categoria conta com os conteúdos e os efeitos da experiência estética. Nosso objetivo é apresentar e compreender as representações de gênero centralizadas na mulher em meio ao espaço esportivo, dialogando, para tanto, com o cinema contemporâneo, pesquisadores da temática e alguns discursos jornalísticos. Nossos resultados apontam discussões sobre representações que ferem a liberdade de expressão feminina e descentram as visões patriarcais e religiosas a respeito do gênero nas práticas corporais.

Palavras-chave: Mulher. Estádio. Descentramentos.

MINIBIOGRAFIAS:

Mayara Cristina Mendes Maia: Graduanda em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente, é bolsista da PROPESQ. Faz parte do grupo de pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”, do departamento de Educação Física da UFRN.

Paula Nunes Chaves: Graduanda em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É bolsista da PROPESQ. Faz parte do grupo de pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”, do departamento de Educação Física da UFRN.

Allyson Carvalho de Araújo: Mestre em Educação (UFRN) e doutor em Comunicação (UFPE). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faz parte do grupo de pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”, do departamento de Educação Física da UFRN.

A mulher negra por suas impressões: reflexões acerca da cor da pele nas relações afetivos-sexuais

Luara Paula Vieira Baia (Ciências Sociais/UEM)

Eduardo Oliveira de Almeida (Ciências Sociais/UEM)

Orientadora: Prof.^a Dra. Marivânia Conceição Araújo (DCS/UEM)

Introdução

Segundo o censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, as mulheres negras são aquelas que menos se casam ou estabelecem um relacionamento, quando comparadas às mulheres brancas ou mesmo com os homens que compõem seu mesmo grupo étnico. Esta desvalorização da mulher negra a partir dos estereótipos formados ao seu redor é facilmente encontrada na mídia, através de propagandas racistas e sexistas, reforçando a todo o momento a ideia da mulher negra como mero objeto sexual. Dessa forma, depreende-se um padrão de relações assentadas sobre condicionantes que levam em conta a cor da pele. Trata-se, nesse caso, de uma visível desvalorização das pessoas negras.

As reflexões suscitadas por Moutinho (2004) sobre o assunto, ainda que em diálogo com dados de outras épocas podem ser bastante produtivas. Pois, aponta na medida em que chama a atenção para a maneira como as relações inter-raciais encontram-se equidistantes, realça os modos pelos quais a mulher negra tem sido vista no decorrer do tempo: trazendo sobre si estereótipos advindos da escravidão. Isto é, uma construção histórica que delegou a mulher negra uma noção de descompromisso, liberdade sexual, em contraposição as qualidades atribuídas às brancas, como pureza, docilidade, ingenuidade, etc.; a mulher negra a sociedade designou o papel de amante, concubina, mas poucas vezes o papel central de uma relação. A questão aqui não é estabelecer um modelo de relação a ser seguido, mas problematizar um único papel, geralmente, guardado às mulheres negras.

À elas, segundo Gilliam e Gilliam (1995), são atribuídos estigmas ligados ora a ideia de “mãe-preta” ora de “Jezebel”, ambos extremamente marcados por preconceitos. Por um lado essa mulher é vista como própria ao trabalho, aos afazeres domésticos, validando assim a escravidão, por outro lado, a mesma é vista como “Jezebel”, cuja imagem é de mulher nociva, não própria para o casamento, lasciva, apta apenas para relações sexuais. (GILLIAM; GILLIAM, 1995, p.4-5).

O que pretende-se com esse breve resgate teórico é construir uma ligação entre a construção histórica do preconceito racial e as relações afetivos-sexuais entre homens e mulheres heterossexuais. Problematizar, então, as influências históricas, sociais e culturais no estabelecimento desses tipos de relacionamentos. Em outras palavras, é reconhecer as condicionantes que norteiam essas escolhas, voltando-se para a cor da pele, na medida em que enxerga-se nos relacionamentos uma dimensão que não diz respeito apenas motivações pessoais, enquanto instâncias livres e autônomas.

Objetivos

Este trabalho pretende refletir sobre as impressões das universitárias negras maringaeenses – estudantes da Universidade Estadual de Maringá – acerca do papel da cor nos seus relacionamentos vividos ou naqueles que não aconteceram. Isto é, como se sentem inseridas no contexto das relações afetivos-sexuais do seu contexto, a partir da problemática do papel da cor dentro dessas relações.

Metodologia

Através de entrevistas semiestruturadas procuramos compreender o que as mulheres negras universitárias (UEM) pensam a respeito das relações afetivo-sexuais com base em suas próprias experiências e reflexões e o modo como elas se sentem dentro desse universo. A escolha das possíveis entrevistadas ocorreu de modo “espontâneo”, ou melhor, foram encontros ocasionais, todos circunscritos a Universidade (restaurante universitário, blocos, biblioteca, cantina...). Durante a entrevista utilizamos alguns eixos temáticos, buscando entender, antes de tudo, o ponto de vista das entrevistadas sobre algumas questões, como fatores importantes em uma relação afetivo-sexual, atração, preconceito racial, relacionamentos inter-raciais, entre outros assuntos que, em geral, acreditavam serem pertinentes dentro do contexto da pesquisa.

As entrevistas, contudo, desde a construção das questões e eixos a serem problematizados até a sua real efetivação, pressupunham alguns cuidados como o conhecimento mínimo da bibliografia que tratava de cor e relacionamentos. Essa importância de conhecer o esquema conceitual da teoria antropológica sobre o que se propõe a estudar já foi advertida por Roberto Cardoso de Oliveira (2006) para o treinamento do olhar e do ouvir e, assim, ajudar no atentamento de questões relevantes no desenrolar da pesquisa. Além disso, pensar questões que são por nós compartilhadas socialmente e culturalmente diz respeito ao exercício de transformar o familiar em exótico. Nesse sentido, Gilberto Velho (1978) ajuda bastante ao propor uma distância nas análises, fruto da relativização e entendimento do outro a partir de suas próprias premissas. O exercício se constitui, portanto, em desnaturalizar as mais corriqueiras ações as relacionando ao entorno social, político, cultural e propondo um outro ponto de explicação, distinto das categorias nativas.

O amor que não tem cor e os relacionamentos que não acontecem

Recorrente na fala das entrevistadas, a concepção de amor enquanto um sentimento que norteia e é causa da efetivação de relacionamentos estáveis perpassa o discurso de boa parte delas. Ou ainda que os relacionamentos em questão não seja os estáveis, à cor quase nunca é atribuída nenhuma causalidade na

efetivação desses relacionamentos – afetivos e/ou sexuais. Pelo contrário, conectam esses acontecimentos a fatores de cunho pessoais e individuais.

As entrevistadas se dividiam em as que nunca namoraram e tiveram apenas envolvimento “curtos” com homens brancos e as que já se envolveram com homens negros e brancos, mas, só tiveram uma relação “oficial” com homens negros. Dessa forma, nenhuma delas havia engatado um relacionamento duradouro com um homem branco, apesar de algumas delas terem dito que já haviam desejado namorar homens com os quais se envolveram rapidamente – tanto brancos, quanto negros.

A fala das primeiras se restringiu a ideia de que esses envolvimento não avançaram para relações ditas como “oficiais”, pois havia falta de compatibilidade com os pares, ou seja, segundo elas os envolvimento não se tornaram “oficiais” por falta de afinidades, amor, pensamentos comuns, etc.; dando a cor pouca ou nenhuma relevância quando se trata das escolhas no âmbito das relações afetivo-sexuais. Para estas a cor da pele não é fator de exclusão ou inclusão quando se trata deste tipo de relação, mas, admite que este fator pode tornar-se importante em outros contextos, o que não seria o caso da subjetividade, representado pelo desejo de envolver-se. De forma parecida, as segundas utilizaram um discurso semelhante aos das primeiras, e conferiam o não andamento do relacionamento estabelecido com homens brancos ao acaso. Quando perguntadas sobre as possíveis relações entre cor e o não estabelecimento dessas relações, em nenhum momento atribuíam esse fato à cor de suas peles e, conseqüentemente, aos estereótipos atribuídos às mulheres negras. Pelo contrário, partem de um discurso em que o amor é o único agente com potencial para firmar um relacionamento – e a sua falta, conseqüentemente, é atribuída o não sucesso de alguns relacionamentos.

Uma repetição nas maneiras dessas mulheres se envolverem com homens brancos e negros permitem-nos deduzir um padrão de relações marcados por condicionantes sociais representados pela cor da pele. Ainda que essas universitárias negras não estabeleçam nenhum vínculo de causalidade entre fatores sociais e seus envolvimento pessoais, “na relação com o outro, o desejo de envolvimento afetivo em busca do prazer é permeado pelos valores e ideais estabelecidos pelo contexto social. A manifestação do desejo e o estabelecimento ou não de vínculos amorosos são também determinados por concepções advindas de uma visão machista e racista” (PINTO, 2004:38).

Como instância simultaneamente social e individual, tentar entender, ainda que minimamente, as possíveis relações entre cor e relacionamentos, através da problemática do desejo, é tentar compreender as influências sociais na construção de interações, geralmente, tidas somente como “pessoais” e desconectadas de um contexto social.

Considerações finais

Para as entrevistadas o amor é o que realmente guia as escolhas afetivas, até mesmo para aquelas que nunca tiveram uma relação o discurso se faz o mesmo. Nesse sentido, não atribuem ao fato de nunca terem se relacionado oficialmente com alguém um fator de exclusão do mercado das relações afetivas. Pelo contrário, atribuem a isto somente questões subjetivas, representadas na fala das entrevistadas pela falta de afinidades, de expectativa comum, afetividade, etc. O discurso nunca perpassa a subjetividade, enquanto uma construção social, permeado por fatores históricos e culturais, construindo o desejo e as categorias de afinidades, o que para elas representam as únicas causas de sua situação de solidão nessa esfera. Contudo as afinidades são por elas entendidas como instâncias livres e autônomas de qualquer condicionante social.

Referências

- GILLIAM, A.; GILLIAM, O. Negociando a subjetividade da mulata no Brasil. *Estudos feministas*, nº 525.
MOUTINHO, L. *Razão, cor e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.
OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2006, p.17-35.
PINTO, E. A. *Sexualidade na identidade da mulher negra a partir da diáspora africana: o caso do Brasil*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Oliveira (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 36-46.

A mulher negra por suas impressões: reflexões acerca da cor da pele nas relações afetivo-sexuais

AUTORIA: LUARA PAULA VIEIRA BAIA
EDUARDO OLIVEIRA DE ALMEIDA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIVÂNIA CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

RESUMO: Contemporaneamente, o Brasil apresenta um alto índice de celibato entre as mulheres negras, quando comparadas às brancas e até mesmo em relação aos homens que compõem o mesmo grupo étnico. Este trabalho propõe uma reflexão sobre os possíveis motivos que interferem nos relacionamentos afetivo-sexuais dessas mulheres, especificamente, de universitárias negras da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Nesse sentido, a partir de suas próprias impressões sobre o lugar que sua cor ocupa nesses relacionamentos, problematiza-se a influência da cor da pele nessas escolhas. Dessa forma, confrontam-se neste trabalho suas perspectivas

da realidade com outros pontos de vista, isto é, parte-se do princípio de que as representações de suas respectivas situações nesse cenário compõem parte da construção da realidade. Assim, problematizam-se os relacionamentos eróticos – afetivos ou não; questiona-se até que ponto tais relações são pautadas em escolhas permeadas por padrões construídos socialmente, isto é, quais os limites objetivos – problematizando inclusive a sua existência – que estruturam essas relações.

Palavras-chave: Mulheres negras. Relacionamentos afetivos-sexuais. Escolhas objetivas.

MINIBIOGRAFIAS:

Luara Paula Vieira Baia: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Eduardo Oliveira de Almeida: Graduando do último ano da licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



A participação das mulheres da comunidade São Raimundo do Jarauá (RDS Mamirauá, AM) em atividades de gestão de recursos pesqueiros.

Adriana Guimarães Abreu- Universidade Federal do Pará- Bolsista PIBIC/UFPA- FAPESPA
Profa. Dra. Edna Ferreira Alencar- Universidade Federal do Pará- Orientadora

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa sobre o trabalho das mulheres da comunidade de São Raimundo do Jarauá- Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas- em projeto de manejo de recursos pesqueiros, principalmente do pirarucu (Arapaima gigas), desenvolvido por um coletivo de pescadores formados por moradores desta comunidade e pescadores urbanos vinculados a Colônia Z-23 de Alvarães. O projeto de manejo da pesca do pirarucu conta com assessoria técnica do Instituto Mamirauá (ISM) e compreende várias etapas: a discussão de normas e regras das atividades do manejo que constam em um Regulamento Interno; a vigilância dos ambientes (lagos, ressacas, canais etc); a contagem dos animais nos ambientes de pesca; a captura do peixe; o monitoramento – pesagem, identificação do sexo e tamanho, e maturação sexual; a evisceração e limpeza do peixe; e a discussão da repartição dos ganhos. O objetivo é conhecer como as mulheres participam nessas diferentes etapas do manejo, e identificar as principais limitações e os aspectos positivos dessa participação.

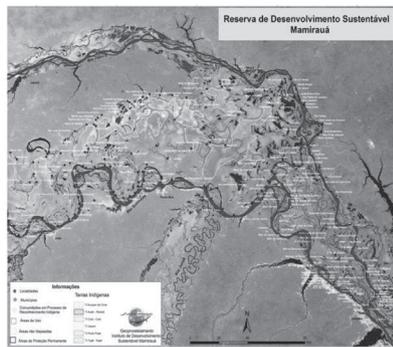
MÉTODOS

A metodologia utilizada incluiu a revisão bibliográfica de temas relacionados ao da pesquisa; leitura de relatórios de pesquisa realizadas pelo Instituto Mamirauá (ALENCAR E SOUSA 2012); e relatórios de avaliação de projetos de manejo de pesca realizados por técnicos do Programa de Manejo de Pesca (BRAGA 2012); realização de pesquisas de campo, com a utilização do método da observação participante, com permanência por alguns dias na comunidade, com realização de entrevistas formais e informais, todas com devida autorização das pessoas; pesquisa quantitativa com uso de questionários. Foram realizados entrevistas com 17 mulheres e 4 homens que participam do projeto de manejo de pesca, e participação em reuniões realizadas pelos manejador(a)s para discutir a realização das atividades de manejo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade de São Raimundo do Jarauá está localizada na RDS Mamirauá, em ambiente várzea (ALENCAR 2010), e a subsistência dos moradores está baseada na combinação da exploração de recursos naturais – peixe, caça, coleta de frutos etc – com a agricultura. A renda das famílias é complementada com o recebimento de bolsas de programas de transferência de renda, de políticas compensatórias como Seguro Efesço (SEF) e Escola Floresta. As e as atividades estão divididas de acordo com os gêneros e com a idade. As mulheres realizam as atividades que ocorrem na esfera doméstica, dividem com os homens o trabalho na agricultura (ALENCAR 2000 e 2002; FERALTA e ALENCAR 2008) e realizam a pesca. Os homens realizam atividades extrativas como a pesca, a caça e o corte de madeira, além da agricultura.

Os moradores de S. Raimundo do Jarauá desenvolvem projeto de manejo de pesca desde 1920, e foi o primeiro projeto apoiado pelo ISM. De acordo com dados do Programa de Manejo de Pesca, cerca de setenta e cinco pescador(a)s da comunidade de S. Raimundo do Jarauá estão realizando manejo de pesca vinculados ao Acordo de Pesca do Jarauá coordenado por uma associação criada em 2011, sendo 52 homens e 23 mulheres, e destas apenas 17 são sócias da Colônia de Pescadores de Alvarães, Z-23, e uma é sócia da Colônia de Pescadores de Tefe, Z-4, e o tempo de associação de 7 meses a 11 anos, com uma média de 4,5 anos.



A participação das mulheres nas atividades do manejo do pirarucu é mais destacada nas assembleias de discussão do projeto, no monitoramento, na evisceração e limpeza do peixe. Na pesca do pirarucu que ocorreu no ano de 2012 houve a participação de 23 mulheres no trabalho de evisceração e limpeza do peixe, e 3 mulheres participaram do monitoramento.



Foto Raíler Braga (IDSM) – Mulher eviscerando pirarucu

Na atividade de contagem do peixe não houve a participação de nenhuma mulher, e na vigilância dos lagos que acontece todos os dias, as mulheres participaram de forma esporádica ao longo do ano. Apenas 6 mulheres disseram ter participado em algum momento de uma equipe de vigilância, mas realizando trabalhos de preparo da comida e limpeza da base de apoio.

Segundo dados do Programa de Manejo da Pesca do ISM, o lucro médio obtido por cada manejador em 2012 foi de R\$ 2. 266, 47, e que das 17 mulheres entrevistadas apenas duas obtiveram renda inferior a R\$ 1.000,00, enquanto a renda das outras 15 variou entre R\$ 1. 200,00 e R\$ 2. 300,00

Ao avaliarem sua participação no manejo como um todo, as mulheres destacam que é uma forma de *ajudar os homens*, referindo-se ao trabalho de evisceração dos peixes. Isso indica que consideram a captura dos peixes nos lagos, feita pelos homens, como a atividade mais importante, que elas classificam como sendo um “trabalho duro”, e “sofrido”, que envolve riscos e condições adversas. As mulheres realizam atividades que são mais próximas daquelas que ocorrem no espaço da terra, como o beneficiamento do peixe, vista como uma extensão de atividades como os cuidados com a casa e filhos.



Foto Raíler Braga (IDSM) – Mulher eviscerando pirarucu

Algumas mulheres demonstram vontade de participar mais ativamente de atividades do manejo, especialmente da vigilância dos lagos e da captura do peixe, e das quais estão excluídas. Por isso, há cerca de três anos elas tem realizado a pesca do aruanã (Osteoglossum bicirrhosum).

Em 2012, elas pescaram cerca de duas 2,5 toneladas de peixe, em pescaria realizadas ao longo de três dias. Para chegar até os lagos, as mulheres precisavam arrastar as canoas nos trechos mais baixos, uma atividade difícil que exigia muita força. E para isso elas contam com o apoio de alguns homens e para fazer o transporte do peixe, sendo que um deles foi contratado por elas para esse trabalho.

A comercialização do peixe foi realizada por elas distanciamente com o comprador. O lucro obtido com a pescaria estimulou as pescadoras a buscar outras estratégias para romper com a resistência dos homens quanto a sua presença nas atividades da pesca manejada. Isso fica claro quando uma mulher afirmou que elas “tem capacidade pra ir, isso nós quer mostrar”



Foto: Paulo Ronan (IDSM) – Mulher pescadora arrastando a canoa com ajuda dos filhos

CONCLUSÃO

O manejo de recursos pesqueiros tem contribuído para a melhoria da renda das famílias de São Raimundo do Jarauá, e também para a construção da equidade entre os gêneros ao garantir a participação das mulheres nas várias etapas da sua realização. Embora o Regulamento Interno do Acordo de Pesca do Jarauá garanta às mulheres o direito de participar em igualdade com os homens de todas as etapas do manejo do pirarucu, elas ainda encontram a resistência de seus companheiros, pois persistem as ideologias de gênero que distinguem e separam os espaços e as atividades de acordo com as características de cada um deles.

O afastamento das mulheres de certos espaços e atividades reforça sua relação com o espaço doméstico, com a reprodução física da família. E na tentativa de romper com essa visão, elas pressionam os homens e lançam mão dos seus cargos para reivindicar os espaços que lhes são negados. Mas aos poucos elas estão ocupando os espaços a que tem direito, exercendo cargos importantes na esfera política da comunidade, como o de tesoureira da Associação dos Produtores do Setor Jarauá, e como vice-presidente da associação que coordena as atividades de manejo.

Nesse sentido, para entender o papel que as mulheres desempenham nos projetos de manejo de recursos pesqueiros, é preciso considerar as características do contexto social, cultural e ambiental onde estes projetos são desenvolvidos. Para as mulheres manejadoras do São Raimundo do Jarauá, um dos principais estímulos para que busquem uma maior participação nas atividades da pesca manejada é poder ganhar seu próprio dinheiro e contribuir com as despesas da casa. No entanto, deve-se destacar seu papel como conservadoras, e de pioneiras em ações de gestão e conservação de recursos naturais dentro da RES Mamirauá. Seu trabalho está contribuindo para a reprodução de um modo de vida e para a conservação da biodiversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S. Mapeamento territorial e diagnóstico socioambiental de comunidades rurais situadas nas RDS Amanã e Mamirauá, Am. Relatório Técnico. Projeto de Pesquisa, Tefe, 2012.
ALENCAR, E. F. Gênero e Trabalho nas sociedades pesqueiras. In: Lourdes G. Furtado, Wilma Leitão, Alex Fiuza de Mello. (Org.) Povos das Águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
_____. Trabalho feminino e participação política como instrumentos para a manutenção e renovação da qualidade de vida. In: Lourdes Gonçalves Furtado. (Org.) Amazônia, Desenvolvimento, Sociodiversidade e Qualidade de Vida. Belém: UFPA, 1997, v. 9, p. 102-133.
AMARAL, E.; SOUSA, I. S. de; GONÇALVES, A. C. T.; BRAGA, R.; FERRAZ, P.; CARVALHO, G. Manejo da Pirarucu (Arapaima gigas) em Lagos de Varzea de Uso Exclusivo de Pescadores Urbanos. Tefe, AM: IDSM, 2011, 76 p., II. (Série Protocolos de Manejo dos Recursos Naturais, 1).
BRAGA, R. Relatório técnico anual do manejo de pirarucu (Arapaima gigas) nos sistemas “Acordo de Pesca do Jarauá” – RDS Mamirauá. IDSM, Tefe, 2012.

APOIO E PATROCÍNIO



Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação



Fundação Amazônia Paraense



A participação das mulheres da comunidade São Raimundo do Jarauá (RDS Mamirauá/AM) em atividades de gestão de recursos pesqueiros

AUTORIA: ADRIANA GUIMARÃES ABREU

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. EDNA FERREIRA ALENCAR

RESUMO: As comunidades que fazem parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, no estado do Amazonas, são incentivadas a participarem de programas de manejo dos recursos naturais, tendo em vista a preocupação com o desenvolvimento sustentável do ecossistema da região aliado com a qualidade de vida das populações existentes, que têm sua economia organizada através da agricultura e da pesca. Vários estudos vêm demonstrando que a participação ativa das mulheres em projetos de desenvolvimento sustentável elevaria a eficácia destes, pois as mulheres, como fonte de conhecimento e difusão cultural, seriam valorizadas e incorporadas ao trabalho, aumentando os benefícios para as comunidades, além de mudarem as relações de gênero existentes, amenizando

as desigualdades entre os gêneros e aliviando a subordinação da mulher em relação ao homem. Neste trabalho, mostramos como as mulheres da comunidade de São Raimundo do Jarauá (RDSM/AM) participam do Acordo de Pesca do Setor Jarauá (APSJ), demonstrando as dificuldades que elas têm de participarem das atividades do acordo, de acessarem os órgãos de representatividade da categoria e de receberem auxílios via políticas públicas. A análise baseia-se em uma pesquisa de campo na comunidade e na análise dos relatórios do APSJ, elaborados pelo IDSM.

Palavras-chave: Gênero. Meio ambiente. Recursos naturais. Amazônia. Participação.

MINIBIOGRAFIA:

Adriana Guimarães Abreu: Graduada do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista IC do grupo de Pesquisa Territorialidades, Identidades e Gestão Ambiental em Áreas Protegidas, IDSM. Desenvolve estudos sobre a participação das mulheres no espaço da pesca, principalmente no âmbito de Acordos de Pesca.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



A Relação da Imagem corporal, do Gênero, e do Esporte na participação das aulas de Educação Física

Aline Aparecida de Souza Ribeiro¹ - Luana das Graças Pinto Procópio¹ - Ms. Ayra Lovisi²
Orientadora: Dr^a Ludmila Mourão³

¹Bacharela em Educação Física pela UFJF e Graduanda em Educação Física (Licenciatura)

²Prof^a Educação Física da Rede Municipal de Juiz de Fora

³Prof^a Faculdade de Educação Física e Desportos, Tutora PET - FAEFID-CAPES/MEC-UFJF



Introdução

O afastamento das aulas de Educação Física pode ocorrer devido a vários fatores. O esporte enquanto conteúdo predominante, as relações de gênero e a falta de habilidade, entre outras razões, são alguns dos fatores que concorrem para este fenômeno (DUARTE, 2003; DURAN, 1999). Acreditamos que a insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes também influencia no afastamento das aulas, e que a esportivização seja uma das maiores responsáveis pela atribuição de estereótipos corporais entre os alunos, contribuindo para a perpetuação de atividades/modalidades vinculadas a cada sexo, excluindo na maioria das vezes a menina das aulas.

A insatisfação corporal pode ser compreendida como um incômodo que o indivíduo vivencia em relação aos aspectos de sua aparência física (SLADE, 1994). Nos últimos 20 anos, pesquisadores (McCABE & RICCIARDELLI, 2005; McCABE, RICCIARDELLI & FINEMORE, 2002) intensificaram suas investigações, observando que esse sentimento negativo com a imagem corporal pode ser mais evidente durante a adolescência devido ao período da puberdade que é considerado crítico em relação à insatisfação corporal.

As aulas de Educação Física são um importante espaço para o aluno refletir sobre este modelo de imagem corporal difundido pela mídia. Entretanto, com a impossibilidade de atingir o corpo desejado ou o padrão de corpo veiculado pela mídia, muitas vezes, os adolescentes acabam ficando desmotivados a praticarem atividades físicas ou, até mesmo, deixam de praticar por vergonha. E acabam frustrados ocasionando alterações psicológicas, afetivas e sociais (NUNES, 2001; STICE, 2000).

A imagem corporal é definida por Schilder (1994) como a figuração que formamos em nossa mente a respeito de nosso corpo, constituindo-se por aspectos fisiológicos, sociológicos e libidinais. Sua fluidez se deve às constantes transformações as quais é submetida, "se reconstruindo e reestruturando a todo instante" (SILVA, 2004). Assim, acreditamos ser a adolescência a fase da vida em que esta imagem passa por maiores transformações.

Objetivo

Neste contexto, a motivação em propor este projeto de pesquisa é analisar a relação entre a insatisfação da imagem corporal e a participação de meninas e meninos nas aulas de educação física.



Fonte: google.com.br

Metodologia

A pesquisa de natureza quanti-qualitativa com corte transversal, será realizada com escolares e professores de 6^o a 9^o ano ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, uma escola pública federal que tem no universo de alunos uma diversidade econômica, social e cultural, na medida em que sua forma de ingresso ocorre por sorteio. Realizaremos o estudo também com alunos e professores em uma escola pública municipal escolhida aleatoriamente na cidade de Juiz de Fora/MG.

Instrumento: Body Shape Questionnaire (BSQ), é um teste de auto-preenchimento com 34 perguntas para serem respondidas segundo a escala LIKERT de 1 a 6 (1 - nunca, 2 - raramente, 3 - às vezes, 4 - frequentemente, 5 - muito frequentemente, 6 - sempre), Di Pietro (2009). Este será acrescido de uma questão que irá avaliar a participação nas aulas de educação física.

Todos os alunos serão esclarecidos da natureza e do propósito do estudo e seus responsáveis assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto será submetido ao Comitê de Ética da UFJF.

Referências

- DUARTE, C.P. O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- DURAN, M.V.C. A aula de educação física como reprodutora de estereótipos de gênero à luz da experiência no colégio "Inen Santiago Pérez" – Santa Fé / Bogotá. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SLADE, P.D. What is body image? *Behav Res Ther.* 1994;32(5):497-502.
- NUNES, M.A. *et al.* Influence of body mass index and body weight perception on eating disorders symptoms. *Revista Associação Brasileira de Psiquiatria*, V. 23, n. 1, 2001.
- STICE, E. *et al.* Body-Image and Eating Disturbances Predict Onset of Depression Among Female Adolescents. *Journal abnorm psychol*, V.109, n.3, p. 438-444, 2000.
- SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SILVA, R.F. *et al.* Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder: contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. *Revista Digital*, n. 68, 2004.
- McCABE, M.P.; RICCIARDELLI, L.A. (2005). A prospective study of pressures from parents, peers, and the media on extreme weight change behaviors among adolescent boys and girls. *Behaviour Research and Therapy*, 43, 653-668.
- McCABE, M.P.; RICCIARDELLI, L.A.; FINEMORE, J. (2002). The role of puberty, media and popularity with peers on strategies to increase weight, decrease weight and increase muscle tone among adolescent boys and girls. *Journal of Psychosomatic Research*, 52, 145-153.

A relação da imagem corporal, do gênero, e do esporte na participação das aulas de Educação Física

AUTORIA: ALINE APARECIDA DE SOUZA RIBEIRO
LUANA DAS GRAÇAS PINTO PROCÓPIO
AYRA LOVISI

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. LUDMILA NUNES MOURÃO

RESUMO: O afastamento das aulas de Educação Física por parte dos adolescentes tem sido uma preocupação recorrente entre pesquisadores e professores de Educação Física. De acordo com alguns estudos (DURAN,1999; DUARTE, 2003), o gênero, a habilidade e a predominância do conteúdo esporte nas aulas têm contribuído para esta situação. Acreditamos que a (in)satisfação com a imagem corporal dos adolescentes também esteja influenciando este cenário e que a esportivização das aulas seja realmente uma das maiores responsáveis pela atribuição de estereótipos corporais, os quais contribuem para a perpetuação de atividades/modalidades vinculadas a cada sexo, excluindo, na maioria

das vezes, as meninas das aulas. O objetivo do estudo é analisar a relação entre a (in)satisfação da imagem corporal e a participação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física. A pesquisa será realizada com escolares de 6º a 9º ano do Colégio de Aplicação João XXIII, escola pública federal do Município de Juiz de Fora/MG. Os(as) alunos(as) irão responder ao *Body Shape Questionnaire* (BSQ) acrescido de uma questão que irá avaliar a participação nas aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação Física Escolar. Imagem corporal. Gênero e Esporte.

MINIBIOGRAFIAS:

Aline Aparecida de Souza Ribeiro: Bacharela em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Graduanda do Curso de Educação Física (Licenciatura) (UFJF), bolsista de Iniciação Científica na UFJF, e membro do grupo de pesquisa Prática Escolar e Educação Física.

Luana das Graças Pinto Procópio: Bacharela em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Graduanda do Curso de Educação Física (Licenciatura) pela UFJF, bolsista do PET – FAEFID-CAPES/MEC-UFJF, e membro do grupo de pesquisa “Prática Escolar e Educação Física”.

Ayra Lovisi: Professora de Educação Física da Rede Municipal de Juiz de Fora/MG.

A saúde reprodutiva na seção Ciência&Vida do Jornal *A Tarde*

Lorena Bernardes Oliveira
Maria de Fátima Ferreira

Introdução

A conquista pelos direitos reprodutivos nasceu na luta do Movimento Feminista. Segundo Lucila Scavone (2004), a abordagem de gênero na saúde tornou visível as diferenças sexuais e marcou o movimento social das mulheres pelo controle dos seus próprios corpos. A discussão sobre saúde reprodutiva, em particular, é cada vez mais necessária, tendo em vista os impactos sociais e culturais relacionados ao domínio afetivo-sexual e reprodutivo. Entre os principais temas abordados pela mídia, a medicina e a saúde são os de maior interesse da população brasileira.

Objetivos:

- Geral

- Realizar um estudo quantitativo e qualitativo das reportagens sobre saúde reprodutiva, na seção Ciência&Vida do jornal *A Tarde* durante o período de outubro de 2007 a setembro de 2008, com um recorte especial para as reportagens sobre saúde reprodutiva.

- Específicos

- Identificar as edições da seção Ciência&Vida, no período estudado;
- Verificar a quantidade de reportagens e classificá-las pela área de conhecimento;
- Selecionar as reportagens sobre saúde reprodutiva, de acordo com a procedência das informações, os jornalistas responsáveis; os assuntos abordados e as fontes consultadas.
- Refletir sobre o papel do jornalista na construção da imagem feminina na ciência, através da análise do conteúdo das notícias, das posições que as fontes de informação ocupam, na tentativa de identificar possíveis desigualdades sexuais e sociais.

Metodologia

- Revisão teórica, baseada numa pesquisa bibliográfica sobre saúde reprodutiva, cultura científica, gênero e jornalismo científico.
- Estudo quantitativo do primeiro ano da seção Ciência&Vida.
- Seleção das reportagens sobre saúde reprodutiva, através de quatro categorias: Tecnologias de reprodução, Sexualidade, Concepção e Doenças Sexualmente Transmissíveis.
- Análise quantitativa das reportagens sobre saúde reprodutiva, a partir de três categorias: origem das notícias, jornalistas responsáveis, assuntos abordados e fontes consultadas, sob uma perspectiva de gênero e cultura científica.
- Elaboração de tabelas e gráficos que aglutinam dados das reportagens sobre saúde reprodutiva para facilitar a visualização do objeto de estudo e para a análise.

Resultados

Retrato da Ciência&Vida em outubro de 2007 a setembro de 2008

- A seção Ciência&Vida publicou 52 edições, com 1 reportagem, entrevistas, artigos e colunas.
- Encontramos 297 reportagens, classificadas em 128 assuntos, das quais 34,7% se concentraram na área das Ciências da Saúde, 25% em Ciências Exatas e da Terra, 18,2% nas Ciências Humanas, entre outras áreas.

Recorte especial sobre Saúde Reprodutiva

- Dos assuntos encontrados 21 foram sobre saúde reprodutiva
- As reportagens de saúde reprodutiva foram assinadas, em sua maioria, pela jornalista Fabiana Mascarenhas (76%).
- Quanto à origem das informações, houve uma divisão em: estadual (52,4%), nacional (33,3%) e internacional (14,3%).



Fonte: Pesquisa Ciência&Vida do Jornal *A Tarde*, coordenado por Maria de Fátima Ferreira
Organizadora: Lorena Bernardes Oliveira

Classificação das fontes

Profissão/ocupação das fontes	Fem.	%	Masc.	%	Total
Profissionais especialistas e técnicos de Saúde	8	16,2%	11	22,7%	39%
Profissionais da Administração Pública, Dirigentes e Superiores de Empresa	5	10,2%	2	4,1%	14,3%
Professores	3	6,1%	1	2%	8,1%
Estudantes	1	2%	2	4,1%	6,1%
Mãe/Pai	5	10,2%	1	2%	12,2%
Aposentados (as)	2	4,1%	1	2%	6,1%
Outros (bebês procria, representante de vendas, advogada, ferroviário e operador de processo)	4	8,1%	3	6,1%	14,2%
Total	28	57%	21	43%	100%

Conclusões:

Através da análise das reportagens sobre saúde reprodutiva na seção Ciência&Vida é possível concluir que a área da saúde foi a de maior divulgação. A seção demonstra interesse em assuntos sobre saúde reprodutiva. Por meio das fontes de informação, constata-se que as mulheres ocupam um espaço menos privilegiado comparado aos homens, sendo a minoria entre os profissionais especialistas em saúde. Embora os efeitos das "tecnologias de reprodução" sejam ainda desconhecidos, o Ciência&Vida enfatiza os avanços destes procedimentos, "porém deixam de considerar as consequências para a saúde dos envolvidos no processo da reprodução assistida" (FERREIRA, 2002). Nesse sentido, é importante repensar a complexidade do conhecimento científico, incluindo as questões de gênero e outros aspectos sociais e culturais. Tendo em vista o papel do jornalismo na formação da cidadania, cabe ao profissional dessa área questionar e criticar a produção da ciência e tecnologia.

Referências Básicas:

- FERREIRA, M.F. A saúde em notícia na seção Ciência & Vida do jornal *A Tarde*, em 2011: um primeiro retrato da desigualdade de gênero nas fontes e fotos de informações. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e relações de gênero – REDOR, 2012, João Pessoa/Paraíba.
- _____. Gênero e reprodução assistida: um olhar sobre o jornal impresso diário no Brasil. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador-BA, 01 a 05 de set. de 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anis/2002_NP13FERREIRA.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2013.
- OLIVEIRA, Fabiola de. *Jornalismo Científico*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SCAVONE, Lucila. Das diferenças às desigualdades: o conceito de saúde reprodutiva na sociologia. In: *Dar a vida e cuidar da vida*. UNESP: São Paulo, 2004.
- SCHIEBINGER, Londa. O choque de culturas. In: *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 137 – 180
- VOGT, Carlos. *A espiral da cultura científica*. São Paulo, SBPC/Labor, jul. de 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em: 15 de maio de 2013.

A saúde reprodutiva na seção “Ciência & Vida” do Jornal *A Tarde*

AUTORIA: LORENA BERNARDES OLIVEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA FERREIRA

RESUMO: O presente trabalho tem como principal objetivo analisar como o jornalismo científico é praticado na seção “Ciência & Vida” do Jornal *A Tarde*, mais especificamente sobre a divulgação de informações relacionadas à saúde reprodutiva. Trata-se de uma pesquisa que faz parte de um projeto maior “Ciência & Vida do Jornal *A Tarde* da Bahia”, desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura Científica, Gênero e Jornalismo, coordenado pela professora Maria de Fátima Ferreira, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Com a finalidade de refletir sobre o desenvolvimento da cultura científica, em uma perspectiva de gênero, foi realizado um estudo quantitativo e qualitativo das matérias sobre saúde reprodutiva, publicadas pela seção “Ciência & Vida”, durante o mês de outubro de 2007 até setem-

bro de 2008, o primeiro ano da seção. Apoiado em referências bibliográficas sobre o jornalismo científico, a saúde reprodutiva, a cultura científica e as questões de gênero, o estudo realizado identificou que a seção demonstra interesse em assuntos sobre saúde reprodutiva. Por meio das fontes de informação, constata-se que as mulheres ocupam um espaço menos privilegiado comparado aos homens, constituindo-se minoria entre os profissionais especialistas em saúde. Nesse sentido, é importante repensar a complexidade do conhecimento científico, incluindo as questões de gênero e outros aspectos sociais e culturais, tendo em vista o papel do jornalismo na formação da cidadania.

Palavras-chave: Jornalismo Científico. Ciência & Vida. Saúde Reprodutiva. Gênero. Bahia.

MINIBIOGRAFIAS:

Lorena Bernardes Oliveira: Graduada em Comunicação Social – Jornalismo, no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Maria de Fátima Ferreira: Professora Doutora de Comunicação Social – Jornalismo, no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura Científica, Gênero e Jornalismo.

Aborto e Biopoder: uma experiência sociológica e etnográfica em uma maternidade de Natal/ RN

Fabiana Damasceno Galvão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

OBJETIVO GERAL: Explorar a interrupção da gestação na Maternidade Escola Januário Cicco com o propósito de construir um Diário de Campo. Compreendendo a teoria de Michel Foucault sobre o *dispositivo da sexualidade* e o *bio-poder* como forma de *técnicas diversas para obter a sujeição dos corpos* e o *controle das populações*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Esboçar questões sobre a proibição do aborto como um evento político exercido a partir das transformações de sistemas culturais de dominação, como, a Igreja, o Direito e a Medicina, que atualmente agem de forma punitiva reforçando a culpabilização da mulher em relação a essa prática;

2. Através de fotografias do corredor, da sala onde são realizadas curetagem e aborto legal da maternidade em questão, elucidar a questão do bio- poder, em contradição ao descumprimento dos manuais de norma técnica, que preconiza a humanização no atendimento ao aborto.

METODOLOGIA: É feita uma abordagem sobre o Aborto aliando literatura feminista, teoria sociológica e direitos humanos explorando o exercício dos profissionais da área médica e o ambiente hospitalar destinado ao serviço de curetagem e aborto legal. Para tanto, foram utilizadas entrevistas estruturadas, pesquisa de bibliografia sobre o tema e observação participante para a construção de um diário de campo, fazendo uma *fotografia* do espaço destinado ao serviço do aborto em Natal.

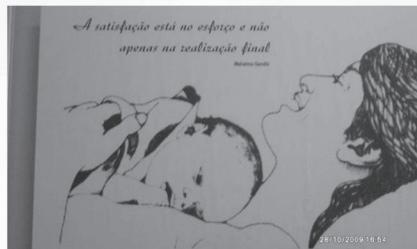


FIGURA 1: Cartazno corredor da MUEC [1]. Fonte: Autoria própria. Material de Campo (em 28 de outubro de 2009).



FIGURA 2: Sala de Curetagem da MEJC. Fonte: Autoria própria. Material de Campo (em 28 de outubro de 2009).

RESULTADOS: A pesquisa revelou que no ano de 2010 foram realizados mensalmente em torno de 400 procedimentos relacionados ao aborto/pós-aborto nas maternidades de Natal, dos quais cerca de 250 ocorrem na Maternidade Escola Januário Cicco; 100 na maternidade do Hospital Santa Catarina e 50 na Maternidade Leide Moraes. Os estudos, possibilitaram um aprofundamento teórico sobre os dispositivos de poder estudados por Foucault, e também presentes no ambiente hospitalar observado. Os dados revelam, que mesmo com o discurso da proibição, um grande número de curetagens são realizadas, em um ambiente que muitas vezes não segue as normas de humanização.



Figura:3: Sala de Descanso? [2] Fonte: Autoria própria. Material de Campo (em 09 de novembro de 2009).

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*. In: *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. p. 15-60.
- CAVALCANTE, Alcilene e XAVIER, Dulce (org.). *Em defesa da vida: aborto e direitos humanos*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2006.
- CHAUI, Marilena. [O Conhecimento]. In: *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994. p.170-176.
- ELANIC CLOZ, comprimidos. Responsável Técnico: Cintia Delphino de Andrade. São Paulo: LIBBS, 2009. Bula de remédio.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- _____. *O nascimento da medicina social*. In: *Microfísica do Poder*, 24. ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979. p. 79-98.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- JAMES, Clifford. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- MENEZES, Camara. Na Idade Média. *Carta Capital*. São Paulo, ano 16, n. 617, p. 20-25, 13 out. 2010.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. *Aborto e Saúde Pública no Brasil: 20 anos*. Brasília, 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- _____. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Norma Técnica: Atenção Humanizada ao Abortamento*. Brasília, 2005. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, caderno n. 4).
- MOTTA, Alia Brito da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM, 2000.
- PRADO, Daniela. *O que é aborto*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. *Revisão da Legislação Punitiva que trata da interrupção voluntária da gravidez*. Brasília, 2005.



FIGURA 4: Sala de Descanso? [1] Fonte: Autoria própria. Material de Campo (em 09 de novembro de 2009).

Aborto e *Biopoder*: uma experiência sociológica e etnográfica em uma maternidade de Natal/RN

AUTORIA: FABIANA DAMASCENO GALVÃO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. ALEXSANDRO GALENO A. DANTAS

RESUMO: Este estudo explana questões sobre o aborto a partir de dados extraídos do trabalho “Direito de morte e poder sobre a vida”: uma narrativa sobre o atendimento ao aborto na Maternidade Escola Januário Cicco Natal/ RN, apresentado para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela UFRN, sob a orientação do Prof. Dr. Alexsandro Galeno A. Dantas, em 2010. Esboça a proibição do aborto como um evento político exercido a partir das transformações de sistemas culturais de dominação, como a Igreja, o Direito e a Medicina, que atualmente reforçam a culpabilização das mulheres em relação a essa prática. Faz-se uma abordagem sobre o Aborto aliando literatura feminista, teoria antropológica, sociológica e direitos huma-

nos, explorando o exercício dos profissionais da área médica e o ambiente hospitalar destinado ao serviço de curetagem e aborto legal. Metodologicamente, foram utilizadas entrevistas estruturadas, pesquisa bibliográfica sobre o tema e observação participante. A pesquisa revela que no ano de 2010 foram realizados mensalmente em torno de 400 procedimentos relacionados ao aborto/pós-aborto nas maternidades de Natal, dos quais cerca de 250 ocorreram na Maternidade Escola Januário Cicco; 100, na maternidade do Hospital Santa Catarina; e 50, na Maternidade Leide Moraes.

Palavras-chave: Aborto – aspectos sociais. Biopolítica. Feminismo.

MINIBIOGRAFIA:

Fabiana Damasceno Galvão: Possui graduação em Ciências Sociais/ Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), está concluindo a licenciatura em Ciências Sociais, e dá aulas de Filosofia e de Sociologia para o ensino fundamental e médio. É militante feminista, aspirante ao autodidatismo, mas almeja titulações academicistas para ascensão profissional.

Aborto legal e seguro: direito da mulher, dever do Estado

Legal and safe abortion: women's right and duty of the State

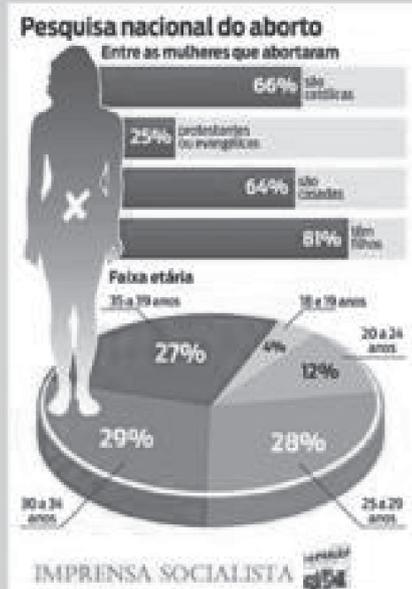


Clara Flores Seixas de Oliveira - claraforesoliveira@gmail.com - Grupo de Pesquisa CASLIDS/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ Graduada em Direito

Marília Flores Seixas de Oliveira - marilia.flores.seixas@gmail.com - Professora Orientadora - Grupo de Pesquisa CASLIDS/Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - DFCH/UESB

Resumo:

Apesar de considerado crime contra a vida (art.124 e 125 do Código Civil), o aborto voluntário é praticado anualmente por mais de 1 milhão de mulheres no Brasil. A clandestinidade decorrente da ilegalidade expõe as mulheres (sobretudo as mais pobres) a meios arriscados e até rudimentares, levando mais de 240 mil brasileiras à hospitalização, com hemorragias, infecções e outras decorrências (lesões internas, esterilidade, incontinência urinária, morte), tornando o aborto a 3ª causa de morte materna no Brasil. A legalização ou descriminalização do aborto é tema deste trabalho, que discute a luta pela legalização do aborto no Brasil e no mundo numa perspectiva que afirma o direito das mulheres ao exercício pleno e autônomo de sua vida sexual, compreendendo que direitos sexuais e reprodutivos devem incluir a autonomia para decidir sobre as questões relativas a sexualidade e reprodução, sem sujeições a intervenção, coação ou discriminação. Aborda, ainda, o confronto argumentativo e político entre diversos atores sociais, tomando como base autores e conceitos de referência, bem como os textos resultantes de conferências nacionais e internacionais e outros instrumentos de direito internacional, analisando também experiências diferenciadas de regulamentação desta prática em outros países.



Abstract:

Despite being considered a crime against human life, voluntary pregnancy abortion is practiced annually by over 1 million women in Brazil. The clandestinity that comes with it being illegal exposes women (the poor ones above all) to risky and rudimentary methods of abortion, causing over 240,000 Brazilian women to be hospitalized due to bleeding, infection and other causes (internal injuries, sterility, death), which makes abortion the 3rd predominant cause of maternal death in Brazil. Legalization or decriminalization of abortion are the theme of this paper, which discusses the fight for its legalization in Brazil and in the world in a perspective which affirms women's right to autonomous and total control over their sex lives, understanding that sexual and reproductive rights should include the autonomy to decide over matters related to sexuality and reproduction, with no exposure to intervention, coercion or discrimination. This paper also discusses the argumentative and political confrontation between several social actors, basing it on influent authors and concepts for reference, as well as texts resulting from national and international conferences, and other instruments of international law, analyzing different experiences in regulations of this practice in other countries.



Aborto legal e seguro: direito da mulher, dever do Estado

AUTORIA: CLARA FLORES SEIXAS DE OLIVEIRA

MARÍLIA FLORES SEIXAS DE OLIVEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. MARÍLIA FLORES SEIXAS DE OLIVEIRA

RESUMO: Apesar de considerado crime contra a vida (art. 124 e 125 do Código Civil), o aborto voluntário é praticado anualmente por mais de 1 milhão de mulheres no Brasil. A clandestinidade, decorrente da ilegalidade desta prática, expõe as mulheres (sobretudo as mais pobres) a meios arriscados e até rudimentares, levando mais de 240 mil brasileiras à hospitalização, com hemorragias, infecções e outras decorrências (lesões internas, esterilidade, incontinência urinária, morte), tornando o aborto a terceira causa de morte materna no Brasil. A legalização ou descriminalização do aborto é o tema deste trabalho, que discute a luta pela legalização do aborto no Brasil e no mundo em uma perspectiva que afirma o direito das mulheres ao

exercício pleno e autônomo de sua vida sexual, compreendendo que direitos sexuais e reprodutivos devem incluir a autonomia para decidir sobre as questões relativas à sexualidade e reprodução, sem sujeições à intervenção, coação ou discriminação. Aborda, ainda, o confronto argumentativo e político entre diversos “atores” sociais, tomando como base autores e conceitos de referência, bem como os textos resultantes de conferências nacionais e internacionais e outros instrumentos de direito internacional, analisando, também, experiências diferenciadas de regulamentação do aborto em outros países.

Palavras-chave: Aborto. Feminismo. Direitos sexuais e reprodutivos.

MINIBIOGRAFIA:

Clara Flores Seixas de Oliveira: Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Interesse nas áreas: criminologia crítica e feminista; sociologia urbana; direito à cidade e mobilidade urbana; direito e gênero; direito socioambiental.



Abrigo, adolescência e maternidade: concepções sobre o que é ser mãe e mulher



Maria Eduarda Nascimento dos Santos, Leandro Ribas de Almeida
(autores) e Maria Theresa da Costa Barros (orientadora)

Introdução

O índice de gravidez na adolescência, tema muito estudado por diversos autores, vem crescendo constantemente, o que pode ser considerado como uma problemática de grandes proporções em nossa sociedade, uma questão biopolítica e social. Mudanças no campo do social permitiu à maternidade tornar-se um projeto racional. Porém, em contrapartida, percebemos que entre as adolescentes de classe baixa, a gravidez emerge como um problema por está na contramão das expectativas sociais se comparadas às jovens contemporâneas que contam com o apoio e amparo familiar. Refletindo um pouco mais nesta questão é que decidimos escrever um trabalho que pudesse impulsionar novas formas de pensamentos para esse campo do social.

Desenvolvimento

A maioria das adolescentes que participou do grupo teve experiências traumáticas de violação de seus corpos. Vivências de abusos sexuais, estupro e prostituição são frequentemente relatadas, o que nos instiga a pensar se essas mulheres são realmente donas de seus corpos. Para a maioria delas, a possibilidade de ser mãe representa a oportunidade de reparar os erros passados, como uma chance de se redimir através de uma vida de dedicação à função materna. Notamos também que a maternidade ainda está relacionada à identidade feminina, predominando a ideia de que ao engravidar, a adolescente se torna mulher. Nesse sentido, a maternidade pode significar também a conquista de visibilidade social que antes não possuíam na condição de meninas. Percebemos também que para essas meninas, ser mãe vem acompanhado com a possibilidade de novos sentidos na sua vida. É idealizado, no filho, um ser capaz de preencher o espaço da falta afetiva e social.

Metodologia

Esse estudo é resultante do projeto de pesquisa e extensão “Quem não chora não mama: grupos operativos focados na relação mãe-bebê”, realizado numa instituição de acolhimento do Rio de Janeiro que abriga mães adolescentes. A pesquisa possui caráter descritivo e exploratório, baseada em uma abordagem qualitativa. Realizamos grupos operativos semanalmente, onde as temáticas eram definidas de acordo com as demandas surgidas pelas participantes. Os grupos eram compostos por mães adolescentes, na faixa etária de 13 a 17 anos, um moderador e dois observadores. Grande parte das adolescentes apresentaram histórias marcadas pela vulnerabilidade social e desamparo. Os dados foram obtidos através das dinâmicas e de entrevistas semiestruturadas, analisados de acordo com o contexto social, cultural e econômico em que essas jovens estão inseridas.

Conclusão

Percebemos que as diferentes concepções do que é ser “mulher e mãe adolescente” são atravessadas pela realidade em que as participantes estão inseridas. É importante discutir sobre as subjetivações consequentes dessas produções de vida, atentando para a necessidade de políticas públicas nessa área. Esperamos também proporcionar novas visões para o estudo teórico e prático dessa clínica social, construído um diálogo que nos possibilite formar mecanismos que ofereçam a elas a atribuição de novos sentidos às suas percepções de serem mulheres e mães adolescentes, incentivando o cuidado de si.

BARROS, M. T. C.; RIBAS, L. Oficina dos Pensamentos: quem cuida das juventudes brasileiras segregadas? In: Seminário Internacional de Direitos Humanos: Violência e Pobreza: a situação das crianças e adolescentes na América Latina hoje. 4. 2012. Rio de Janeiro: Anais. Rio de Janeiro: Rede Civis/UERJ, 2012.

GOITIJO, D. T.; MEDEIROS, M. Tava Morta e Bem-vindo: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.24, n.2, p. 469-471, 2008.

PEREIRA, L. H. G.; CARREIRA, J. L.; MARTINS, V. V.; FERIANDES, C. G. A Maternidade no Contexto de Abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas. *Rev. Esc. Enferm USP*, São Paulo, v.46, n.3, p. 514-521, 2012.

PEREIRA, L. H. G.; FERIANDES, R. S.; GUEDES, C. R.; SANTOS, U. P. P.; FERIANDES, C. S.; SOARES, E. Y. Concepções de Profissionais de Unidades de Acolhimento Sobre a Maternidade em Adolescentes Abrigadas. *Rev. Rene*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 44-51, 2012.

LUZIEL, A. P.; SAITANA, L. S. Maternidade, Adolescência e Abrigamento: compondo equações possíveis. *Dilemas*, Rio de Janeiro, v.7, n.3, 15-38, 2008.

Abrigo, Adolescência e Maternidade: concepções sobre o que é ser mãe e mulher

AUTORIA: MARIA EDUARDA NASCIMENTO DOS SANTOS
LEANDRO RIBAS DE ALMEIDA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIA THERESA DA COSTA BARROS

RESUMO: Diante da problemática dos altos índices de concentração de pobreza e violência associada às altas taxas de natalidade nas favelas do Rio de Janeiro, surgem novos desafios a respeito das concepções de gênero e do cuidado da mulher. Há nove meses, estivemos desenvolvendo uma metodologia de grupos operativos com mães-adolescentes abrigadas, de forma construtiva e flexível, a qual foi elaborada de acordo com a demanda. E por meio de falas, comportamentos, trabalhos de colagens, percebemos as diferentes concepções do que é ser “mulher e mãe adolescente”, visto que tais concepções são diretamente atravessadas pela

realidade socioeconômica em que estão inseridas. É possível perceber que momentos da vida que ficaram marcados de forma tão intensa nessas jovens foram expressos durante as atividades. Pensando assim, nosso propósito é discutir como tal realidade afeta a forma como essas adolescentes se veem e construir um diálogo que possibilite a elas a atribuição de novos sentidos à sua percepção de serem “mulher e mãe adolescente”, incentivando o cuidado de si.

Palavras-chave: Abrigo. Maternidade. Adolescência. Gênero.

MINIBIOGRAFIAS:

Maria Eduarda Nascimento dos Santos: Estudante de graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Leandro Ribas de Almeida: Estudante de graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos

Universidade Federal de Santa Catarina

16 a 20 de Setembro de 2013

Abuso sexual contra crianças e adolescentes em Manaus: discursos sobre gênero, família, moralidades e sexualidades

Orientanda: Isabelle Brambilla Honorato

Orientadora: Prof. Dra. Raquel Wiggers

Introdução

Este trabalho pretende colaborar nos debates atuais dos feminismos, a partir de análises dos discursos proferidos nas esferas públicas em que são atendidas crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual, buscando apontar como se configuram as falas das famílias afligidas pelo abuso sexual e das profissionais que atendem essas famílias. Enfatizando noções de gênero, família, moralidades e infância, que aparecem nessas falas

O local da pesquisa

O local da pesquisa é o Centro de Referência Especializado em Assistência Social de Manaus – Creas, onde são atendidas famílias da capital e do interior do Amazonas. Este lócus de pesquisa é privilegiado, uma vez que é atendida uma demanda muito grande de casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes. Além disso possui uma gama diversificada de profissionais de diferentes áreas do conhecimento (Direito, Assistência Social e Psicologia) possibilitando a percepção dos diferentes discursos.

Metodologia

A metodologia da pesquisa é fundamentalmente qualitativa. Foi feito, primeiramente, o levantamento e fichamento do material bibliográfico sobre o tema.

Na pesquisa de campo no Creas, procuramos fazer uma descrição das atividades e das falas das profissionais e familiares que são atendidos na instituição.

Procuramos, por fim, fazer a ponte entre o material teórico e o material obtido empiricamente. Centramos nas falas, pois acreditamos que delas podem ser abstraídos diferentes discursos em cena e, eles podem nos fornecer matrizes explicativas em que são acionados valores sobre família, gênero, conflito e moralidade.

Narrativas e interpretações

a. Os “de dentro” falam

Ele me enforcou, tirou a minha roupa... não conseguia sair a minha voz. Melissa, 12 anos, abusada sexualmente pelo pai, que também abusou de sua irmã mais nova, Emily, de nove anos.

Melissa diz *que sente vergonha com as brincadeiras das colegas, que zombam dizendo que ela não é mais virgem, e a tratam de forma “diferente”.*

•A “vergonha” é narrada como uma evidência, menos do drama do ato do abuso sexual em si, do que do drama de ser apontada na rua e ser alvo de “brincadeiras”. Outro termo bastante utilizado nos discursos. Ele nos indica que, as “brincadeiras” revelam-se como instrumento para Apaziguar tensões latentes na estrutura social.

•Tratar de forma “Diferente”. Relatos também revelam uma mudança no status. *Não é mais criança*, mas também não adulta ainda.

b. Os “de fora” falam

Mas, quando aconteceu ela não era mais virgem, né!

•As falas destes tipos são comuns e revelam, mais um vez a “permissividade” para abusar sexualmente de uma menina, que perdeu sua infância quando “fez sexo”, seja ele sentido como violência, ou não.

•Construtos discursivos como “infância Roubada”, “Virgindade Perdida”, “Vergonha para a família” revelam que regras sociais, estão em jogo nos casos de abuso sexual e que elas estão fortemente marcadas por noções de moralidades, infância, pelas relações de gênero e pela sexualidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2a edição. (Coleção Ciências passo-a-passo), 2009.

FONSECA, Cláudia. *Cavalo Amarrado Também Pasta*: honra e humor em um grupo popular brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – RBCS, No 15 ano 6, 1991.

LOWENKRON, Laura. *O Monstro Contemporâneo*: a construção social da pedofilia em múltiplos planos. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2012.

Abuso sexual contra crianças e adolescentes em Manaus: discursos sobre gênero, família, moralidades e sexualidades

AUTORIA: ISABELLE BRAMBILLA HONORATO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. RAQUEL WIGGERS

RESUMO: Este trabalho pretende colaborar nos debates atuais dos feminismos, a partir de análises dos discursos proferidos nas esferas públicas em que são atendidas crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual, buscando apontar como se configuram as falas tanto das famílias afligidas pelo abuso sexual, quanto de profissionais que atendem essas famílias. O local da pesquisa é o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) de Manaus, onde são atendidas famílias da capital e do interior do Amazonas. Este *lócus* de pesquisa é privilegiado, uma vez que é possível perceber que as falas sobre a violência sexual contra criança-menina e contra criança-menino estão ancoradas em discursos sociais marcados por noções de gênero,

família, moralidades, e sexualidades que se refletem nas condutas e medidas tomadas nas instâncias públicas de combate e auxílio às vítimas de abuso sexual. Pretendemos responder a questões do tipo: como são construídos “os ditos e os não ditos” sobre a violência sofrida, tendo como “pano de fundo” o gênero das crianças e dos adolescentes afetados com o abuso sexual? De que modo os construtos discursivos imprimem e/ou legitimam regras sociais que “aprimam” famílias inteiras no silêncio, na vergonha, e em tantas outras mazelas afligidas, principalmente, a nossas meninas?

Palavras-chave: Abuso sexual em Manaus. Discursos. Gênero.

MINIBIOGRAFIA:

Isabelle Brambilla Honorato: Cursa o sétimo período da graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua no Núcleo de Estudos em Gênero, Famílias, Conflitos e Sexualidades (Azulilás), coordenado pela Profa. Dra. Raquel Wiggers, com bolsa/PIBIC financiada pelo CNPq.



Abuso sexual para além do sexo: reflexões sobre o “Grupo de Autores” em Manaus

Natã Souza Lima (UFAM)

Orientadora: Dra. Raquel Wiggers (UFAM)

Há aproximadamente quatro anos, o Creas - Manaus acolhe as reuniões do “Grupo de Autores”, uma metodologia de atendimento psicossocial para acusados de Abuso Sexual.

Baseado em relações desiguais, entre homens, mulheres e crianças, o Abuso Sexual é sustentado por noções e “direitos” masculinos socialmente construídos e reforçados.

A pesquisa foi realizada através da participação sistemática às reuniões do “Grupo de Autores”, durante um ano e meio, analisando masculinidades a partir do diálogo com quatro homens que o frequentam.

São percebidas no “Grupo” duas noções de cuidado:

1. Cuidado como afeto. Esforço de reflexão e interioridade dos homens;
2. Cuidado como responsabilidade de impedir outras práticas de Abuso Sexual.

A proposta do “Grupo de Autores” confronta políticas assistenciais que sustentam que as crianças e mulheres devem se proteger/se cuidar para impedir outros atos de violência sexual. O grupo de Autores responsabiliza aqueles que praticaram o Abuso Sexual.

Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do Sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, pp 161-190, 1996.

_____. Senhores de si: uma interpretação antropológica das masculinidades. Lisboa: Fim de Século, 1995.

CONNELL, Robert W. Políticas Da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidades: Uma Revisão Teórica*. Florianópolis, Antropologia em primeira mão, UFSC, PPGAS, 1995.



FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

Abuso sexual para além do sexo: reflexões sobre o “Grupo de Autores” em Manaus

AUTORIA: NATÃ SOUZA LIMA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. RAQUEL WIGGERS

RESUMO: Há aproximadamente quatro anos, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de Manaus acolhe as reuniões do “Grupo de Autores”, uma assistência psicossocial para homens acusados de abuso sexual. O trabalho parte de uma pesquisa realizada mediante a participação sistemática às reuniões do “Grupo de Autores”, durante um ano e meio, analisando masculinidades a partir do diálogo com quatro homens que o frequentam. Também são percebidas no “Grupo” duas noções de “cuidado”: (1) como repressão do sexo com crianças ou adolescentes e (2) como afeto masculino nas relações familiares. O objetivo

deste trabalho é mostrar – por meio da análise das masculinidades, apoiada pela observação de noções de “cuidado”, tendo como referência as falas e as trajetórias dos interlocutores da pesquisa –, que as situações de abuso sexual não passam apenas pelo desejo sexual por meninos e/ou meninas, mas têm como base relações desiguais entre os gêneros, apoiadas em noções e “direitos” masculinos que foram construídos e reforçados socialmente.

Palavras-chave: Masculinidades. Abuso sexual. Grupo de Autores. Cuidado.

MINIBIOGRAFIA:

Natã Souza Lima: Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bolsista do Núcleo de Estudos em Gênero, Famílias, Conflitos e Sexualidades (Azulilás), e tem participado de pesquisas sobre masculinidades, relações de gênero e violência na Amazônia.

ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS E LEGITIMAÇÃO DA HOMOPARENTALIDADE PELO PODER JUDICIÁRIO



Orientadora: Paula Pinhal de Carlos (Graduação em Direito e Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle/RS)

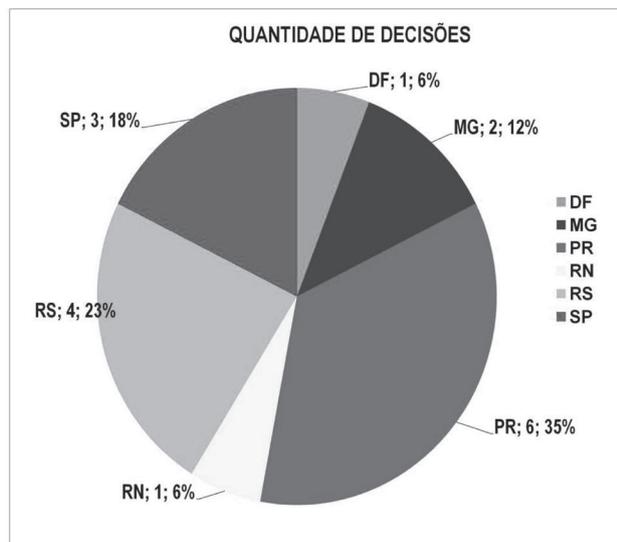
Jacson Gross (bolsista de iniciação Científica do Unilasalle/RS)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma análise da forma como é operada a legitimação da homoparentalidade pelo Poder Judiciário brasileiro, através de decisões proferidas em segunda instância que tratam de demandas relativas à adoção por indivíduos ou casais homossexuais.

METODOLOGIA

A apreciação é estruturada a partir dos acórdãos, que são as decisões judiciais geradas pelos Tribunais de Justiça estaduais, realizando-se uma análise quantitativa e qualitativa dos dados encontrados. Busca-se, então, a estratificação desses dados, a fim de identificar o volume de demandas propostas que alcançam o segundo grau de jurisdição, quem é a figura no pólo ativo da ação (o casal formado por pessoas do mesmo sexo ou o indivíduo que se declara homossexual) e os resultados dessas proposições, deferindo-se ou não o pedido de adoção. A análise engloba todos os Tribunais de Justiça do país e as decisões dos últimos cinco anos.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

PRINCIPAIS BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA, Patrícia Silva de. *As relações homoafetivas e a possibilidade jurídica da adoção no direito brasileiro*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011.

CARDOSO, Simone Tassinari; KLEIN, Felipe Partro. *Do contrato parental à socioafetividade; Família, entidade familiar e união de indivíduos do mesmo sexo*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

FARIAS, Mariana de Oliveira; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Adoção por Homossexuais – A família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*. Curitiba: Juruá, 2012.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos de Barros. *Adoção para homossexuais*. Curitiba: Juruá, 2010.

GIRARDI, Viviane. *Famílias contemporâneas, Filiação e Afeto – A possibilidade Jurídica da Adoção por Homossexuais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

GOBBO, Edenilza. In *A adoção por casais homossexuais*. Revista Consulex, n. 47, São Paulo: 2000.

NAHAS, Luciana Faisca. *União Homossexual – Proteção Constitucional*. Curitiba: Juruá, 2010.

RIOS, Roger Raupp. *O princípio da Igualdade e a Discriminação por Orientação Sexual*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

SILVA JUNIOR, Enézio de Deus. *A possibilidade Jurídica de Adoção por Casais Homossexuais*. Curitiba: Juruá, 2008.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade. Da possibilidade Jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por homoafetivos*. São Paulo: MÉTODO, 2008.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Iniciando a análise, vê-se, de pronto, que as demandas que atingem os tribunais são incipientes. Dos 27 Tribunais de Justiça existentes (26 Estados e DF), somente seis proferiram decisões sobre o tema nos últimos cinco anos, totalizando 17 decisões. A maioria desses acórdãos localiza-se nas regiões Sul (10) e Sudeste (cinco). Nordeste e Centro-oeste apresentam somente uma decisão cada, enquanto que a região Norte não apresenta nenhuma decisão sobre o tema.



Adoção por homossexuais e a legitimação da homoparentalidade pelo poder judiciário

AUTORIA: JACSON GROSS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PAULA PINHAL DE CARLOS

RESUMO: O presente trabalho faz uma análise da forma como é feita a legitimação da homoparentalidade pelo Poder Judiciário brasileiro, mediante a apreciação das decisões proferidas em segunda instância que tratam de demandas relativas à adoção por indivíduos ou casais homossexuais. Essa apreciação é estruturada a partir dos acórdãos dos Tribunais de Justiça estaduais, fazendo-se uma análise quantitativa e qualitativa dos dados encontrados. Busca-se, então, a estratificação desses dados, a fim de identificar

o volume de demandas propostas, quem é a figura no polo ativo da ação (o casal formado por pessoas do mesmo sexo ou o indivíduo homossexual) e os resultados dessas proposituras, deferidos ou não os pedidos de adoção que foram solicitados nos diferentes estados da Federação nos últimos cinco anos.

Palavras-chave: Adoção. Família. Homoparentalidade. Poder Judiciário.

MINIBIOGRAFIAS:

Jacson Gross: Graduado em Direito e Mestrando em Direito e Sociedade no Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)/Canoas.

Paula Pinhal de Carlos: Mestre em Direito pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora permanente do Mestrado em Direito e Sociedade do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE).

Alison Bechdel e *Fun Home*: a transgressão do(s) gênero(s)

Ana Luiza Bazzo da Rosa (G – UFSC)
albazzo@gmail.com
Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
(Professora Orientadora – UFSC)

*Eu era a espartana do meu pai ateniense,
A moderna do vitoriano.
A masculina do afetado.
A funcional do esteta.*
Alison Bechdel

O ENCONTRO

Essa pesquisa é um *work in progress*. Não somente o produto final de uma disciplina do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, mas a semente de pesquisas futuras.

Meu interesse pelas questões de gênero e sexualidade antecede o ingresso na Universidade. Ler *Fun Home* foi, portanto, um encontro.

Com uma explícita transgressão (auto)biográfica de Alison Bechdel, *Fun Home* dá voz a personagens para reflexões contemporâneas sobre família, sexo e sexualidades, identidades de gênero e homossexualidades. Ao longo das 239 páginas de texto e ilustração, são problematizadas pela linguagem a diferença entre sexo, gênero e orientação sexual e as oposições essencialistas homem/mulher, feminino/masculino.



(BECHDEL, 2007, p. 111)

A DEFESA

Fun Home é composto por um texto sagaz e sensível, recheado de inteligentes referências literárias e significativas ilustrações. A profundidade da obra de Alison Bechdel possibilita inúmeras leituras diferentes e escolha de diversos objetos de análise. Entretanto, escreveu-se pouquíssimo sobre a obra, sobretudo no Brasil. Talvez a explicação para tal fato seja o persistente preconceito da crítica e da academia àquilo que foge ao cânone e, nesse sentido, *Fun Home* tem tudo para ser encarado com maus olhos por aqueles mais ortodoxos e tradicionais. Logo à primeira vista, pela forma, pois se trata de um quadrinho, gênero ainda pouco apreciado por aqueles que se dedicam aos estudos da literatura no Brasil. Em seguida, a assinatura: Alison Bechdel. Ironicamente, Alison é um nome ambíguo, atribuído geralmente a ambos os sexos. Contudo, trata-se de uma mulher. Escritora, desenhista de quadrinhos e lésbica militante. Como se não bastasse, *Fun Home* é transgressor em sua essência: fala sobre sexo e sexualidades, identidades de gênero, homossexualidades, desejos reprimidos e sujeitos oprimidos. Penso que um dos diferenciais da obra (auto)biográfica de Bechdel está na intertextualidade e nas referências literárias; uma metalinguagem do início ao fim. De maneira perspicaz, Bechdel costura a narrativa utilizando-se de diferentes fios provenientes de obras que marcaram a relação com o pai. É certo que as referências literárias do livro enriquecem o texto, mas a qualidade de *Fun Home* não se deve apenas a isso. É necessário, portanto, uma defesa à obra de Bechdel.



(BECHDEL, 2007, p. 215)



(BECHDEL, 2007, p. 195)



(BECHDEL, 2007, p. 104)

A DESCONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS

A relação de Alison e seu pai Bruce é marcada por conflitos, provavelmente consequência de uma insatisfação pessoal presente em ambos, uma vez que são obrigados a assumir uma identidade com a qual não se identificam. As ilustrações de Alison transmitem esse descontentamento: os personagens têm sempre a mesma expressão, sisuda e descarregada de emoção. Por vezes, em *Fun Home*, a interação entre pai e filha ocorre através de seus reflexos no espelho, como se fossem “dúpos” um do outro.



(BECHDEL, 2007, p. 227)

Alison supre os traços ditos masculinos que uma sociedade patriarcal, heteronormativa e sexista espera de seu pai ao passo que Bruce procura na filha sua feminilidade reprimida. Ambos não conseguem expressar-se como gostariam – tampouco vivenciam sua (homo)sexualidade –, portanto a relação dos dois é controversa: por um lado, a inadequação os aproxima; por outra, os repele.

A LITERATURA TEM SEXO?

Muito já se discutiu acerca da questão, sobretudo após os estudos feministas das últimas décadas, e muito se diverge em relação a uma possível resposta. Gostaria de pensar, contudo, não em sexo da escrita, mas em gênero. A nomenclatura parece necessária para distinguir literatura de mulheres e dicção feminina. O feminino, como gênero social e culturalmente construído, não deve ser confundido com nascer/sentir-se mulher. Da mesma forma, o feminino, como característica textual, não deve ser atribuído à literatura de mulheres, ou seja, feita por mulheres. A meu ver, dicção feminina significa ruptura, desordem; uma escrita transgressora, que põe em xeque a superioridade masculina e heterocêntrica e que pretende romper com certos padrões, quebrar paradigmas e desconstruir estereótipos.

Referências:

BECHDEL, Alison. *Fun Home*, uma tragicomédia em família. São Paulo: Conrad, 2007.
JALMASO, Renata Lucena. Estranhamente familiar: fronteiras de gênero e sexualidade em *Fun Home* de Alison Bechdel. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/g/resources/analise/127839374_ARQUIVO_RDalmasoFGoTrabalhoCompleto-v4.pdf. Acesso em 2015.
QUARTE, Rafael Soares. Lesbianismo nos quadrinhos: uma leitura de *Fun Home* de Alison Bechdel. Disponível em: <http://www.ciberarte.com.br/lesbianismo-nos-quadrinhos-uma-leitura-de-fun-home-de-alison-bechdel>. Acesso em 2015.

Alison Bechdel e *Fun Home*: a transgressão do(s) gênero(s)

AUTORIA: ANA LUIZA BAZZO DA ROSA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

RESUMO: Minha proposta está centrada na pesquisa que faço sobre leitura e sobre a marginalização de certas formas narrativas nos estudos acadêmicos, especialmente HQs e textos que problematizam questões de gênero e de identidades sexuais. Minha leitura está centrada em *Fun Home*, devido ao seu texto sensível, repleto de referências literárias, e suas significativas ilustrações. A obra de Alison Bechdel possibilita leituras diversificadas, o que não impede uma restrita fortuna crítica no Brasil, sobretudo em pesquisas acadêmicas, visto que as HQs vêm paulatinamente conquistando espaço nestas pesquisas. Centro minha análise inicialmente na assinatura: Alison Bechdel. Sintomaticamente, Alison é um nome ambíguo, atribuído na língua inglesa geralmente a ambos os sexos;

contudo, a leitura e a pesquisa revelam tratar-se de uma escritora, ilustradora e lésbica militante. Com uma explícita transgressão (auto) biográfica, *Fun Home* dá voz a personagens para reflexões contemporâneas sobre família, sexo e sexualidades, identidades de gênero, homossexualidade, desejos reprimidos e sujeitos oprimidos. Procurarei mostrar como em *Fun Home* essas questões são problematizadas pela linguagem, pela diferença entre sexo (biológico), gênero (social) e orientação sexual e também pelas oposições essencialistas homem/mulher, feminino/masculino.

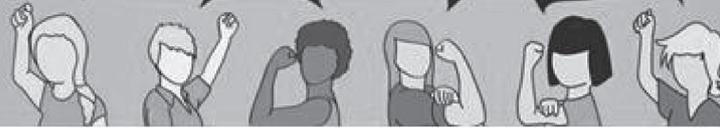
Palavras-chave: *Fun Home*. Identidades de gênero. Sexualidade.

MINIBIOGRAFIA:

Ana Luiza Bazzo da Rosa: Formada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante a graduação, foi bolsista IC do projeto “Literatura como Disciplina” (nuLIME – Núcleo Literatura e Memória). Atualmente, é aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Artes Marciais e Mulheres, um Encontro Possível

Autora: Vanessa de Oliveira Freitas

Prof.º Orientador: Sérgio About

Como praticante e competidora da luta denominada Kickboxing e, agora, formada em Educação física, interessei-me pelo tema após as discussões decorrentes na disciplina obrigatória, do meu curso, Gênero e Sexualidade na Escola, e também pelo fato de sofrer com as opressões por parte de familiares, amigos, namorado e outros. Percebendo a importância deste tema para que os paradigmas construídos socialmente possam ser resignificados, a partir de Bourdieu, Louro e Goellner, neste trabalho, resultado da minha pesquisa, apresento que muitas das posturas observadas nas relações de gêneros são moldadas e perpassadas através das instituições. Como professora e praticante de arte marcial, vejo a escola como um ponto de partida para novas construções, interagindo na disseminação destas práticas.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Tânia Maria Cadeiro de. **Brinquedos e gênero na Educação Infantil: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro.** (Tese de Doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 159p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In* LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 07-34 pp.

Artes Marciais e Mulheres, um Encontro Possível

AUTORIA: VANESSA DE OLIVEIRA FREITAS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. SÉRGIO ABOUD

RESUMO: Como praticante, competidora da luta denominada Kickboxing e estudante do sétimo período em Educação física, interessei-me pelo tema após as discussões decorrentes na disciplina “Gênero e Sexualidade na Escola”, obrigatória em meu curso, e também pelo fato de sofrer com opressões praticadas por familiares, amigos, namorado etc. Percebendo a importância deste tema para que os paradigmas construídos socialmente possam ser ressignificados, a partir de Bourdieu, Louro e Goellner, apresento

o resultado da minha pesquisa neste trabalho, considerando que muitas das posturas observadas nas relações de gêneros são moldadas e passadas por meio das instituições. Como futura professora e praticante de arte marcial, vejo a escola como um ponto de partida para novas construções, pois interage na disseminação dessas práticas.

Palavras-chave: Feminismo. Lutas. Práticas desportivas.

MINIBIOGRAFIA:

Vanessa de Oliveira Freitas: Professora de Educação Física formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), fui bolsista de extensão e PIBID com financiamento da CAPES. Ao longo da minha licenciatura, desenvolvi pesquisa sobre o papel das mulheres em modalidades de Lutas.

As condições de gênero na bibliografia dos cursos superiores de moda no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina

A pesquisa realizada junto ao Departamento de Moda da UDESC, intitulada *Ensino de História da Moda em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: análise quantitativa e crítica do material bibliográfico utilizado, dos objetivos propostos e dos recursos audiovisuais explorados*, tem como objetivo discutir o papel do ensino de história no curso de Design de Moda e sua importância na formação do profissional neste campo do conhecimento. Através da coleta dos planos de ensino das disciplinas vinculadas à história da moda, foi possível construir uma análise do item "bibliografia" desses planos. A realização de uma análise historiográfica dos livros de história da moda, propiciou uma discussão sobre como a questão de gênero se apresenta nessas obras.

As tabelas abaixo apresentam os autores e suas respectivas obras mais recorrentes nas bibliografias dos planos de ensino analisados. Percebe-se que mais da metade dos autores aparecem em ambos os quadros, como, por exemplo, James Laver, Carl Köhler, João Braga e François Baudot.

Estado de Santa Catarina

Título	Autor	Repetição	Classificação
Império do offshoot	Gilles Epovosty	17	1ª
A roupa e a moda	James Laver	16	2ª
História do vestuário	Carl Köhler	13	3ª
História da moda: uma narrativa	João Braga	11	4ª
História da arte	E. H. Gombrich	11	3ª
Moda do século	François Baudot	8	6ª
Arte consagrada	Carol Strickland	8	7ª
Uma introdução à história do design	Rafael Cardoso	8	8ª
História da vida privada	Philippe Ariès	6	9ª
O design brasileiro antes do design	Rafael Cardoso	5	10ª

Estado do Rio Grande do Sul

Título	Autor	Repetição	Classificação
A roupa e a moda	James Laver	7	1ª
História do vestuário	Carl Köhler	5	2ª
História da moda: uma narrativa	João Braga	4	3ª
História da arte	E. H. Gombrich	4	4ª
Moda do século	François Baudot	4	3ª
História do vestuário no ocidente	François Baudot	4	4ª
Estilos, escolas e movimentos	Amy Denigay	4	7ª
História da moda do século XX	Genival Lehnert	4	8ª
Império do offshoot	Gilles Epovosty	3	9ª
A moda do século XX	Valéri Mondou e Amy de La Haje	3	10ª



James Laver *A Roupa e a Moda*

O historiador inglês James Laver (1895-1973) não discute as questões de gênero nesta obra, uma vez que se baseia na descrição dos processos que levaram ao desenvolvimento e transformação do vestuário, apenas mencionando as diferenças ou proximidades do vestuário masculino e feminino. "As mulheres, em geral, vestiam-se de maneira menos extravagante que os homens o que se referia à forma das roupas." (LAVER, 1990, p.64).



João Braga *História da moda: uma narrativa*

João Braga (1961), trata de maneira bastante didática e breve a trajetória do vestuário, apenas mencionando as características do vestuário de homens e mulheres. "Se a indumentária para os dois sexos em quase nada se diferenciava na Alta Idade Média, no período da Baixa Idade Média, ela começou a ganhar uma distinção: as roupas masculinas sutilmente começaram a se encurtar e, com o tempo, próximo ao fim da Idade Média, isso de fato aconteceu; ao passo que as femininas se mantiveram longas, atingindo o chão." (BRAGA, p. 39).



Carl Köhler *História do vestuário*

Carl Köhler (1825-1876) discorre, em sua obra, sobre o desenvolvimento do vestuário somente expondo as diferenças e semelhanças entre os trajes masculinos e femininos, não problematizando as questões de gênero presente nas transformações que envolvem o vestuário de cada período. "A exemplo dos homens, as mulheres também usam sapatos internos, ou Tippen, ainda que os seus fossem muito mais graciosos que os masculinos" (KÖHLER, p.333).



François Baudot *Moda do século*

François Baudot (1950-2010), ao fim de cada "bloco" de tempo, traz um capítulo especialmente dedicado à moda masculina. "A elegância do homem está longe de seguir uma transformação estrutural tão rápida como a que se deu com a moda feminina" (p.56). Descreve as transformações ocorridas, em maior parte, na moda feminina, traçando um paralelo com as mudanças no vestuário masculino, porém, o autor, não problematiza as questões de gênero, de fato, não relaciona os sexos, apenas os contempla, ficando sua análise restrita a uma descrição das características do vestuário de cada sexo.

Bibliografia:

- BLAUCC, François. *Moda do século*. São Paulo: Oscar & Nelly, 2008. (Coleção Universo da Moda).
BRAGA NETO, João Braga. *História da moda: uma narrativa*. São Paulo: Alameda, 2007. 4 v. (Coleção Moda & Comunicação).
KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
LAVER, James. *A roupa e a moda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Ariella Cappellari Nunes
Bruna Ströich
Gabriela Martins

Orientadoras: Profª Drª Mara Rúbia Sant'Anna

As condições de gênero na bibliografia dos cursos superiores de Moda no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina

AUTORIA: ARIELLA CAPELLARI NUNES

BRUNA STROISCH

GABRIELA MARTINI

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARA RUBIA SANT'ANNA

RESUMO: Este pôster consistirá na apresentação dos resultados de uma pesquisa em andamento, sobre os planos de ensino das disciplinas de História oferecidas nos cursos de Design de Moda, de instituições públicas e privadas dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A pesquisa analisa, entre outros aspectos, as bibliografias indicadas nos diferentes planos de ensino coletados, nos dois estados. Esse *corpus* documental propiciou a discussão, entre outras abordagens, da questão do gênero. Os distintos livros de história da moda, recorrentes nas

bibliografias, foram analisados historiograficamente. Conforme os resultados do estudo desenvolvido, constatou-se escassa relativização das condições de gênero na produção e no consumo do produto de moda. A partir de uma abordagem quantitativa e analítica, a comunicação dos resultados parciais da pesquisa proporciona um interessante debate sobre as imposições historiográficas que relacionam o feminino e a moda.

Palavras-chave: Moda. Planos de ensino. História. Bibliografia.

MINIBIOGRAFIAS:

Bruna Stroisch: Graduanda do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Ariella Capellari Nunes e Gabriela Martini: Graduandas do curso de Design de Moda (UDESC). As autoras são bolsistas de IC do Projeto “Ensino de História da Moda em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: análise quantitativa e crítica do material bibliográfico utilizado, dos objetivos propostos e dos recursos audiovisuais explorados”.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



As famílias que não cabem nos formulários: as travestis e suas (re)configurações familiares

Ricardo Soares Sucena (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Sandala Cristina Fernandes Silveira (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bonsucesso Teixeira (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

As Portarias do Ministério da Saúde que regulamentaram o denominado Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde, em 2008, contribuíram para que as discussões sobre o acesso e a qualidade da cirurgia de transgenitalização ganhassem o cenário nacional e se tornassem temas únicos quando se referem à assistência transexual. Sem desmerecer a relevância desta temática, queremos apresentar outros elementos que compõem a cena. A partir da nossa atuação no Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais na Universidade Federal de Uberlândia, discutimos desafios identificados em instrumentos comumente utilizados para o cadastro, anamnese e outros impressos que materializam as normas de gênero e (re)afirmam a lógica heterossexista que organiza a sociedade e, por consequência, os serviços de saúde.

As relações afetivas das travestis e transexuais e suas combinações trouxeram para o espaço da consulta a possibilidade de compartilhar o estranhamento provocado quando a linguagem é insuficiente para determinar/posicionar as travestis, as transexuais e seus(suas) companheiros(as) a partir de uma aparente simples questão: sua relação afetiva atual é heterossexual ou homossexual?

Partimos das demandas apresentadas por uma transexual e uma travesti que, em momentos distintos, trouxeram para o espaço da clínica o debate em torno da conjugalidade e da importância de se pensar a clínica como um lugar capaz de contribuir para a produção de sentidos e discursos que legitimem outras formas de existência.

A primeira solicitava que pudéssemos ouvir seu companheiro no ambulatório, segundo ela, ele estava confuso na relação, não se percebia como homossexual, mas não conseguia entender o desejo e o afeto por uma mulher que nomeava como “diferente”. Não aceitava a nomeação da relação como homossexual, mas também dizia que não a reconhecia nos parâmetros da relação heterossexual, o que seria isso então? Um riso constrangido, uma gargalhada e mesmo um sonoro não sei, foram respostas suficientes para dizer que tínhamos muito a caminhar.

Percebemos que os companheiros das travestis e das mulheres transexuais começam a circular no ambulatório, por vezes participando de alguma atividade, outras nas rodas de conversas que se formam na sala de espera, mas sempre interessados na movimentação que realizamos na sala. Preocupados em ser vistos, ouvidos e convidados a “entrar”.

A segunda trazia outra questão, não menos importante: pode um marido de travesti se tornar também travesti? E sendo assim, como é que fica? Acompanhar no ambulatório as transformações corporais, as mudanças das roupas e acessórios, a escolha do nome e (re)construção da relação afetiva, incluindo os conflitos decorrentes dos ciúmes, da nova condição, do enfrentamento do deboche no próprio grupo. Acompanhar e acolher as angústias desta nova situação e construir juntos estratégias e instrumentos capazes de oferecer a segurança de um atendimento em saúde, sem a pretensão de uma clínica da verdade.



Foto: Gilson Goulart

CARRIJO, Gilson Goulart. **(Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).
FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos Desobedientes.** Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.
PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p
TEIXEIRA, Flavia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F.. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). **Discursos Fora da Ordem** deslocamentos, invenções e direitos.. 01.ed.São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

As famílias que não cabem nos formulários: as travestis e suas (re)configurações familiares

AUTORIA: SÂNDALA CRISTINA FERNANDES SILVEIRA

RICARDO SOARES SUCENA

FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: As Portarias do Ministério da Saúde que regulamentaram o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), em 2008, contribuíram para que as discussões sobre o acesso e a qualidade da cirurgia de transgenitalização ganhassem o cenário nacional e se tornassem temas únicos quando se referem à assistência transexual. Sem desmerecer a relevância desta temática, queremos apresentar outros elementos que compõem a cena. A partir da nossa atuação no “Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais” da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), queremos discutir desafios identificados em instrumentos comumente utilizados para o cadastro e anamnese, e em outros impressos que materializam as normas de gênero e (re)afirmam a lógica heterossexista que

organiza a sociedade e, por consequência, os serviços de saúde. As relações afetivas das travestis e transexuais e suas combinações trouxeram para o espaço da consulta a possibilidade de compartilhar o estranhamento provocado quando a linguagem é insuficiente para determinar/posicionar as travestis e seus(suas) companheiros(as) a partir de uma aparente simples questão: sua relação afetiva atual é heterossexual ou homossexual? Um riso constrangido, uma gargalhada ou mesmo um sonoro “não sei!”, foram respostas suficientes para afirmarmos que temos muito a caminhar.

Palavras-chave: Travesti. Prostituição. Conjugalidade. Transexualidade.

MINIBIOGRAFIAS:

Sândala Cristina Fernandes Silveira e Ricardo Soares Sucena: Estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsistas do Programa “Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania”, financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do Bonsucesso Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.



As Minas dos Muros: trajetória feminina no grafite em Fortaleza.

Ananda Andrade do Nascimento Santos

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, ainda em sua fase inicial, pretende explorar as narrativas e representações possíveis sobre a cidade a partir das intervenções urbanas feitas por grafiteiras na cidade de Fortaleza. Desta maneira, pretende-se uma imersão na trajetória de três grafiteiras que atuam na cidade, aplicando um esforço etnográfico no sentido de perceber rastros das construções subjetivas e as narrativas visuais da cidade a partir da história de vida dessas mulheres.

Como se dá a construção de símbolos e sentidos compartilhados por essas mulheres coletivamente? Como esses símbolos e sentidos penetram na construção individual? Como as grafiteiras, como agentes de suas próprias trajetórias, interpretam esse processo? Como grafar uma subjetividade? É possível identificar uma poética feminina no pedaço do grafite em Fortaleza? Essas são algumas das inquietações que nortearam as reflexões sobre a problemática estudada.

Essa pesquisa justifica-se na importância do grafite para o estudo da cidade contemporânea, que representa um mostruário mutável de mensagens, repleto de diferentes códigos e suportes comunicacionais que concorrem para a polifonia típica das grandes urbes densamente povoadas e cosmopolitas. (Canevacci, 1997) Objetiva-se trazer para discussão o processo de invisibilização da trajetória feminina no grafite. A grande maioria dos estudos científicos disponíveis não aborda a questão a partir da subjetividade feminina, que invade a cidade e se manifesta nos muros.

METODOLOGIA

Serão utilizadas várias grafias, uma vez que, ao lado da oralidade e da escrita, as imagens têm uma vida própria e singular, mas complementar, necessária por um antropólogo para pensar o ser humano e as culturas nas quais vive. Desta maneira, objetiva-se a articulação dessas diferentes fontes e formas de pesquisa sem hierarquizá-las. Pretende-se a construção de arranjos fotobiográficos da memória das grafiteiras como resultado de tradução da experiência de pesquisa, associando-se biografia, fotografia e narrativas como elementos sensíveis de produção etnográfica a partir de encontros com as interlocutoras e participação em eventos relacionados ao grafite na cidade.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ainda em processo de construção da pesquisa, a partir do estudo inicial da trajetória das três grafiteiras, foi possível refletir sobre:

- As formas de discursos e narrativas utilizadas para representar a cidade. Os muros, no decorrer das décadas, foi revelando a cidade de Fortaleza como uma cidade moderna, turística, comercial.
- Os usos e contra-usos do espaço público, enfatizando, neste sentido, as práticas sociais dos frequentadores da praça. A praça como locus de sociabilidade, como palco para movimentos políticos e culturais, como habitação para os moradores de ruas.



- A valorização da narrativa que define a "cidade moderna" como imagem símbolo e, portanto, é reproduzida como discurso oficial nos cartões-postais. Omitindo as outras "vozes e sons" da cidade, tais como, as cenas cotidianas dos frequentadores da praça .

- As "paisagens-poder", que resume em intervenções políticas no espaço urbano realizadas pelos Prefeitos da Cidade, com a finalidade de deixar "marcas" de cada gestão.

- A importância da fotografia não somente como uma ilustração, mas, principalmente, como ferramenta capaz de rememorar as culturas de um grupo social e apresentar os diversos processos sociais e históricos da Praça do Ferreira.

- A cidade se revela como um conjunto de espelhos capaz de refletir múltiplos olhares e narrativas. Estudar a cidade é compreender este espaço como campo de linguagens, representações e conflitos de forças e discursos.

- O cartão-postal desponta, dentro deste contexto, como um elemento simbólico de representação de uma cidade idealizada, ao mesmo tempo em que se evidencia como uma espécie de "guardião" da memória urbana. Entretanto, é importante perceber que as experiências sociais que compõem os espaços vividos também se consolidam como "vozes" e "sons" que narram a cidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, ROSEANE. *Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: EDUC, 2002.

BARREIRA, IRLYS. A cidade que se conta: Narrativas e rituais de apresentação em Lyon. In: MIRANDA, J.; PORDEUS, I.; LAPLATINE, F. (org.) *Imaginários Sociais em Movimento: a oralidade e escrita em contexto multiculturais*. Lyon, França: Fortaleza, Brasil: Campinas, Brasil: Pontes Editores, 2006. p. 107-126.

_____. *Narrativas do olhar: Fortaleza em cartões postais*. In: LEITE, ROGÉRIO P. (Org.) *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

KOSSOY, BORIS. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Ed., 1999

LEITE, ROGÉRIO P. *Imagens making. Notas sobre a estética visual nas cidades contemporâneas*. _____, *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

ZUKIN, SHARON. *Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder*. In ARANTES, ANTÔNIO A. (org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

IMAGENS

Polly Graffiti.

As Minas dos Muros: trajetória feminina no grafite em Fortaleza

AUTORIA: ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CRISTINA MARIA DA SILVA

RESUMO: Caminhar pelas ruas de Fortaleza e encarar seus muros, seus telefones públicos, suas placas e outros elementos da cenografia cidadina é como adentrar em um museu a céu aberto. Os rastros de intervenções urbanas vêm de encontro aos nossos sentidos. São despertadas sensações através dos grafites. Assim, é essencial acrescentar que a inserção da mulher nesse pedaço é algo ainda não explorado pelas pesquisas desenvolvidas em Ciências Sociais no Ceará. Dessa maneira, essa pesquisa, ainda bastante inicial, consiste em uma imersão na trajetória de três grafiteiras que atuam na cidade de

Fortaleza, aplicando um esforço etnográfico no sentido de apreender as construções subjetivas e as narrativas visuais da cidade a partir da história de vida dessas mulheres. Trata-se de pensar a cidade à luz dos percursos e das experiências dessas grafiteiras, que se inserem como duplamente transgressoras: transgridem um espaço que não foi, originalmente, projetado como lugar para se praticar grafite e transgridem um pedaço predominantemente masculino.

Palavras-chave: Cidade. Grafite. Mulheres. Intervenção urbana.

MINIBIOGRAFIA:

Ananda Andrade do Nascimento Santos: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



Autoconceito masculino e padrão de autocuidado em saúde

Amanda Trajano Batista
Juliana Rodrigues de Albuquerque
Ana Alayde Werba Saldanha
Universidade Federal da Paraíba

Introdução:

Diversos estudos vêm discutindo a questão da saúde do homem, buscando compreender as diferentes motivações para os altos perfis de morbimortalidade masculina. Dessa forma o conceito que os indivíduos elaboram deles próprios atua nessa interpretação e auxilia no porque certas emoções surgem em determinados contextos ou porque se inibe ou desenvolve determinado comportamento, permitindo compreender a continuidade e a coerência do comportamento do homem ao longo do tempo.

Objetivo:

O objetivo desse estudo foi identificar o auto conceito dos homens paraibanos, buscando associá-lo ao padrão de auto cuidado em saúde.

Método:

A amostra foi composta de homens na faixa etária de 24 a 59 anos, residentes em João Pessoa-PB. Utilizou-se um questionário sócio-demográfico, e o Bem Sex-Role Inventory (BSRI), que avalia o gênero. Os dados sócio-demográficos foram avaliados por estatística descritiva (Média, Mediana, Desvio Padrão) e o BSRI foi analisado tendo por base a categorização de sujeitos em papéis sexuais (andróginos, tipificados e indiferenciados).

Resultados:

Grande parte da amostra (N=115) ajustou-se a categoria andrógina, 104 participantes na categoria indiferenciado, 61 participantes obtiveram altos índices na escala feminina e 54 participantes na masculina, sendo incluídos no gênero tipificado. A androginia ao refletir tanto quantidades de masculinidade, quanto de feminilidades, é a que melhor caracteriza a natureza do papel sexual do indivíduo, adequando seus vários comportamentos à situação. A hipótese inicial de que por se tratar do Nordeste, onde há crenças acerca dos elementos que compoariam os atributos da masculinidade nessa região as características de ser forte, destemido, autoritário, valente, ignorando necessidades afetivas, tratadas como próprias do ser do nordestino, vem sendo questionada.

Conclusão:

Tais dados contribuem para um maior entendimento de como o auto conceito influencia no auto cuidado em saúde, pois a concepção acerca do modelo hegemônico de masculinidade, no qual, certos atributos característicos desses agentes sociais favorecia uma percepção de invulnerabilidade do corpo masculino, resultando em comportamentos que predispõem a doenças e mortes, vem sendo desconstruído e um novo homem vem sendo gestado.

Referências:

- ALBUQUERQUE, C.M.S., OLIVEIRA, C.P.F. Características psicológicas associadas à saúde: A importância do auto conceito. *Millennium* 26, 2002.
- BEM, S. L. The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42 (2), 155-162, 1974.
- BEM, S. L. On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 45 (2), 196-205, 1977.
- BRITO, A.M.M., CAMARGO, B.V. Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres. *Temas em Psicologia*, Vol. 19, no 1, 283 – 303, 2011.
- COURTENAY, W. H. Construction of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social Science e Medicine*, 50: 1385-1401, 2000.

Contato: amandatrajano92@hotmail.com

Autoconceito Masculino e Autocuidado em Saúde

AUTORIA: AMANDA TRAJANO BATISTA

JULIANA RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. ANA ALAYDE WERBA SALDANHA

RESUMO: Estudos vêm discutindo a questão da saúde do homem, buscando compreender as diferentes motivações para os altos perfis de morbimortalidade masculina. Tendo por base a perspectiva de gênero para a reflexão das condições de saúde masculina, elevadas taxas são associadas ao processo de socialização dos homens. E poder, força e sucesso, atributos considerados característicos destes agentes sociais, resultariam em comportamentos que predisõem os homens a doenças e mortes. Logo, o cuidado com a saúde geralmente não é valorizado como uma questão importante nas vivências masculinas. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi identificar o autoconceito masculino, buscando avaliar as implicações no autocuidado em saúde. A amostra foi composta de 400 homens na faixa etária de 24 a 59 anos, residentes em João Pessoa/PB. Os instrumentos utilizados foram um

questionário sociodemográfico e o Inventário de Papéis Sexuais de Bem (BSRI). Os dados sociodemográficos foram avaliados por estatística descritiva e o BSRI analisado tendo por base a categorização de sujeitos em papéis sexuais (andróginos, tipificados e indiferenciados). No tocante à escolaridade, verificou-se que 50% dos entrevistados têm ensino médio completo. Já quanto à renda mensal, 48,8% deles recebem entre um e três salários mínimos. Ademais, de acordo com as respostas obtidas no BSRI, 115 participantes ajustaram-se à categoria “andróginos”. Verificamos, assim, que o modelo tradicional de masculinidade vem sendo questionado e repensado como pilar da identidade masculina hegemônica.

Palavras-chave: Autoconceito. Masculinidade. Saúde do homem. Autocuidado. Papéis sexuais.

MINIBIOGRAFIAS:

Amanda Trajano Batista: Possui formação em Psicologia (habilitação formação de psicólogo) pela Universidade Federal da Paraíba (UFP). Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa Vulnerabilidades e Promoção da Saúde (NPVPS). Possui interesse nas áreas de: atenção psicossocial em saúde; gênero; vulnerabilidades; e promoção da saúde.

Juliana Rodrigues de Albuquerque: Mestre em Psicologia Social, especialista em Saúde Coletiva, e graduada em Psicologia. Integrante do Núcleo de Pesquisas Vulnerabilidades e Promoção de Saúde (NPVPS) da Universidade Federal da Paraíba (UFP), atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, acesso às informações, vulnerabilidades, e DST/AIDS.



BATUCANDO NO COURO REAFIRMANDO A IDENTIDADE DE GÊNERO

Rosa Maria Costa Santos
Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira
E-mail: rosasantos17@yahoo.com.br
mmulher13@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva fazer uma análise das atividades das caixeiras frente a uma manifestação secular do Maranhão, que é a festa do divino Espírito Santo e suas particularidades, observar as estratégias de sobrevivência dessa tradição cultural. Verificar a riqueza e as potencialidades deste segmento cultural através dos aspectos culturais, sociais, econômicos, além do musical, investigar as estratégias usadas pelas caixeiras como mecanismos de resistência no fortalecimento da identidade de gênero na sociedade ludovicense. Sendo uma atividade religiosa realizada desde o século XVI vinda das terras de Portugal, no Maranhão essa festa tem uma singularidade em virtude de ser feita principalmente nos Terreiro de Mina (local onde se cultua a religião afro maranhense).

A união entre várias caixeiras de vários terreiros, vem sendo uma das táticas usadas pra enfrentar a falta de continuidade no repasse dessa tradição e a realização de alguns projetos em pontos de culturas que beneficia as comunidades locais no que tange a realização de oficinas para ensinar o toque da caixa e a música. Mas, para ser uma caixeira tem que ter dom segundo Roxa Belfort caixeira Régia do divino. A juventude não quer aprender esse ofício, pois, apesar do grande reconhecimento na capital do Maranhão dessa atividade, ainda é comum ouvir comentários maldosos vindo de pessoas preconceituosas sobre essa atividade devido em sua maioria serem oriunda de terreiros de Mina (casas onde se cultua religião afro Maranhense).

METODOLOGIA

O campo de investigação é a cidade de São Luís, abrangendo três Casa de Terreiro: Festa do Divino do seu Manuel Tivi, Festa do Divino do terreiro de São José e Festa do Divino Espírito Santo da Casa das Minas, cuja pesquisa realizou-se no período das festas. Os instrumentos de coleta de dados foi entrevista com questionários abertos e a observação. A escolha do local se deu em virtude de oferecer condições adequadas para o referido estudo. A observação, enquanto instrumento, é importante pelo fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que o estudo usa-se do método de observação participativa.

FIGURA 1: Caixeiras cantando em torno do Mastro, na festa do Divino, no Terreiro de São José, na Vila Embratel.



Fonte: SANTOS, 2013

FIGURA 2: Tribuna do Divino Espírito Santo, no Terreiro de São José, na Vila Embratel



Fonte: SANTOS, 2013

RESULTADOS

Como resultado deste trabalho pode-se observar que as caixeiras são o fio condutor dessa atividade. Observa-se também a liderança das mulheres que dão o feedback para o brilho da mesma, organizando toda a festividade, no que tange a produção do ambiente da festa e organização de recursos humanos, para que possa fluir de forma natural o desenrolar dessa manifestação. São sempre feitas por senhoras geralmente negras de origem humildes e muito religiosas, sejam elas de terreiros ou da religião católica, pois requer muita dedicação, demanda muito tempo de suas vidas para um semana de festa.

FIGURA 3: Caixeiras - Maura, Roxa, Graçinha Eugênia, Beatriz, Conceição, Rosa de Coxo tocando Caixa para o Divino Espírito Santo, na festa do Terreiro de São José, Vila Embratel



Fonte: SANTOS, 2013

CONSIDERAÇÕES

Algumas festas do centro de São Luís e Alcântara já tem o incentivo do governo estadual, mas a maioria são feitas por pessoas humilde, que fazem promessa ao divino ou o dono do Terreiro que economizam durante o ano inteiro para poder realizar essa festa, sendo que existem os ajudantes financeiros como padrinhos de mastros e as famílias do imperador e imperatriz que se preparam durante quatro anos para a realização da festa, assim como os mordomos e mordomas – régio e mor para assumirem os postos no futuro. Esta festa na cidade de São Luís e em Alcântara contribui demasiadamente com a economia do Estado visto que a mesma é fonte de movimentação do turismo no estado.

A Festa do Divino Espírito Santos é uma atividade bastante difundida na capital de São Luís ganhando respeito de uma parte da sociedade, comandada pela maioria das mulheres negras com mais de cinquenta anos, não isentando os homens de participarem, mas são elas que chefiam todos os acontecimentos. Na Festa do Divino a condição para chegar ao comando (Caixeira Régia) é ser mulher e depois saber todos os detalhes da festa. Dessa forma, a Caixeira Régia dirige toda a Festa através do canto e as outras as seguem, em um diálogo musical, tornando-se um momento impar na vida dessas mulheres que saem do anonimato e passam a ser vistas e admiradas por todos, pois a sagacidade na hora de improvisação no jogo dos versos é bastante esperado pelo público.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maricé Glória. "No bater da minha caixa estou convidando as fôlhas". Livro e CD's. IPHAN, 2007.
SANTOS, Rosa Maria Costa. Fatos da Festa do Divino Espírito Santo terreiro São José, Bairro Vila Embratel São Luís, 2013.
BARBOSA, Maricé Glória. Umus mulheres que dão no couro: as Caixeiras do Divino no Maranhão (Dissertação de mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 2002.
GOUVEIA, Cláudia Rejane Martins. As Esposas do Divino: Poder e prestígio feminino na Festa do Divino Espírito Santo em terreiros de Tambor de Mina de São Luís, Maranhão (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Recife: UFPE, 2001.

Batucando no couro: reafirmando a identidade de gênero

AUTORIA: ROSA MARIA COSTA SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIA MARY FERREIRA

RESUMO: Esta pesquisa visa a fazer uma análise das atividades das caixeiras frente a uma manifestação secular do Maranhão, que é a Festa do Divino Espírito Santo e suas particularidades, observando as estratégias de sobrevivência dessa tradição cultural. Este estudo propõe-se a verificar a riqueza e as potencialidades deste segmento cultural mediante seus aspectos culturais, sociais, econômicos, e musicais; e a investigar as estratégias usadas pelas caixeiras como mecanismos de resistência no fortalecimento da identidade de gênero na sociedade ludovicense. A Festa do Divino Espírito Santo é uma atividade religiosa vinda das terras de Portugal e realizada desde o século XVI no Maranhão, e tem uma singularidade: é feita principalmente nos Terreiros de Mina (local onde se cultua a religião

afro-maranhense). A união entre várias caixeiras de vários terreiros vem sendo uma das táticas usadas para enfrentar a falta de continuidade no repasse dessa tradição. Também há a realização de alguns projetos em pontos de culturas com oficinas de percussão para ensinar o toque da caixa e a música. Mas, “para ser uma caixeira, tem que ter dom”, segundo Roxa Belfort, Caixeira Régia do Divino. Atualmente, a juventude não quer aprender esse ofício; pois, apesar do grande reconhecimento na capital do Maranhão, ainda é comum ouvir comentários maldosos vindo de pessoas preconceituosas sobre essa atividade devido ao fato de que ela, em sua maioria, é praticada nos terreiros de Mina.

Palavras-chave: Identidade. Caixeiras. Resistência.

MINIBIOGRAFIA:

Rosa Maria Costa Santos: Graduanda do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão (UFM), integrante Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Música (FILMUS), Coordenado pela Profa. Dra. Verónica Pascucci. Também é integrante do Grupo de Teatro Núcleo Artístico Feminista (NAFEM) da UFMA, o qual tem com orientadora das nossas pesquisas a Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Bree Osburne, o nome também é uma inclusão

Arthur Henrique Silva Santana (Discente - Universidade Federal de Uberlândia)
Manuela Oliveira Rocha e Sousa (Discente - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bousucesso Teixeira (Orientadora - Universidade Federal de Uberlândia)

Introdução

O nome é um dos direitos da personalidade e como tal é intransmissível, irrenunciável e absoluto, utilizado como meio de diferenciação da pessoa, fator que a individualiza e identifica. Por isso, há uma estreita relação entre os direitos da personalidade e o princípio da dignidade da pessoa humana. Este é caracterizado por SARLET como:

“(...) um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e co-responsável nos destinos da própria existência (...)”

O Projeto de Lei n. 5.002/13 (coloca aqui de quem é e onde esta tramitando) pode ser considerado, atualmente, o mais avançado no que diz respeito ao direito ao nome para as pessoas (transexuais e travestis). O Projeto em questão trata sobre assuntos polêmicos e até o momento reféns da subjetividade do magistrado: auto reconhecimento, alteração registral (prenome e sexo) sem intervenção cirúrgica, acompanhamento psicológico, ou exigência de um diagnóstico.

Material e Método

Como parte das atividades do projeto de extensão, consultamos as jurisprudências de diversas comarcas pelo país (em especial São Paulo e Rio Grande do Sul), sobre o Projeto de Lei n. 5002/13 e também a doutrina jurídica que diz respeito ao uso do nome social, princípio da dignidade da pessoa humana e princípio da proporcionalidade.

Resultado\Discussão

Há um crescimento significativo do número de sentenças favoráveis à mudança de nome, em respeito à identidade de gênero nos últimos 10 anos. Além disso, algumas comarcas, em especial do Rio Grande do Sul, tido como vanguardistas em assuntos mais polêmicos, tem autorizado a alteração registral sem a exigência da declaração de interesse na cirurgia de transgenitalização. Entretanto, o crescimento no

número de decisões favoráveis ainda está aquém quando analisado no universo processual. A demora e o indeferimento por não realização de procedimento cirúrgico, terapia hormonal, qualquer outro tipo de tratamento ou diagnóstico psicológico ou médico ainda detêm campo majoritário neste tipo de jurisdição.

Considerações Finais

A pesquisa apresentada demonstra que é urgente e necessário que sejam criadas soluções juridicamente objetivas para o problema em questão. Pessoas trans são obrigadas a uma dupla existência, a dos registros e documentações, na qual não se reconhecem e através delas são expostas a situações de preconceito cotidianamente, experimentando humilhações e constrangimentos, que acarretam na negação de direitos fundamentais e a experiência de um nome, reconhecido socialmente, mas que fragilmente amparado pelo Estado acaba por evocar a relação de benevolência e/ou tolerância onde deveria estar o direito. Cabe ao Estado evitar quaisquer situações que possam ferir as Garantias e Direitos Fundamentais e uma forma de fazer isso é por meio de leis, como a do Projeto n. 5002/13, proposta por Érika Kokay e Jean Wyllys.

Referências Bibliográficas

SARLET, Ingo Wolfgang. Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.
SILVA, Virgílio Afonso da. O PROPORCIONAL E O RAZOÁVEL. In: Portal de Periódicos Unifacs, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php>. Acesso em: 26 ago. 2013.
TARTUCE, Flávio. MUDANÇA DO NOME DO TRANSEXUAL. In: Professor Flávio Tartuce, 2013. Disponível em: <<http://www.flaviotartuce.adv.br/index2.php?sec=artigos&totalPage=2>>. Acesso em: 26 ago. 2013.
VENTURA, Miriam. Transexualidade nos Tribunais: saúde e cidadania. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. 164 páginas.



Bree Osburne, o nome também é uma inclusão

AUTORIA: ARTHUR HENRIQUE SILVA SANTANA
MANUELA OLIVEIRA ROCHA E SOUSA
FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: A Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009, que assegura às pessoas transexuais e travestis o direito ao uso do nome social no âmbito dos Serviços de Saúde, pode ser considerada um grande avanço em direção às demandas por reconhecimento das travestis e transexuais. No entanto, observamos que a reivindicação de autonomia sobre a identificação da identidade de gênero desvinculada do diagnóstico psiquiátrico e da possibilidade de modificação do registro civil – independentemente de cirurgia de transgenitalização e de autorização judicial – ainda são pautas a serem conquistadas. O Projeto de Lei nº 5.002/2013, que dispõe sobre “a identidade de gênero e altera o artigo 58 da

Lei nº 6.015 de 1973”, pode ser considerado, atualmente, o mais avançado em sua temática; porém, parece recuperar a discussão da cirurgia (mesmo que para negá-la) no corpo de suas reivindicações. Vencer as “armadilhas da heteronormatividade” é um desafio a ser enfrentado até mesmo pelo Estado que, em 29 de janeiro de 2013, finalmente cumprindo o que está estabelecido na Carta dos Usuários da Saúde, lançou o Cartão Nacional de Saúde com o espaço para o nome social.

Palavras-chave: Nome social. Travestis. Transexuais. Retificação de registro civil.

MINIBIOGRAFIA:

Arthur Henrique Silva Santana e Manuela Oliveira Rocha e Sousa: Estudantes do curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do Bonsucesso Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos

Considerações sobre mulheres indígenas internas no Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brilhante/MS.

Autora: Bruna Amaral Dávalo (UFGD)
brunadavalo@gmail.com

Orientadora: Simone Becker (UFGD)
simonebk@yahoo.com.br

Programa Nacional de Extensão Universitária.
PROEXT/MEC/SES.U.

RESUMO

Considerações sobre mulheres indígenas internas no Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brilhante/MS

Este trabalho é fruto do Projeto de Extensão "NPAJ/FADIR/UFGD - Centro de Excelência em Direitos Humanos". Trata-se de uma análise do Relatório de visita técnica ao Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brilhante, realizada em 2011 pela FUNAI de Dourados/MS. Outro objeto da presente análise é o relatório produzido pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em 2008, sobre a situação dos indígenas (homens) detentos. Na construção deste trabalho buscou-se, por meio da análise discursiva, entender o contexto prisional no qual estas mulheres indígenas estão inseridas, tendo em vista as especificidades relacionadas à assistência dada às mesmas por parte do Estado. Em leitura atenta do relatório feito pela FUNAI, salta aos olhos a carência de oferta assistencial voltada para esta população, tendo em foco a mulher indígena. Tais carências vão desde a jurídica até as mais básicas como de higiene pessoal, contato com a família e a própria violência e preconceito no contato com as internas não indígenas e outros da Instituição Prisional. Nossas impressões se deparam com questões referentes aos Direitos Humanos e sugerem o quanto o somatório de vetores como sexo, gênero, etnia e classe potencializam as violências institucionais contra tais sujeitos.

Palavras-chave: Mulheres; Indígenas; Internas/SFPRE; Direitos humanos.

ABSTRACT

Considerations on native internal women in the Penal Feminine Establishment of Rio Brilhante/MS

This work results of the Extension Project "NPAJ / FADIR / UFGD - Center of Excellence in Human Rights". This is an analysis of report of technical visit to the Female Criminal Establishment of Rio Brilhante, held in 2011 by FUNAI Dourados/MS. Another object of the present analysis is the report produced by the Center for Indigenous Work (CTI) and Dom Bosco Catholic University (UCDB) in 2008 about the situation of indigenous prisoners (men). In the construction of this study we sought, through the discursive analysis, understand the context in which the indigenous women prisoners are located, in view of the specifics related to the assistance given to them by the state. On perusal of the report made by FUNAI, leaps out the lack of provision of care focused on this population, focusing on indigenous women. These deficiencies range from the legal to the most basic as personal hygiene, contact with the family and the violence and prejudice in contact with the internal non-indigenous and other Correctional Institution. Our impressions are faced with issues relating to human rights and suggest how the sum of vectors such as sex, gender, ethnicity and class leverage the institutional violence against these individuals.

Key words: Women; Indigenous; Internal / SFPRE; Human Rights.

"As pessoas e os grupos sociais têm o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de ser diferentes quando a igualdade os desvaloriza."
Boaventura de Sousa Santos

No Brasil as mulheres em situação prisional representam uma porcentagem modesta, se comparada com a dos homens. Para alguns autores, com o Frinhami e Souza (2005), a criminalidade feminina ainda é um fenômeno pouco explorado, em especial no que se refere à mulher indígena.

Embora os registros de criminalidade feminina estejam crescendo, Almeida (2001) aponta que as diferenças de gênero estão atreladas a criminalidade. Este trabalho busca compreender o fenômeno do encarceramento feminino sob a perspectiva de gênero com a transversalidade da etnia. Neste sentido, perguntamo-nos sobre as mulheres indígenas encarceradas no sul de MS: "quem são estas mulheres?", "quais crimes cometeram?", "quantas são?", "onde estão?", "se recebem ou não algum apoio jurídico?", "como significam e são significadas pelos discursos jurídicos?", são apenas alguns exemplos que retratam a carência de dados referidos acima.

Nossos olhares se voltaram para o Estabelecimento Penitenciário Feminino de Rio Brilhante- MS, localizada ao Sul/Sudoeste de Mato Grosso do Sul, tomando como arquivos a serem analisados: Entrevistas realizadas pela FUNAI/Dourados/MS em agosto de 2011 e o Relatório pioneiro sobre "Situação dos indígenas em Mato Grosso do Sul" (2008) do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Quanto à situação dos indígenas (homens e mulheres) encarcerados, cabe destacar que o estado de MS é o mais populoso em solos brasileiros. O Estado tem aproximadamente 77.025 indígenas, sendo 31.493 Homens e 30.244 Mulheres (IBGE, 2010).

Quanto às entrevistas e nossas interlocutoras, a situação pode ser esquematizada da forma que segue:

Nome	Etnia	Idade	Mulheres entre parentes	Assistência e proteção	Cultura	Idioma	Assiste social	Idioma	Exercício de atividades
L. R. B.	Guaraní	30 anos	Sim	Sim	Guaraní	Português	Sim	Sim	Exercício de atividades
L. L.	Katubá	30 anos	Sim	Sim	Guaraní	Português	Sim	Sim	Exercício de atividades
R. M.	Guaraní	30 anos	Sim	Sim	Guaraní	Português	Sim	Sim	Exercício de atividades
L. C. V.	Guaraní	30 anos	Sim	Sim	Guaraní	Português	Sim	Sim	Exercício de atividades

Figura 1: Tabela referente às entrevistas e ao Relatório de visita técnica às indígenas internas no estabelecimento penal feminino de Rio Brilhante (2011) feito pela FUNAI/Dourados/MS.

O estado de MS conta hoje com doze Estabelecimentos Penais Femininos, não existindo ao certo uma estimativa de quantas mulheres indígenas estão presas neles (AGEPEN, 2013).

Considerando que este trabalho, inserido no PROGRAMA PROEXT/2013 (BECKER, 2013) encontra-se em andamento, chama atenção a invisibilidade de dados sobre as mulheres indígenas, muito embora, o quantitativo de mulheres presas segundo o IBGE sinalize para quantitativos semelhantes. A despeito das inexistentes pesquisas, cabe sublinhar que a recorrência dos "crimes" imputados a elas seja homicídio e tráfico de drogas, tal como o relatório pioneiro produzido pelo CTI e pela UCDB, sendo que uma de nossas interlocutoras expressa ter matado o marido, após tentativa de estupro. Em síntese, o estupro emerge como recorrente no aprisionamento de homens indígenas, e com os enunciados das entrevistas com o argumento de defesa de mulher indígena.

Por último, a partir destes discursos, salta-nos aos olhos a precariedade das condições destes indígenas dentro do Sistema Prisional. Precariedade esta que vai desde a falta de roupas e material de higiene pessoal até a não assistência jurídica. Evidencia-se também, a precariedade de recursos de que dispõe a própria Coordenadoria Regional da FUNAI/Dourados.

REFERÊNCIAS

- AGEPEN - Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário. Disponível em: <http://www.agepenms.gov.br/index.php>. Acesso em: julho de 2013.
- ALMEIDA, R. de O. Mulheres que matam. Rio de Janeiro: Rebus e Dumará, 2001.
- BECKER, Simone. "NPAJ/FADIR/UFGD: Centro de Excelência em Direitos Humanos". Programa de projetos aprovado pelo e com fomento do MEC, 2013.
- Centro de Trabalho Indigenista. Situação dos Detentos Indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul. 1ª ed. - Brasília: CTI, 2008.
- FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias; SOUZA, Lídio de. Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise de representações sociais. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 7, n. 1, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsol.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ms&tema=censodemog2010_indig_univer. Acesso em: julho de 2013.

Considerações sobre mulheres indígenas internas no Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brillhante/MS

AUTORIA: BRUNA AMARAL DÁVALO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SIMONE BECKER

RESUMO: Este trabalho é fruto do Projeto de Extensão “NPAJ/FADIR/UFGD – Centro de Excelência em Direitos Humanos”. Trata-se de uma análise do Relatório de visita técnica ao Estabelecimento Penal Feminino de Rio Brillhante, realizada em 2011 pela FUNAI de Dourados/MS. Outro objeto da presente análise é o relatório produzido pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em 2008, sobre a situação dos indígenas (homens) detentos. Na construção deste trabalho buscou-se, por meio da análise discursiva, entender o contexto prisional no qual estas mulheres indígenas estão inseridas, tendo em vista as especificidades relacionadas à assistência dada por parte do Estado. Em leitura atenta do

relatório feito pela FUNAI, “salta aos olhos” a carência de oferta assistencial voltada para esta população, tendo em foco a mulher indígena. Tais carências vão desde a jurídica até as mais básicas como higiene pessoal, contato com a família e a própria violência e preconceito no contato com as internas não indígenas e com outros da Instituição Prisional. Nossas impressões se voltam para questões referentes aos Direitos Humanos e sugerem o quanto o somatório de vetores como sexo, gênero, etnia e classe social potencializam as violências institucionais contra tais sujeitos.

Palavras-chave: Mulheres. Indígenas. Internas/SPFRB. Direitos humanos.

MINIBIOGRAFIA:

Bruna Amaral Dávalo: Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFGD. Desenvolve pesquisa sobre políticas públicas de transferência direta de renda no Mato Grosso do Sul, pobreza e questões de gênero.



Coral da multiplicidade: Vozes que se atravessam por um mundo diferente

Palavras-chave: Arte; Coral; Diversidade; Subjetividade; Gênero

Franciele Castilho; Julia de Castro Campos; Walter Elias Mazzer; Bruno Pereira; Aline Coladelo; Fernando S Teixeira-Filho

Introdução

O “Coral da Multiplicidade” é uma atividade ligada ao Projeto de Estágio e Extensão Clinic@rte (PROEX), desenvolvido junto ao Depto. de Psicologia Clínica da FCL – Unesp - Assis. A proposta do Coral é desconstruir estigmas relacionadas às sexualidades dissidentes ao modelo heteronormativo, reagir contra toda e qualquer forma de opressão e submissão de pessoas que, por conta de alguma diferença (gênero, sexual, racial, religiosa, física, mental, social, linguística) sejam ou se sintam discriminadas. Ademais, busca inserir os procedimentos e a lógica da arte na formação acadêmica a partir da valorização dos afetos, dos sentimentos, das sensações na formação profissional.

Objetivos

A partir da música e da educação, busca desconstruir estereótipos e normatividades de gênero previamente estabelecidas e institucionalizadas discursivamente, bem como mostrar que a diferença não apenas deva ser respeitada, mas, sobretudo, estimulada, motivada e acreditada.

Conclusão

A música é um campo que potencializa afetos, devires, sentimentos, paisagens sonoras, discussões e reflexões que atravessam o nosso cotidiano. Sendo um veículo de fácil comunicação, facilmente cumpre o papel de produzir rupturas junto aos discursos homogeneizantes que limitam o potencial inclusivo e afirmativo das multiplicidades das relações humanas.

Métodos

Procedimentos: Os encontros acontecem duas vezes na semana, com duas horas de duração.

População: O coral é aberto à qualquer pessoa da comunidade interna ou externa à universidade sem qualquer discriminação. Atualmente conta com 10 pessoas.

Direção e repertório: A direção está ao encargo de dois professores e um regente. A escolha do repertório é coletiva e busca abarcar a multiplicidade cultural e instigar e fomentar a afirmação das diferenças.

Resultados

As atividades do grupo tem sido respeitadas e incentivadas pela universidade. Contou com diferentes tipos de público e, desde sua criação em abril/2013, já realizou 5 apresentações em eventos técnico/acadêmicos constando de seu repertório canções com conteúdos e idiomas diversos.

Bibliografia

- BUTLER, Judith (2003). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- FOUCAULT, Michel (1995) *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- DELEUZE, Gilles (2002). *Francis Bacon. Logique de la sensation*. Paris: Éditions du Seuil.
- MACHADO, Roberto (2009) *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Coral da Diversidade: Vozes que se atravessam por um mundo diferente

AUTORIA: FRANCIELE CASTILHO DOS REIS

JULIA DE CASTRO CAMPOS

WALTER ELIAS MAZZER

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO

RESUMO: O “Coral da Diversidade” é uma atividade ligada ao “Projeto de Estágio e Extensão Clinic@rte”, financiado pela PROEX. A proposta deste coral é reagir contra toda e qualquer forma de opressão, discriminação e submissão de pessoas que, devido a alguma diferença (gênero, sexual, racial, étnica, física, mental, social, linguística), sejam ou se sintam discriminadas. A partir da música e da educação, buscamos mostrar que a diferença deve ser respeitada; mas, sobretudo, estimulada, motivada, acreditada. O Coral da Diversidade é uma iniciativa militante que tem como objetivo principal lutar contra qualquer tipo de discriminação por meio da arte, do canto, da voz a partir de

músicas que possibilitem pensar a diferença. É um grupo aberto para a participação de toda a comunidade intra e extracampus. Atualmente, o coral é composto por cerca de 20 pessoas, entre elas discentes, docentes ou servidores técnicos e administrativos. Sendo assim, o coletivo é formado por pessoas de diferentes etnias, condições sociais e faixas etárias. Os encontros acontecem duas vezes por semana nas segundas e quartas-feiras, com duas horas de duração, e o repertório constitui-se de músicas de diferentes culturas que problematizam a discriminação e afirmam as diferenças.

Palavras-chave: Arte. Coral. Diversidade.

MINIBIOGRAFIA:

Franciele Castilho dos Reis: Graduada do curso de Psicologia (FCL) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)/Assis, instituição em que participa do grupo de pesquisa Deleuze/Guattari e Foucault, elos e ressonâncias.

Julia de Castro Campos: aluna de graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, atuando principalmente nos seguintes temas: medicalização, infância, Estratégia Saúde da Família, TDAH e psicofármacos.

Walter Elias Mazzer: aluno de graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis. Participa do projeto de extensão Clinic@rte.

Corpo, tecnologia e controle: uma análise antropológica do filme *Gattaca*

Halina Rauber Baio

Orientadora: Prof^a Dra. Laura Pérez Gil

Programa de Ensino Tutorial (PET/Sesu) – Ciências Sociais

Departamento de Antropologia - UFPR

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa a ser entregue como monografia de conclusão de curso - a qual tem como objetivo, a partir das representações de corpo apresentadas nos filmes *Gattaca* e *Equilibrium*, perceber relações de tais representações com debates antropológicos contemporâneos. O presente trabalho pretende, através da análise do filme *Gattaca*, refletir sobre uma série de discursos, práticas, representações e significados atrelados aos usos do corpo e da tecnologia na contemporaneidade.

Para auxiliar nessa reflexão serão trabalhadas, principalmente, as discussões sobre corporalidade tecidas por Donna Haraway e David Le Breton, o conceito de biopoder de Michel Foucault e o de sociedade farmacopornográfica de Beatriz Preciado.

Objetivos

- 1 – Compreender quais aspectos são considerados humanos e os valores a eles atribuídos.
- 2 – Identificar o que é tomado como natural e o que é tomado como artificial/implantado no ser humano.
- 3 – Entender, no discurso do filme, qual o limite entre a máquina e o humano, a concepção de natureza humana e como ela é valorizada ou desvalorizada, e em quais aspectos.

Materiais e Métodos

O enredo fílmico é tomado como material da análise etnográfica na medida em que revela uma determinada concepção de corpo natural e corpo modificado, de separação natureza e cultura. As cargas valorativas e as atribuições de significados aos sujeitos de um tipo de corpo, ou de outro, ficam nítidas através das relações estabelecidas entre os/as personagens bem como das características que estes/as apresentam ao longo da história.

Conclusões Preliminares

Em um certo sentido, em *Gattaca*, o corpo não é visto como elemento material, mas como informação, a identidade dos indivíduos é apresentada não através da materialidade do rosto, por exemplo, mas sim a partir dos dados gerados pela análise de seus encadeamentos genéticos. O que se faz presente, ao longo do filme, são críticas que consideram essa “informática da dominação” como algo que desvincula os seres humanos de sua condição humana. Nesse sentido, há um enaltecimento de valores tomados, ao longo do enredo, como “pré-culturais” - o corpo não-modificado, no caso. Pode-se concluir então que o filme vai de encontro a um debate que opõe, principalmente, a visão da tecnologia como alteradora do que é essencial à condição humana (a qual, ainda que imperfeita e incompleta é vista de modo positivo) e a visão de que a tecnologia, mesmo que ferramenta de dominação, pode ser apropriada e re-significada como aparato de subversão da hegemonia.

Referência Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1999
- GARCÍA, María Teresa Aguilar. *Lecturas del cuerpo en la era biotecnológica*. *Nómadas*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, n. 8, jul.-dic. 2003.
- HARAWAY, Donna. *Manifiesto ciborgue: Ciencia, tecnología e feminismo-socialista no final do século XX*. In: KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna; TOMAZ, Tadeu (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2012
- PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008

Corpo, tecnologia e controle: uma análise antropológica do filme *Gattaca*

AUTORIA: HALINA RAUBER BAIO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. LAURA PÉREZ GIL

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo tomar o corpo como fio condutor de uma análise antropológica. Para apresentar um número de práticas, discursos, representações e imaginários que situam o corpo na modernidade, pretende-se utilizar o filme de ficção científica *Gattaca*. A escolha deste filme se deve a abordagem que ele faz de temáticas como tecnologia, corporalidade e a transformação do corpo para a superação de limites físicos. Escolheu-se tomar o cinema como ferramenta de análise das representações corporais devido à contínua produção de filmes que possuem em seu enredo indivíduos cujos corpos foram modificados de maneiras visíveis (com próteses) ou invisíveis (com o uso de

medicamentos) para transcender uma linha “comum” de uso do corpo, em outras palavras, para “melhorá-lo”. Diante deste tema, surgem questionamentos como: qual o limite entre máquina e ser humano? O que pode ser considerado natural? O que é artificialmente implantado no corpo humano? E para quê? Assim, a hipótese que se tem é de que o cinema produz (bem como é produzido por) certas perspectivas sobre um ideal de corpo humano a ser melhorado para desempenhar atividades que não poderiam ser realizadas por um corpo “comum”.

Palavras-chave: Antropologia do Corpo. Cinema. *Gattaca*. Tecnologia.

MINIBIOGRAFIA:

Halina Rauber Baio: Graduada pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e foi bolsista do PET Ciências Sociais. Desenvolve pesquisas na área de Antropologia do Corpo, Estudos de Gênero e Estudos Queer, investigando as relações entre as temáticas apresentadas em filmes de ficção científica e teorias antropológicas contemporâneas.



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
GOIÁS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Desigualdade de gênero: um estudo introdutório acerca da valoração social atribuída à diferença estabelecida entre o feminino e o masculino na cidade de Formosa, Goiás

Ana Sara Spindola da Silva (anasaraspindola@gmail.com)
Bolsista

Kaithy das Chagas Oliveira (kaithyoliveira@yahoo.com.br)
Orientador
IFG Campus Formosa

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aqui apresentada refere-se à reflexão acerca da valoração social atribuída às diferenças estabelecidas entre o feminino e o masculino em âmbito local, que se expressam majoritariamente na realidade estudada como hierarquia, oposição e em algumas situações como relação de complementaridade. Nesse sentido, a temática da desigualdade de gênero foi problematizada pelo modo como se concretiza nos processos sociais e históricos, tanto no plano mais geral da sociedade brasileira, quanto na especificidade do contexto social da cidade de Formosa.

OBJETIVOS

A finalidade fundamental desta pesquisa foi a possibilidade de ampliar os conhecimentos acerca da desigualdade de gênero, constituída a partir de um contexto social e histórico, de modo que este estudo, ainda que introdutório, demonstrasse as formas de valoração social atribuída à diferenciação estabelecida entre o feminino e o masculino na cidade de Formosa. Outros objetivos se desdobram a partir deste, sendo eles: 1) Apreensão dos nexos constitutivos das formas mais gerais de desigualdade em sua próxima relação com a desigualdade de gênero; 2) Aprofundamento da compreensão acerca dos conceitos fundamentais da pesquisa: desigualdade e gênero; 3) Aferimento da permanência de formas tradicionais, pratriarcalistas e sexistas no plano da sociabilidade formosense; 4) Ampliação das informações acerca do tema, de modo que este possa ser amplamente divulgado para comunidade acadêmica.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo bibliográfico inicial, com um breve levantamento das principais publicações acerca do tema, com vistas na elucidação dos aspectos teóricos fundamentais que poderiam orientar a elaboração de categorias lógicas e históricas do tema-problema em questão. Em etapas posteriores foram organizadas e encaminhadas às atividades empíricas. Foi realizado o levantamento das instituições de ensino superior que operam na cidade, com o critério do ensino presencial, haja vista a necessidade de contato com os sujeitos da pesquisa, de modo que se encaminhasse o processo de entrevista. Foram selecionadas três (3) instituições que correspondiam às categorias de *Privada, Estadual e Federal*, cujos estudantes matriculados neste nível de ensino pudessem ser arguidos e entrevistados quanto às concepções que os orientam em relação às questões de gênero e as possíveis desigualdades concebidas nestes discursos. Foram aplicados os questionários a partir da seleção de um grupo de alunos de no máximo trinta (30) acadêmicos do sexo masculino e feminino, por instituição.

RESULTADOS

De modo geral as respostas analisadas remetem à presença da desigualdade de gênero, aferida principalmente pela recorrência de estereótipos nas explicações dos(as) estudantes entrevistados(as). Segundo afirmação de Barberá (2005) "Para esta desigualdade persistente muito têm contribuído os designados estereótipos de gênero, isto é, as crenças associadas à pertença sexual e à diferenciação sexual". A título de exemplo, verifica-se a pertinência da citação dos dados analisados no que tange à diferenciação de tarefas domésticas, à qual ainda se delega ao "feminino" as principais responsabilidades deste espaço ou ainda se tomamos as atitudes "típicas" de cada sexo, verificando um *a priori* sexistas na determinação de formas de expressão, demonstrativos de emoção ou intelecto. Os gráficos a seguir ilustram bem estas ponderações.

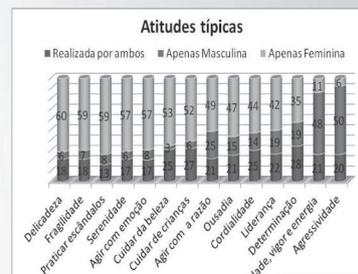


Gráfico I - Atitudes típicas atribuídas pelos sujeitos da pesquisa



Gráfico II - Divisão de atividades no contexto das residências dos entrevistados.

CONCLUSÃO

A compreensão dos resultados remete, portanto, à complexidade na qual se trata o assunto. De um lado obtve-se um exame onde há o reconhecimento da desigualdade de gênero por a maioria dos sujeitos entrevistados através das questões discursivas propostas no material de coleta de dados, porém nas questões que abordavam as atividades que são realizadas no contexto familiar e as atitudes típicas do masculino e do feminino observamos contradições. Alguns sujeitos não reconhecem que exista desigualdade de gênero no campo social e podemos atribuir uma consideração feita pelo Bourdieu (2011) de que existe a naturalização da violência simbólica, isso se confirma nos dados, onde foi notável como normal atribuir ao feminino atividades como Lavar e passar roupa, Limpar a casa, Cozinhar (preparar a comida), Cuidar de crianças, fomentos ou idosos, lavar pratos e assistir novelas; atitudes como "Delicadeza", "Serenidade", "Fragilidade", "Vocação para cuidar dos filhos", "Agir predominantemente com a emoção" e "Prática de escândalos. Sendo assim observamos crenças e estereótipos que foram se entranhando na concepção dos indivíduos no âmbito socio-histórico-cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERÁ, E. Perspectiva sócio-cognitiva: estereótipos e esquemas de gênero. In: BARBERÁ, E., MARTINEZ, I. (Orgs.) *Psicologia e gênero*. Madrid, PEARSON/Prentice-Hall, 2005.
- REAL/VOIR, Simone de. *O segundo sexo*. I - Fatos e Mitos. Tradução de Seno Millet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- _____. *O segundo sexo*. II - A experiência Vivida. Tradução de Seno Millet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução de Mana Helena Kühner. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- GATTI, Bernadete A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, Liber Livro, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Síntese dos Indicadores Sociais*. Uma análise das Condições de Vida da População Brasileira. Rio de Janeiro, IBGE, 2010.
- RHEI, Maria Rita. *A mínima diferença*: Masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MATOS, Marlene. *Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2), 440, maio-agosto/2007. Consulta junto ao site: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/artigos/view/6326/6613>, em 30/05/2012.
- SANTOS, Silvana Maria de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. *Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços*. In: *Revista Katal*. Florianópolis, v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Consulta junto ao site: <http://www.scielo.br/pdf/kat/v13n1/02.pdf>.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Consulta junto ao site: http://www.dhnet.org.br/leitura/textos/generodhnet_categoria.html, em 02/02/2012.

Ministério da
Educação



Desigualdade de Gênero: um estudo introdutório acerca da valoração social atribuída à diferença estabelecida entre o feminino e o masculino na cidade de Formosa

AUTORIA: ANA SARA SPINDOLA DA SILVA

KAITHY DAS CHAGAS OLIVEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. MS. KAITHY DAS CHAGAS OLIVEIRA

RESUMO: O presente trabalho refere-se à síntese de uma pesquisa desenvolvida junto a Instituições de Ensino Superior da cidade de Formosa, Goiás, e teve como objeto fundamental a questão da desigualdade de gênero, compreendida a partir da reflexão sobre a valoração social atribuída pelos estudantes universitários às diferenças estabelecidas entre o feminino e o masculino. Buscou-se, nesta oportunidade, ampliar os conhecimentos da temática de gênero a partir de sua contextualização social e histórica, mediante análise das concepções dos estudantes no que tange às funções e atribuições sociais vistas a partir da diferenciação do gênero. A primeira etapa da investigação constituiu-se de estudos conceituais que orientaram o momento

exploratório da pesquisa, ocasião em que foram considerados os aspectos quantitativos e qualitativos na coleta e análise dos dados alcançados no ato da entrevista semiestruturada. Os resultados apurados demonstram que, embora no âmbito legal tenhamos alcançado um patamar histórico em que existem menções formais que remetem à construção da igualdade entre homens e mulheres, os aspectos sócio-histórico-culturais ainda persistem como determinantes destas relações e operam como definidores de desigualdades que não se “dissolvem” pelas vias dos decretos e leis.

Palavras-chave: Desigualdade. Gênero. Masculino. Feminino. Relações.

MINIBIOGRAFIA:

Ana Sara Spindola da Silva: Estudante do curso Técnico Integrado em Edificações pelo Instituto Federal de Goiás (IFG), ex-bolsista do PIBIC-EM/IFG. Realizou duas pesquisas que focavam as questões de desigualdades e concepções de gênero desenvolvidas na cidade de Formosa, Goiás.

(Des)construção da noção de papel de gênero em centros de atendimento socioeducativo femininos: imagem, expressão e diálogo



Autora: Carina Rocha de Macedo
Co-autoras: Gabriela Fischer Armani e Janaina Freitas
Orientadora: Jaqueline Tittoni
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Apresentação

Esta exposição mostra o período preliminar de um projeto, mais amplo, que estará em execução durante este ano e o próximo em uma unidade de cumprimento de medida socioeducativa. No momento estamos na fase inicial de contato com esta instituição e no período de definição do desenho do projeto em conjunto.

A demanda de pensar em questões de gênero com adolescentes em execução de medida socioeducativa é de grande importância, visto que se trata de uma população jovem, em fase de desenvolvimento e preparação para assumir o papel de adultos/as na sociedade. Além disso, tratam-se de jovens do gênero feminino e, por isso, sujeitas às lógicas sociais de violência de gênero que permeiam a sociedade civil.

Em relação ao conceito de gênero, Butler (2010) propõe que as pessoas não "pertencem" a um gênero, mas, sim o "performam". Dessa forma, é pertinente trabalhar com gênero em conjunto com a pessoa que se abriga sob esse gênero.

A temática de estudo que envolve a situação das mulheres e adolescentes privadas de liberdade tem sido negligenciada há anos, em função da pouca visibilidade que é dada ao problema (FACHINETTO, 2008).

A utilização da arte como meio de expressão permite que as pessoas ultrapassem os limites da fala. Além disso, momentos de descontração, autoconhecimento e criatividade são necessários para o melhor aproveitamento de espaços de expressão.

Objetivos

- 1) Problematicar as expressões de gênero e sexualidade entre jovens do gênero feminino em situação de conflito com a lei.
- 2) Analisar a contribuição da arte na construção de práticas que possibilitem a reflexão sobre temas de gênero e sexualidade, contribuindo para um processo de autonomia do sujeito.
- 3) Tensionar as estruturas de inserção social aceitas culturalmente, construídas a partir de lógicas heteronormativas.
- 4) Entender a importância de pesquisas e ações-extensão para discutir e levantar problemas sobre conceitos de gênero e sexualidade com adolescentes em conflito com a lei.

Metodologia

Trata-se de uma revisão teórica sobre a problematização de conceitos de gênero, a partir da fundamentação da utilização da arte como meio de expressão e diálogo dessas questões.

Conclusão

É possível expandir a perspectiva de papéis de gênero em instituições de cumprimento de medida socioeducativa, sem negar possibilidades identitárias bem estabelecidas socialmente como meios de inclusão social comprovadamente efetivos. Nesse sentido, busca-se enxergar e propagar a validação de configurações diversas e modos diferentes de se viver a vida.

A arte é meio propício para florescimento de autoquestionamentos. Este pode ser um campo que possibilite às jovens responderem às próprias inquietações, numa perspectiva de protagonismo e efetiva participação do sujeito nos processos em que ele está inserido.

Percebe-se que essas adolescentes submetem-se socialmente a um duplo estigma, por terem cometido ato infracional e por serem mulheres.

Espinoza afirmou que "para contextualizar o cenário da situação da mulher encarcerada é importante considerar que a prisão não passa de uma fotografia da mesma desigualdade retratada no espaço livre" (ESPINOZA, 2004, p. 19). A internação em um centro de execução de medida socioeducativa parece reproduzir a mesma situação.

Bibliografia Básica

- FACHINETTO, R. F. A. *"casa de bonecas": um estudo de caso sobre a unidade de atendimento sócio-educativo feminino do RS*, 2008, 224 folhas. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- ESPINOZA, O. *A mulher encarcerada em face do poder punitivo*. São Paulo: IBCCRIM, 2004.

(Des)Construção da noção de papel de gênero no CASEF: Imagem, expressão e diálogo

AUTORIA: CARINA ROCHA DE MACEDO

GABRIELA FISCHER ARMANI

JANAINA INVERNISI FREITAS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. JAQUELINE TITTONI

RESUMO: Existe um único centro de atendimento socioeducativo feminino no Rio Grande do Sul, o CASEF. Esse centro faz parte da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, que é responsável pela execução das medidas socioeducativas de internação e de semiliberdade a adolescentes autores de ato infracional. Dentro do serviço de assessoria jurídica universitária (SAJU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), há um projeto de extensão com as meninas detidas nesse centro. Esse projeto visa a entender o funcionamento dessa instituição e de seus mecanismos, e a pensar a relação e a representação desta na sociedade. Dentro da realidade da instituição, é necessário também atentar às garantias de

direitos humanos básicos no CASEF, principalmente no que tange aos direitos sexuais e reprodutivos. A partir dessa premissa de direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal de 1988, a pesquisa objetiva problematizar as questões dos estereótipos ligados ao gênero dentro de uma instituição total. Portanto, o projeto tem a pretensão de mapear as questões de gênero na instituição, analisando como elas se expressam, em que momentos e por que meios. Nesse contexto, objetiva, ainda, ouvir as diferentes vozes sobre essas questões nesse contexto de internação.

Palavras-chave: Adolescentes. Estereótipo. Instituição total. Gênero. Medida socioeducativa.

MINIBIOGRAFIAS:

Carina Rocha de Macedo, Gabriela Fischer Armani e Janaína Invernisi Freitas: Graduandas em Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

(Des)construindo sexo e gênero: *uma releitura arqueológica aplicada ao Direito*

Orientador: Prof. Dr. Brunello Stancioli

Pesquisadoras: Carolina Maria Nasser Cury; Melina Pereira Gonçalves

DESCRIÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

As tradicionais análises jurídicas de sexo e gênero afirmam que estes são polarizados e pré-definidos pela biologização da vida. Contudo, a naturalização das categorizações de sexo e gênero vem, devido a giros de entendimento, perdendo forças (BUTLER). Em democracias, manipulações corporais autônomas e contextos sociais plurais possibilitam novas formas de vivências pessoais e de ampliação dos entendimentos do corpo e da sexualidade.

As dimensões sociais e culturais intervêm na biologia, criando uma amálgama e tornando identidades de sexo e gênero construções abertas à ressignificação, em processo constante e inacabado. Em sintonia com estas releituras de ideias naturalistas de sexo e gênero encontram-se os recentes estudos arqueológicos (JOYCE), que desconstróem a ideia da naturalidade da divisão binária entre homens e mulheres, mostrando que nas sociedades antigas as identidades não eram definidas exclusivamente por sexo ou gênero dicotômicos.

Idade, habilidades e posição social eram tão ou mais relevantes como formas de identificação e status social. Entretanto, o Direito tradicional é engessado e se mostra incapaz de efetivar direitos e dar voz às diversas formas de ser pessoa, perpetuando moldes estanques de sexo e gênero a despeito das reivindicações do movimento LGBTTTQIA. Desta forma, a presente pesquisa objetiva a trazer tal discussão para o universo jurídico, visando à quebra de modelos binários e impostos de se pensar sexo e gênero.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JOYCE, Rosemary. *Ancient bodies, ancient lives: sex, gender and archaeology*. Australia: Thames and Hudson, 2009.

BUTLER, Judith. *Undoing gender*. London: Routledge, 2004.

STANCIOLI, Brunello. *Renúncia ao exercício de direitos da personalidade: ou como alguém se torna o que quiser*. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.



(Des)construindo sexo e gênero: uma releitura arqueológica aplicada ao Direito

AUTORIA: CAROLINA MARIA NASSER CURY

MELINA PEREIRA GONÇALVES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. BRUNELLO STANCIOLI

RESUMO: As tradicionais análises jurídicas de sexo e gênero afirmam que estes são polarizados e pré-definidos pela biologização da vida. Contudo, a naturalização das categorizações de sexo e gênero vem, devido a giros de entendimento, perdendo forças (BUTLER). Em democracias, manipulações corporais autônomas e contextos sociais plurais possibilitam novas formas de vivências pessoais e de ampliação dos entendimentos do corpo e da sexualidade. As dimensões sociais e culturais intervêm na biologia, criando uma amálgama e tornando identidades de sexo e gênero construções abertas à resignificação, em processo constante e inacabado. Em sintonia com estas releituras de ideias naturalistas de sexo e gênero, encontram-se os

recentes estudos arqueológicos (JOYCE), que desconstruem a ideia da naturalidade da divisão binária entre homens e mulheres, mostrando que nas sociedades antigas as identidades não eram definidas exclusivamente por sexo ou gênero dicotômicos. Idade, habilidades, e posição social eram tão ou mais relevantes como formas de identificação e *status* social. Entretanto, o Direito tradicional é engessado e se mostra incapaz de efetivar direitos e de “dar voz” às diversas formas de ser pessoa, perpetuando moldes estanques de sexo e gênero a despeito das reivindicações do movimento LGBTTTQIA.

Palavras-chave: Identidade. Arqueologia. Direitos humanos. Biotecnologia.

MINIBIOGRAFIAS:

Carolina Maria Nasser Cury: Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de mestrado pelo CNPq. Bacharela em Direito pela UFMG. Foi estudante-intercambista na Universität Augsburg, Alemanha, em 2013. É membro do Grupo de Pesquisa Persona.

Melina Pereira Gonçalves: Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Participa dos grupos de estudo em Gênero e Sexualidade vinculados à Faculdade de Direito da UFMG.

Brunello Souza Stancioli: Doutor, Mestre e Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi *Academic Visitor* da Universidade de Oxford, Inglaterra (2011-2012), onde concluiu o seu Pós-Doutorado. Coordena o Grupo de Pesquisa Persona.

De mulher para mulher

machista

um estudo sobre a campanha "Números"

Gabriela A. M. Lamounier (UFMG)
Orientador: Adriano Beiras (UFSC)

Nos últimos anos, observamos o processo de consolidação das redes sociais enquanto ferramentas para o ativismo social. Esse fenômeno é nomeado de "ativismo de sofá", e se refere às pessoas que se dedicam a denunciar o que lhes parece incorreto a partir de blogs e redes sociais *online*.

A internet é o meio mais democrático para se disseminar informações e foi a partir dela que encontramos o objeto de estudo dessa pesquisa: as últimas propagandas das Lojas Marisa. Elas foram causa de muita discussão na rede: muitas feministas acreditam que os comerciais da marca possuem um viés machista, racista, lesbofóbico e heteronormativo.

critérios para análise e alguns conceitos

A análise foi feita em cima do discurso que o vídeo veicula, e não sobre os aspectos técnicos específicos ao campo da publicidade. O trabalho sustenta-se nas Teorizações de Gênero e Feminismos e dessa forma acreditamos que, enquanto uma tecnologia de poder, a mídia contribui para o processo de construção de significados sobre os corpos e comportamentos.

"Gênero" é o conceito-chave que trabalha com as relações de poder que organizam os seres em sociedade. Essas relações compõe o trio "sexismo-machismo-misoginia" que, numa definição simples, seria a opressão e discriminação sistemática e institucionalizada daquelas que não se enquadram no ideal de heteromascunidade. Dizemos "institucionalizada", porque essa questão não é restrita somente a alguns indivíduos, mas algo estrutural e constitutivo dessa sociedade.

Além disso, localizamos o fenômeno da heterossexualidade como um regime político que objetiva domesticar o desejo, o que Butler (2010) coloca como uma matriz heterossexual que impõe uma ordem compulsória do binarismo macho/fêmea e, por consequência, organiza a tríade sexo/gênero/desejo. Conceituamos "heteronormatividade" como a presunção de que a heterossexualidade é a configuração natural da sexualidade do ser humano. Esse conceito também alcança as implicações biopolíticas decorrentes dessa crença.

que números são estes?

O comercial foi idealizado pela agência AlmapBBDO, tem 53 segundos e abriu a campanha de lançamento da coleção primavera-verão 2012 das Lojas Marisa.

Foi veiculado na TV aberta e está disponível no YouTube (2012).



No vídeo foi colocado que existem 96 mulheres para cada 100 homens no Brasil. Em seguida, alguns dados são levantados para "desqualificar" homens com determinados comportamentos. Podemos entender que estes são tidos como inaceitáveis ou por serem condutas "delicadas" (por exemplo: medo de barata, ter um *poodle*, secar o cabelo com o secador ou fazer as unhas) ou por colocarem os homens como pessoas rudes e bregas (palitar os dentes, usar cueca de vinco ou pochete).

O discurso da narradora baseia-se nas dificuldades do jogo da sedução mulher/homem. Com esse foco, ela restringe a liberdade da mulher, pois limita todo e qualquer objetivo feminino à união com um companheiro.

A heteronorma se mostra presente aí: domesticando as sexualidades e regulando os desejos.

"não gostam do assunto"

No processo de eliminação dos homens os primeiros a serem excluídos são os homossexuais: "12 não gostam do assunto". Porém, no final da matemática, as mulheres lésbicas não são excluídas da conta.



Isso quer dizer que lésbicas não fazem parte do público alvo do comercial? Mas a assinatura da campanha não é "de mulher pra mulher, Marisa"?

Então lésbicas não são mulheres?

Ou mulheres não-heterossexuais simplesmente não existem?

bafões

O Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) e as Lojas Marisa, após receberem várias denúncias, não retiraram a propaganda do ar pois consideraram que ela se baseava no humor. A criadora do comercial, Sophie Schoenburg publicou um *post* chamado "Onde está o bom humor?" (2012) e nele diz que, como o comercial foi idealizado por uma mulher, não tinha como ser machista. Ela não reconhece que o sexismo é uma *postura* misógina, e portanto pode ser - e é - assumido tanto por homens quanto por mulheres. Ela também usou o "humor" para se defender. Disse que "o comercial brinca com a dificuldade de se encontrar um homem. Não, não me venham dizer que é fácil. (E antes que falem 'e as lésbicas?', estou falando da maioria, que ainda é hetero)" (SCHOENBURG, 2012, *online*).

Esse é o pensamento que preocupa: então não seria preciso que uma campanha de roupas íntimas se preocupe com as mulheres não-heterossexuais porque elas são minoria?

Além disso, essas instâncias parecem ignorar o poder do humor de disseminar e produzir ideias e opiniões. As piadas configuram um espaço de manifestação de valores sociais que historicamente marcam a sociedade. São dispositivos que criam, regulam e mantêm o senso comum em uma devida direção: o da opressão contra as minorias políticas. Por isso é sempre importante problematizá-las.

considerações finais: de mulher pra mulher?

Sabemos que ninguém nega a existência de lésbicas, porém, as mídias simplesmente não se preocupam em mostrá-las. Peças publicitárias que apresentam duas mulheres juntas não o fazem para empoderá-las, pelo contrário, usualmente servem à dominação fetichista masculina.

Esse estudo procurou desestabilizar os discursos engessados da ordem contemporânea e contribuir para a construção de narrativas sociais menos preconceituosas, aprisionadoras e excludentes. Acreditamos que dessa forma o academicismo pode colaborar para que os movimentos sociais ganhem força na luta diária contra as violências, invisibilidades, machismos, racismos, sexismos, cissexismos e tantas outras opressões.

Referências:

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed, 2010.
SCHOENBURG, Sophie. *Onde está o bom humor?*. Disponível em: <<http://www.cbsp.com.br/site/ultimas/60102/O-Espaco-e-Seu>>. Acesso em: jul. 2013.
YOUTUBE, 2012. *Números Marisa AlmapBBDO*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JdpSxqTohE>>. Acesso em: jul. 2013.

“De mulher pra mulher, machista”: um estudo sobre a campanha “Números”

AUTORIA: GABRIELA ALMEIDA MOREIRA LAMOUNIER

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. ADRIANO BEIRAS

RESUMO: Esta comunicação pretende analisar o machismo presente nas campanhas midiáticas brasileiras, em especial na peça publicitária “Números”, que abriu a coleção primavera-verão de uma grande loja de varejo especializada em moda feminina na temporada 2012-2013. Foram trabalhados os conceitos de “sexismo” e “heteronormatividade”, a fim de mostrar como a propaganda, além de restringir a liberdade da mulher limitando todo e qualquer objetivo feminino à união com um companheiro, não representa as mulheres lésbicas. A invisibilidade das

mulheres não heterossexuais é um fenômeno comum. Quando elas são retratadas raramente é para empoderá-las; pelo contrário, servem à dominação fetichista masculina. A análise do vídeo também aponta que o machismo da referida propaganda atingiu até a população masculina, evidenciando-se no anúncio que os homens que fogem da performance esperada são desqualificados na “batalha amorosa-sexual”.

Palavras-chave: Sexismo. Heteronormatividade. Lésbicas.

MINIBIOGRAFIA:

Gabriela Almeida Moreira Lamounier: Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com ênfase em Processos Psicossociais. Participa como bolsista de extensão do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. Estuda questões lésbicas e feministas.



Em casa que mulher manda, até galo canta fino: Análise da construção midiática da personagem Dilma Rousseff

João Gabriel Maracci Cardoso, Cristiano Hamman e Adolfo Pizzinato
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

1. Introdução:

A eleição de uma Presidenta da República indica uma possível mudança no paradigma sexista da política institucional brasileira, bem como um estranhamento presente nas reações de diversos segmentos sociais a respeito dos papéis de gênero. Este é conceituado como a interpretação do fator sexual biológico a partir do viés culturalmente estabelecido, relacionado à dicotomia entre público e privado (Praun, 2011). Para a compreensão da abordagem midiática no fomento de subjetividade acerca do gênero, analisa-se o processo de construção da personagem Dilma Rousseff na coluna “Diário da Dilma”, presente na Revista Piauí. Discutem-se os estereótipos vigentes do feminino e do masculino, bem como a relação entre mídia e a legitimação do contexto por ela apresentado, reproduzindo papéis estereotipados de gênero e disparidade na veiculação da política institucional (Biroli, 2009). Entende-se que a mídia retroalimenta a legitimidade de conteúdos a partir de sua veiculação, padrão visível na construção da personagens, interpretados sob o caráter refratário proposto por Bakhtin (Brait, 2010).

2. Método

Análise da coluna “Diário da Dilma”, presente na Revista Piauí, que apresenta suposto diário pessoal da presidenta permeado por estereótipos de gênero. Foram analisadas 17 edições (janeiro de 2011 a maio de 2012). Seguindo os preceitos dos Estudos Críticos do Discurso (Van Dijk, 2010), que consideram os discursos como exercícios de relações sociais, as frases foram interpretadas e organizadas em quatro categorias referentes a sua função discursiva: Frases Populares, “Personalidade” da Dilma, Estereótipos do Feminino e Política.

3. Resultados

Apresentar a construção de uma personagem é dar-lhe um sentido que extrapola sua construção textual, vinculando-a a uma atividade de organização estética. Mikhail Bakhtin (2006) aponta que a totalidade de uma personagem só pode ser compreendida com um ponto de apoio fora de si mesma e que este ponto de apoio faça parte de uma consciência criadora, respeitando a singularidade desta personagem. Desta forma, mesmo que a personagem apresente características estereotipadas, identificar tais pontos é um processo interpretativo que não aponta uma realidade estanque, mas um movimento relacional entre autor (interpretador) e personagem.

5. Referências:

BRAIT, Beth – Bakhtin conceitos chave: Editora Contexto, São Paulo, 2005.

BIROLI, Flávia – Gênero e representação política: hipóteses sobre as diferenças entre a atuação de deputadas e deputados federais na 52ª legislatura: Revista Ártemis, Vol. 11, João Pessoa, 2010.

BIROLI, Flávia – Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: Cadernos Pagu, Vol. 34, Campinas, 2010.

FINAMORE, Claudia Maria – Mulheres candidatas: relações entre gênero, discurso e mídia: Estudos Feministas, Vol. 14, Florianópolis, 2006.

PRAUN, Andrea Gonçalves – Sexualidade, gênero e suas relações de poder: Revista Húmus, Vol. 1, Florianópolis, 2009.

VAN DIJK, Teun - Discurso e Poder. São Paulo: Contexto, 2010.

3.a. Frases Populares

Chavões utilizados para aproximarem a presidenta do contexto popular, desvinculando-a de solenidades habituais. Linguagem coloquial referente ao plano privado. “Malandro é o saci andando de patinete”. “Em casa que mulher manda, até galo canta fino”.

3.b. “Personalidade” da Dilma:

Frases relacionadas a um padrão de masculinidade (virilidade, truculência), referentes ao espaço público de exercício da política institucional. “Infelizmente não posso deixar aflorar minha porção mulher... é preciso ser firme, do contrário eles conseguem emplacar entrada dupla para gestantes”. “Dei-lhe uma chamada na chinchá”.

3.c. Estereótipos do feminino:

Categoria com o maior número de frases enquadradas. Relação da presidenta com o padrão feminino vigente (privado), simbolizado pelo apreço estético, fixação por telenovelas e amores platônicos, dissociando-a do espaço público. “Tirei o gúten da dieta. Vamos ver se faz diferença”. “Pisei em São Paulo e logo lembrei das Mulheres Ricas”. “Gabrielzinho veio visitar a vovó. Fizemos a primeira aplicação de laquê naquele cabelinho”.

3.d. Política:

Categoria com menos frases enquadradas, apesar de se propor como tema principal do Diário*. Referências à atuação política de Dilma, relacionadas a estereótipos polarizados de masculinidade e feminilidade. “O mês acabou e mencionei o Lobão só uma vez. Duas, agora. Talvez esteja me curando”. “A partir de agora, quem for acusado de corrupção está na rua”.

4. Conclusões:

Reforço dos estereótipos de gênero. Apresentação da personagem caricatural construída sob um discurso vigente, que não se refere à pessoa, mas revela sua representação no imaginário, indicando padrões de gênero. Ambivalência entre as figuras feminina e masculina a partir de seus papéis. Frases neutras são masculinas, pois referem-se a um campo interpretado como masculino.

“Em casa que mulher manda, até galo canta fino”: análise da construção midiática da personagem Dilma Rousseff

AUTORIA: JOÃO GABRIEL MARACCI CARDOSO
CRISTIANO HAMANN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. ADOLFO PIZZINATO

RESUMO: Os estudos sobre gênero têm sido amplamente realizados através da análise de conteúdos veiculados nas diversas mídias. Este artigo, aborda a construção de uma personagem, a “Presidenta” Dilma Rousseff, por uma revista mensal brasileira. Discute-se o papel das relações de gênero na representação política, por meio da mídia e do marco cultural que a engloba. O *corpus* selecionado para a análise abrange 17 edições da coluna “Diário da Dilma”, presente na Revista Piauí. O método

utilizado se vale das tradições da Análise Crítica do Discurso e a Análise da Narrativa. Percebe-se a reprodução de padrões de diminuição do papel da mulher na política, principalmente quando vinculados a expressões humorísticas de futilidade, irresponsabilidade e instabilidade, apesar da ascensão política das mulheres brasileiras desde o final do século XIX.

Palavras-chave: Gênero. Mídia. Dilma Rousseff. Representação social.

MINIBIOGRAFIAS:

João Gabriel Maracci Cardoso: Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e bolsista IC no grupo de pesquisa Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática.

Cristiano Hamann: Mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atua no grupo de pesquisa Psicologia, Saúde e Comunidades.



Emancipação da mulher: um diálogo possível entre políticas públicas, gênero e papel social da escola

Abstract:

This report seeks to make reference and discuss about the emancipatory practices of woman, some politics and incentives to empower women through the feminine work in public and private spaces, and how this discussion is developed in the school context, beyond gender and work relations. It is showed, therefore, data regarding to some politics, as well as some government programs aimed to actions that consolidate public policies and governmental guidelines of educational inclusion, social and productive women in vulnerable situations. Making feasible a discussion, in addition to the theme in question, providing a debate on social sexist culture and the school social role. We believe it is necessary to make visible gender relations in school because it is a space where sexual and identities gender are created and recreated, school plays and understands the difference, distinctions, inequalities. It also delineates spaces, uses some symbols and codes, says what one can or cannot do, warns the places. The school has a central role in discussions about the subject, because it is a local that also produces society so we judge to be of extreme importance such discussions in these spaces.

Keywords: women's emancipation, job, gender and education.

Eliane Godinho Corrêa
(Discente do Curso de Pedagogia da UFPel)
Dra. Márcia Alves da Silva (Orientadora)
(Profa. da Faculdade de Educação da UFPel)

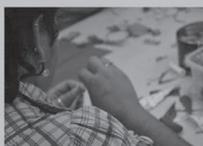
Apresentação:

Este trabalho nasce de reflexões realizadas pelas autoras em relação à emancipação da mulher. A temática surge a partir de discussões realizadas durante as aulas da disciplina de Escola, Cultura e Sociedade VIII, no segundo semestre de 2012, no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, que proporcionou reflexões sobre educação, relações de gênero e sexualidades, visando não apenas o contato com diferentes perspectivas teóricas, mas a apropriação de ferramentas para o debate e intervenção sobre esses temas na escola.



Objetivos:

Referenciar e debater acerca de práticas emancipatórias da/para mulher, algumas políticas e incentivos à emancipação da mulher através do trabalho feminino nos espaços públicos e privados, e como se dá essa discussão na academia e no contexto escolar para além das relações de gênero e trabalho, dando especial atenção ao Programa Mulheres Mil e, ainda, ao projeto de pesquisa denominado Artesã e Professora: aproximações entre trabalho feminino e docência.



O projeto de pesquisa Artesã e professora: aproximações entre trabalho feminino e docência, se refere a uma investigação sobre o processo de construção dos sentidos do trabalho feminino e sua relação com a categorização de gênero a partir do relato de vivências de mulheres artesãs, resgatando as trajetórias de vida das mulheres participantes. O conceito de divisão sexual do trabalho, na teoria feminista é o suporte teórico que possibilita a abordagem das trajetórias de gênero e trabalho feminino.

* No projeto, ocorre oficinas de formação e criação, sob coordenação das profas. Márcia Alves e Mireia Meira.



O Programa Mulheres Mil incentiva ações que consolidam políticas públicas e diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade; além de debater sobre a cultura social machista e o papel social do educador e da educadora na escola.

Considerações finais

Acreditamos que é necessário tornar visíveis as relações de gênero na escola, pois ela é um espaço onde as identidades sexuais e de gênero são criadas e recriadas, a escola entende e reproduz a diferença, as distinções, as desigualdades. Ela também delimita espaços, serve-se de símbolos e códigos, afirma o que cada um pode ou não fazer, informa os lugares... A escola tem um papel fundamental nas discussões acerca do assunto, pois é um local que também produz sociedade. Por isso julgamos ser de extrema relevância tais discussões nesses espaços.

Referências

- Blog Gênero, Artesania e Docência: <http://generoartesiaedocencia.blogspot.com.br/>
LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. *Educação + Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.
_____. *Gênero, sexualidade e educação*, uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Petrópolis: Vozes/CNTE, 1998.
Observatório Brasil da Igualdade de Gênero: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/>
Programa Mulheres Mil: <http://mulheresmil.mec.gov.br/>
Secretaria de Políticas para as Mulheres: <http://www.sepm.gov.br/>
Universidade Livre Feminista: <http://www.feminismo.org.br/livre/>

Emancipação da mulher: um diálogo possível entre políticas públicas, gênero e papel social da escola

AUTORIA: ELIANE GODINHO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MÁRCIA ALVES DA SILVA

RESUMO: Este trabalho procura fazer referência e debater sobre práticas emancipatórias da/para mulher, algumas políticas e incentivos à emancipação da mulher por intermédio do trabalho feminino nos espaços públicos e privados, e sobre como ocorre essa discussão no contexto escolar, para além das relações de gênero e trabalho. Trata-se de apresentar, portanto, dados referentes a algumas políticas, bem como alguns programas de governo voltados para ações que consolidam as políticas públicas e as diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade. Assim, é viabilizada uma discussão para além do tema em questão, proporcionando um debate sobre a cultura social machista

e o papel social da escola. Acreditamos que é necessário tornar visíveis as relações de gênero na escola, um espaço onde as identidades sexuais e de gênero são criadas e recriadas. A escola entende e reproduz a diferença, as distinções, as desigualdades, delimita espaços, serve-se de símbolos e códigos, afirma o que cada um pode ou não fazer, informa os lugares etc. Como a escola tem um papel fundamental nas discussões acerca do assunto, visto ser um local que também produz sociedade, julgamos ser de extrema relevância promover tais discussões nesse espaço.

Palavras-chave: Emancipação da mulher. Trabalho. Gênero. Educação.

MINIBIOGRAFIA:

Eliane Godinho: Egressa do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), bolsista voluntária do Projeto de Pesquisa Artesã e professora: aproximações entre trabalho feminino e docência. Desenvolve pesquisas sobre o trabalho artesanal como empoderamento da mulher, discutindo trabalho, história de vida, e artesanato.

ENCONTROS À LUZ DE *PIXELS*: NARRATIVAS DE AMOR NA INTERNET

Bolsista: Bruna Kocsis Dorés (bruna.kocsis@gmail.com)
 Orientadora: Prof^a. Dr^a Iara Beleli
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 PAGU – NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO DA UNICAMP
 Agência financiadora: CNPq
 Palavras-chave: Amor – Autoajuda - Gênero

Objetivos: Refletir sobre histórias de encontros amorosos que se iniciaram a partir da Internet, percebendo se esse novo espaço de sociabilidade promove uma (re)invenção das relações amorosas. Essa reflexão está perpassada pelas discussões de gênero e sexualidade em intersecção com outros marcadores de diferença (raça/cor, religião, idade, nacionalidade), perguntando se, e como, essas diferenças influenciam a escolha do/a parceiro/a e, em que medida, as noções sobre amor são reconfiguradas.

Metodologia: A pesquisa foi realizada no site de relacionamentos *ParPerfeito* (www.parperfeito.com.br), privilegiando os *Artigos sobre namoro e relacionamento*, escritos por especialistas na área de psicologia e psicanálise – que oferecem conselhos sobre comportamento e sexualidade nas relações afetivas/amorosas/sexuais – e as chamadas *Histórias de Sucesso* – que contemplam narrativas escritas por usuários/as sobre relacionamentos que se iniciaram *online* e se prolongaram nos encontros face a face. Das 518 *Histórias de Sucesso* mapeadas no site, foram analisadas 102 narrativas, em diálogo com os 156 *Artigos sobre namoro e relacionamento* e duas entrevistas realizadas com ex-usuárias do site, que se casaram com homens que conheceram *online*.

Resultados e Conclusão: As *Histórias de Sucesso* e as entrevistas estão marcadas por questões que remetem às diferenças etárias, à distância entre os parceiros e ao estigma acerca de relacionamentos afetivos/amorosos que se iniciam *online*. Os “conselhos” difundem uma hierarquia afetiva na qual a masculinidade é vinculada à racionalidade e agressividade e a feminilidade é regida por ideais de bondade e compaixão (Illouz, 2010a, 2010b). Seguindo a fórmula da literatura de autoajuda, “masculino” e “feminino” são apresentados no singular e vinculados a características generalizantes, de modo que gênero aparece

definido a partir do sexo biológico.

Os *Artigos sobre namoro e relacionamento*, na maioria das vezes, apontam as mulheres como *emocionais* e os homens como *assertivos*. No entanto, os/as especialistas que assinam os artigos oferecem fórmulas para chegar à igualdade nas parcerias afetivo-amorosas, que seria alcançada através do diálogo e do autoconhecimento que, vinculados à *maturidade* – no geral atribuída à “saúde mental” e à capacidade de estabelecer um relacionamento “saudável”, no qual a opção por ficarem juntos não ocorra devido a qualquer tipo de dependência, especialmente emocional –, seriam os responsáveis pelo “sucesso” de um relacionamento.

Ainda que a Internet possibilite outras formas de busca de relacionamentos afetivos/amorosos/sexuais, as *Histórias de Sucesso*, as entrevistas e os *Artigos sobre namoro e relacionamento* sugerem que as relações iniciadas *online* estão permeadas por códigos de gênero similares às relações que começaram em outros espaços de sociabilidade, mostrando o *continuum online/off-line* (Beleli, 2012).



Bibliografia básica:

- ALVES, Vera Lucia Pereira. Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda. Tese de Doutorado em Educação – FE/Unicamp, 2005.
 BELELI, Iara. “Amores on line”. In: PELÚCIO, Larissa et alii. *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. São Paulo, Editora Cultura Acadêmica/CAPES, 2012.
 BOSCO, Angelo Marcos. *Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda*. Dissertação de mestrado – IFCH/Unicamp, 2001.
 BRUNELLI, Anna Flora. *O sucesso esta em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. Tese de doutorado – IEL/Unicamp., 2004
 ILLOUZ, Eva. *La salvación del alma moderna - Terapia, emociones y la cultura de la autoayuda*. Buenos Aires, Karz Editores, 2010a.
 _____. *O Amor Nos Tempos Do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2010b.

Encontros à luz de *pixels*: narrativas de amor na Internet

AUTORIA: BRUNA KOCSIS DORÉS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. IARA BELELI

RESUMO: Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre os encontros amorosos que se iniciaram na Internet, perguntando se esse novo espaço de sociabilidade promove uma (re)invenção das relações amorosas. A pesquisa foi realizada no *site* de relacionamentos Par Perfeito (www.parperfeito.com.br), colocando em diálogo as “Histórias de Sucesso” – relatos de usuários/as que iniciaram parcerias *online* –, e os “Artigos sobre namoro e relacionamento” – conselhos de psicólogos/os acerca de comportamento e sexualidade publicados no *site*. Nesta reflexão, particular atenção foi dada às noções de amor que aparecem nos dois *corpus*, percebendo como gênero e outros marcadores da diferença

operam na escolha do par que se constituirá em uma “história de sucesso”. Das 514 narrativas mapeadas, foram selecionadas 102 histórias, a partir dos diferentes significados atribuídos ao “sucesso” de uma relação amorosa, entre eles a ênfase nas parcerias heterossexuais, gostos similares e, em alguns casos, mesma crença religiosa. Os 156 “Artigos sobre namoro e relacionamento” mapeados dialogam diretamente com as “Histórias de Sucesso”, trazendo noções de comportamento, sexualidade e de relacionamentos considerados “bem-sucedidos”.

Palavras-chave: Amor. Autoajuda. Gênero.

MINIBIOGRAFIA:

Bruna Kocsis Dorés: Graduada em Ciências Sociais, na modalidade Antropologia, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisas de Gênero da UNICAMP – PAGU, entre os anos de 2011 e 2013, onde desenvolveu pesquisas sobre autoajuda, relacionamentos sexuais/afetivos, gênero e outros marcadores de diferenças na Internet.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Entre a delimitação dos espaços e a negociação das categorias de gênero e sexualidade contidas na narrativa cinematográfica Almodovariana



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Alan Pereira Ribeiro (alanribeirosociais@gmail.com)¹

Guilherme Rodrigues Passamani (gpassamani@gmail.com)²

¹Acadêmico do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

²Docente do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, no ocidente, o cinema tem se tomado importante instrumento de representação e visibilidade para grupos antes excluídos e colocados à margem das sociedades contemporâneas. O gênero e a sexualidade, através dos mais variados discursos, foram aprisionados e controlados. Após o surgimento dos movimentos LGBTs, na segunda metade do século XX, profundas transformações ocorreram contribuindo para a reafirmação identitária e conquista de espaços. Nesse sentido, considerando a importância da sétima arte e sua capacidade de apropriação, negociação e (re)significação dos espaços/tempos históricos, sociais e culturais, pretendemos analisar o filme *Má Educação* (2004), de Pedro Almodóvar, fundamentando-nos em estudos realizados pelas Ciências Sociais. Objetivamos enfatizar e problematizar o submundo trans expresso na obra cinematográfica almodovariana, que aborda sexo, gênero, resignificação dos corpos, violências físicas e simbólicas como elementos desestabilizadores do binarismo homem/pênis e mulher/vagina.

Palavras-chave: Cinema; Gênero; Sexualidade; Submundo trans.

OBJETIVOS

- Pensar a sétima arte como possibilidade de apropriação, negociação e (re)significação dos espaços/tempos históricos, sociais e culturais por grupos marginalizados socialmente;
- Analisar algumas problemáticas, ora vistas como fundamentais, em que se faz presente o papel da travesti na obra cinematográfica *Má Educação* (2004) de Pedro Almodóvar;
- Pensar a representação/construção da travestilidade como uma das múltiplas possibilidades de se exercer e se construir, pelo e no corpo, suas identidades sociais. Mesmo que de forma *desviante* ao modelo identitário ora hegemônico (BENEDETTI, 2005; BENTO, 2006);
- Problematizar a representação da identidade travesti entre as personagens da trama Inácio Rodrigues (Francisco Boira), Zhara (Gael García Bernal) e Paquito (Javier Cámara) frente às discussões de gênero, sexualidade e corporalidade;
- Pensar como a construção das diversas formas de gênero e de sexualidade levam à valorização de suas diferenças e particularidades, provocando o rompimento com aqueles padrões essencializados e naturalizados de classificação.

METODOLOGIA

- O método a ser utilizado para a realização da presente pesquisa terá como base fontes disponibilizadas pelas Ciências Sociais e Humanas;
- Levantamento bibliográfico de autores e autoras relacionados às temas de gênero, sexualidade e travestilidade;
- Análise da obra cinematográfica à luz das teorias antropológicas e sociológicas voltadas aos estudos de gênero, sexualidade, travestilidade e cinema.

CONSIDERAÇÕES

O corpo transformado - por meio de intervenções corporais - das travestis rompe com inúmeras verdades cristalizadas, possibilitam sobre ele diversas leituras.

Por meio dessas leituras que o corpo, o gênero e a sexualidade, vêm, nas últimas décadas, sendo explorado pelas Ciências Sociais e Humanas, principalmente no âmbito da Antropologia do Corpo e da Saúde, que tem contribuindo expressiva na desconstrução, ao mesmo tempo, na construção de novos saberes, divulgando trabalhos relevantes (BENEDETTI, 2005).

Almodóvar, por meio de suas produções cinematográficas, problematiza estas personagens, ao mesmo tempo em que as toma protagonistas, proporcionando uma maior positivação de suas identidades, sejam elas de gênero ou de sexualidade, contribuindo de maneira significativa à (re)significação e transformação dos múltiplos espaços sociais.



²Zhara/Hannel Andrade (Gael García Bernal).

REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, M. R. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MALUF, S. W. Corpo e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens. **Revistas de Estudos Feministas**, vol. 10, nº 1, Jan. 2002, pp. 143-153.
- PASSAMANI, G. R. Tudo Sobre Mi Madre: Almodóvar resignificando gêneros e reinventando corpos. In: _____ (Org.). **Ciclo de Cinema**: entre histórias, teorias e reflexões. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 35-46.
- RIBEIRO, A. P. *Má educação*: as ciências sociais como fonte de análises. In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, 3., 2011, Jataí. **Anais eletrônicos**... Jataí: UFG, 2011. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2041.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2013.

Entre a delimitação dos espaços e a negociação das categorias de gênero e sexualidade contidas na narrativa cinematográfica almodovariana

AUTORIA: ALAN PEREIRA RIBEIRO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. MS. GUILHERME RODRIGUES PASSAMANI

RESUMO: Ao longo das últimas décadas, no Ocidente, o cinema tem se tornado importante instrumento de representação e visibilidade para grupos antes excluídos e colocados à margem das sociedades contemporâneas. O gênero e a sexualidade, através dos mais variados discursos, foram aprisionados e controlados. Após o surgimento dos movimentos LGBTs, na segunda metade do século XX, profundas transformações ocorreram contribuindo para a reafirmação identitária e a conquista de espaços. Nesse sentido, considerando a importância da sétima arte e sua capacidade de apropriação, negociação e (re)significação dos espaços/tempos históricos,

sociais e culturais, pretendemos analisar o filme “Má Educação” (2004), de Pedro Almodóvar, fundamentando-nos em estudos realizados pelas Ciências Sociais. Objetivamos enfocar e problematizar o “submundo trans” expresso na obra cinematográfica almodovariana, que aborda sexo, gênero, ressignificação dos corpos, violências físicas e simbólicas como elementos desestabilizadores do binarismo homem/pênis e mulher/vagina.

Palavras-chave: Cinema. Gênero. Sexualidade. Submundo trans.

MINIBIOGRAFIAS:

Alan Pereira Ribeiro: Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato grosso do Sul (UFMS), bolsista do Projeto de Extensão IV Ciclo de Cinema. Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade (GPIDI/UFMS). Desenvolve pesquisas nas áreas de gênero, sexualidade, sociabilidades, grupos urbanos e interseccionalidades.

Guilherme Rodrigues Passamani: É docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato grosso do Sul (UFMS), e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP). Tem experiência nas áreas de Antropologia e História, com ênfase em gênero, sexualidade e diversidade sexual.



Escrita como degeneração em Carolina Maria de Jesus

Marianna Guimarães Alves, UFRRJ, GEDIR- Gênero, Discurso e Imagem (CNPq)

Valeria Rosito (orientadora), UFRRJ, GEDIR- Gênero, Discurso e Imagem (CNPq)

Risco e Rabisco: para anunciar o feminino

Este projeto endereça a escrita feminina, especificamente, a da mulher negra. Enfoca a categoria de gênero no vértice da sexualidade com a discursividade. Trata-se de explorar como a pena feminina cria um espaço discursivo de resistência no risco e na rasura, apropriando-se da dicação literária e não-literária em matéria textual heterogênea, como cartas, diários, entrevistas, contos, poemas, entre outros.

Material e Métodos

Os materiais de pesquisa utilizados são [1] o livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus; e [2] seus manuscritos não publicados encontrados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pertencentes ao rolo 1 da Coleção Vera Eunice MS.565 nas datas de 18 a 24 de maio de 1960. O acesso ao material se dá por meio de máquinas leitoras de microfílm.

Os recortes selecionados desse material são analisados pelas perspectivas teóricas de Walter Benjamin com reflexões referentes à narrativa, à história e à memória e incorpora uma análise crítica sobre a autora em *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável* (2009) de Joel Rufino dos Santos. Além disso, aborda contextos históricos introduzidos por Helena Parente Cunha no livro *Desafiando o Cânone* (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX (2001) representando a emergência das vozes marginalizadas caladas pela história dos vencidos.

"A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo" (BENJAMIN, 1994, p. 229)

"É (sic) que eu estou sempre com a caneta (sic) na mão. Vim ao mundo para ser a literatura (sic)" (BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1960, 22 de maio)

Conclusão

Considerando que este trabalho é reflexo de uma pesquisa contínua e que as considerações a respeito do corpus são apenas recortes de uma pesquisa mais ampla, espera-se que diante das questões de gênero apresentadas, possam-se ampliar os espaços dados à literatura feminina negra.

Conclui-se também que em todas as classificações estereotípicas, Carolina Maria de Jesus, como escritora, mulher, negra e favelada, traçou um caminho único, contrário a todos aqueles previsíveis, conforme condicionamentos conjuntos de gênero, cor e classe social.

Introdução

Este trabalho articula resultados parciais da transcrição dos manuscritos não publicados de Carolina Maria de Jesus, integrantes da coleção Vera Eunice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com seu primeiro diário publicado, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Apresenta questões de gênero e raça como forma de (sobre)vivência na linguagem. A pena feminina negra subverte o cenário hegemônico dominado por categorias do masculino, branco, heterossexual, culto e de classe média.

Resultado e discussão

Carolina Maria de Jesus surge no contexto dos anos 60 quando se abriu espaço na história literária e artística para os excluídos da cultura dominante, principalmente negros e mulheres. Particularmente quanto à escrita feminina, segundo Helena Parente Cunha (2001), a eclosão de "textos de autoria feminina não corresponde a uma história dos vencidos, mas pertence a uma história de resistência" (p.12) desarticulando o discurso hegemônico idealizado esteticamente pelos padrões burgueses.

Como retrato dessa ideologia burguesa e porque não falar da escravocrata, que até nos dias atuais deixa suas marcas em preconceitos e estereótipos, temos o exemplo em um dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus:

A embala(sic) Ana Encarnação disse-me que nunca viu negra gostar de livros. Que em coisa nenhuma. Não gosta. Contá-lhe eu fizto eu não vejo ninguém(sic) ler. Vêjo os garafos de aguardente circulando. Criticam-me por eu gostar de ler. (BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1960, 8 de junho)

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____, *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232. (Obras escolhidas v. 1)

CUNHA, Helena Parente. *Desafiando o Cânone* (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX. Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 2001. Série Coleções, Volume 2.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Fonte

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Coleção Vera Eunice MS 565. Rio de Janeiro, 1960, rolo 1.

Escrita como degeneração em Carolina Maria de Jesus

AUTORIA: MARIANNA GUIMARÃES ALVES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. VALERIA ROSITO

RESUMO: Este pôster integra um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Risco e Rabisco: para anunciar o feminino”. Endereça a escrita feminina, especificamente, a da mulher negra, na autoconfiguração dos papéis de gênero. Na escrita confessional ou na dos diários a “pena feminina” cria um espaço de linguagem e se apresenta, arriscadamente, como resistência e aposta no engendramento de sua experiência. Este trabalho articula resultados parciais da transcrição dos manuscritos não publicados de Carolina Maria de Jesus, integrantes da coleção Vera Eunice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com seu primeiro diário publicado, *Quarto de despejo – diário de uma favelada*.

Sobretudo, articula questões de gênero e raça como subversivas de um cenário hegemônico, dominado por categorias de homem, branco, heterossexual, culto e de classe média. E, nesse contexto, colocam-se em discussão aspectos do *corpus* nos quais a escrita se apresenta como forma de (sobre)vivência. Como aporte teórico, o trabalho enfoca reflexões de Walter Benjamin referentes à história e à memória e incorpora uma análise estilística (no sentido amplo da palavra), com base em Joel Rufino dos Santos, em *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Autoria feminina. Escrita documental. Memória.

MINIBIOGRAFIA:

Marianna Guimarães Alves: Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduiu-se em Letras-Português/Espanhol/Literaturas (UFRRJ) em 2014. Atualmente, é membro do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFRRJ) GEDIR – Gênero, Discurso e Imagem.



Espacialidade, Escola de guardas mirins e constituição de masculinidades na cidade de Ponta Grossa – Paraná

autor: João Paulo Leandro de Almeida
orientador: Marcio Jose Ornat

➤ Introdução

A Escola de Guardas Mirins 'Tenente Antônio João' é uma unidade departamental do Instituto Educacional 'Duque de Caxias' que é uma instituição civil sem fins lucrativos de caráter espírita cristão, criada pelo Sr. Epaminondas Xavier de Barros em 14 de julho de 1965 com a finalidade de amparar, evangelizar, educar e orientar crianças e adolescentes de 06 a 18 anos de idade. A escola tem em sua metodologia de ensino a perspectiva pré-militar.

➤ Objetivo

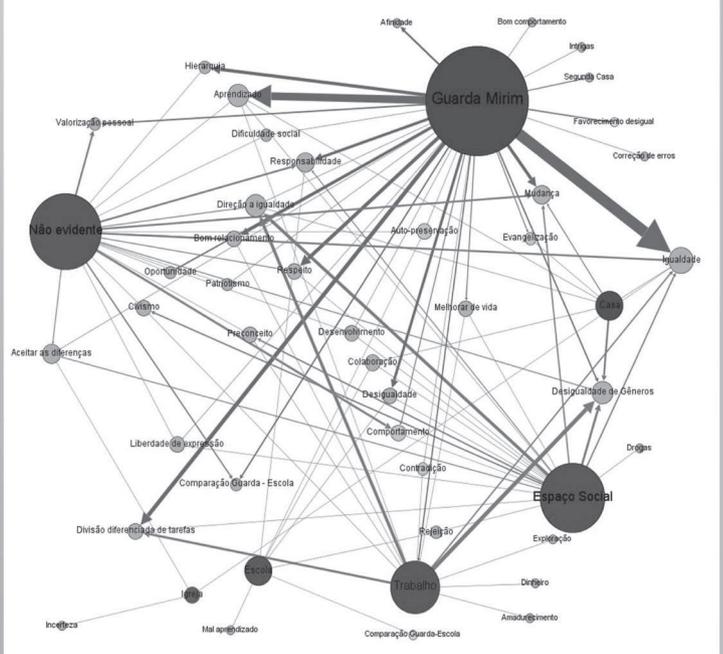
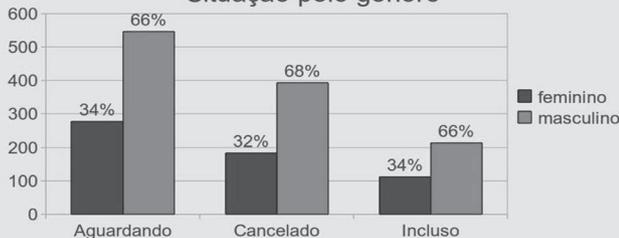
Evidenciar a relação entre espacialidades e a constituição de masculinidades no cotidiano da Escola de Guardas Mirins Tenente Antônio João, em Ponta Grossa, Paraná.

➤ Discussão

A Escola de Guardas Mirins tem cerca de 2000 candidatos/as a vaga, sendo que em maior parte tem como localização da moradia os loteamentos; Ronda, Nova, Cel. Cláudio, Parque N. Sra das Graças e 31 de Março, sendo do total 66% meninos que em maior parte demonstram que se encontram de certa forma em risco social, seja pela característica familiar e/ou sua localização. Condicionando o menino a exercer uma masculinidade periférica.

Ao serem inclusos os meninos passam a buscar a masculinidade hegemônica, devido a uma série de componentes da escola e sua metodologia de ensino cívico, moral e social. Esta espacialidade demonstra ser constituída por interrelações, esfera da multiplicidade e sempre em construção, onde as masculinidades são performaticamente construídas.

Situação pelo gênero



➤ Referências

- BARROS, E.X. de. *Histórias dentro da História*. Ponta Grossa – PR. 1999. [Todos os direitos reservados ao Instituto Educacional "Duque de Caxias"]
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº2, jul./dez., 1995, p. 185-206.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- ROSE, G. *Performing Space*. In: MASSEY, D; ALLEN, J; SARRE, P. *Human Geography Today*. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 247 – 259.
- ROSSI, R. "Malucos da quebrada": Territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa - Pr. Dissertação. (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

Espacialidade, escola de guardas mirins e constituição de masculinidades na cidade de Ponta Grossa – Paraná

AUTORIA: JOÃO PAULO LEANDRO DE ALMEIDA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. MARCIO JOSE ORNAT

RESUMO: A presente discussão tem por objetivo evidenciar a relação entre espacialidades e a constituição de masculinidades no cotidiano da Escola de Guardas Mirins Tenente Antônio João, em Ponta Grossa, Paraná. Nossa fonte de reflexão refere-se ao levantamento qualiquantitativo realizado com dez alunos, de 12 a 16 anos, entre o período de agosto de 2012 a março de 2013. As atividades desta instituição orientam-se pela necessidade de respeito a peculiaridades e minimização de dificuldades vivenciadas pelos alunos. Do total de alunos (220), 66% são meninos com idade entre 6 a 18 anos. Espera-se que o comportamento destas pessoas esteja orientado ao exercício de responsabilidades

relacionadas à idade adulta, conectada aos papéis sociais desempenhados pelo homem adulto, como o compromisso com o trabalho, a boa índole e respeito à hierarquia. Devido ao fato desta espacialidade ser constituída por inter-relações, esfera da multiplicidade, e sempre estar em construção, as masculinidades são performaticamente realizadas cotidianamente, construindo um “ideal” a ser seguido no presente e no futuro, nas mais variadas espacialidades que podem ser vivenciadas por estes meninos.

Palavras-chave: Masculinidade. Espacialidade. Guardas mirins.

MINIBIOGRAFIAS:

João Paulo Leandro de Almeida: Graduando do Curso de Bacharelado em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), ex-guarda mirim, componente do Grupo de Estudos Territoriais (GETE).

Marcio Jose Ornat: Professor Doutor do curso de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e um dos coordenadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE).



Estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade no Brasil: os Encontros Anuais da ANPOCS (1979-2012)



UNICAMP



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Rubens Mascarenhas Neto
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Facchini
(e-mail: rubensmascneto@hotmail.com)

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PAGU – NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO

Agência Financiadora: CNPq

Palavras-Chave: *campo científico (Brasil) – gênero – sexualidade*

Objeto e objetivos

A pesquisa teve por objetivo investigar variações na trajetória dos estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade nas Ciências Sociais brasileiras. Para tanto tomou como objeto os anais dos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), fundada em 1977.

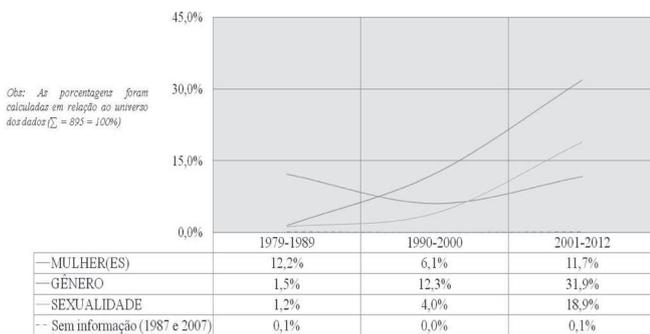
Metodologia

A metodologia utilizada integra técnicas quantitativas e qualitativas, a partir da análise documental dos anais de 34 Encontros Anuais (1979 a 2012) da ANPOCS. No conjunto de atividades desenvolvidas, privilegiou-se a análise dos Grupos de Trabalho (GT) e Sessões Temáticas (ST), espaços de discussão que concentram pesquisadores mais jovens, em termos de carreira acadêmica, constituindo-se como *locus* menos cristalizados e mais dinâmicos para a observação de tendências na produção científica. O foco analítico recaiu sobre as mudanças ao longo do tempo de existência desses encontros com relação a: a) distribuição quantitativa; b) a distribuição geográfica (por unidade da federação e região do país); c) origem institucional; d) distribuição de temas; e) inserção dos diferentes temas em GT voltados especificamente ou não aos temas mulheres, gênero ou sexualidade. Para a sistematização, armazenamento e análise dos dados coletados - 214 GT/ST e 895 trabalhos -, foram utilizados os softwares Microsoft Excel e SPSS.

Resultados e discussão

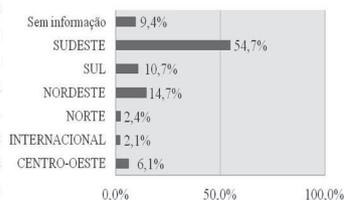
Apesar de existirem, desde o início do período analisado, GT/ST com temática específica, pouco mais da metade (53,4%) das apresentações de trabalho envolvendo mulheres, gênero e/ou sexualidade se deram em GT/ST não específicos. Se os primeiros GT específicos observados na programação estavam voltados para "mulher(es)", gênero e o conceito em torno do qual mais se mobilizaram trabalhos e GT/ST nas edições analisadas. O uso de tal conceito é acompanhado por um aumento considerável nos trabalhos que adotaram novos objetos de estudo como as masculinidades, por exemplo.

Gráfico 01: Evolução da distribuição de trabalhos sobre mulheres, gênero e/ou sexualidade apresentados na ANPOCS por ano (1979-2012)



A distribuição regional dos autores de trabalhos apresentados nas temáticas estudadas segue a tendência encontrada por Facchini (2013) na distribuição de grupos de pesquisa relacionados à temática cadastrados no CNPq, embora a concentração na região sudeste seja mais acentuada. Uma relação possível deve-se ao fato dos Encontros da ANPOCS realizarem-se sempre nessa região. A maioria expressiva de coordenadores (86,5%) e de autores (81%) relacionados aos GT/ST e trabalhos analisados encontram-se vinculados a instituições públicas.

Gráfico 02: Distribuição regional dos autores dos Trabalhos sobre mulher(es), gênero e sexualidade apresentados nos GT e ST da ANPOCS (1979-2012)



A frequência de temas na composição dos GT/ST e nos trabalhos aponta para uma concentração, em ambos, no tema "Poder, Política e Cidadania". Durante a coleta de dados, constatou-se que GT e ST envolvendo a temática supracitada passam todos os anos analisados com números significativos. Tanto nos GT e ST quanto nos trabalhos, temas como "Ciência e Tecnologia", "Escola e Docência", "Saúde, Corporalidade e Práticas Corporais", "Sexualidades" e "Raça, Etnia e Ruralidades" tiveram um considerável aumento no período estudado, especialmente a partir dos anos 2000. Verificou-se também um decréscimo da produção estudada em temas como "Trabalho", nos GT e ST, e "Diáspora, Migração e Nação" nos trabalhos.

Gráfico 03: Distribuição temática nos GT e ST por ano (1979-2012)

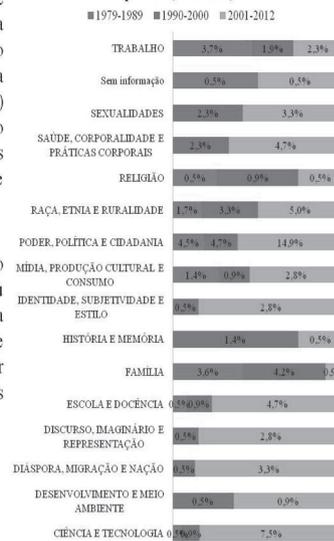
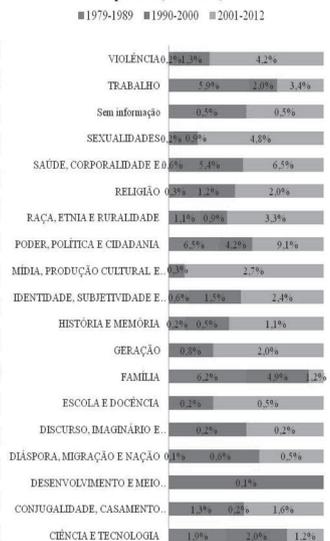


Gráfico 04: Distribuição temática nos Trabalhos por ano (1979-2012)



Os GT/ST da ANPOCS acompanharam *pari passu* tanto os processos intelectuais no campo das ciências sociais no Brasil, quanto os processos sociais e políticos presentes na sociedade brasileira. Observa-se, por exemplo, o fato de que os GT sobre "mulher(es)" na ANPOCS surgiram no mesmo período em que o debate feminista começou a ganhar espaço nas ciências sociais brasileiras, na década de 1970; os primeiros GT de "sexualidade" apareceram com o debate público acerca da epidemia do HIV/Aids, prenunciando o impulso que se seguiria em tais estudos. As reflexões empreendidas nos trabalhos apresentados também foram impactadas pela dinâmica do campo. A saber, o alojamento dos trabalhos em determinados GT/ST bem como os objetos e temas pesquisados sofreram certa influência das articulações entre o debate acadêmico e o debate político. O olhar histórico permitiu-nos verificar certos movimentos teóricos, articulações e o surgimento de novos conceitos. Os espaços analisados notabilizaram-se pela dinamicidade, o que permitiu que gerações de pesquisadores no campo expusessem suas pesquisas e trabalhos, contribuindo significativamente para a reconhecida qualidade dos estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade no Brasil.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. "Champ intellectuel et projet créateur". In: Les Temps Modernes. Nº 246, novembre 1966. *Problèmes du structuralisme*, pp. 867-906.
- _____. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 13-29, 2001.
- FACCHINI, Regina. *Gênero e sexualidade na pesquisa e na produção científica brasileira: interseções, convenções e conexões*. Relatório final do projeto. Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu/Unicamp), Campinas, 2013.
- HEILBORN, Maria Luiza, SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995): Sociologia*. São Paulo: Sumaré, 1999
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed. 1998 [1962]. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira.

Estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade no Brasil: os Encontros Anuais da ANPOCS (1979-2012)

AUTORIA: RUBENS MASCARENHAS NETO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. REGINA FACCHINI

RESUMO: Esta apresentação baseia-se em pesquisa que visa a contribuir para a recuperação da trajetória dos estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade nas Ciências Sociais no Brasil. O material analisado provém dos anais dos Encontros Anuais Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), atualmente na sua 37ª edição. Fundada em 1977, a ANPOCS congrega pesquisadores, centros e núcleos de pesquisa, e programas de pós-graduação em Antropologia, Sociologia e Ciência Política. A metodologia integra técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa a partir da análise dos anais eletrônicos disponibilizados pela ANPOCS na internet. O foco analítico recai sobre as mudanças ao longo do tem-

po de existência desses encontros com relação à: a) distribuição quantitativa; b) distribuição geográfica (por unidade da federação e região do país); c) origem institucional; d) distribuição de temas; e) inserção dos diferentes temas em grupos de trabalho (GTs) voltados especificamente ou não aos temas mulher, gênero ou sexualidade. Os resultados indicam que os grupos de trabalho da ANPOCS acompanham tanto os processos intelectuais no campo das ciências sociais no Brasil quanto os processos sociais e políticos presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Campo científico. Estudos feministas. Ciências Sociais (Brasil).

MINIBIOGRAFIA:

Rubens Mascarenhas Neto: Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista de Iniciação Científica, com o apoio do CNPq, no Núcleo de Estudos de Gênero PAGU. Desenvolve pesquisas sobre sociologia e antropologia da ciência, gênero e sexualidade.

Famílias e Proteção Social: O Papel das Mulheres no Programa Bolsa Família na Cidade de Niterói

Autoras: Carina Pereira Silva (Universidade Federal Fluminense) & Rita de Cássia Santos Freitas (Universidade Federal Fluminense)

Orientadora: Rita de Cássia Santos Freitas

OBJETIVOS:



Este trabalho busca realizar um debate acerca da relação entre proteção social, famílias e políticas sociais, tendo como foco a análise da posição ocupada pela mulher no Programa Bolsa Família na cidade de Niterói-RJ. A discussão sobre essas temáticas se move dentro do projeto "Famílias e Proteção Social na cidade de Niterói" desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social da UFF, que tem como objetivo identificar os significados do Programa Bolsa Família e os rebatimentos deste na vida dessas mulheres e de suas famílias.

O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA NA CIDADE DE NITERÓI:

O Programa Bolsa Família é um programa federal de transferência de renda com objetivo de combater a pobreza e outras formas de privação das famílias, promovendo acesso à rede de serviços públicos como a saúde, educação, assistência social e segurança alimentar. As famílias beneficiárias recebem a transferência monetária de acordo com: sua condição sócio econômica, o número de filhos (crianças e adolescentes), gestantes e nutrízes. As mulheres, por conta de uma relação de gênero, aparecem como principais protagonistas dessa política, tendo como eixo central a maternalidade sociofamiliar. O papel ocupado pela mulher no programa, se por um lado, pode possibilitar certo empoderamento feminino, por outro, pode vir a reforçar o papel desta como única responsável pelos filhos e pela família. Trazemos assim alguns dados do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome), que apontam para essa relação entre PBF e mulheres, bem como dados relativos ao Programa na Cidade de Niterói.



Dados do Programa Bolsa Família na Cidade de Niterói:

Famílias cadastradas no Cadastro Único	29.274
Quantidade de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família	15.349
Total de gestantes acompanhadas pela Saúde	219
Total de gestantes com pré natal em dia	217
Crianças e adolescentes das famílias do PBF com frequência escolar informada	18.065
Total de crianças e adolescentes das famílias do PBF no município	19.301
Total de beneficiários com perfil educação (6 a 15 anos)	16.331
Total de beneficiários com perfil educação (16 e 17 anos)	3.115

Tipos de benefícios do Programa Bolsa Família e famílias beneficiárias em Niterói:

Benefício Básico	13.843
Benefícios Variáveis	21.383
Benefício Variável Jovem - BVJ	3.122
Benefício Variável Nutriz - BVN	74
Benefício Variável Gestante - BVG	178
Benefício de Superação da Extrema Pobreza - BSP	6.228

RESULTADOS/ CONCLUSÕES:

A política de assistência social brasileira orienta-se pela perspectiva de ações de combate à pobreza, com prioridade aos programas de transferência condicionada de renda. Esses programas priorizam o repasse de renda às mulheres e acabam por envolvê-las em uma rede de obrigações e condicionalidades, a exemplo do Programa Bolsa Família (PBF). Estes programas vêem as mulheres como foco prioritário, e até objeto, de suas intervenções com vistas ao combate à pobreza. A mulher, a partir de seus papéis na esfera doméstica ou de reprodução, tem sido a interlocutora principal dessas ações, tanto como titular do benefício quanto no cumprimento das condicionalidades impostas. Vemos com isso que, a família é identificada pela figura da mulher, e não pela do homem. E a mulher, por sua vez, é considerada com base nas funções maternas, o que fixa e essencializa o sujeito mulher, vinculando-o à figura da maternidade.



BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, Lia Canejo Diniz. "Programa Bolsa Família: a percepção de beneficiários e profissionais acerca das condicionalidades do programa". Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social, Niterói-UFF, 2009.
- CARLOTO, Cássia Maria e MARIANO, Silvana Aparecida. "No meio do caminho entre o privado e o público: um debate sobre o papel das mulheres na política de assistência social". *Revista Estudos Feministas* [online], col. 18, 2010.
- CARLOTO, Cássia Maria. "Gênero, políticas públicas e centralidade na família". *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 86, São Paulo: Cortez, 2006.
- FONSECA, Ana Maria Medeiros da. *Família e política de renda mínima*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos, BRAGA, Cenia Duarte & BARROS, Nivia Valença (2012). "Política social, famílias e gênero – temas em discussão". *Revista Argumentum*, Vitória (ES), v. 4, n. 2.
- PEREIRA-PEREIRA, Potyara Amazeide. "Mudanças estruturais: política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar". *Política Social, Família e Juventude: uma questão de direitos* (org. Mione Apolinário Sales ET al.). São Paulo: Cortez, 2004.
- SENNA, Mônica de Castro Maia et al. "Programa bolsa família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira?". *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. 1, June 2007. Disponível em www.scielo.br/kat acessado em 19 out 2011.
- SUAREZ, Mireya e LIBARDONI, Madlene. "O impacto do Programa Bolsa Família: mudanças e continuidades na condição social das mulheres". *Avaliação de políticas e programas do MDS: resultados*, Volume II: Bolsa Família e Assistência Social (org. Jaii Vaitman e Émilia Pass-Sousa). Brasília, DF: MDS/SA/GI 2007.
- Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, disponível em: www.mds.gov.br

APOIO:



Famílias e Proteção Social na Cidade de Niterói: o papel das mulheres no Programa Bolsa Família na cidade de Niterói

AUTORIA: CARINA PEREIRA SILVA

RITA DE CÁSSIA DOS SANTOS FREITAS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. RITA DE CÁSSIA DOS SANTOS FREITAS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir acerca da relação existente entre proteção social, famílias e políticas sociais, tendo como foco a análise da posição ocupada pela mulher no Programa Bolsa Família na cidade de Niterói/RJ, a qual é vista como sujeito central de muitas de nossas políticas. Por isso, torna-se importante o debate sobre a constituição das identidades femininas em sua relação com a inserção neste Programa. As mulheres, devido a uma relação de gênero, aparecem como principais protagonistas dessa política, a qual tem como eixo central a matricialidade sociofamiliar. Trazemos, assim, alguns dados que apontam para essa questão, bem como dados relativos ao programa na cidade de Niterói e sobre benefícios cujo alvo é

a mulher. O papel ocupado pela mulher no programa, se por um lado, pode possibilitar certo empoderamento feminino, por outro, pode vir a reforçar o papel desta como única responsável pelos filhos e pela família. A discussão sobre essas temáticas se move dentro do projeto “Famílias e Proteção Social na cidade de Niterói” desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). O Projeto se encontra em fase inicial e se propõe a identificar os significados do Programa Bolsa Família e os rebatimentos deste na vida dessas mulheres e de suas famílias.

Palavras-chave: Programa Bolsa Família. Política social. Família.

MINIBIOGRAFIAS:

Carina Pereira Silva: Aluna do 6º período curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de iniciação científica do Projeto Famílias e Proteção Social na Cidade de Niterói, coordenado pela Profa. Dra. Rita de Cássia dos Santos Freitas com apoio financeiro da PIBIC/CNPQ e desenvolvido no Núcleo Pesquisa Histórica sobre Proteção Social/Centro de Referência Documental (NPHPS/CRD), coordenado pela mesma professora.

Rita de Cássia Santos Freitas: Professora Associada da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Doutorado junto ao Centro de Estudos Sociais (UC). Coordenadora do Núcleo Pesquisa Histórica sobre Proteção Social/Centro de Referência Documental (NPHPS/CRD) e Vice-coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social (UFF). Estudos na área de gênero, famílias, violência contra mulheres, crianças e adolescentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDOS DE GÊNERO - NIEG

Formação e mobilização de atores sociais para o enfrentamento da violência doméstica: o conceito de intelectuais orgânicos revisitado

Rafânia Marezia Silva de Carvalho¹; Dyjane dos Passos²; Paula Dias Bevilacqua³

(1) Graduanda em Ciências Sociais/UFV, NIEG/UFV email rafanya.carvalho@ufv.br; (2) Graduanda em Economia Doméstica /UFV, NIEG/UFV; (3) Prof.^a Associada DVT/UFV, Coordenadora do NIEG;

Contextualização

Esse trabalho consiste em uma reflexão acadêmica realizada no contexto do projeto de extensão “Formação de Agentes Comunitários/as para o Enfrentamento da Violência contra a Mulher”, bem como no espaço do Projeto “Casa das Mulheres”. O trabalho foi desenvolvido, diretamente, com as pessoas dos bairros e comunidades de Viçosa-MG. As atividades do projeto se caracterizaram pela realização de oficinas para discussão e problematização de temas como: a rede protetiva não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher (Figura 1), ciclo da violência (Figura 2), tipos de violência contra a mulher (Figura 3), Lei Maria da Penha (Figura 4) e teatro sobre o ciclo da violência (Figura 5). As atividades de formação/mobilização foram desenvolvidas de forma dialógica e construtiva, viabilizando meios e estratégias em rede para enfrentamento da violência contra a mulher, em especial as violências ocorridas no âmbito doméstico.

Metodologia

Utilizamos como metodologia de pesquisa a observação participante e análise de relatorias construídas durante as visitas domiciliares e oficinas coletivas e individuais, onde pudemos resgatar falas e reflexões dos/as participantes problematizando questões por vezes naturalizadas. Além disso, a postura dos/das estudantes nas atividades em campo era direcionada para o estabelecimento de um olhar diferenciado, capturando nuances cotidianas que, posteriormente, poderiam ser relacionadas com os conceitos teóricos estudados.

Reflexões

Por meio das metodologias empregadas neste trabalho, iniciamos uma reflexão, inspiramo-nos no conceito de intelectual orgânico de Antonio Gramsci, que considera que há sabedoria e articulação do conhecimento nas práticas cotidianas corriqueiras, sendo as pessoas invisibilizadas por não dominarem um discurso de ordem técnica/formal.

Agradecimentos:

PROEXT/MEC
PIBEX/UFV



Figura 1 – oficina sobre a “Rede Protetiva”



Figura 2 - Oficina sobre “Ciclo da Violência contra a mulher”



Figura 3 - Oficina sobre “Tipos de Violência”



Figura 4 – Oficina sobre “Lei Maria da Penha”



Figura 5 – “Apresentação do Teatro”

As atividades de formação, como mencionado anteriormente, trataram de temas como ciclo da violência, tipos de violência e Lei Maria da Penha e envolveram pessoas da comunidade (lideranças ou não), sendo denominados “agentes comunitários de enfrentamento da violência contra a mulher”, permitindo tecer uma identidade em torno desse grupo. Entendemos que o enfrentamento da violência contra a mulher parte de uma corrente contra hegemônica de desconstrução do senso comum e das práticas reproduzidas culturalmente, que reforçam o direito do homem sobre a mulher e legitimam a agressão como se tal fosse por si só explicada.

Considerações Finais

O silenciamento sobre o tema da violência contra a mulher contribui para a invisibilidade desse evento e, conseqüentemente, o distancia da agenda política e social. Para tanto, o tratamento desse tema com diferentes atores sociais, abre espaço para o empoderamento destes sujeitos, criando estratégias de superação desta temática. Por conseguinte, a formação dos denominados “agentes de enfrentamento da violência contra a mulher”, contribui de forma significativa para a efetividade das ações desenvolvidas pelo Projeto “Casa das Mulheres”, que se materializa na figura de uma rede não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher no município de Viçosa-MG.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro. Bertrand, Brasil, 2005.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci**, Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2011.
- FERRETI, Celso João. **O Pensamento educacional em Marx e Gramsci e a concepção de Politécnica**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v.7, suplemento, p.105-128, 2009.
- JESUS, Antonio Tavares de. **Educação e Hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci**. São Paulo: Cortez; Campinas, Sp: Editora da Universidade de Campinas, 1989.

Formação e mobilização de atores sociais para o enfrentamento da violência doméstica: o conceito de intelectuais orgânicos revisitado

AUTORIA: RAFÂNIA MAREZA SILVA DE CARVALHO

DYJANE DOS PASSOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PAULA DIAS BEVILACQUA

RESUMO: Partimos da reflexão sobre as atividades de formação e mobilização popular envolvendo o enfrentamento da violência contra a mulher inseridas no Projeto Casa das Mulheres, no município de Viçosa/MG. As atividades de formação/mobilização foram desenvolvidas de forma dialógica e construtiva, viabilizando meios e estratégias em rede para enfrentamento da violência contra a mulher, em especial as violências ocorridas no âmbito doméstico. Inspiramo-nos no conceito de intelectual orgânico de Antônio Gramsci, que considera que há sabedoria e articulação do conhecimento nas práticas cotidianas corriqueiras e que as pessoas são “invisibilizadas” por não dominarem um discurso de ordem técnica/formal. As atividades de formação trataram de temas como patriarcado,

ciclo da violência, tipos de violência e Lei Maria da Penha, e envolveram pessoas da comunidade (lideranças ou não) – denominadas agentes comunitários de enfrentamento da violência contra a mulher –, permitindo tecer uma identidade em torno desse grupo. Entendemos que o enfrentamento da violência contra a mulher parte de uma corrente contra-hegemônica de desconstrução não somente do senso comum e mas também das práticas reproduzidas culturalmente que reforçam o direito do homem sobre a mulher e legitimam a agressão como se esta fosse por si só explicada.

Palavras-chave: Emponderamento. Patriarcado. Relações de poder.

MINIBIOGRAFIAS:

Rafânia Mareza Silva de Carvalho: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista de extensão (PIBEX) vinculada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG).

Dyjane dos Passos: Graduada em Economia Doméstica pela UFV e bolsista do PROEXT vinculada ao NIEG.

Paula Dias Bevilacqua: DS-Epidemiologia. Professora Associada-DVT/UFV e coordenadora do NIEG.

Gênero e Cinema – Uma Análise Crítica dos discursos sobre “ser” mulher no filme “As Horas”

Alexandre Henrique do Nascimento Freitas e
Joanna Ferrão dos Santos (graduação em Psicologia – Labeshu/UFPE)
Karla Galvão Adrião (Orientadora)

INTRODUÇÃO: O filme “As Horas” de Stephen Daldry retrata um dia na vida de três mulheres em diferentes décadas do século XX; relacionadas pelo livro da, também personagem, Virginia Woolf – Mrs. Dalloway. Nossa motivação na escolha pela forma como o filme seria abordado e a temática explorada partiu do envolvimento dos membros com teorias feministas e do interesse em explorar o modo como essas mulheres retratadas reagiram à noção de mulher que lhes era colocada e de que forma essa noção aparecia nos discursos das personagens do filme.



OBJETIVOS: Esse trabalho pretende compreender os sentidos construídos sobre “a mulher”, evidenciados nos discursos do filme “As Horas” de Stephen Daldry. Objetivamos refletir sobre de que modo e até que ponto essas mulheres ocupam determinados lugares, reproduzem-nos e/ou transgridem o esperado das mesmas.



MÉTODO: Para fins de análise foram selecionadas as cenas e situações que melhor se relacionavam com a proposta. Foi observado que a personagem “Laura Brown” era quem melhor se adequava aos objetivos. Duas cenas foram escolhidas e com o auxílio da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001), foram observados nas cenas, os diálogos, gestos, falas etc. que revelavam a noção de mulher presente na década de 50. Além disso, como suporte teórico-metodológico, nos debruçamos sobre literaturas feministas como a de Beth Friedan, a qual revela um mal-estar comum nas mulheres da época retratadas com relação aos esperados lugares de “mãe”, “rainha do lar”, entre outros.



REFERÊNCIAS:

AS HORAS. Direção: Stephen Daldry. Estados Unidos e Inglaterra: Imagem Filmes, 2002. Baseado na novela de Michael Cunningham.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRIEDAN, Betty. Mística feminina. Petrópolis: Vozes Limitada, 1971.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Ed. UNICAMP, São Paulo. pp. 07-41, 1995.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: Debruçar-nos sobre a mulher da década de 50 auxilia-nos a pensar criticamente os discursos atuais e ideologia vigentes, as quais certamente sofrem influência do passado e com esse exercício de reflexão podemos começar a pensar em transformação social. Apontamos reflexivamente a ausência de mulheres negras no filme. Essa questão não foi abordada em momento algum em nossa análise, visto que no filme isso também está suprimido. A mulher negra e seu papel no século XX não surgem em nenhum momento do filme, ela está ocultada, sequer aparece como coadjuvante.



RESULTADOS E DISCUSSÃO: Foi possível observar mecanismos ideológicos que atuam no sentido de produzir mulheres e destiná-las aos lugares de mãe e rainha do lar. Vimos como Laura é, por diversas vezes, coagida a ser mãe e estar feliz com esse lugar, o que lhe gera um mal-estar comum a muitas mulheres em sua época. Laura então transgredir esse lugar e podemos ver como esta mulher “torna-se mulher” a seu próprio modo perante a coerção social, e assume novas escolhas estético-ético-políticas, criando para si novos modos de estar no mundo; possibilitando assim, pensar novas formas de expressividade e subjetivação.

Gênero e Cinema – Uma Análise Crítica dos discursos sobre “ser” mulher no filme *As Horas*

AUTORIA: ALEXANDRE HENRIQUE DO NASCIMENTO FREITAS
JOANNA FERRÃO DOS SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. KARLA GALVÃO ADRIÃO

RESUMO: Esse trabalho objetiva compreender os sentidos construídos sobre “a mulher” evidenciados nos discursos do filme *As Horas* de Stephen Daldry, o qual retrata um dia na vida de três mulheres em diferentes décadas do século XX, relacionadas pelo livro da, também personagem, Virginia Woolf – Mrs. Dalloway. A partir disso, pretendemos identificar, com o auxílio da Análise Crítica do Discurso de Fairclough, as cenas, diálogos, gestos, discursos etc. que revelam a noção de mulher presente na década de 1950; verificando a existência de um “mal-estar” já revelado em teorias feministas (Beth Friedan), com relação aos esperados lugares de “mãe”, “rainha do lar”, entre outros. Objetivamos refletir sobre de que modo e até que ponto essas

mulheres ocupam tais lugares, reproduzem-nos e/ou transgridem o comportamento esperado. Desejamos desvelar como esta mulher “torna-se mulher” a seu próprio modo perante a coerção de mecanismos ideológicos, assumindo novas escolhas estético-ético-políticas e criando para si novos modos de estar no mundo. Entendendo os discursos como prática ideológica, “debruçarmo-nos” sobre a mulher da década de 1950 auxilia a pensar criticamente os discursos e a ideologia vigentes, os quais sofrem influência do passado, possibilitando, assim, pensar novas formas de expressividade e subjetivação.

Palavras-chave: Mulher. Gênero. Cinema. Discurso. Subjetividade.

MINIBIOGRAFIAS:

Alexandre Henrique do Nascimento Freitas e Joanna Ferrão dos Santos: Graduandos em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integram o grupo extensionista “Muda” que faz parte do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (Labeshu), e realizam oficinas com jovens na área de tecnologias, espaço urbano e políticas públicas em uma perspectiva feminista de trabalho.

GÊNERO E ESPORTE: APONTAMENTOS SOBRE "MENINA DE OURO"



Paula Nunes Chaves¹
Mayara Cristina Mendes Maia²
Allyson Carvalho de Araújo³

Fazendo Gênero 10
Desafios Atuais dos Feminismos



RESUMO

O trabalho caracteriza-se como exploratório a partir da pesquisa "Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema." O recorte do texto centraliza a análise no filme *Menina de Ouro* (2004), produção cinematográfica norte-americana, que aponta o descrédito da figura feminina enquanto participe ativa do mundo do boxe, considerado de domínio masculino, justificado pela noção de superioridade da potência corporal e valências físicas creditadas ao homem.

Palavras-Chave: Gênero; Boxe; Esporte.

INTRODUÇÃO

O texto centraliza a análise no filme *Menina de Ouro* (2004), e objetiva destacar e discutir elementos que genericam a prática do boxe na produção em tela. Arelado a este objetivo central, operacionalizam-se outros objetivos específicos, a saber: a) elencar cenas e/ou momentos do filme que retratem a genericação do boxe e; b) discutir como a representação pode reforçar e questionar a compreensão sexista no esporte. A pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, adotando como recurso metodológico a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006). O trabalho justifica-se pela necessidade de discutir as novas demandas emergentes de gênero, que desconstruem paradigmas no cenário esportivo.

CONTINUIDADES E RUPTURAS DA REPRESENTAÇÃO SEXISTA NO ESPORTE EM MENINA DE OURO

Ao nos reportarmos à cultura esportiva do boxe, visualizamos corpos distantes do arquétipo de mulher dócil e delicada. No caso de *Menina de ouro*, os elementos que genericam o boxe se manifestam primeiramente na recusa do personagem Frank em treinar a protagonista (Maggie), justificando tal atitude pelo fato desta ser uma mulher. A protagonista pretende ser reconhecida porque é capaz e competente, e não desacreditada por um dado biológico (ser mulher).

Outros elementos importantes para pensar o feminino no boxe a partir do filme em tela são: O processo de transformação corporal, virilização e aumento do volume muscular sofrido por Maggie, que culminou em uma mudança no regime de visibilidade de seu corpo; a superação da dor como negação da fragilidade atrelada ao feminino, visível na cena em que Maggie quebra o nariz durante uma luta, e sem reclamações ou choro retorna para o combate. E por fim, a despreocupação da personagem em mostrar-se feminina através de suas vestimentas e aparência estética, mesmo fora do ambiente de trabalho, nos fazendo pensar que Maggie não afirma em seu corpo, códigos de uma feminilidade tradicional.



Figura 1 – Em meio a insistências e resistências
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (EASTWOOD, 2004)



Figura 2 – Visibilidade corporal reduzida
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (EASTWOOD, 2004)



Figura 3 - Músculos em evidência
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (EASTWOOD, 2004)



Figura 4 - Entre sangue e fraturas – Negação da fragilidade feminina
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (EASTWOOD, 2004)



Figura 5 - A não afirmação de códigos femininos tradicionais na vida cotidiana
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (EASTWOOD, 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se reportar ao submundo do marginal, representado pelo feminino, o filme rompe com o arquétipo da mulher frágil e do homem viril de maneira que esse modelo binário já não mais se sustenta no âmbito esportivo. Para além da mulher forte, viril, a película promove o alargamento das representações de feminilidades no cenário esportivo, e nos auxilia a pensar o acesso das mulheres no âmbito de práticas corporais tradicionalmente marcadas por signos do masculino e forjadas socialmente para pertencer exclusivamente ao homem. Assim, acreditamos não ser errado pensar que "certamente continuam a existir os tradicionais conceitos de masculinidade e feminilidade, mas hoje eles estão em xeque a partir das novas demandas sociais e dos debates a elas correspondentes". (VAZ; MELO, 2009, p. 139). Sendo necessário pensar um modelo de sujeito esportivo multifacetado, móvel, que esta reconstruindo seus papéis constantemente.

REFERÊNCIAS

- MELO, V.A.; VAZ, A.F. cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: MELO, V.A, DRUMOND, M. (Orgs.) Esporte e cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, p.95-143.
- FERNANDES, V.; MOURÃO, L. O discurso de feminilidade no boxe a partir da análise do filme *menina de ouro*. In: ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL OBSERVATÓRIO DE MÍDIA ESPORTIVA, São João Del Rei/MG, 2012, p.98-106.
- JAEGER, A.; GOELLNER, S.V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. Estudos feministas, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, set-dez/2011.
- GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Orgs.). Comunicação e Experiência estética. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.



Gênero e esporte: apontamentos sobre *Menina de Ouro*

AUTORIA: PAULA NUNES CHAVES

MAYARA CRISTINA MENDES MAIA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO

RESUMO: O trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório a partir da pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”. O recorte do texto centraliza a análise no filme *Menina de Ouro* (2005), e objetiva destacar e discutir elementos que generificam a prática do boxe na produção em tela. Atrelado a este objetivo central, operacionalizam-se outros objetivos específicos, a saber: a) elencar cenas e/ou momentos do filme que retratem a generificação do boxe; e b) discutir como a representação pode reforçar e questionar a compreensão sexista no esporte. A pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, adotando como recurso metodológico

a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006). Identificam-se e são discutidos, na análise, os seguintes pontos: o processo de virilização da protagonista, por meio da gradativa mudança no regime de visibilidade de seu corpo; a superação da dor como negação da fragilidade atrelada ao feminino; e a não preocupação da personagem em cultivar elementos da cultura feminina. Portanto, o filme “quebra” o arquétipo da mulher frágil e do homem viril, apontando que as novas demandas sociais desconstroem esse modelo binário, que já não mais se sustenta no âmbito esportivo.

MINIBIOGRAFIAS:

Paula Nunes Chaves e Mayara Cristina Mendes Maia: Mestrandas do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e licenciadas em Educação Física pela UFRN.

Gênero e trabalho: trajetória das mulheres na indústria metalúrgica e no sindicalismo de Caxias do Sul nos anos 2000 a 2010

Autora: Stefany Rettore Gabin
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Co-autora: Natalia Pietra Méndez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Introdução

De acordo com Bourdieu (2011), a dominação masculina é resultante da violência simbólica, exercida pela comunicação, conhecimento, desconhecimento, reconhecimento e sentimento. Existem processos responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural; princípios reconhecidos por dominantes e dominados. Em relação às mulheres, ele afirma que aliar-se a lutas políticas já existentes é atrelar-se a movimentos estranhos a suas reivindicações específicas. Nessa perspectiva, restam a elas poucas saídas se não organizar-se em torno do feminismo enquanto causa em particular.

Sendo necessário o trabalho simbólico sobre o arbitrário cultural, trabalha aí também a ideologia na construção de sentidos. Se, como salienta Thompson (1987), a classe, como ela é, e sua consciência são as experiências em termos culturais, caímos num paradoxo teórico. Existem, portanto, duas formas de desdobrar essa discussão. Uma partindo da busca pelas construções simbólicas (discursivas) que perpassam e materializam-se na classe. Ou como sugere Thompson (1987) e ao que se propõe essa pesquisa, pensar a classe enquanto relação procurando como os indivíduos que a compõem chegaram a esse lugar social.

A mulher metalúrgica é parte de uma forte representação política em Caxias do Sul, mas nem por isso mais livre da superestrutura cultural. Assim, a pesquisa propõe questionar os impactos do crescimento da mão de obra metalúrgica feminina na organização das pautas sindicais, problematizando a expressividade das conquistas de dissídio para mulheres e homens.

Discussão

Fez-se uso dos dados quantitativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/ MTE), buscando verificar o percurso das trabalhadoras nesse setor e as relações de associados sendo feitas amostras dos anos seis de cada década. Ainda nas fontes pertencentes ao acervo do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, foram utilizadas as atas de acordo de dissídio de 2001 a 2010. A partir dos dados da RAIS/MTE constata-se que os homens compõem a maioria na Indústria Metalúrgica. Na década de 1990 houve uma redução da mão de obra feminina e, apesar do aumento na década seguinte, o número de homens manteve-se maior. De acordo com os registros de associados titulares do Sindicato, também o índice de sindicalização feminina, mesmo tendo voltado a crescer na última década, não chega a 15% do número de associadas dos anos 80.

Nas atas de dissídio pode ser observado que as conquistas femininas foram significativas a partir da década de 2000. Antes disso, na década de 1980 e 1990 os avanços foram mais lentos e as disposições do dissídio, no que diz respeito às mulheres, já eram previstas em lei, tratando mais de regulamentações e garantias do que de inovações ou ampliações dos direitos. Esses são os exemplos dos direitos mantidos até 2001 e recolocados em acordo todos os anos, como a garantia de emprego para gestantes e abono de falta para hospitalização de filho.

Somente em 2004 foi alcançado o auxílio creche. Essa é uma conquista importante já que mesmo estando prevista na Consolidação das Leis do Trabalho desde 1967 (Art. 389, parágrafo 1º) somente em 1986 sofrerá regulamentação, oferecendo o reembolso creche. Entretanto, essa legislação se refere apenas às mães que estão amamentando e às empresas com mais de 30 empregadas. A partir de 2008, o auxílio creche foi estendido para toda a categoria.

PAUTAS REFERENTES ÀS MULHERES NAS ATAS DE DISSÍDIO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE CAXIAS DO SUL

2001	Garantia de emprego para gestante. Pode ser readmitida, se for o caso, até o prazo máximo de 90 (noventa) dias, contados da data da concessão do aviso prévio, no caso de aborto prazo de 30 dias. Gestante, amamentação será facultado às empregadas acumularem em um só turno de trabalho os dois períodos de amamentação, nos termos do art. 396 da Consolidação das Leis do Trabalho. Abono (um dia mediante comprovação) – repouso remunerado em caso de hospitalização de filho menor (até 14 anos). Liberação antecipada de 10 min em cada turno para gestantes a partir do 6º mês de gravidez, mediante liberação médica.
2002	Mantém 2001;
2003	Mantém 2001;
2004	Mantém 2001; Ajuda 50% do custo com despesas da creche, por filho de empregada sua com idade de até 01 (um) ano. O pagamento será feito pela empresa diretamente à creche que preencher os requisitos previstos em lei.
2005	Mantém 2001; Mantém auxílio creche;
2006	Mantém 2001; Mantém auxílio creche;

2007	Mantém 2001; Pagamento, a título de ajuda de custo, diretamente à creche que preencher os requisitos previstos em lei, mediante apresentação do respectivo comprovante, valor correspondente a 50% do custo com despesas da creche, por filho de empregada com até 24 meses de idade. O pagamento estará limitado ao valor de R\$ 130,00 mensais, mantidas, porém, situações mais benéficas eventualmente em vigor em cada empresa.
2008	Mantém 2001; Por filho de empregada com até 30 meses de idade, valor de R\$ 142,20. Será extensível ao pai empregado, que, por decisão judicial, devidamente comprovada, detenha a guarda de filho.
2009	Mantém 2001; Por filho de empregada ou empregado com até 36 meses de idade, valor de R\$ 150,73.
2010	Mantém 2001; Pagamento de 163,00, desconto caso não esteja com filhos na creche. Se tem filhos em creche pública não recebe auxílio, auxílio não é cumulativo para pais que trabalham na mesma empresa, auxílio não integra o salário do empregado (clausulas estabelecidas de acordo com leis da CLT e leis trabalhistas).

Considerações Finais

Procura-se aqui escapar das pré-definições normativas da diferença sexual que perpetuam visões sobre o que são experiências femininas e masculinas de classes. Muito ainda poderia se avançar nesses dados no sentido de buscar como as instituições sindicais significam e funcionam. Scott (1994, p. 14), afirma que “novos fatos podem documentar a existência das mulheres no passado, mas não necessariamente modificam a importância atribuída às atividades femininas. Somente porque podem ser identificadas pautas apontando uma identidade feminina e, talvez uma experiência, não podemos inferir que isso caracteriza uma experiência sob o risco de mais uma vez naturalizar os “interesses femininos”.

As pautas aqui representam também a negação; algo diferente às mulheres. “[...] se se concorda que os significados são construídos através de exclusões, deve-se reconhecê-las e assumir a responsabilidade pelas exclusões existentes no trabalho” (SCOTT, 1994, p. 21). Mesmo com a conquista de algumas pautas voltadas especificamente para as trabalhadoras, essas possuem uma característica de regulamentação da legislação e não foram necessariamente acompanhadas de um aumento real do salário da categoria. Dessa forma, questiona-se qual é, de fato, o papel do sindicato no sentido de contribuir para uma efetiva ruptura. Não se quer aqui diminuir as lutas e vitórias femininas dentro do sindicalismo metalúrgico caxiense, apenas pensar a relevância de suas lutas para a superação das segregações de gênero no trabalho e sua contribuição para uma cristalização das relações de poder dentro do movimento sindical.

Fontes

Acervo do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul: livros de registros de associados titulares, de 1986; registros de associados da base de dados do sindicato 2000 a 2010; atas de Dissídio Coletivo de 1983 a 2010.

Base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>. Acesso em: 05 ago 2013.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 10. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SCOTT, Joan. Prefácio a “Gender and Politics of History”. Cadernos Pagu (3), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, São Paulo, 1994.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1987. 3 v. (Coleção oficinas da história; 5)

Gênero e trabalho: trajetória das mulheres na indústria metalúrgica e no sindicalismo de Caxias do Sul nos anos 2000 a 2010

AUTORIA: STEFANY RETTORE GABIN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. NATALIA PIETRA MÉNDEZ

RESUMO: A pesquisa propõe questionar os impactos do crescimento da mão de obra metalúrgica feminina na organização das pautas sindicais. Faz-se uso de dados quantitativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/ MTE), buscando verificar o percurso das trabalhadoras nesse setor. Utiliza-se, ainda, as relações de associados e atas de dissídio coletivo pertencentes ao acervo do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul. Essas fontes são analisadas para caracterizar a participação sindical das mulheres no período, bem como as reais conquistas da categoria nos acordos de dissídios. Os referenciais teóricos da pesquisa se situam dentro dos estudos de gênero e história, articulados aos estudos sobre a dominação masculina de Bordieu (2011)

e sobre classe operária de Thompson (1987). A título de resultados, foi possível constatar um aumento de mão de obra feminina, bem como da sindicalização das mulheres. Todavia, mesmo com a conquista de algumas pautas voltadas especificamente para a trabalhadora, essas possuem uma característica de regulamentação da legislação e não foram necessariamente acompanhadas de um aumento real do salário da categoria. Esses fatores demonstram as complexas relações de gênero, classe e poder presentes no movimento sindical.

Palavras-chave: Gênero. Trabalho. Sindicalismo. Caxias do Sul.

MINIBIOGRAFIA:

Stefany Rettore Gabin: Graduada em Licenciatura em História na Universidade de Caxias do Sul (UCS) em 2014. Estagiou no Observatório do Trabalho da UCS (2011-2012), e possui experiência em seleção de dados e em pesquisa quantitativa em História com ênfase em relações de gênero e trabalho.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE PAULISTA DE DIREITO

Gênero, Loucura e Crime: por trás das Grades da Periculosidade

Pesquisadoras: Bruna Piazzzi, Maria Fernanda Cardoso e Mariah Vieira

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Pimentel

Contatos: bupiazzzi@gmail.com, mfco.oliveira@gmail.com, mariah.svieira@gmail.com, spimentel@pucsp.br

Órgão Financiador: PIBIC - CEPE

A presente pesquisa dedicou-se a analisar o tratamento jurídico-social destinado às mulheres condenadas à medida de segurança. A realidade dessas mulheres desperta interesse científico na medida em que estas foram historicamente consideradas loucas e criminosas não somente pelo crime que cometeram, mas por descumprirem o

Introdução

papel social que lhes foi relegado. A partir dessa premissa, a pesquisa tem como questionamento central: A justificativa jurídico-científica do internamento da mulher louca e criminosas ainda guarda relação com uma ruptura do padrão de conduta que lhe é socialmente imposto?

Propôs este estudo, portanto, investigar a relação entre os discursos científicos e jurídicos que embasam as condenações e a construção social do patriarcado, buscando correspondência entre a fala institucional das autoridades que decidem arbitrariamente o destino destas mulheres e a carga ideológica nelas presente.

A mulher, a desrazão e o crime

- Loucura enquanto construção social e histórica, em uma sociedade capitalista e patriarcal.
- Período Inquisitorial: curandeiras, parteiras eram consideradas feiticeiras e perseguidas.
- Idade Moderna: Surgimento do cientificismo enquanto saber-poder. A loucura é patologizada. Teorias científicas que atestavam que a histeria era uma doença essencialmente feminina.
- Hysteria (grego) = Útero. Diferenças biológicas entre mulheres e homens, sexualidade e alterações hormonais como justificativa da desrazão feminina.
- Brasil: Alienismo e surgimento dos primeiros manicômios judiciários na República Velha. Teoria da degenerescência.
- A mulher louca e criminosas: um ser antinatural.
- Categoria da periculosidade: dispositivo de poder destituído de base científica.

Metodologia

Foram objeto de pesquisa o discurso científico-jurídico contido nas decisões judiciais que determinaram a internação das mulheres que se encontram em Manicômios Judiciários do Estado de São Paulo (1/3 das mulheres internadas no Brasil). O acesso aos processos foram feitos através de autorização do Juiz da Vara de Execuções Criminais de São Paulo, responsável pelas medidas de segurança.



68,42% (78) não havia referência à violência. Em 9,64% (11), a análise restou prejudicada.

- A maioria das sentenças faziam menção ao laudo 95,61% (109), enquanto somente 4,38% (5) não fizeram.
- Em nenhuma das sentenças foi mencionada a Lei 10.216/2001 (Lei da Reforma Psiquiátrica); 3,5% (4) das sentenças, contudo, foram proferidas anteriormente a promulgação da lei.
- O número de medidas de segurança decretadas a serem cumpridas mediante internação representam 83,33% (95), enquanto em 16,66% (19) dos casos, optou-se pelo tratamento ambulatorial.

Resultados da pesquisa de campo

- A mulher em medida de segurança está majoritariamente na faixa dos 25 a 39 anos, são solteiras, sendo 38,88% delas pretas ou pardas e 30% delas brancas, a maioria possui ensino fundamental incompleto, tem filhos e 38,87% delas são do lar, não tem profissão ou estão desempregadas.
- A maioria delas foi condenada a medida de segurança por crimes contra o patrimônio (furto, roubo, estelionato, dano) 39,3% (49), segui-

do de crimes contra a vida (homicídio e homicídio qualificado) 26,4% (33) e crimes contra Lei de Drogas com (tráfico, posse e associação para tráfico) 9,6% (12).

- Dos crimes cometidos dentro da rede familiar ou doméstica estes somaram 33,33% (38), enquanto os crimes cometidos em espaços públicos 66,66% (76).
- Em apenas 17,54% (20) dos interrogatórios havia menção expressa a uma situação ou histórico de violência. Em

seu nascimento (parto normal, cesariana e complicações).

- Em 46,15% dos laudos constatou-se a dependência de substâncias entorpecentes.
- Constatou-se que 70,51% das pacientes já haviam passado por clínicas de tratamento psiquiátrico ou utilizado algum tipo de terapêutica ambulatorial ou medicamentosa.
- Por fim, 29,28% dos laudos apontaram histórico de violência contra a mulher: dos 23 laudos que apontavam este histórico, 47,82% revelavam um histórico de agressões psicológicas, 47,82% de violência física, 34,78% de violência sexual, 30,43% moral e 13,04% financeira.

Considerações Finais

- A dupla penalização das mulheres: a condenação como resposta não só à violação de uma norma, mas ao seu papel social enquanto mulher.
- O caráter classista do direito penal: o perfil da mulher hoje interna nos manicômios judiciários

paulistas corresponde exatamente ao mesmo perfil daquela reclusa nos cárceres: pobres, majoritariamente pretas ou pardas e de escolaridade baixa, desempregadas ou donas de casa.

- O caráter androcêntrico do direito penal: a ina-

dequação das normas; o silenciamento e a objetivação da mulher no processo.

- A resistência do Poder Judiciário paulista à incorporação das diretrizes das políticas de desinstitucionalização no campo da saúde mental (Lei 10.216/ 2001).

Bibliografia:

CAMPOS, Carmen Hein de. Criminologia e Feminismo. Org. Carmen Hein de Campo
CARVALHO, Salo de. Antimanual de Criminologia.
DINIZ, Debora. A custódia e o tratamento psiquiátrico no Brasil: censo 2011
ENGELS, Friedrich. A Origem da Família da Propriedade Privada

do Estado.
FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. Vigiar e punir: nascimento da prisão.
GARCIA, Carla Cristina. Ovelhas na Névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura.
GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos.

PIMENTEL, Sílvia; Schritzmeyer, Ana Lúcia P. e PANDJIARJIAN, Valéria. Estupro: crime ou "cortesia"?
REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe.
SZASZ, Thomas S. A Fabricação da Loucura.
TRINDADE, José Damião de Lima. Os direitos humanos na perspectiva de Marx e Engels.

Gênero, loucura e crime: por trás das grades da periculosidade

AUTORIA: BRUNA PIAZZI
MARIA FERNANDA CARDOSO
MARIAH VIEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SILVIA PIMENTEL

RESUMO: A presente pesquisa analisa o tratamento jurídico-social destinado às mulheres condenadas ao cumprimento de medida de segurança em manicômios judiciais.¹ O olhar direcionado às mulheres pressupõe uma análise histórica do papel da ciência, em especial da medicina e do direito, e das instituições de controle social na definição da loucura e do seu tratamento jurídico-social. Ainda, discute-se como a lógica patriarcal condiciona o duplo processo criminalizador da mulher sujeita às medidas de segurança, condenada não apenas por violar uma ordem sociopenal, mas por negar seu papel social na sociedade. Apesar de as mulheres serem minorias nesses estabelecimentos e, ao mesmo tempo, da população internada nos manicômios judiciais ser muito inferior à população reclusa nos cárceres, a importância do presente estudo se justifica na necessidade de visibilizar essa realidade e

denunciar a lógica que impõe a essas mulheres um abandono e um esquecimento perene. O campo foi realizado a partir da análise documental de 98 processos judiciais correspondentes às mulheres internas em dois Estabelecimentos de Custódia e Tratamento Psiquiátrico paulistas. Com base neles, procurou-se traçar o perfil socioeconômico da mulher que está hoje submetida à custódia manicomial. Para a análise do conteúdo das decisões e dos laudos psiquiátricos que as embasaram, realizou-se uma investigação atenta da presença de categorias que correspondessem a um padrão de feminilidade esperado. Além disso, estipulou-se alguns quesitos para análise formal do procedimento. Por meio da fala dos agentes institucionais presentes nos documentos, da insistente adoção da categoria de poder *periculosidade* para se legitimar o aprisionamento muitas vezes perpétuo, e, ainda, do silêncio das *loucas-criminosas*, pode-se demonstrar a relação estreita entre direito e desigualdades de gênero, classe social e raça.

Palavras-chave: Gênero. Loucura. Tratamento manicomial. Medidas de segurança. Criminologia. Mulheres.

¹ O termo “manicômios judiciais” será aqui empregado enquanto sinônimo para os atuais Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e outros estabelecimentos do mesmo caráter. Optou-se pela utilização do antigo termo, extinto pela Lei nº 10.216 de 2001, uma vez que se entende que, apesar do enorme avanço legislativo, a realidade específica dos manicômios judiciais pouco se transformou e seu caráter asilar ainda permanece.

MINIBIOGRAFIAS:

Bruna Piazzzi, Maria Fernanda Cardoso e Mariah Vieira: Bacharéis em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A pesquisa foi desenvolvida como Iniciação Científica durante a graduação no Curso de Direito.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10: DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS

Geografias de gênero em um currículo da medicina: demarcando lugares e inscrevendo sujeitos



André Filipe dos Santos Leite
Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe

Orientador: Prof^o Dr^o Thiago Ranniery Moreira de Oliveira
Doutorando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Educação médica como ambiente comprometido com as normas e categorias de gênero. Currículo médico como espaço estratégico na construção e moldura de tipos específicos de sujeitos mulheres. O que está em jogo neste trabalho é o lugar da mulher enquanto médica, nosso foco aqui são as estratégias curriculares que esculpem, forjam e criam tipos específicos de mulheres médicas e locais determinados para sua atuação. Locais, espaços, lugares e geografias permitidos nos quais elas podem (e devem) atuar, transitar, habitar e existir, mas jamais transgredir.

Observações participantes realizadas em um currículo médico durante dois semestres letivos, serviram de recurso metodológico para essa investigação, observações de falas, ações, imagens, expressões, escritos, desenhos, disposição de objetos, de espaços e tempos; que tratadas a partir de uma linha de ação inspirada na analítica do discurso de Michel Foucault, nos permitiu observar a existência de um discurso generificado, no currículo médico, que posiciona as mulheres em determinados espaços que lhes seriam mais adequados e naturais, espaços esses representados pelas especialidades de ginecologia e obstetrícia, pediatria, dermatologia, entre outras.

Especialidades essas que, segundo os sistemas de raciocínio generificados desse currículo, representariam espacialidades mais ajustadas, adaptadas e apropriadas as mulheres, pois remontariam respectivamente a maternidade, ao cuidado infantil e ao apelo estético, funções que nessa lógica, seriam intrínsecas às mulheres. Desta forma, entrelaçam-se, aqui, uma dupla articulação de gênero: uma que veda às mulheres médicas, por conta de sua "natureza", alguns espaços da carreira médica à medida que outros são colocados como escolhas e destinos mais apropriados e adequados. E outra que, evidencia o quanto nesse processo os corpos dos sujeitos médicas e médicos são relacionados, hierarquizados e valorados, tomando-se por base características construídas culturalmente de forma arbitrária e dessa forma estabelecendo entre eles capacidades cognitivas diferentes.

Por fim, talvez, a questão a saber, seja como podemos nesses currículos lutar contra as formas de sujeição de gênero que a própria medicina instituiu; se podemos resignificar os discursos que qualificam e hierarquizam corpos e sujeitos no interior dessas práticas pedagógicas para então investir em novas formas de organização do saber médico, que levem em conta outros discursos na ruptura da hierarquização sistemática dos sujeitos pelo gênero.

MACHADO, M. H. A mão-de-obra feminina no setor saúde no Brasil. In: LABRA, M. E. (Org.). *Mulher, saúde e sociedade no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.
RAGO, E. J. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cad. Pagu*, v. 15, p. 199-225, 2000.
SIQUEIRA, V.H.F.; ROCHA, G. W. de F. A construção de diferenças de gênero entre estudantes de medicina. *Cad. Pagu*, v. 30, p. 231-268, 2008.



Geografias de gênero em um currículo da medicina: demarcando lugares e inscrevendo sujeitos

AUTORIA: ANDRÉ FILIPE DOS SANTOS LEITE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. MS. THIAGO RANNIERY MOREIRA DE OLIVEIRA

RESUMO: Educação médica como ambiente comprometido com as normas e categorias de gênero. Currículo médico como espaço estratégico na construção e moldura de tipos específicos de sujeitos mulheres. É o lugar da mulher médica que está em jogo neste trabalho, pois o foco dessa escrita são as estratégias curriculares que esculpem, forjam e criam tipos específicos de mulheres médicas e locais determinados para sua atuação: espaços, lugares e geografias permitidos nos quais elas podem (e devem) atuar, transitar, habitar e existir, mas jamais transgredir. Observações participantes realizadas em um currículo médico serviram de recurso metodológico e para a análise, e utiliza-se uma linha de ação inspirada na analítica do discurso de

Michel Foucault. Na primeira situação, assinamos como alguns espaços da carreira médica são vedados aos sujeitos-mulheres-médicas devido à sua constituição anatômica, à medida que outros são colocados como escolhas e destinos naturais. Na segunda situação, expressamos como os corpos dos sujeitos médicos e médicas são relacionados, hierarquizados e valorados, tomando-se por base características construídas culturalmente de forma arbitrária, estabelecendo entre eles capacidades cognitivas diferentes e atribuindo ao feminino o lugar do cuidado.

Palavras-chave: Currículo. Relações de Gênero. Mulher.

MINIBIOGRAFIAS:

André Filipe dos Santos Leite: Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa: Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais (GESEC/UFS/CNPq). Bolsista do PIBIC/CNPq.

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira: Doutorando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro pesquisador dos Grupos de Pesquisa: Currículo e Diferença (GECD/Proped/UERJ), Currículos e Culturas (GECC/FaE/UFMG) e Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais (GESEC/UFS/CNPq).

Gravidez na adolescência, pesquisa e intervenção: a experiência do grupo Muda no Sertão de Pernambuco

Grupo Muda: Alexandre Henrique de Nascimento de Freitas, Joanna Ferrão dos Santos, Mayara Lacerda de Mello, Ísis Maurício Coelho, Karla Galvão Adrião.

Introdução

A partir do desejo de construir um trabalho de extensão sobre direitos sexuais e reprodutivos, o grupo Muda surge com a proposta de viabilizar um espaço de reflexão a/aos jovens de camadas populares. O Muda tem utilizado como referencial teórico-metodológico o ArtPad – um recurso para teatro, participação e desenvolvimento (MACCARTHY; GALVÃO, 2001). Acredita-se que esse modo de realizar oficinas “pode propiciar aos/as participantes um lugar para questionar suas condições sociais, sendo em contrapartida, uma possibilidade de ‘empoderamento’ para refletir sobre suas experiências e pensar alternativas criativas para melhor lidarem com as problemáticas de seu cotidiano” (COELHO; MELLO; ADRIÃO, no prelo).

Objetivos

Este trabalho objetiva apresentar a experiência do grupo extensionista Muda, numa ação realizada com o propósito de retorno às/aos interlocutoras/es de uma pesquisa realizada pelo coletivo Gravid da mesma instituição; na qual foram estudadas as práticas e significados relativos à gravidez na adolescência entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão (PE).

Resultados/Discussão

Partimos de uma perspectiva feminista pós-estruturalista com base nos estudos de Donna Haraway (2009) sobre como as relações sociais entre ciência e tecnologia tem reestruturado a posição da mulher ao longo da história por meio de uma rede ideológica. E acreditamos que o uso de técnicas participativas possibilita que os/as participantes reflitam sobre as normas e práticas regulatórias que reiteram as hierarquias e dominações de gênero, classe, raça, geração, entre outras. Para a transformação dessas hierarquias é preciso garantir que as pessoas possam fazer escolhas autônomas, que elas possam ter um maior controle e apropriação de seus próprios corpos e sexualidades, bem como das formas de interação do local em que vivem; e que sejam elas mesmas que determinem suas decisões. O ‘empoderamento’ seria esse processo em que as pessoas se tornariam cientes da dinâmica de poder em suas vidas e desenvolveriam a capacidade de obter um controle sobre as mesmas.

Método

Durante dois dias, o Muda em parceria com o Gravid, realizou oito encontros/oficinas numa cidade do sertão central de Pernambuco: um no centro da cidade, na sede do Sindicato dos Trabalhadoras Rurais, seis na escola estadual do município e a última em uma das comunidades rurais pesquisadas. As interlocutoras haviam solicitado que os resultados da pesquisa fossem apresentados a elas e à rede de apoio (família, amigas, profissionais da educação e saúde). Utilizamos de ferramentas dialógicas para realizar os encontros.

Considerações Finais

Quando falamos de gravidez na juventude procuramos nos despir de qualquer olhar estigmatizado e voltar a atenção para os desejos desses/as jovens, por vezes omitidos pelo peso das tradições familiares e por discursos hegemônicos. Ressaltamos o cuidado com o termo ‘empoderamento’, pois não acreditamos que iremos dar poder a essas pessoas, mas sim, proporcionar espaços em que esses poderes possam ser exercidos.

Referências

COELHO, Ísis Maurício; MELLO, Mayara Lacerda; ADRIÃO, Karla Galvão. Trabalho com grupos. In: Manual de trabalho com jovens. Projeto Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape. No prelo.

FINE, Michelle et al. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.115-139.

MCCARTHY, J.; GALVÃO, K. *Projeto Artpad: um recurso para teatro, participação e desenvolvimento*. [S. l.]: Centre for applied theatre research, 2001.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Ed. UNICAMP, São Paulo, pp. 07-41, 1995.

Gravidez na adolescência, pesquisa e intervenção: a experiência do grupo Muda no Sertão de Pernambuco

AUTORIA: JOANNA FERRÃO DOS SANTOS

MAYARA LACERDA DE MELLO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. KARLA GALVÃO ADRIÃO

RESUMO: Muda é um grupo extensionista composto por estudantes de graduação e pós-graduação, vinculadas/o ao Laboratório de Sexualidade Humana (LabESHu) Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O Muda surgiu do interesse em construir ações que minimizem desigualdades junto a populações jovens que não exercitam seus direitos sexuais e direitos reprodutivos. Este trabalho objetiva apresentar a experiência desse grupo extensionista, em uma ação realizada com o propósito de devolutiva de uma pesquisa realizada pelo coletivo “Gravid” da mesma instituição; na qual

foram estudadas as práticas e os significados relativos à gravidez na adolescência entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão (PE). Durante dois dias, o Muda, em parceria com o Gravid, realizou oficinas na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde na escola em que estudavam as jovens envolvidas com a pesquisa, no Sítio Bernarda, e com trabalhadoras rurais (jovens, adultas e idosas) do Sindicato de Trabalhadoras Rurais.

Palavras-chave: Gravidez. Juventude. Sertão. Oficinas.

MINIBIOGRAFIAS:

Joanna Ferrão dos Santos: Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integra o grupo extensionista “Muda”, que faz parte do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHu). Realiza oficinas com jovens nas áreas de tecnologias, espaço urbano e políticas públicas em uma perspectiva feminista de trabalho.

Mayara Lacerda de Mello: Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista na área de Arteterapia em Linguagens Corporais. É residente em Psicologia Clínica/Hospitalar e está cursando Mestrado Profissional em Cuidados Paliativos pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – ICHS

VOLUNTARIADO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - VIC

Homofobia nas Escolas de Cuiabá

Jucilene Oliveira de Moura –jucilenedemoura@gmail.com
Prof.ª Dr.ª Moisés Lopes –sepolm@gmail.com

INTRODUÇÃO

Embora no Brasil existam políticas educacionais voltadas para combater e inibir as práticas de homofobia e preconceito contra pessoas do grupo LGBT, ainda enfrentamos nas escolas a falta de informação e conhecimento sobre essas políticas e suas diretrizes. Este trabalho apresenta dados de uma pesquisa etnográfica realizada em uma escola municipal de Cuiabá, com o objetivo de analisar a construção da identidade de alunos LGBTs, com ênfase nos mecanismos de construção da diversidade, do preconceito, da discriminação e da violência neste ambiente. A escola é compreendida como uma esfera social importante na produção de conhecimento, de habilidades e valores de convivência social, dentre eles, os valores para compreender e aceitar a diversidade. Nesse espaço os valores, as práticas e os discursos produzidos possuem efeito de verdade e nele também são reproduzidos preconceitos, discriminação e violência, comum em nossa sociedade. Como suporte teórico buscou-se fundamentação nas contribuições dos estudos de Carrara (2010); Foucault (1987, 2001, 2003); Louro (2010, 2012) e Díaz (2011). Considerando que no ambiente escolar são altas as expressões de ideias e imagens homofóbicas, assim como atitudes de intolerância com a homossexualidade entre os estudantes, professores e funcionários, portanto a escola constitui uma instituição significativa para pesquisa, análise e reflexão sobre as construções sociais acerca da sexualidade, gênero e suas representações.

OBJETIVOS

- Analisar e compreender como se estabelecem as relações de gênero no cotidiano escolar, com ênfase nos mecanismos de construção da diversidade, do preconceito, da discriminação e da violência nestes ambientes.
- Compreender como se configuram as representações sobre gênero e sexualidade.
- Identificar ações ou projetos que possibilitem a formação de um ambiente de respeito à diversidade.

METODOLOGIA

Realizamos levantamento de bibliografia e pesquisas sobre sexualidade, gênero e homofobia no ambiente escolar para analisar e compreender as relações de gênero que permeiam nesse espaço, assim como as representações criadas para a construção das diferenças, a violência, a discriminação, o preconceito e a segregação. Com base na abordagem qualitativa da pesquisa científica foi escolhida uma única escola da rede municipal de Cuiabá, compreendendo que os sujeitos investigados em uma unidade de ensino possam representar a realidade de outras escolas. De acordo com Elias (2000), dados empíricos aparentemente menores e insignificantes de um contexto menor de uma realidade social podem contribuir teoricamente com outras análises em dimensões maiores.

A partir da abordagem qualitativa de investigação buscamos compreender a construção de gênero e sexualidades de alunos LGBT e como se dá essas representações no ambiente escolar. Na abordagem qualitativa de pesquisa são considerados os aspectos qualitativos e tem como objetivo central a compreensão da realidade vivida pelos sujeitos, não busca quantificar e mensurar os dados, seu foco principal é compreender os significados de uma realidade particular investigada, sua complexidade e sua relação com o contexto social mais amplo. Weber (apud Reis, 2000) sustenta que não há análise científica objetiva da sociedade que seja independente de pontos de vistas especiais e unilaterais, o objetivo da ciência social não é construção de um sistema cada vez mais sintético de leis, e sim o conhecimento das partes da realidade social, acredita-se na heterogeneidade dos conhecimentos da sociedade e da natureza. A partir da observação participante buscam-se informações relevantes para o trabalho etnográfico. DaMatta (1981) ressalta a necessidade do estranhamento na realização do trabalho de campo. Tornar o familiar estranho e ao mesmo tempo estranhar o familiar, ou seja, envolver com o grupo pesquisado tornando-o familiar e, distanciar-se dele no momento de fazer as análises e as reflexões teóricas e críticas, buscando superar a atitude do senso comum. Utilizamos como instrumentos de coletas de dados entrevista semi-estruturada, caderno de campo e questionário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados revelam que há práticas de discriminação e preconceito no ambiente escolar, a violência se apresenta de uma forma sutil em gestos, palavras ou atitudes entre os sujeitos que convivem nesse ambiente. Os alunos considerados “diferentes” seja pela sua condição social, etnia ou identidade sexual são tratados como excêntricos, ou seja, seus comportamentos, atitudes são vistos como um desvio de padrão. Os alunos identificados como “diferentes” sofrem discriminação, preconceito e segregação. Sendo que os parâmetros para demarcar suas diferenças estão pautados nos padrões heteronormativos. A referência do “normal” está centralizada na figura daqueles e daquelas que seguem os códigos culturais já aceitos pela sociedade. A escola ainda não apresenta ações ou projetos pontuais ou específicos para trabalhar a diversidade sexual, os professores e funcionários ainda sentem dificuldade ou desconforto em abordar o assunto. Entretanto, as práticas não seguem uma única direção, observamos na escola ações pedagógicas que apontam para o respeito à diversidade sexual, sendo recorrente a preocupação por parte dos professores com os alunos que sofrem discriminação e preconceito. As atitudes acerca das relações de gênero e diversidade sexual indicam a potencialização da valorização dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- CARRARA, Sérgio e Ramos, Sílvia. A constituição da problemática da violência contra homossexuais. A articulação entre ativismos e academia na formulação de políticas públicas. IN: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 16(2), PP. 185-205, 2006.
- _____. Construção de um projeto de pesquisa. In: *Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade* - Volume 2: Gênero. Rio de Janeiro CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.
- DÍAZ, Margarita. *Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras*. Reprolatina—soluções inovadoras em saúde sexual e reprodutiva, 2011.
- _____. Dimensão conceitual, diversidade, discriminação. In: *Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade*— Volume 3: Sexualidade e Orientação Sexual. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.
- _____. Desigualdades de gênero: Movimentos sociais e Políticas Públicas. In: *Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade*. Volume 2: Gênero. Rio de Janeiro CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.
- ELIAS, Norbert e John L. Scotson. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. do pós-fácio Pedro Sussekind. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- _____. Sexualidade e Poder. In: *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2003.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer - Uma política pós-identitária para a educação*. Estudos Feministas, Ano 9, 2/2001.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellher (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 6. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales- A inovação em história*. - São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Homofobia nas escolas de Cuiabá

AUTORIA: JUCILENE OLIVEIRA DE MOURA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. MOISÉS LOPES

RESUMO: Este trabalho está vinculado ao projeto “Homossexualidades, preconceitos e discriminações: a construção social do gênero no universo LGBT na grande Cuiabá”, e apresenta uma pesquisa sobre homofobia nas escolas com foco na construção e representação de gênero e pretende identificar a existência de projetos ou ações desenvolvidas para enfrentar as práticas de discriminação e violência contra sujeitos LGBT nesse ambiente. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação participante, o caderno de campo e o questionário. Os dados apontam que as representações sociais já estigmatizadas pela sociedade se fazem presentes. Alunos que apresentam comportamentos ou características que não correspondem ao que está estabelecido como “normal” sofrem discriminação e preconceito, visto que os únicos

gêneros aceitos no ambiente são o masculino e o feminino, pressupondo como norma a heterossexualidade. A pesquisa revela, ainda, que há práticas homofóbicas no ambiente escolar. A violência se apresenta de uma forma sutil por meio de gestos, palavras ou atitudes entre professores e alunos. Como a escola ainda não apresenta ações ou projetos pontuais para trabalhar a diversidade sexual, a maioria dos professores e funcionários sente dificuldade ou desconforto em abordar o assunto. Contudo, a escola realiza ações individuais mediante o planejamento de ensino de alguns professores, e os gestores buscam parcerias com outras instituições que abordam essa temática, com vistas a diminuir o preconceito e a discriminação.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Homofobia.

MINIBIOGRAFIA:

Jucilene Oliveira de Moura: Graduanda do Curso de Filosofia (bacharelado) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Foi bolsista no Programa de Voluntariado de Iniciação Científica (VIC) no Grupo de pesquisa gênero e sexualidade.



Universidade Estadual de Maringá

Homofobia, lésbofobia e transfobia: uma análise dos discursos nas redes sociais

Daniele da Silva Fébole (dani_febola@uem.br)
Bolsista PIBIC-AF-IS-CNPq-Fundação de Amparo à Pesquisa
Patricia Lessa

Universidade Estadual de Maringá - Departamento de Fundamentos da Educação

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o preconceito e a discriminação contra o público LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais) a partir de discursos analisados na pesquisa, realizada por meio de um formulário eletrônico disponibilizado em uma rede social na internet.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em nossa pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico sobre as discussões a respeito da homofobia e depois procedemos ao trabalho de Análise do Discurso. Para tal análise foi utilizada a análise do discurso na vertente proposta por Michel Foucault (1996). Para discutir os dados levantados através de um formulário eletrônico disponibilizado em uma rede social da internet no qual pedimos ao participante para descrever uma situação em que este tenha vivenciado a homofobia.

Para tanto, elaboramos um questionário *on-line*, semi-estruturado, que foi respondido por 50 pessoas. Encontramos no discurso destes participantes, de orientação não-heterossexual, o que eles carregam consigo de experiência com a homofobia para a partir daí averiguar a historicidade e a disputa entre saber e poder presente na homofobia.

“É preciso ter pra ser ou não ser?

Eis a questão.

Ter direito ao corpo e ao proceder,
sem inquisição.

A impostura cega, absurda e imunda
a quem convém?

Esta hetero-intolerância branca te faz refém”.

O Teatro Mágico

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. São Paulo: Graal, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os discursos encontrados, as formas de preconceitos carregam em sua bagagem histórica uma gama de lutas entre os saberes e poderes que imperam em cada época histórica (FOUCAULT, 2009). Foram encontrados discursos médicos em relação a sexualidade, religiosos, pedagógicos, sexistas e o uso do biopoder.

Os discursos médicos tendem a patologizar as diferentes formas de expressão da sexualidade, mesmo que a homossexualidade, por exemplo, não seja mais considerada como doença, ainda há a presença constante de verbalizações que a colocam nessa posição. Chamar alguém de perverso está entre as principais formas de agressão verbal sofrida pelos homossexuais.

A religião marca em seu discurso, até os dias de hoje, a ideia do sexo como algo que deve ser usado para a procriação da espécie, logo qualquer tipo de expressão sexual que não tenha esse fim é marcada como anormalidade. Esse discurso foi encontrado na medida em que a homossexualidade foi tachada como anormal, e como algo que ia contra os valores da igreja.

Há ainda o sexismo como forma de preconceito, uma vez que há depoimentos de pessoas que sofreram com o machismo, quando homens ao verem duas meninas juntas diziam que aquilo era falta de “pinto”. Ou seja, há o pensamento machista de que uma mulher só fica com outra por falta de homem que a complete.

No caso do biopoder, que é o controle dos corpos, os estereótipos masculinos e femininos se fazem presente. Homens sendo atacados por terem trejeitos femininos e vice-versa.

A homofobia, a lésbofobia e a transfobia são questões que se fazem presente na vida de todxs, mesmo que não de forma direta. O preconceito é construído e deste modo todxs estamos implicadxs nessa construção.

Homofobia, lesbofobia e transfobia: uma análise dos discursos nas redes sociais

AUTORIA: DANIELE DA SILVA FÉBOLE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PATRÍCIA LESSA

RESUMO: Esta pesquisa teve como propósito averiguar as possíveis relações de saber e poder que constroem discursos capazes de revelar a homofobia, a lesbofobia e a transfobia por meio da fala de indivíduos que vivenciaram preconceito. Os dados foram retirados de um questionário semiestruturado aplicado *online*, com 50 informantes que já passaram por alguma situação de preconceito. Para a análise, foi feita uma revisão de bibliografia sobre o tema homofobia e sexualidade. Os dados foram analisados atravessadamente pelo método de Foucault, a análise do discurso, em que o discurso é considerado como produto e produtor de verdades, representando todo um acaso histórico que baseia as formas de relações vigentes na questão da sexualidade. Os discursos encontrados remetem

aos dispositivos de controle da sexualidade que dão ênfase ao controle dos desejos e à abdicação do ato sexual em prol da elevação do espírito – ou, ainda, a sexualidade é confundida com a simples reprodução da espécie. Nessa estruturação social, as relações homossexuais não são aceitas como tipos de relações possíveis, uma vez que a heterossexualidade é afirmada como natural pelos discursos que normatizam a sexualidade. São esses discursos os: médicos, pedagógicos, religiosos, econômicos e que remetem ao biopoder. Isso demonstra a construção social discursiva dos dispositivos de controle da sexualidade que a heteronormatizam.

Palavras-chave: Homofobia. Sexualidade. Heteronormatividade. Discurso.

MINIBIOGRAFIA:

Daniele da Silva Fébole: Graduanda de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e pesquisadora de assuntos relacionados a feminismo, a gênero e à sexualidade partindo de pressupostos foucaultianos de relações de poder e construcionistas sociais, entendendo as relações como construções discursivas que expressam e constroem tais relações de poder.



Universidade Federal de
Viçosa

Hugo/Muriel e relações de gênero: montando um debate sério através de adereços de humor

UFMG

Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos
Modalidade: Pôster

Autoras: Clara Cazarini Trotta (UFMG), Kênia Araújo Pires (UFV)
Orientadora: Marlise Miriam de Matos Almeida (UFMG)

INTRODUÇÃO:

Hugo/Muriel é uma personagem de Laerte Coutinho cuja sequência de tirinhas começou a ser publicada no jornal "Folha de São Paulo" no ano de 2004 e, em 2009, no blog Muriel Total (murieltotal.zip.net), onde é publicada até os dias atuais.

As tirinhas contam a história de Hugo, um rapaz que em determinado momento de sua trajetória passa a se "montar" frequentemente, assumindo também a identidade de Muriel e se entendendo como *crossdresser* (cd).



Figura 1. A tirinha acima retrata o processo de "montagem" de Hugo, em que ele se utiliza de elementos culturalmente atribuídos ao "gênero oposto", causando estranhamento em relação a esse corpo. A primeira fala anuncia uma perspectiva social em que "mulher de verdade" é aquela que possui o sexo e o gênero em conformidade.

OBJETIVOS E METODOLOGIA:

Este trabalho tem por objetivo analisar as tirinhas de Hugo/Muriel publicadas no blog nos anos de 2009 e 2010 sob a ótica dos estudos de gênero, de maneira a situar a personagem no contexto real de vivências e experiências de pessoas *crossdressers*. O trabalho visa, também, realizar uma reflexão sobre as potencialidades de tal instrumento midiático no sentido de levar para a esfera pública um debate que é constantemente invisibilizado.



Figura 2. As pessoas *crossdressers*, assim como as demais identidades trans*, ainda hoje são patologizadas e encontram-se no DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES:

Crossdressers são pessoas que se utilizam de roupas e demais elementos socialmente construídos como pertencentes ao mundo de significados do "gênero oposto", sendo mais comum a prática do *crossdressing* feminino. As cds podem "se montar" ocasionalmente ou com muita frequência, fazer intervenções corporais ou não (Vencato, 2008). A maioria das *crossdressers*, como é o caso de Hugo/Muriel, possuem "vidas duplas", constituindo-se enquanto "sapos" durante o dia e "princesas" durante a noite.

Ao romperem com a linearidade imposta pela matriz do imperativo sexual teorizada por Judith Butler, em que sexo, gênero e desejo devem estar em conformidade, as cds subvertem os padrões estabelecidos. Entretanto, muitas delas reproduzem valores tradicionais e heteronormativos em suas vidas de "sapo". Devido ao fato de possuírem corpos e também uma vivência que foge dos padrões normativos, as cds podem vir a sofrer com o estigma e o preconceito. Entretanto, há de se considerar que dentro do universo trans* também existem relações de poder e estigma, em que as cds ocupam um lugar de prestígio, principalmente em virtude das boas condições econômicas.

O trabalho de Laerte mostra-se de suma importância ao colocar, de uma maneira leve e com refinado toque de humor, o debate de gênero na esfera pública através de uma linguagem acessível, a fim de desnaturalizar determinadas noções, como a de linearidade entre sexo, gênero e orientação sexual.



Figura 3: Muriel se surpreende com a existência de "crossdressers selvagens", uma vez que seu modo de presença e engajamento no mundo são vivenciados de maneira diferente.



Figura 4. As tirinhas de Hugo/Muriel eram, inicialmente, publicadas no Caderno de Informática do jornal Folha de São Paulo, sendo transferidas posteriormente para o caderno Equilíbrio. O espaço ocupado por Muriel evidencia a importância de se colocar as discussões de gênero em todo e qualquer âmbito da vida pública.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, G. L., org. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VENCATO, A. P. "Existimos pelo prazer de ser mulher": uma análise do Brazilian Crossdresser Club. / Anna Paula Vencato. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2009. xv, 277p.: il.

Hugo/Muriel e relações de gênero: montando um debate sério através de adereços de humor

AUTORIA: CLARA CAZARINI TROTTA
KÊNIA ARAÚJO PIRES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARLISE MIRIAM DE MATOS ALMEIDA

RESUMO: Hugo/Muriel é uma personagem criada por Laerte, renomado cartunista brasileiro. No decorrer das tirinhas, presentes no jornal “Folha de São Paulo”, Hugo, um rapaz que trabalha com informática e namora uma psicóloga, passa a se utilizar de vestimentas tidas como pertencentes ao “universo feminino” e a se identificar como *crossdresser*.

É possível perceber que muitas histórias vivenciadas por Hugo/Muriel têm relação direta com a realidade vivenciada por pessoas trans* e, mais especificamente, por *crossdressers*. Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo empreender uma análise acerca das abordagens

de gênero presentes nas charges de Laerte, bem como uma reflexão sobre as potencialidades de tal instrumento midiático no sentido de levar para a esfera pública um debate que é constantemente “invisibilizado”.

O trabalho de Laerte mostra-se de suma importância ao promover, de maneira bem-humorada e com linguagem acessível, o debate de gênero na esfera pública a fim de desnaturalizar determinadas noções, como a de linearidade entre sexo, gênero e orientação sexual.

Palavras-chave: Crossdressing. Gênero. Sexualidade. Laerte.

MINIBIOGRAFIAS:

Clara Cazarini Trotta: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher (NEPEM) desde 2010. Realiza pesquisas nas áreas de gênero, sexualidades, feminismos e maternidades.

Kênia Araújo Pires: Graduada do décimo período do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Realiza pesquisas na área de gênero e sexualidade. Compõe, desde 2010, o grupo de diversidade sexual Primavera nos Dentes.



Indagações feministas a partir do monitoramento e avaliação participativa de um projeto social: tecendo redes entre a universidade e a sociedade civil para o enfrentamento da violência contra mulheres

Autora: Talita Rodrigues da Silva

Orientador: Jorge Lyra

Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE)

Apoios: Petrobrás e Refinaria Abreu e Lima;

Secretaria de Políticas para Mulheres - SPM; PROEXT-UFPE.

Introdução

Este trabalho é realizado pelo Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), que adota a perspectiva feminista no desenvolvimento de um processo de Monitoramento e Avaliação (M&A) de um projeto social situado no marco do Projeto Diálogos para o Desenvolvimento Social de Suape/PE, mais especificamente a Ação “Mulheres e Educação para a Cidadania”, executada pela ONG feminista Centro das Mulheres do Cabo. Partindo dos pressupostos feministas, compreendemos a pesquisa como uma prática social, o conhecimento produzido como conhecimento situado e as relações entre academia e movimentos sociais (nesse caso o movimento de mulheres e feminista), a partir de uma perspectiva horizontal. Sem desconsiderar, as relações de poder e tensões existentes nessa relação, as quais tendem a ser identificadas, trabalhadas e (re)significadas no desenvolvimento das ações, tendo como princípio a articulação do tripé da missão da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Objetivos

- Desenvolver uma forma de monitoramento e avaliação (M&A) que seja baseada na avaliação participativa;
- Contribuir para o sucesso das ações executadas pelo Centro das Mulheres do Cabo e para o desenvolvimento social da população local e melhoria das suas condições de vida;
- Incidir no enfrentamento à violência contra as mulheres na região de Suape/PE.

Metodologia

Adotamos o enfoque feminista de gênero na produção do conhecimento e como metodologia, a avaliação participativa, que é uma metodologia que possibilita que todas as pessoas envolvidas se apropriem do processo de monitoramento e avaliação

desenvolvido e o construíam coletivamente. Ou seja, a partir do constante diálogo com a ONG, construímos coletivamente nas Oficinas de Monitoramento e Avaliação os indicadores, instrumentos e técnicas que utilizamos para o monitoramento e avaliação das atividades. Paralelamente as Oficinas de M&A, foram realizadas reuniões semanais da equipe do GEMA/UFPE, onde avaliamos as atividades, produzimos materiais, discutimos as temáticas e questões referentes à nossa Ação e ao Projeto Diálogos como um todo.

Resultados

O projeto apresentou uma dinâmica de constante co-construção, construído de forma dialogada e participativa, ocorrendo de fato um processo horizontal. Foram realizadas 08 Rodas de Diálogo com mulheres adolescentes e adultas; 10 Programas de Rádio; 02 Cursos de Formação Política em Direitos Humanos e Cidadania (voltado para 30 mulheres dos municípios do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca); 2 Campanhas contra abuso sexual e violência contra a mulher. Todas as atividades da ONG foram monitoradas e avaliadas pelo GEMA/UFPE. De modo que já foram realizadas: 08 Oficinas de Monitoramento e Avaliação (M&A) entre GEMA e ONG CMC, além de reuniões ampliadas, visitas à ONG, enquetes, Grupos Focais e aplicação de Marco Zero e Marco Final. Também estamos acompanhando a equipe do CMC para entendermos suas percepções sobre a metodologia participativa de M&A. Ainda dentro do âmbito do projeto estão sendo construídas três pesquisas de estudantes de graduação em Psicologia, com o material coletado com participantes e atividades da ação.

Conclusão

As atividades do projeto também são uma estratégia política de obtenção de equidade de gênero e de justiça social, entendendo o M&A de projetos sociais e de políticas públicas como uma forma produtiva de criar/fortalecer parcerias junto a diversos segmentos da sociedade em prol de um horizonte político convergente por abrir canais de diálogo e reflexão crítica dos processos envolvidos na sua realização.

Referências

- BRASIL. Plano Plurianual 2012-2015. Brasília: Ministério do Planejamento, 2011.
- BRASIL. Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, 07/08/2006. Brasília: SPM, 2006.
- LYRA, Jorge. Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas. 2008. 262 f. Tese doutoral (Doutorado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.
- SILVA, Maria Ozanira. Avaliação de políticas e programas sociais: teoria e prática. São Paulo: Editora Veras, 2001.



www.genero.org.br

Indagações feministas a partir do monitoramento e da avaliação participativa de um projeto social: tecendo redes entre a universidade e a sociedade civil para o enfrentamento da violência contra mulheres

AUTORIA: TALITA RODRIGUES DA SILVA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. JORGE LYRA

RESUMO: Esse trabalho é realizado pelo Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), que adota a perspectiva feminista no desenvolvimento de um processo de Monitoramento e Avaliação (M&A) de um projeto social situado no marco do Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social de Suape/PE, mais especificamente a ação “Mulheres e Educação para a Cidadania”, que é executada pela ONG feminista Centro das Mulheres do Cabo. Partindo dos pressupostos feministas, compreendemos a pesquisa como uma prática social, o conhecimento produzido como um conhecimento situado, e as relações entre academia e movimentos sociais (nesse caso o movimento de mulheres e feminista) a partir de uma perspectiva horizontal; porém, sem desconsiderar

as relações de poder e as tensões existentes nessa relação, as quais tendem a ser identificadas, trabalhadas e (re)significadas no desenvolvimento das ações. Nessa perspectiva, as atividades do projeto também são uma estratégia política de obtenção de equidade de gênero e de justiça social. Entendemos o M&A de projetos sociais e de políticas públicas como uma forma produtiva de criar/fortalecer parcerias junto a diversos segmentos da sociedade em prol de um horizonte político convergente, principalmente pelo fato de abrir canais de diálogo e reflexão crítica acerca dos processos envolvidos na sua realização.

Palavras-chave: Feminismo. Monitoramento e Avaliação. Violência contra a Mulher.

MINIBIOGRAFIA:

Thalita Rodrigues da Silva: Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista de Extensão do Projeto Mulher e Educação para Cidadania: Uma Experiência e Pesquisa Avaliativa de Projetos Sociais – PROEXT-UFPE – Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA). Desenvolve pesquisas sobre saúde, gênero, feminismo e violência contra a mulher.

Introdução

Vivemos em uma sociedade notadamente marcada pelo preconceito contra a diversidade, seja ela étnica, cultural, sexual, etc. É fato que somos todos diferentes, mas o que faz com que a diferença se transforme em desigualdade?

“Bicha! Gay! Sapatao!” Desde cedo aprendemos que ser chamado ou visto como homossexual é algo ruim e ofensivo. Seja pelo discurso científico, religioso ou moral, a heteronormatividade é reforçada de tal forma em nossa sociedade a ponto de se tornar hegemônica, fazendo com que, através da internalização deste discurso, acreditemos ser esta a única forma “correta” de exercer nossa sexualidade. Então, na medida em que um indivíduo se afasta dessa norma, ele é tido não apenas como diferente, mas como um “anormal”.

Vemos que, apesar de a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) promover os direitos da cidadania a todo e qualquer cidadão, a garantia desses direitos nem sempre atinge toda a população. A todo momento as pessoas estão vulneráveis aos processos de exclusão social devido a vários fatores, dentre eles a diferença de gênero e sexualidade. Como se não bastasse terem seus direitos violados, o público LGBT ainda é alvo de violência – física ou verbal - que ocorrem, muitas vezes, dentro da própria casa e/ou escola, sendo que nesses índices o Brasil ocupa posição de destaque.

Partindo-se do pressuposto de que a escola se configura como uma das instituições mais importantes para a subjetivação das normas e regras sociais, se configurando como um espaço normatizador, não apenas auxiliando na produção de verdades, mas reproduzindo as, até então, existentes; e também por ser esta um espaço privilegiado de permanência dos sujeitos, sendo uma das poucas instituições que possui anos de “audiência obrigatória”, ela foi escolhida como local de investigação.

Objetivos

Visto a importância desse espaço na formação dos sujeitos, esta pesquisa teve por objetivo compreender através do discurso dos educadores, o papel normatizador das práticas sociais realizadas dentro do âmbito escolar, assim como reconhecer quais são os discursos vigentes na escola em relação à sexualidade e as questões de gênero e observar a atitude dos educadores com relação ao tema.

Metodologia

Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semi estruturadas com Profissionais da Educação do estado do Paraná, sendo que estes foram escolhidos aleatoriamente no município de Irati. A entrevista semi estruturada, segundo Minayo (2006), é utilizada pelo/a pesquisador/a para facilitar a abordagem, pois nenhuma questão se coloca totalmente aberta ou fechada, o que possibilita uma entrevista mais flexível. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e conferidas primeiramente pelo pesquisador e posteriormente pelo depoente. As categorias que orientaram a análise foram construídas nos processos da pesquisa, a partir da atividade do pesquisador sobre o objeto de pesquisa. Os dados obtidos foram analisados sob a ótica da Análise do Discurso, que, segundo Orlandi (2007), também leva em conta o interdiscurso, os posicionamentos ideológicos e o momento histórico do sujeito entrevistado. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, em função da sua lógica que compreende a atividade da pesquisadora sobre o objeto de pesquisa como um movimento constante desta e dos depoentes, que implica em produção de conhecimento para todos e todas envolvidos na pesquisa.

Resultados e Discussão

A partir dos dados coletados, percebe-se certas contradições entre o discurso das depoentes. Enquanto uma das educadoras dizia se sentir preparada para lidar com as possíveis demandas relacionadas com o tema da sexualidade, a outra declarava que não ter tal preparação, por isso se sentia inábil para lidar com a temática.

No entanto, algo que se fez presente em ambas as falas foi a menção de já terem presenciado alguma situação de homofobia dentro da escola, juntamente com o fato de não se tratar desse assunto dentro das salas de aula, a não ser quando há uma demanda direta.

Ao serem questionadas sobre suas opiniões em relação ao tema, ambas admitem não terem preconceito – sendo que uma delas o faz veementemente, porém, a outra admite que o tema ainda é um tabu na sociedade, alegando que muitos profissionais, devido à suas vivências carregam esse preconceito, e/ou se sentem retraídos para falar do assunto. Ela deixa bem clara a necessidade que sente de uma formação continuada para que os/as professores/as se sintam capazes de lidar de forma lúdica com a temática.

Conclusões

Nota-se que os/as profissionais parecem estar rompendo – ou pelo menos desejando romper - com o discurso (hetero)normativo na escola. Porém, ainda há uma lacuna tanto na formação destes, quanto no próprio plano de ensino que não aborda a temática. Percebe-se a necessidade de se criar programas de capacitação para eles/as se sentirem seguros ao abordarem ou serem abordados para falar sobre o tema, bem como a inclusão de tais conteúdos no currículo escolar, a fim de evitar que situações de preconceito e violência continuem ocorrendo

REFERÊNCIAS

- JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas escolas: um problema de todos**. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas, Brasília, 2009.
- MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa Em Saúde**. 9ªed. São Paulo, Hucitec, 2006.
- ORLANDI, E.P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. São Paulo, Pontes, 2007.
- TEXTO-BASE DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Disponível em <<http://portal.mj.gov.br/sedh/co/glbttexbaqlbt.pdf>> Acesso em: 02/08/2012
- VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

Instituição escolar: espaço de produção de Subjetividades normatizadas

AUTORIA: FRANSCIELLE RIBAS DE ARAUJO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. MS. ALAYDE MARIA PINTO DIGIOVANNI

RESUMO: A Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) promove os direitos da cidadania a todo e qualquer cidadão; porém, a garantia desses direitos nem sempre atinge toda a população. A todo o momento as pessoas estão vulneráveis aos processos de exclusão social devido a vários fatores, dentre eles a diferença de gênero e sexualidade. Partindo do pressuposto de que a escola se configura como uma das instituições mais importantes para a subjetivação das normas e regras sociais, esta pesquisa teve por objetivo compreender como se dá esse processo normatizador por meio do discurso de professores da rede pública do município de Irati no Paraná. Para a coleta dos dados de pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com

profissionais da educação do estado do Paraná, os quais foram escolhidos aleatoriamente no município. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e, posteriormente, construíram-se as categorias que orientaram a análise. Os dados obtidos foram analisados sob a ótica da Análise do Discurso. Concluiu-se que os/as profissionais da educação parecem estar rompendo – ou ao menos desejando romper – com o discurso (hetero)normativo na escola, embora ainda exista uma lacuna tanto na formação destes(as) quanto no próprio plano de ensino que não aborda a temática.

Palavras-chave: Normatização. Direitos humanos. Sexualidade. Gênero. Exclusão.

MINIBIOGRAFIA:

Franscielle Ribas de Araujo: Graduanda do Curso Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO). E neste movimento de formar-se psicóloga, logo se interessou pela área da pesquisa, principalmente no que se refere ao estudo de sexualidade e gênero, bem como à área da educação e dos movimentos sociais.

INTERSECCIONALIDADES ENTRE GÊNERO, LOUCURA, JUVENTUDES E AUTONOMIA

Ísis Maurício Coelho¹; Karla Galvão Adrião²

¹Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: isis_mauricio@hotmail.com

²Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: galvaoadriao@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa relaciona o trabalho com grupos e as noções de autonomia no contexto psiquiátrico dos CAPS, a partir dos marcadores de gênero e juventude, tratados de forma interseccional.

O trabalho com grupo é perpassado pela perspectiva participativa. Acredita-se que este pode proporcionar as/aos jovens um espaço para refletir sobre sua autonomia e suas condições de submissão. Frida e Gastão Campos (2006) conceituam a autonomia como um processo dinâmico, relativo e gradativo, exercido de acordo com o contexto. A perspectiva da loucura está relacionada com o contexto e interesses políticos, culturais e sociais de cada época. Atualmente, no Brasil, tenta-se modificar os estigmas construídos socialmente a partir do projeto de reforma psiquiátrica.

Objetivos

Compreender como mulheres e homens jovens usuários/as de um Centro de Atenção Psicossocial da região metropolitana do Recife desenvolvem o conceito de autonomia em seus discursos através de espaços de trabalho com grupo.

Método

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que se utilizou da análise crítica do discurso de Fairclough (2001), a partir de um referencial feminista pós-estruturalista. A análise foi realizada de modo interseccional, ou seja, sem divisão por categorias, uma vez que se acredita que estas estão entrelaçadas, sem sobreposição e subjetivando as pessoas.

Foram realizadas quatro oficinas, uma vez por semana com 7 mulheres e 3 homens jovens, com idades entre 13 e 18 anos, usuários/as de um CAPS da Região Metropolitana do Recife com duração de 1h30m., sobre a temática da autonomia.

Resultados/Discussão

Pode-se falar numa perspectiva de relação entre as categorias de gênero e de juventude de forma normatizada, sendo que as formações ideológicas ditam quem está na norma e quem está fora dela. Os/as jovens desta pesquisa transitam na margem, quase-fora desse padrão porque são jovens e “loucos/as”. É importante reforçar que esse padrão de normalidade e loucura, limiar tão tênue, atende as exigências de quem tem o poder e quer continuar com ele, ou seja, pode-se observar nessa relação um jogo de poder e dominação. Em resumo, percebe-se que a tentativa de sempre se adequar à norma é a maneira que os/as jovens da pesquisa encontram para poder exercer suas autonomias, mesmo estando num contra fluxo da ‘ditadura hegemônica’.

Considerações Finais

Não percebo a doença mental como uma preocupação maior nas vidas desses/as jovens. Nos encontros de grupo eles/elas falavam, na maioria dos momentos, como ‘qualquer outro/a jovem’ sem diagnóstico de doença mental. Pareciam querer discutir e poder exercer espaços de diálogos sobre questões de juventude. Não descarto os diagnósticos e o fato concreto dos/as mesmos/as estarem vivenciando cotidianamente o espaço de sociabilidade do CAPS. Antes, quero problematizar minha própria questão inicial de pesquisa: a ideia de relacionar saúde mental com a noção de autonomia. Ressalto que esse trabalho não pretende objetivar verdades, nem responder questões, e sim, viabilizar as reflexões discursivas sobre os temas referidos acima.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPOS, R. T. e CAMPOS, W. S. *Co-construção de autonomia: o sujeito em questão*. Publicado em Tratado de Saúde Coletiva; Editora Hucitec/Fiocruz; organização Campos, GWS; Minayo, MCS; Akerman, M; Drumond Júnior, M; Carvalho, YM. – 2006.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Ed. UNICAMP, São Paulo. pp. 07-41, 1995.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes Brasileira. In: *Sociedade e Cultura*, vol. 11, n.2, julho-dezembro, 2008, p. 206-274.

Interseccionalidade: gênero, loucura, juventudes e autonomia

AUTORIA: ÍSIS MAURÍCIO COELHO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. KARLA GALVÃO ADRIÃO

RESUMO: Este trabalho se propõe a refletir sobre a análise de um estudo realizado em 2012 que teve como objetivo compreender como mulheres e homens jovens usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da região metropolitana do Recife/PE desenvolvem o conceito de autonomia em seus discursos, mediante espaços de trabalho com o grupo. A partir de quatro encontros realizados no CAPS. Participaram sete mulheres e três homens usuários do CAPS, cuja faixa etária variou de 13 a 18 anos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que utilizou a análise crítica do discurso de Fairclough, a partir de um referencial feminista pós-estruturalista. A análise

foi interseccional, ou seja, sem divisão por categorias, uma vez que se acredita que estas estão entrelaçadas, sem sobreposição e subjetivando as pessoas. Assim, no contexto desta pesquisa, percebe-se que o gênero precisa ser trabalhado na interface juventude, autonomia, condições socioeconômicas, saúde mental e com a noção de territorialidade. Por fim, ressalta-se que esse trabalho não pretende objetivar verdades nem responder questões, e sim viabilizar as reflexões discursivas sobre os temas referidos.

Palavras-chave: Gênero. Saúde Mental. Autonomia. Juventudes e Interseccionalidade.

MINIBIOGRAFIA:

Ísis Maurício Coelho: Psicóloga graduada pela UFPE. Integra o grupo extensionista “Muda” que faz parte do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU). Realiza oficinas com jovens na área de tecnologias, espaço urbano e políticas públicas em uma perspectiva feminista de trabalho.

Jogos virtuais: constituindo a dualidade de gênero a partir de estereótipos femininos

Lucienne de Almeida Machado
 Profª Drª Fernando Lacerda Júnior (Orientador)
 Universidade Federal de Goiás – UFG
 Apoio: CNPq

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata uma pesquisa que buscou, por meio da análise de jogos virtuais disponíveis na internet, problematizar a produção e reprodução de estereótipos e concepções que reforçam desigualdades de gênero. Utilizando referenciais teóricos do movimento feminista e da psicologia crítica, busca-se problematizar o conteúdo de jogos virtuais enquanto um meio de reprodução de divisões desiguais sobre o “ser mulher” e “ser homem”.

OBJETIVOS E MÉTODOS

O objetivo deste trabalho foi o de problematizar como jogos virtuais reforçam a separação entre o que é pertencente ao feminino e ao masculino. Assim, a pesquisa realizada buscou analisar como os jogos eletrônicos impõem estereótipos sobre o que deve ser a mulher em nossa sociedade.

Neste sentido, realizou-se uma análise de conteúdo das descrições e tarefas de jogos virtuais disponíveis em uma página da internet. Segundo Bardin (1979), a análise de conteúdo é especialmente válida para se estudar as comunicações realizadas entre as pessoas, porque enfatiza os significados de mensagens produzidas socialmente. O sítio utilizado para pesquisa foi <http://www.jogosonline.com.br>. Esta página foi escolhida para análise pela alta frequência de usuários. Usando a ferramenta de pesquisa “Google” com palavras-chave como “jogos virtuais” ou “jogos online”, o sítio é um dos primeiros listados. Em segundo lugar, a escolha desta página virtual se deu pelo fato de que nela se apresenta uma classificação de tipos de jogos que apresenta como categoria específica os “jogos de meninas”. Também foi possível perceber que a sua estrutura, a maneira como descreve os jogos e as suas categorias, era uma das mais bem organizadas, facilitando um possível estudo sobre jogos online.

O sítio, até o dia 3 de março de 2012, possuía 3059 jogos, com 242 categorias. A quantidade de jogos parece variar diariamente, pois outros são acrescentados constantemente. Buscando investigar como o mundo feminino é retratado pelos jogos, escolheu-se analisar a categoria “jogos para meninas”. Esta, até o dia 3 de março de 2012, possuía, no total, 348 jogos. Embora exista um grande número de jogos, não há uma variação qualitativa. Cada jogo possui uma descrição sobre os papéis, as tarefas e os procedimentos que o jogador deve executar. Estas descrições foram o objeto da análise de conteúdo.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: OS JOGOS VIRTUAIS NA DESIGUALDADE DE GÊNERO

Para o desenvolvimento deste trabalho alguns conceitos e considerações teóricas tomaram-se fundamentais, entre eles o entendimento de como os jogos, em geral, e os virtuais, neste caso em específico, são formas de socialização e que assim, estão inseridos em uma determinada ideologia de um meio social.

Assim, o jogo é uma atividade em que as relações sociais são reconstruídas no plano do sujeito, é a forma pela qual a criança se apropria da experiência social da humanidade (Calegari-Falco, Barros & Matioli, 2007; Grigorovitschs, 2010; Nascimento, Araújo & Miguéis, 2009; Pontes & Magalhães, 2003). Na atualidade, há uma grande difusão da presença e da importância dos jogos virtuais. Em geral, os jogos eletrônicos têm uma estrutura fechada, que reduz a imaginação e, assim, hipertrofia a dimensão reprodutiva do brincar enquanto, obviamente, reduzem as capacidades criativas do sujeito (Calegari-Falco, Barros & Matioli, 2007; Zanolla, 2007).

A importância de analisar os jogos virtuais se dá justamente devido à influência dos mesmos na constituição dos sujeitos, isto é, na sua contribuição para a socialização. Ao limitarem a imaginação da criança, pela imposição de uma estrutura fechada de regras, valores e tarefas, os jogos virtuais tornam o brincar e o jogar atividades limitadas. Pode-se perceber, então, que a reprodução de estereótipos torna-se algo muito mais fácil, pois a máquina direciona somente um caminho a seguir. Este último fato é de especial importância para demonstrar como o objeto de análise deste trabalho é relevante para a problematização sobre como novas tecnologias garantem a reprodução de velhas desigualdades.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos objetivos e procedimentos definidos, os 348 jogos analisados foram categorizados. Os resultados podem ser vistos na tabela 1, onde aparecem categorias gerais, subcategorias e exemplos de jogos que expressam as categorias.

Tabela 1 - Categorização dos “jogos para meninas

Nome do jogo	Descrição	Descrição do jogo	Quantidade de jogos
Beleza	Beleza: jogo de beleza e estilo de vida.	Beleza: jogo de beleza e estilo de vida.	228
Estilo	Estilo: jogo de moda e beleza.	Estilo: jogo de moda e beleza.	60
Amor	Amor: jogo de romance e amor.	Amor: jogo de romance e amor.	21
Profissão	Profissão: jogo de carreira e sucesso.	Profissão: jogo de carreira e sucesso.	11
Outros	Outros: jogos de diversos temas.	Outros: jogos de diversos temas.	14

Em síntese: quase a totalidade dos 348 jogos virtuais reproduzem estereótipos machistas sobre a mulher. Os jogos: (a) reduzem as necessidades e preocupações das mulheres às preocupações estéticas com corpo, roupas, joias, unhas, maquiagens, etc.; (b) concebem a inserção da mulher no mundo do trabalho apenas em profissões que estão diretamente relacionadas com funções reprodutivas, isto é, maternas ou “do lar”; (c) associam feminino ao que é delicado, frágil, não agressivo, indefeso e distante do esforço físico; (d) expressam um ideal de corpo feminino congruente com as associações mencionadas no item anterior; (e) reduzem a vida feminina ao doméstico, ao familiar e aos assuntos maternos a preservar papéis que não extrapolam essas dimensões.

Ao fim de tudo, não se pode deixar de destacar o aspecto visual dos jogos e o estilo de escrita presente nas descrições. Muito do conteúdo visual já explicita estereótipos, isso porque salta aos olhos da jogadora a delicadeza das personagens, os seus corpos perfeitos, as cores consideradas femininas (rosa e seus derivados), entre outros aspectos visuais que esbanjam o que é “ser mulher”. Além do visual, as palavras que são usadas também são sintomáticas: evocam delicadeza, cuidado e afeto.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: Revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, 17(2), 41-52.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto e A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.

Calegari-Falco, A. M.; Barros, M. S. de F. & Matioli, A. S. (2007). O brincar na visão sócio-histórica em três tempos: Transformações sociais na contemporaneidade, nos brinquedos e na relação criança-mundo. III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de psicologia, Maringá. Disponível em: www.cipsi.uem.br/anais2007.

Engels, F. (1884/1984). *A origem da família, da propriedade privada e do estado* (9ª ed., L. Konder Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Grigorovitschs, T. (2010). Jogo, mimese e infância: O papel do jogar infantil nos processos de construção do self. *Revista Brasileira de Educação*, 15(44), 230-246.

Martin-Baró, I. (1985/2003). *Acción y ideología: Psicología social desde Centroamérica I* (10ª ed.). São Salvador: UCA Editorial.

Melo, G. F.; Giovani, A. & Troccoli, B. T. (2004). Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 251-256.

Nascimento, C. P.; Araújo, E. S. & Miguéis, M. R. (2009). O jogo como atividade: Contribuições da teoria histórico-cultural. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 293-302.

Pontes, F. A. R. & Magalhães, C. M. C. (2003). A transmissão da cultura da brincadeira: Algumas possibilidades de investigação. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 16(1), 117-124.

Zanolla, S. R. S. (2007). Indústria cultural e infância: Estudo sobre formação de valores em crianças no universo do jogo eletrônico. *Educação & Sociedade*, 28(101), 1329-1350.

Jogos Virtuais: Constituindo a Dualidade de Gênero a Partir de Estereótipos Femininos

AUTORIA: LUCIENNE DE ALMEIDA MACHADO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. FERNANDO LACERDA JÚNIOR

RESUMO: Este trabalho discute, por meio da análise de jogos virtuais disponíveis em um sítio da internet, a reprodução de estereótipos de gênero. A pesquisa realizou análise de conteúdo de 348 jogos *online* criados especialmente para o “sexo feminino”. Com o intuito de problematizar os estereótipos reproduzidos pelos jogos, o trabalho discute o conceito de gênero com a finalidade de criticar a naturalização de certas características como naturalmente femininas. Para tanto, utiliza-se de conceitos da psicologia que demonstram o caráter social do processo de individualização. Assim, os conceitos de estereótipo, socialização e brincar/jogar servem como instrumentos teóricos que desvelam como os

papéis femininos ou masculinos são construídos em uma complexa relação entre indivíduo e sociedade. A análise dos jogos destaca como uma forma de lazer que se apresenta como “neutra” acaba por contribuir para a constituição de uma subjetividade, reproduzindo claramente estereótipos clássicos e naturalizantes de desigualdades sociais sobre o “ser menina”. Desse modo, pode-se afirmar que os jogos virtuais representam a entrada de “novas tecnologias”, mas repetem velhas divisões sexuais.

Palavras-chave: Gênero. Estereótipo. Jogos virtuais. Feminino. Socialização.

MINIBIOGRAFIA:

Lucienne de Almeida Machado: Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, desenvolve pesquisas que envolvem a conceituação do feminino na teoria psicanalítica freudiana e laciana (PVIC – 2013/2014).

Lei Maria da Penha: uma análise etnográfica de audiências de conciliação na cidade de Juiz de Fora

ALUNAS: Luiza Mattheis Cruz/Paolla Jenevain Braga
ORIENTADORA: Marcella Beraldo de Oliveira

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de analisar a sistemática de funcionamento da Lei Maria da Penha na cidade de Juiz de Fora – MG, buscando entender como os casos de violência de gênero são tratados – especificamente em *audiências de conciliação* – e o que essas audiências produzem como *justiça* em um sentido mais amplo.

OBJETIVO

A pesquisa procurou compreender como são administrados no Fórum Benjamin Colucci, por meio da audiência denominada como *conciliação*, os casos amparados pela Lei 11.340/06, isto é, que envolvem violência doméstica e familiar contra a mulher. A partir da definição do objetivo principal da investigação, foi possível estabelecer objetivos específicos, quais sejam, o entendimento do significado dessa *conciliação* para os operadores da Lei Maria da Penha e para as partes envolvidas nos casos de violência de gênero, bem como a apreensão do fluxo institucional pelos quais passam estes casos no sistema de justiça criminal da cidade de Juiz de Fora.

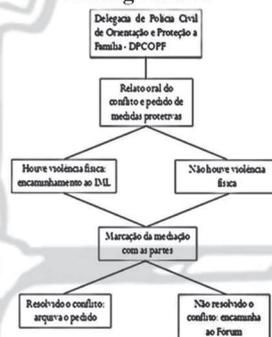
METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa foi qualitativa, baseada nos métodos próprios da etnografia que, nas palavras de Geertz (1989), consiste em uma “descrição densa.” Com base nesta perspectiva, o trabalho de campo iniciou-se em setembro de 2011 e consistiu na observação de audiências nomeadas como *conciliação*, inerentes ao âmbito da Lei Maria da Penha. Estas audiências ocorriam no Fórum de Justiça Comum de Juiz de Fora, durante a parte da manhã. Além da observação em campo, houve também a realização de entrevistas com as partes e os profissionais do Direito, operadores dessa Lei, a consulta de documentação, tais como a pauta de audiências, os boletins de ocorrência, os requerimentos de medidas protetivas, as atas de audiências, entre outros; e finalmente, o mapeamento da dinâmica de organização do ambiente estudado.

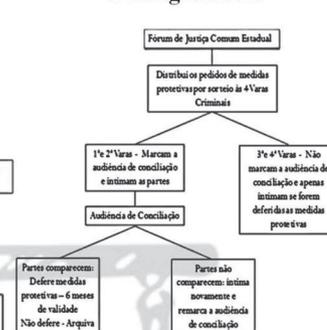
RESULTADOS

Os fluxogramas a seguir apresentam o fluxo institucional dos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher no município de Juiz de Fora.

Fluxograma I:



Fluxograma II:



Etnografia: “Quando o agressor entra na sala, após uma conversa inicial particular entre a conciliadora e a vítima, após algumas considerações acerca do ocorrido e do que fora conversado com a vítima, a conciliadora pergunta então ao agressor se são necessárias medidas protetivas. O agressor assume uma posição defensiva e começa a contar a história do episódio de violência, afirmando ter visto a ex-companheira com outra pessoa. A conciliadora o interrompe e dispara: ‘**Mesmo que você pegue a sua mulher na cama na lua de mel com outro homem, não pode bater**’. E continua: ‘**Ela pode dar pro bairro inteiro que o sr. não tem nada com isso. O sr. termina com ela, mas não pode bater, humilhar, xingar!**’” (Caderno de campo, grifo nosso).

CONCLUSÃO

A pesquisa de campo, mostrou que por um lado, a população atendida muitas vezes busca o serviço de justiça de uma forma *tutelar*, e por outro, é recebida por operadores da lei dispostos a ensinar as *boas maneiras* para um convívio salutar em família. Foi possível perceber também que segundo a percepção dos funcionários da vara, a Lei não ampara qualquer mulher vítima de violência, mas tão somente aquelas que sofreram a violência no âmbito familiar e doméstico, excluindo, por exemplo, as prostitutas, como em um caso observado. Este entendimento faz com que a demanda por direitos passe a ser em prol da família. É importante ressaltar, por fim, que enfatizar a família em detrimento da mulher como sujeito de direitos é uma forma de reificar preconceitos e hierarquias de poder presentes nas relações familiares, muitas vezes, violentas.

REFERÊNCIAS

- BERALDO DE OLIVEIRA, Marcella. *Gênero, justiça e violência: mudanças jurídicas na defesa dos direitos das mulheres*. In: Teoria e Cultura, v.6, n. 1 e 2. Juiz de Fora, jan./dez. 2011, p. 95-102.
- GEERTZ, Clifford James. *Uma descrição densa: Por uma Teoria interpretativa da Cultura*. In: _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- PASINATO, Wânia. *Lei Maria da Penha. Novas abordagens sobre velhas propostas. Onde avançamos?* In: CIVITAS – Revista de Ciências Sociais. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, vol. 10, n. 2, maio-agosto, 2010, p. 216-132.

Lei Maria da Penha: uma análise etnográfica de audiências de conciliação na cidade de Juiz de Fora

AUTORIA: LUIZA MATTHEIS CRUZ

PAOLLA JENEVAIN BRAGA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA

RESUMO: O presente trabalho¹ tem o intuito de compreender o uso do instituto da conciliação como meio alternativo de administração de conflitos marcados por dissimetrias de poder relacionadas a gênero, notadamente aqueles que envolvem crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher nos termos da Lei Maria da Penha. Interessa, em especial, perceber a dinâmica das audiências de conciliação na 2ª Vara Criminal de Justiça Comum de Juiz de Fora – MG realizadas no âmbito dessa Lei e como, nessas conciliações, essas dissimetrias de poder são ou não administradas. A pesquisa de campo, de caráter etnográfico, aponta que a “noção de

conciliação”, preponderante entre os operadores do Direito na referida vara, é diferente daquela comumente utilizada na prática jurídica, em que as partes chegam a um acordo que põe fim ao problema, gerando o arquivamento do processo judicial. O objetivo da audiência parece ser a explicação, às partes, acerca da aplicação das medidas protetivas existentes na Lei Maria da Penha, bem como das consequências de seu descumprimento. Nesse processo chamado de conciliatório, percebe-se que há, por parte dos operadores dessa Lei, uma reificação das posições hierárquicas de gênero nos casos de violência tratados.

¹ Este trabalho está inserido no projeto “Os usos das justiças do diálogo e a ‘produção de justiça’: uma análise da administração de conflitos de gênero e geração”.

Palavras-chave: Conciliação. Gênero. Violência doméstica. Lei Maria da Penha.

MINIBIOGRAFIAS:

Luiza Mattheis Cruz: Bacharela em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2013. Atualmente, é graduanda em Ciências Sociais (UFJF).

Paolla Jenevain Braga: Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Libertação de figuras opressoras e autodefinição na poética de Sylvia Plath

Mariana Chaves Petersen (Graduanda em Letras – UFRGS)
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

CORPUS: *The Colossus and Other Poems* (1960) e *Ariel: The Restored Edition* (2004).

OBJETIVO: Observar as transformações necessárias na poética de Sylvia Plath para que o eu poético de *Ariel* fosse atingido, com enfoque em sua relação com figuras opressoras à escrita.

METODOLOGIA: Este trabalho parte do conceito proposto por Gilbert (1977) de dois eus presentes no “self-defining confessional genre”: um social, e o outro sobrenatural; de que a escrita serve como válvula de escape para as mulheres, necessária à autoexpressão (SHOWALTER, 1992); de que a ansiedade da constituição do eu, em Plath, se dá entre ele e um outro (BRITZOLAKIS, 1999); dos estudos de Axelrod (1985) quanto às figuras opressoras na poética de Plath, sendo essas principalmente masculinas, ligadas à sombra; e da necessidade da mulher escritora apontada por Woolf (1942), de matar seus fantasmas: o “Angel in the House” – ideal feminino vitoriano – e a opinião masculina. Associa-se, então, o primeiro fantasma ao eu social de Gilbert, e, por conseguinte, o segundo ao eu sobrenatural. Compara, por fim, poemas de *The Colossus and Other Poems* a outros de *Ariel: The Restored Edition*, ressaltando aspectos que relacionam o primeiro livro ao “Angel in the House”, ao eu social, e o segundo a uma libertação de figuras opressoras, por meio do eu sobrenatural.

RESULTADOS: Em *The Colossus and Other Poems*, Plath ainda não havia se libertado do ideal de “Angel in the House”: ainda fala por meio de seu eu social. No decorrer de sua obra, a consciência deste vai sendo abafada enquanto se trava uma luta para romper barreiras e representar tabus. Para que o eu sobrenatural venha à tona é preciso matar as figuras silenciadoras – especialmente a opinião masculina. Nessa luta, Plath traça um imaginário relativo a essas figuras opressoras. Em *The Colossus*..., encontra-se o poema “The Colossus”, no qual há uma imensa figura paterna, que faz com que o eu poético tenha de rastejar para escalá-la. O eu poético não se estabelece, pois outros, colossais, fazem sombra que encobre a sua. Também a figura feminina materna oprime: para Plath (2000), sua mãe se coloca entre ela e sua escrita, sendo apresentada como mantenedora da filha no papel de “Angel in the House”. Em sua obra poética, quando não é representada como um impedimento, a mãe é tida como não-responsável por sua caminhada. Esse desconforto está presente em “The Disquieting Muses”, ainda de *The Colossus*.... Entre este e *Ariel*, tem-se uma reviravolta: no primeiro, as figuras opressoras são apenas evocadas, enquanto, no segundo, há reais confrontos. Plath consegue então se libertar das influências silenciadoras: o eu social é subjugado pelo sobrenatural, que vai ganhando voz por meio da escrita; o eu poético sai das sombras de “The Colossus” e mata seus fantasmas, em “Daddy”. Este poema mescla figuras de pai e marido, ambas sendo mortas pelo eu poético, que finaliza com uma ruptura total com a paterna. Já em “Medusa”, há rompimento com a figura materna. “The Jailer” rompe com a figura de marido/amante, havendo um desprendimento total do eu social, sendo a partir desse ponto que o sobrenatural sobressai. É fazendo uso dessa última voz que se tem as tentativas de autodefinição. Em “The Jailer”, isso se dá no cárcere, enquanto o eu poético, associado a um fantasma, se alimenta à sombra de seu algoz. Ao colocar o eu poético no papel de vítima e a figura opressora no de tirana tem-se uma vingança simbólica por parte da poeta. Em “Fever 103°”, o eu poético, etéreo, está novamente nesse papel, havendo autodefinição, ainda que não palpável. É a partir de “Ariel”, contudo, que o eu poético, também etéreo, sai de seu lugar de vítima, e a autodefinição é possível; concreta. Em “Lady Lazarus”, tem-se o eu sobrenatural como fantasmagórica fênix devoradora de homens, cuja autodefinição liga-se diretamente à vingança: há um preço para o desvelamento do eu, e a presença do outro o leva a se definir como oponente, que ameaça diretamente as figuras masculinas. Cronologicamente, “Daddy”, “Medusa” e “The Jailer” formam uma sequência: 12, 16, e 17 out./1962 (PLATH, 1981). Tem-se uma libertação sequencial das figuras opressoras: só assim seriam possíveis as escritas de “Fever 103°” (20/out.), “Ariel” (27/out.) e “Lady Lazarus” (23-29/out.), nos quais a autodefinição ocorre.

CONCLUSÃO: Uma vez liberto de seus fantasmas, de suas figuras silenciadoras, e de aniquilado o eu social (o “Angel in the House”), o eu poético sobrenatural de Plath pode finalmente buscar seu lugar particular de mulher escritora; é, então, possível canalizar a necessidade de autoexpressão feminina à autodefinição poética. Em “Daddy”, a figura paterna é morta, bem como a materna o é em “Medusa”. Em “The Jailer”, há uma vingança simbólica à figura de parceiro. Logo após, o eu sobrenatural – representado por figuras etéreas e fantasmagóricas – subjugava o social, sendo então possível a autodefinição em “Fever 103°”, “Ariel” e “Lady Lazarus”.

REFERÊNCIAS: AXELROD, Steven Gould. The Mirror and the Shadow: Plath's Poetics of Self-Doubt. In: *Contemporary Literature*, Vol. 26, No. 3. Madison: University of Wisconsin Press, Autumn 1985, pp. 286-301. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1208027>>. Acesso em: 20 Ago. 2012. BRITZOLAKIS, Christina. *Sylvia Plath and the Theatre of Mourning*. New York: Oxford University Press, 1999. GILBERT, Sandra M. My Name Is Darkness: The Poetry of Self-Definition. In: *Contemporary Literature*, Vol. 18, No. 4. Madison: University of Wisconsin Press, Autumn 1977, pp. 443-457. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1208171>>. Acesso em: 23 Mai. 2012. PLATH, Sylvia. *Ariel: The Restored Edition* (ed. Frieda Hughes), 2004. New York: Harper Collins Publishers, 2005. _____. *The Collected Poems* (ed. Ted Hughes), 1981. New York: Vintage International, 1998. _____. *The Colossus and Other Poems*, 1960. New York: Harper Collins Publishers, 2008. _____. *The Unabridged Journals of Sylvia Plath* (ed. Karen V. Kukil). New York: Anchor Books, 2000. SHOWALTER, Elaine. Killing the Angel in the House: The Autonomy of Women Writers. In: *The Antioch Review*, Vol. 50, No. 1/2. Yellow Springs: Antioch Review, Winter - Spring, 1992, pp. 207-220. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4612511>>. Acesso em: 06 Jan. 2013. WOOLF, Virginia. Professions for Women, 1942. In: _____. *Killing the Angel in the House: Seven Essays* (ed. Rachel Bowlby). London: Penguin Books, 1995, pp. 1-9.

Libertação de figuras opressoras e autodefinição na poética de Sylvia Plath

AUTORIA: MARIANA CHAVES PETERSEN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SANDRA SIRANGELO MAGGIO

RESUMO: Este estudo trata dos rompimentos ocorridos na poética de Sylvia Plath para que o eu poético de *Ariel* fosse possível – focando em *Ariel: The Restored Edition* (2004). Para isso, discute o conceito proposto por Gilbert (1977) de dois “eus” presentes no *self-defining confessional genre*, sendo o primeiro social e o segundo sobrenatural. Considerando que a escrita serve como válvula de escape para as mulheres e é necessária para suas necessidades de auto-expressão (SHOWALTER, 1992), e que a ansiedade da constituição do eu se dá entre ele e o “outro”, este trabalho discute como isso se mostra na libertação de figuras opressoras principalmente masculinas, ligadas à sombra – uma

das *images of incapacity* estudadas por Axelrod (1985), bem exemplificada em “The Colossus”. Expõe, então, como o eu poético consegue matá-las, de acordo com a necessidade da mulher escritora apontada por Woolf (1941), por meio de uma vingança libertadora, observada de forma crescente e cronológica em poemas como “Daddy”, “Medusa” e “The Jailer”. Mostra, finalmente, como essa libertação permite que o eu sobrenatural subjogue o social, levando posteriormente à autodefinição em “Fever 103º”, “Ariel” e “Lady Lazarus”.

Palavras-chave: Sylvia Plath. Ariel. Eu poético. Libertação de figuras opressoras. Autodefinição.

MINIBIOGRAFIA:

Mariana Chaves Petersen: Graduada em Licenciatura em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é bolsista de iniciação científica e estuda a obra da poeta norte-americana Sylvia Plath.



Mães, negligentes ou negligenciadas?

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Alunas: Maíra Rangel Campos

Nathália Gonçalves da Barra

Orientadora: Prof. Dr^a Nivia Valença Barros

RESUMO:

Este trabalho busca traçar os perfis das mães que vivem em um impasse, pois, ao mesmo tempo em que tem a necessidade de trabalhar para sustentar seus filhos compondo a renda familiar, elas se deparam com a falta de vagas nas creches, muito das vezes, são criminalizadas e encaminhadas ao Conselho Tutelar “acusadas” de negligentes. Os dados aqui apresentados derivam-se dos estudos desenvolvidos pelo projeto Violência Silenciada- Criança e Adolescente, que tem como campo de pesquisa e estudo o I Conselho Tutelar de Niterói - RJ. A proposta deste estudo é além de analisar os perfis das mães a procura de vagas em creche nesta cidade, pesquisar se elas são negligentes ou negligenciadas, ou seja, esta mulher se torna negligente ao deixar seus filhos em casa para trabalhar, ou são negligenciadas pela falta desse tipo de Políticas Públicas? E por fim, através desta pesquisa será estudado o impacto da ausência dessas políticas, contribuindo de alguma maneira para melhoria da qualidade de vida dos seus agentes em questão.

METODOLOGIA:

Este trabalho surgiu da observação na pesquisa de campo, que se fundamenta em uma pesquisa documental. Encontramos recorrentes demandas por creches, na qual a mãe era solicitante. A partir dessas demandas voltamos nossas análises para uma situação contraditória, pois, há também no Conselho Tutelar denúncias de mães negligentes, desta forma, encontramos um impasse, onde voltamos nossos olhares para eficácia/ineficácia das políticas públicas voltadas para esse segmento. Com isso, deparamo-nos com a seguinte questão: Até onde essas mães são negligentes, e até que ponto tornam-se negligenciadas?

DISCUSSÃO/CONCLUSÃO:

Não temos como objetivo negar que a negligência pode também acontecer por parte dessas mães, que em nossos estudos caracterizam-se pela parte mais desfavorecida da sociedade. Temos também na nossa fundamentação, a ausência do Estado, que por sua vez pode estar cometendo uma negligência social com essas mães, quando não provê aquilo que é assegurado por lei, violando assim os direitos dessas mães e de seus filhos. Desta forma nos deparamos com uma relação contraditória que é fruto da Questão Social e objeto de estudo do Serviço Social.



REFERÊNCIA:

- **PROJETO DE PESQUISA: Violência Silenciada – Criança e adolescente.**
- **TESE DE DOUTORADO: Violência intrafamiliar contra criança e adolescente Trajetória histórica, políticas sociais, práticas e proteção social. BARROS, V. Nivia**
- **ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE (ECA) – lei 8.069/1990**

Mães, negligentes ou negligenciadas?

AUTORIA: MAÍRA RANGEL CAMPOS

NATHÁLIA GONÇALVES DA BARRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. NIVIA VALENÇA BARROS

RESUMO: Este trabalho busca traçar os perfis das mães que vivem em um impasse, pois, ao mesmo tempo em que têm a necessidade de trabalhar para sustentar seus filhos compondo a renda familiar, elas se deparam com a falta de vagas nas creches; e muitas vezes, são criminalizadas e encaminhadas ao Conselho Tutelar “acusadas” de negligentes. Os dados aqui apresentados derivam de estudos desenvolvidos pelo projeto Violência Silenciada – Criança e Adolescente, que tem como campo de pesquisa de estudo o I Conselho Tutelar de Niterói/RJ. Este estudo visa analisar os perfis das mães à

procura de vagas em creches nesta cidade, pesquisar se elas são negligentes ou negligenciadas, ou seja, objetiva esclarecer se esta mulher se torna negligente ao deixar seus filhos em casa para trabalhar ou é negligenciada pela falta de políticas públicas na área. Por fim, nesta pesquisa será estudado o impacto da ausência dessas políticas, contribuindo de alguma maneira para a melhoria da qualidade de vida dos seus agentes em questão.

Palavras-chave: Negligência. Criança. Adolescente. Mães.

MINIBIOGRAFIAS:

Maíra Rangel Campos: Graduada de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), monitora da disciplina de Relações de Gênero e Questão Social e pesquisadora colaboradora do Núcleo Pesquisa Histórica Sobre Proteção Social, na pesquisa de título “Violência Silenciada – Criança e Adolescente”.

Nathália Gonçalves da Barra: Graduada da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq no projeto Violência Silenciada – Criança e Adolescente que integra o núcleo de proteção histórica sobre proteção social/centro de referência documental (NPHPS/CRD).



Autora: Carolina Cordeiro Mazzariello¹

Orientadora: Sonia Nussenzweig Hotimsky²

Maternidade soropositiva e padrões de gênero tradicionais entre mulheres das camadas populares³

Esta etnografia realizada na ONG Projeto Criança/Aids - PCA, situada no bairro da Saúde, em São Paulo, capital, objetivou compreender as transformações que a maternidade traz para a vida de mulheres pobres soropositivas, cuidadoras de crianças soropositivas.

Os métodos utilizados na pesquisa foram:

- observação participante – durante o período de um ano - dos grupos de apoio psicossocial, realizados mensalmente pela instituição;
- 11 entrevistas semiestruturadas;
- análise documental dos arquivos da ONG.

Verificou-se que o exercício da maternidade nestas condições envolve um tipo de parentalidade compartilhada, em que membros da rede social intervêm nos cuidados das crianças. Ressalta-se que, independentemente da unidade doméstica ser bi ou monoparental, as atividades de cuidado com a saúde das crianças são efetuadas primordialmente

pela mãe, e em sua ausência pela parentela consanguínea feminina da cuidadora, sinalizando a forte presença de padrões tradicionais de gênero e reforçando a imagem de cuidadora atribuída à mulher em nossa sociedade.

Ademais, constatou-se que o cuidado com a saúde, às vezes debilitada, dificulta o trabalho e leva à busca por apoio de ONGs, agências de serviço social e outros benefícios. Deste modo, atualiza-se o papel de provedora, não mais exercido primordialmente por intermédio do trabalho remunerado, mas por meio da luta cotidiana pela aquisição de recursos escassos.

Ainda nesse contexto, observou-se que a dificuldade enfrentada por estas mulheres na comunicação do diagnóstico de HIV/Aids aos seus filhos está associada à presença de padrões de gênero tradicionais, especificamente associados ao exercício da sexualidade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, R. **Mulheres, Reprodução e Aids: As tramas da ideologia na assistência à saúde**. Tese apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, para a obtenção do Título de Doutor, 2001.

BIEHL, J. **Antropologia no campo da saúde global, Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n.35, p. 257-296, jan/jun.2011.

FONSECA, C. Aliados e rivais na família: o conflito entre consanguíneos e afins. **Rev. Bras. Ciênc. Soc.** ANPOCS, v.2, n.4, p.88-104, 1987.

KNAUTH, D. **Aids, reprodução e Sexualidade: Uma abordagem antropológica das mulheres contaminadas pelo vírus da Aids**. Programa de treinamento e pesquisa sobre direitos reprodutivos na América latina (II PRODIR), Porto Alegre, 1996.

MARTIN, D. **Mulheres e Aids: Uma abordagem antropológica**. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para obtenção do Título de Mestre, 1995.

PARKER, R.; AGGLETON, P. **Estigma, Discriminação e Aids**. Rio de Janeiro: ABIA, 200. Coleção ABIA, Cidadania e Direitos Humanos, nº 1.

1 Graduanda em Ciências Sociais – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo – USP.

2 Professora de Antropologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP.

3 Este trabalho foi realizado por meio do programa de Iniciação Científica da FESPSP (2010/2011), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ.

Maternidade soropositiva e padrões de gênero tradicionais entre mulheres das camadas populares

AUTORIA: CAROLINA CORDEIRO MAZZARIELLO
SONIA NUSSENZWEIG HOTIMSKY

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SONIA NUSSENZWEIG HOTIMSKY

RESUMO: Esta etnografia realizada na ONG Projeto Criança/Aids, em São Paulo, capital, objetivou compreender as transformações que a maternidade traz para a vida de mulheres pobres soropositivas, cuidadoras de crianças soropositivas. Os métodos utilizados na pesquisa foram: observação participante dos grupos de apoio psicossocial, 11 entrevistas semiestruturadas, e análise documental dos arquivos da ONG. Constatou-se que o exercício da maternidade nestas condições envolve um tipo de parentalidade compartilhada, em que membros da rede social, essencialmente a parentela consanguínea feminina da cuidadora, intervêm nos cuidados das crianças, reforçando a imagem de cuidadora atribuída à mulher em nossa so-

cidade. Ademais, observa-se que a presença de padrões de gênero tradicionais entre essas mulheres está associada à dificuldade enfrentada por elas na comunicação do diagnóstico de HIV/Aids a seus filhos. Ainda nesse contexto, verificou-se que o cuidado com a saúde, às vezes debilitada, dificulta o trabalho e leva à busca por apoio de ONGs, agências de serviço social e outros benefícios. Atualiza-se, assim, o papel de provedora, não mais exercido primordialmente por intermédio do trabalho remunerado, mas por meio da luta cotidiana pela aquisição de recursos escassos.

Palavras-chave: HIV/AIDS. Maternidade. Padrões de gênero tradicionais.

MINIBIOGRAFIAS:

Carolina Cordeiro Mazzariello: Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP). Ao longo da graduação, tem se dedicado aos estudos de gênero e sexualidade na interface com a saúde, especificamente a questão do HIV/Aids, em São Paulo.

Sonia Nussenzweig Hotimsky: Formada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), com mestrado em Saúde Pública e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Antropologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Tem se dedicado à pesquisa no campo de Antropologia e Saúde, sobre os temas de formação em obstetrícia, reprodução e gênero.

Matilde Garcia Rosa: aquém/além de um nome próprio

Thalita da Silva Coelho (UFSC)
Marina Siqueira Drey (UFSC)
Prof^a Dra Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

Ironicamente, ao procurar pelo nome Matilde Garcia Rosa no Google Imagens, as fotos que surgem são da outra esposa de Jorge Amado, Zélia Gattai. Há um apagamento da memória de Matilde, de sua participação na vida do escritor baiano, desta que foi sua primeira esposa, ainda na mocidade. Provavelmente consequência do desejo de Jorge de apagar tudo de sua vida que se relacionasse ao Partido Comunista Brasileiro, do qual foi militante fervoroso durante o Estado Novo, sendo inclusive forçado a sair em autoexílio, devido à pressão contra os comunistas, para a Argentina e o Uruguai em 1941 e 1942.

O projeto

É a partir deste período que pudemos conhecer melhor Matilde: o nuLIME (núcleo Literatura e Memória) da UFSC recebeu em 2011 um acervo de Jorge Amado referente ao exílio em Buenos Aires e Montevidéu (1941-1942), aproximadamente 1400 páginas de documentos, com o qual viemos trabalhando desde então, minha orientadora Professora Doutora Tânia Regina Oliveira Ramos e eu, com o apoio do Universal do CNPq e bolsa de Iniciação Científica UFSC CNPq.

O acervo

Entre todos os documentos do Acervo, onde podemos encontrar correspondências do PCB, manuscritos de romances publicados e não publicados e correspondências pessoais do escritor, estão também cartas e menções à Matilde: Envelopes endereçados a ela, dedicatórias, abraços e beijos mandados para ela pelos companheiros de Jorge Amado. Neste material podemos vislumbrar um contorno da personalidade de Matilde, que, aparentemente colecionava selos, o que se presume devido aos recortes nos envelopes enviados a ela. Infelizmente não há no acervo uma carta que tenha escrito.



Envelope enviado para Matilde.
Acervo Jorge Amado - nuLIME - UFSC

Um nome próprio: Matilde:

Se me deparei com o nome de Matilde Garcia Rosa dez vezes em biografias de Jorge Amado, foram muitas. Alguns podem dizer que ela foi apenas uma parte muito passageira da vida do escritor, se comparada ao amor *shakespeareano* entre ele e Zélia, mas tudo indica que os anos que passaram juntos foram muito intensos: casaram-se ainda muito jovens em 1933, Matilde tinha apenas 17 anos e Jorge 21, e permaneceram juntos até 1944. Foram 11 anos de convivência, anos estes que sabemos terem sido conturbados devido à história política do Brasil, que Matilde os enfrentou com o escritor baiano; além disso, publicaram juntos um livro infante, *A descoberta do mundo*. Como de repente todas essas memórias evanescem?

Além da esposa, quase não ouvimos falar no nome da primeira filha do escritor, filha esta que teve com Matilde: Eulália Dalila, em homenagem às mães de Jorge e Matilde, apelidada Lila. A menina faleceu ainda muito jovem em 1950, aos 15 anos, período em que Jorge já estava casado com Zélia Gattai. Em *Navegação de cabotagem*, livro de memórias escrito por Jorge Amado, a única menção à filha é neste trecho: "Mal a conheci, não houve tempo e ocasião". Matilde e Lila são espectros à margem de uma outra história de amor irretocável: Jorge e Zélia.



Jorge Amado com sua filha Lila.
Disponível em:

<http://www.jorgeamado.com.br/>

Registros do romance dos dois foram encontrados, não numa mala, como é o caso de nosso acervo, mas num baú, pertencente à Matilde. Nele, está um livro de poemas escritos por Jorge para a então pretendente, onde se encontram versos como "Eu gosto de ti por interesse/para possuir o dote do teu corpo".

Ao fim do livro, ele diz: "Companheira:Vem/eu te amo."

O companheirismo acabou depois do fim do casamento; Jorge e Matilde não tiveram mais contato até 1978, quando se divorciaram oficialmente, para que o escritor pudesse se casar com Zélia Gattai. Na época, Matilde deu uma entrevista para o extinto jornal *A Última Hora*, onde revelou certo ressentimento, mas indicou que o divórcio ocorreu amigavelmente. A mãe de Matilde, Dalila, criticava Jorge Amado por não ter comparecido ao enterro da filha Lila.

Aquém/além de um nome próprio

Marques Rebelo diz, na trilogia *O Espelho partido*, que a memória de todo homem é um espelho de mulheres mortas. Jorge Amado possui várias: Matilde, Lila, Zélia, Lulu. Apenas as duas primeiras foram apagadas, esquecidas e marginalizadas.

Matilde, como muitas mulheres, foi obrigada a caber, em pedaços, num baú e numa mala. Correções biográficas como essas, especialmente no que se refere a mulheres silenciadas fazem parte das possibilidades de se recuperar as biografias residuais e inacabadas que só a materialidade de um acervo dá conta.

Referências

SILVEIRA, Joel. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

Baú de ex-mulher revela a poesia de Jorge Amado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16595.shtml> Acesso em 07 set 2013.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2012.

COELHO, Thalita da Silva. *Jorge Amado e os anos 1941-1942: documentos de uma história ainda não contada*. Trabalho de conclusão de curso de Letras/Língua Portuguesa e literaturas orientado por Professora Dra Tânia Regina Oliveira Ramos, UFSC, 2013.

Curiosamente, um dos registros de Matilde está numa narrativa que não pertence a Jorge Amado: no livro *Na fogueira: memórias*, de Joel Silveira, há uma descrição dela: "Era uma moça dos seus vinte anos, muito bonita, alta, longilínea, lábios carnudos e cabelos pretos que naquele momento lhe caíam pelos ombros. A pele era muito branca, a contrastar com os olhos de um marrom carregado". Da aparência de Matilde é tudo que sabemos.

Registros do romance dos dois foram encontrados, não numa mala, como é o caso de nosso acervo, mas num baú, pertencente à Matilde. Nele, está um livro de poemas escritos por Jorge para a então pretendente, onde se encontram versos como "Eu gosto de ti por interesse/para possuir o dote do teu corpo".

Ao fim do livro, ele diz: "Companheira:Vem/eu te amo."

O companheirismo acabou depois do fim do casamento; Jorge e Matilde não tiveram mais contato até 1978, quando se divorciaram oficialmente, para que o escritor pudesse se casar com Zélia Gattai. Na época, Matilde deu uma entrevista para o extinto jornal *A Última Hora*, onde revelou certo ressentimento, mas indicou que o divórcio ocorreu amigavelmente. A mãe de Matilde, Dalila, criticava Jorge Amado por não ter comparecido ao enterro da filha Lila.

Aquém/além de um nome próprio

Marques Rebelo diz, na trilogia *O Espelho partido*, que a memória de todo homem é um espelho de mulheres mortas. Jorge Amado possui várias: Matilde, Lila, Zélia, Lulu. Apenas as duas primeiras foram apagadas, esquecidas e marginalizadas.

Matilde, como muitas mulheres, foi obrigada a caber, em pedaços, num baú e numa mala. Correções biográficas como essas, especialmente no que se refere a mulheres silenciadas fazem parte das possibilidades de se recuperar as biografias residuais e inacabadas que só a materialidade de um acervo dá conta.

COELHO, Thalita da Silva. *Recensão para a Revista Navegação*. Disponível em: <http://revistas.eletronicas.pucrs.br/qs/index.php/navegacoes/article/viewFile/14687/9819>. Acesso em 07 set 2013.

NOUZELLES, Gabriela. *Os restos do político ou as rotinas do arquivo*. In: SOUZA, E. M., MIRANDA, W. M. (Org.) *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 130 - 154.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Fragments para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*. Porto Alegre: EDIPUCRS Revista Navegates, 2012.

ZILBERMAN, Regina, et al. *As pedras e o arco: Fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Matilde Garcia Rosa: aquém/além de um nome próprio

AUTORIA: THALITA DA SILVA COELHO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

RESUMO: Minha pesquisa é parte do projeto A Mala de Jorge Amado 1941-1942, um dos acervos do nuLIME, núcleo Literatura e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenado pela Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos. Segundo a concepção de Leonor Arfuch, entre cartas, documentos pessoais, documentos oficiais, originais e inéditos, articula-se o espaço biográfico do escritor baiano nos dois anos do autoexílio, no auge de sua militância no Partido Comunista. Parto do princípio de Marques Rebelo em sua trilogia “O Espelho Partido”, onde diz: “A memória de todo homem é um espelho de mulheres mortas”. O que levou o apagamento e o esquecimento de parte

da história pessoal de Jorge Amado, ao se omitir os nomes de sua primeira esposa e de sua filha adolescente pelos biógrafos e pelo próprio autor? Que papel ocupou essa mulher em 1941-1942 durante a permanência de Jorge Amado em Buenos Aires e Montevideú? Envelopes, cartas, notícias, relações pessoais, fragmentos de obras, permitem dar visibilidade a uma dessas companheiras, camaradas, fadadas – por quem veio depois – ao anonimato nas biografias laudatórias, nas memórias e na historiografia oficial do escritor baiano.

Palavras-chave: Matilde Garcia Rosa. Acervo. Mulheres. Militância. Jorge Amado.

MINIBIOGRAFIA:

Thalita da Silva Coelho: Mestranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculada ao núcleo Literatura e Memória (nuLIME) desde 2012. Trabalha com o acervo Jorge Amado desde então. Seus focos de estudo são memória e história, gênero e crítica feminista.



Maura de Senna Pereira – Em fatos e fotos

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Regina Oliveira Ramos

Aluna: Ana Beatriz Mello Santiago de Andrade

Essa pesquisa faz parte do nuLIME – núcleo Literatura e Memória (coordenado pela Prof. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos) e NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática Literária e Linguística (coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos) através do projeto PRONEX – Projeto Núcleos de Excelência – FAPESC, CNPq cujo objetivo é organizar, consolidar, catalogar, digitalizar e disponibilizar para a pesquisa no site (www.portalcatarina.ufsc.br) documentos que compõem o acervo de intelectuais catarinenses.

Em um universo de acervos predominantemente masculinos, destaca-se o de uma mulher: Maura de Senna Pereira, escritora e intelectual catarinense (1904-1992). São mais de 7000 documentos: correspondências, textos publicados na imprensa, manuscritos, crônicas, poesias, anotações, fotografias, documentos pessoais.

Como venho desenvolvendo a minha pesquisa?

Fiz parte de todo o processo da abertura das caixas desorganizadas vindas da Academia Catarinense de Letras para quem foi trazido todo o acervo do Rio de Janeiro e ali depositado desde os anos 90. Participei da limpeza do material, da organização de sua materialidade e da catalogação digital. Esse processo que envolve descobertas, leituras, manuseio, na organização do caos e de pensar com os restos fui percebendo que o acervo de Maura me conta um capítulo das histórias das mulheres do século XX: a das mulheres escritoras e jornalistas que conquistam espaços em ambientes predominantemente masculinos e da possibilidade de se ler imagens fotográficas como retratos de época seja pelos figurinos, seja por um padrão estético visual, seja pelos locais por onde transitavam. Dou destaque – o que acontece também com Clarice Lispector – aos retratos de rosto feitos em estúdio e fotos que registram encontros acadêmicos, onde Maura se destacava como a única figura feminina.



Por que destaco Maura de Senna Pereira?

Para dar visibilidade a uma intelectual engajada, que atravessou praticamente o século XX e faz parte de uma história de mulheres ainda a ser contada. Filha de professor e dona de casa, torna-se professora e se casa aos 27 anos, o que já transgredia os costumes da época. Ainda nos anos 30, sem filhos, separa-se de seu primeiro marido. Documentos revelam que, por preconceitos e pressões sociais e familiares, muda-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até a sua morte e onde buscou aprimorar a sua formação intelectual, a sua produção jornalística e onde produziu a maioria de seus livros.



Em 1927, mesmo sem ter nenhum livro publicado, é indicada por intelectuais catarinenses como Othon Gama D'êça e Henrique Fontes para ocupar uma cadeira na Academia Catarinense de Letras. Maura toma posse e se torna a primeira mulher.

Na cerimônia de posse, o então presidente da Academia, José Boiteux profere as seguintes palavras: "A eleição da senhorita Maura de Senna Pereira para a Academia Catarinense de Letras representa não só uma vitória do feminismo, mas também da inteligência da mulher catarinense."

Em 1931, Maura publica seu primeiro livro, intitulado "Cântaro da Ternura" e se casa com Dorval Lamotte. Após o casamento, seu marido vai trabalhar em Porto Alegre e Maura o acompanha, mesmo que contra sua vontade. O casamento acaba e Maura volta para Florianópolis. Mulher, divorciada, jovem e intelectual: esta é a Maura dos anos 30.

O sucesso de seu primeiro livro fez com que Maura ficasse conhecida com um quase pejorativo, ainda que bem intencionado, a *Princesinha das Letras Catarinenses*. Durante sua estada em Porto Alegre, Maura publica, com seus recursos, o livro *Discursos*. Após esta publicação, Maura fica por um longo tempo sem publicar, voltando a publicar um livro de poesia apenas no Rio de Janeiro, em 1949

O Acervo

São inúmeros os documentos que comprovam a cidadã Maura, sua militância política, poética; suas lutas pelo Direito da Mulher, sua luta para ocupar espaços majoritariamente masculinos; sua opção por buscar no Rio de Janeiro seu lugar profissional, sua carreira de jornalista..

Somo a essas atividades mais públicas, questões relacionadas a sua vida particular em relação a casamento e, posteriormente, o enfrentamento para se unir ao intelectual capixaba, Almeida Cousin, casado na ocasião e depois a união estável entre os dois que durou mais de cinquenta anos. Os registros documentais atestam que após o falecimento do esposo, companheiro intelectual Maura que estava escrevendo o que seria seu último livro – *Andarilha da noite* – rasga seus manuscritos e diz: "Este livro era dedicado ao Cousin. Ele não está mais aqui. Não quero mais imprimi-lo."

O que concluir da documentação do Acervo?

É importante destacar o empenho da escritora de recuperar laços afetivos a partir dos anos 50 com Santa Catarina, através de uma extensa correspondência e de seu interesse em fazer parte da Academia Catarinense de Letras. Manuseando o acervo documental, tem-se a certeza de que por ela o século XX não passou despercebido, seja pela sua coluna jornalística *Nós e o Mundo*, seja pelo desempenho na Academia Catarinense de Letras, o que exigia dela constantes deslocamentos do Rio de Janeiro para sua terra natal, Florianópolis. Em 1961, a poetisa catarinense recebe a *Medalha ao mérito Anita Garibaldi*, conferida a pessoas de relevância no cenário intelectual catarinense. Um aspecto interessante no acervo de Maura é a quantidade de guardados sobre Anita Garibaldi que, ao que me parece, teve grande influência em vida e obra da poetisa. Maura lança, em 1974, o livro de crônicas *Nós e o mundo*, no qual resgata seus textos publicados no jornal *Gazeta de notícias*, do Rio de Janeiro. E assim segue a princesinha das letras catarinenses em sua vida carioca: lançando livros, freqüentando bailes da alta sociedade e interagindo com intelectuais de renome nacional.



O acervo de Maura de Senna Pereira também como uma história de costumes sociais, do corpo e beleza. desafio da minha pesquisa bastante comprometida com o acervo intelectual e literário da escritora é agora o de descobrir outras possibilidades de o ler. Por que Maura guardava convites de bailes, de encontros sociais, mas acima de tudo por que sua obsessão por retratos e fotografias? Por que o registro da sua assumida vaidade? Como eu posso ler a história de Florianópolis dos anos 30 e o Rio de Janeiro do século XX através dos retratos reunidos e guardados por Maura? Outras pesquisadoras e outros pesquisadores não poderiam se valer desse material para contar a história da moda, modos e costumes do século XX ditados em sua maioria por revistas de época, como *Cruzeiro*, *A Cigarra*, *Manchete*, *Fatos & Fotos*? Como ler essa construção do masculino e do feminino nos espaços sociais onde transitavam os intelectuais? A amostragem que aqui coloquei foi um desafio a pesquisadoras e pesquisadores que não só pertençam ao campo das Letras, mas também da História, da Geografia, das Ciências Sociais, especialmente. A interdisciplinaridade é fundamental para a interpretação desses mais de 7000 documentos de Maura de Senna Pereira em suas muitas imagens.



Bibliografia Básica:

- Acervo de Maura de Senna Pereira www.portalcatarina.ufsc.br Acesso em 07.09.2013
- SOUZA, Eneida Maria e MIRANDA, Wander. *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 1911
- SALES, Cecília Almeida. *Crítica Genética*. SP: Editora da PUC, 1992.
- KALCKMANN, Reginalda. *Maura em Flor – Uma Fotobiografia*. Florianópolis, UFSC (2007, 299 p)

Maura de Senna Pereira em “Fatos e Fotos”

AUTORIA: ANA BEATRIZ MELLO SANTIAGO DE ANDRADE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

RESUMO: O acervo de Maura de Senna Pereira, intelectual catarinense (1904-1992), foi recuperado e digitalizado pelo núcleo de pesquisa do qual faço parte. Como etapa da pesquisa que desenvolvi, procurei fazer uma leitura da diversidade de registros biográficos que me permitiram um entendimento da vida literária, social e política de uma intelectual no século, parte da história de mulheres no Brasil do século XX. Procuo fazer uma leitura de fatos e de fotos, especialmente dos registros fotográficos, organizados pela própria escritora em álbuns, como construção de uma subjetividade feminina e feminista, justamente pela sua presença em espaços marcadamente masculinos: bares, saraus, academias de Letras. Entre esses muitos

documentos, são encontrados – além dos álbuns de fotografias – cartas, manuscritos, tratativas editoriais e crônicas publicadas em jornais, os quais permitem que se leia, mediante sua materialidade, não somente o modo como vivia e com quem convivia mas também a vida social e o meio intelectual brasileiro da época, majoritariamente masculino, seja em Florianópolis, seja no Rio de Janeiro, para onde se mudou após a separação de seu primeiro marido. O vasto acervo de Maura é composto por mais de 7.000 páginas de documentos, disponíveis no *site*: <www.portalcatarinaufsc.ufsc.br>.

Palavras-chave: Maura de Senna Pereira. Acervos. Memórias. Literatura catarinense.

MINIBIOGRAFIA:

Ana Beatriz Mello Santiago de Andrade: Graduada do Curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e bolsista IC do Projeto Núcleos de Excelência (PRONEX) - núcleo Literatura e Memória (nuLIME). Desenvolve pesquisas sobre memórias de mulheres tanto em narrativas quanto na restauração, catalogação e digitalização de seus acervos.

FAZENDO GÊNERO 10
DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS
FLORIANÓPOLIS-SC, BRASIL. SETEMBRO; 2013.

Mídias Móveis e Pesquisa-Intervenção: ajudando a aguçar o olhar crítico das-dos jovens

INTRODUÇÃO

O projeto “Diálogos para o Desenvolvimento Social de Suape” nasceu para minimizar os impactos negativos ocasionados pela chegada da Refinaria e, com ela, milhares de trabalhadores atraídos pelos novos postos de trabalho na construção civil. Suas ações estão voltadas a perturbações nas condições de saúde da população, tais como a violência e exploração sexual de crianças e adolescentes, bem como no consumo abusivo de álcool e outras drogas e nas demandas de cuidado relativas à DST/AIDS. Assim, o “Curso de Mídias Móveis” realizado pelo Ação Juvenil, subprojeto do Diálogos em Suape, foi uma pesquisa intervenção realizada com jovens de ambos os sexos, que estudam na Rede Pública de ensino das sub-regiões de Suape-PE, que tinha por objetivo sensibilizar as-os jovens para temáticas ligadas à saúde, proteção e cidadania.

*Ruan Costa Paiva; Karla Galvão Adrião (orientadora);
Departamento de Psicologia- LABESHU,
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.*

CONTEXTO - SUAPE



ATIVIDADES



OBJETIVOS

Objetivo geral: facilitar a construção de um olhar crítico sobre a configuração social e espacial da região (relações sociais, de poder, de gênero, sexuais, econômicas e etárias).

Específicos: Tentar compreender como a mediação da câmera filmadora viabilizou o processo de pesquisa intervenção; incentivar a apropriação dos equipamentos sociais (CRAS, postos de saúde, conselhos tutelares, delegacias, etc), a desnaturalização de espaços urbanos e a percepção das condições atuais da cidade, amplificando, dessa forma, o potencial ativo de mudança das-os jovens.

MÉTODO

Nas 10 oficinas propostas para trabalho com as-os jovens, foram utilizadas técnicas de teatro do livro ArtPad(MACCARTHY & GALVÃO, 2001), assim como noções básicas sobre mídias móveis, criação de roteiro, técnicas de filmagem e rodas de diálogos sobre temáticas pertinentes ao projeto que emergiram como demandas e vulnerabilidades sociais da região. Ou seja, essa sensibilização crítica foi provocada a partir da apropriação de técnicas de produção audiovisual, somadas a oficinas dialógicas facilitadas por jovens estudantes de graduação dos cursos de Psicologia e Ciências Sociais da UFPE.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gradativamente, foram percebidas mudanças nas discussões construídas nas rodas de diálogos junto às produções de curtas. Assim, as-os jovens estavam se posicionando de forma mais desprendida de conceitos e de associações já bastante cristalizadas (questões de gênero, de violência como sinônimo de pobreza, de gravidez na adolescência como sinônimo de problema) de modo que seus discursos demonstravam uma forma mais reflexiva e crítica de pensar suas experiências num território em que as relações de poder sustentam desigualdades relativas à cidadania, saúde, direitos sexuais e reprodutivos e juventude.



Mídias Móveis e Pesquisa-Intervenção: ajudando a aguçar o olhar crítico das-dos jovens

AUTORIA: RUAN COSTA PAIVA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. KARLA GALVÃO ADRIÃO

RESUMO: Esse trabalho visa a entender como a mediação da Câmera Filmadora viabilizou a pesquisa-intervenção do “Curso de Mídias Móveis” realizado pela Ação Juvenil, subprojeto do Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuando juntos a-aos jovens da sub-região Suape/PE. O objetivo do curso foi ajudar a construir, a partir da apropriação de técnicas de produção audiovisual somadas a oficinas dialógicas que foram facilitadas por jovens estudantes de graduação, um olhar crítico sobre a configuração social e espacial da região (relações sociais, de poder, de gênero, sexuais, econômicas,

etárias). Além disso, incentivar a apropriação dos equipamentos sociais (CRAS, postos de saúde, conselhos tutelares, delegacias etc.), a desnaturalização dos espaços urbanos e a percepção das condições atuais da cidade, amplificando, dessa forma, o potencial ativo de mudança das-dos jovens. Isto foi gradativamente percebido, à medida que os/as jovens travavam discussões no grupo, e produziam curtas, posicionando-se de modo mais comprometido, reflexivo e crítico diante das suas experiências no cotidiano.

Palavras-chave: Pesquisa intervenção. Mídias móveis. Oficinas. Mulheres e homens jovens.

MINIBIOGRAFIA:

Ruan Costa Paiva: Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU), e bolsista IC do Projeto Diálogos para o Desenvolvimento Social do Subgrupo Ação Juvenil (SUAPE).



Mulheres e Futebol: memórias de licenciandas em educação física

Autoria: Rebecca Barahona Cantreva

Fabiano Pries Devide

Docente responsável: Prof. Dr. Fabiano Pries Devide

INTRODUÇÃO

- ❑ O estudo discute a participação das mulheres no futebol no contexto escolar e universitário.
- ❑ A prática do futebol feminino no Brasil é recente, pois através do Decreto lei 3.199, publicado em 1941 pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), proibia-se a prática de esportes as mulheres. (CASTELLANI, 1991).
- ❑ Tal decreto foi regulamentado em 1965, que estabelecia regras para a participação das mesmas. Em 1981, tardiamente o CND concedeu o direito à prática de diversas modalidades esportivas às mulheres, incluindo o futebol (CASTELLANI, 1991).

OBJETIVOS

- ❑ Analisar e identificar como foi a inserção/permanência de licenciandas em Educação Física na prática do futebol na escola e na universidade.
- ❑ Identificar se houve preconceitos por essas mulheres na modalidade nos espaços escolar e universitário.
- ❑ Discutir as relações de gênero na prática do futebol na EF escolar.

METODOLOGIA

- Abordagem qualitativa e descritiva. (RICHARDSON, 2009).
- Entrevista estruturada ► validação por 3 juízes TCLE.
- Análise do conteúdo (BARDIN, 2008).
- Grupo de informantes ► licenciandas em EF da UFFRJ com inserção no futebol escolar e universitário em nível de competição.

RESULTADOS

- ❑ A análise do conteúdo permitiu a construção de 4 categorias:

ORGANIZAÇÃO DOS ALUNOS/AS POR SEXO

[...] *era dividido menino de menina e algumas aulas eram mistas. Na hora do jogo em si, eram divididos.* (12).

[...] *quando era o esporte era separado.* (13).

Informantes indicam que quando o conteúdo era o esporte, as aulas eram separadas (Louzada, Devide, 2006; Louzada, Devide, Votre, 2007).



FUTEBOL COMO CONTEÚDO DAS AULAS

[...] *O futebol quando eu tinha (...) como conteúdo, ele era ensinado assim, alguns fundamentos do futebol, mas nada além disso.* (13, grifo nosso).

Na fala percebemos que o professor tinha a intenção de ensinar os fundamentos através do jogo.

PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS

[...] *a minha Educação Física se tornou o "futebol dos garotos" que só eu e mais uma ou duas meninas fazíamos questão de jogar.* (14, grifo nosso).

A inclusão das meninas ocorre quando apresentam habilidade motora. (FARIA JÚNIOR, 1995; DARIDO, 2002).

[...] *Quando na aula se separava meninos e meninas, muitas delas aceitavam jogar. Mas quando misturava, a maioria ficava no banco. Quando o jogo era só com as meninas elas se sentiam mais à vontade, até se esforçavam.* (14, grifo nosso).

Preferência das meninas e meninos pelas aulas separadas (LOUZADA, DEVIDE, 2006).



PRECONCEITO E AS QUESTÕES DE GÊNERO

[...] *Tive muitos professores. Geralmente eles tinham o discurso da fragilidade e sensibilidade da mulher [...] Embora tenha sofrido preconceito eu nunca aceitei o estereótipo de frágil. [...] Outra coisa a ressaltar é que os meninos que não jogavam bem sofriam preconceito, sendo comparados o tempo todo comigo.* (14, grifo nosso).

Preconceito associado à fragilidade e exclusão dos meninos partir da habilidade motora (FARIA JÚNIOR, 1995).

[...] *Não, nunca sofri. Minhas amigas sim...* (11).

Apesar de algumas informantes não sofrerem preconceito, o identificaram entre as colegas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

- ❑ Motivos da inserção e permanência no futebol: gosto pelo esporte e a influência de amigos.
- ❑ Preconceitos sobre si e sobre o outro.
- ❑ Futebol como conteúdo da EF e (FARIA JÚNIOR, 1995).
- ❑ Promover a Co-Educação (SARAIVA, 1999; 2002).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CASTELLANI, L. F. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1991.
- DARIDO, S. C. Futebol Feminino no Brasil: Do seu início à Prática Pedagógica. Motriz, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.
- FARIA JÚNIOR, A. G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Revista de Campo, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 17-39, dez. 1995.
- RICHARDSON, R. J. Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2009.
- LOUZADA, M.; DEVIDE, F. Educação Física escolar co-educação e gênero: mapeando representações de docentes. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.
- LOUZADA, M. VOTRE, S. DEVIDE, F. P. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. RBCE, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

Mulheres e Futebol: memórias de licenciandas em Educação Física

AUTORIA: REBECCA BARAHONA CANTREVA

FABIANO PRIES DEVIDE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. FABIANO PRIES DEVIDE

RESUMO: Este estudo de caso discute a participação das mulheres no futebol no contexto escolar e universitário. Interpreta o futebol como uma área de reserva masculina ao longo da história, constituindo-se em conquista recente das mulheres enquanto prática esportiva. O objetivo da pesquisa é reconstruir as memórias de estudantes universitárias em Educação Física sobre sua inserção e permanência na prática do futebol na escola e na universidade. A partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, a

pesquisa utilizará uma entrevista semiestruturada para a coleta de dados, a ser aplicada em um grupo de informantes que pratica futebol universitário no âmbito da Universidade Federal Fluminense (UFF). Para a análise dos dados, serão utilizados os referenciais teórico-metodológicos dos Estudos de Gênero e da Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Futebol. Mulheres. Gênero. Educação Física escolar.

MINIBIOGRAFIAS:

Rebecca Barahona Cantreva: Professora de Educação Física formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente leciona em uma escola da rede particular do município de São Gonçalo/RJ. Ao longo da sua licenciatura, desenvolveu pesquisa sobre a participação feminina no futebol. Este trabalho foi desenvolvido com meu orientador, e é uma parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Fabiano Pries Devides: Mestre e Doutor em Educação Física. Professor no Departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde leciona para o curso de Educação Física. Desenvolve sua pesquisa atual em Educação e História das mulheres nas Atividades Físicas no Brasil. Este trabalho foi desenvolvido com sua orientanda.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA - UFV

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDOS DE GÊNERO - NIEG

Novas feminilidades e o enfrentamento da violência contra a mulher

Dyjane dos Passos¹; Rafânia Mareza Silva de Carvalho²; Paula Dias Bevilacqua³

(1) Graduada em Economia Doméstica /UFV, NIEG/UFV e-mail: dyjane.p.passos@ufv.br; (2) Graduada em Ciências Sociais/UFV, NIEG/UFV; (3) Prof.^a Associada DVT/UFV, Coordenadora do NIEG;

Contextualização

Esse trabalho trata-se de uma reflexão acadêmica realizada no contexto do projeto de extensão “Formação de Agentes Comunitários/as para o Enfrentamento da Violência contra a Mulher”. Esse projeto de extensão foi desenvolvido com as pessoas dos bairros e comunidades de Viçosa-MG.

A finalidade do projeto era a capacitação de pessoas em noções de direitos da mulher, gênero, patriarcado, Lei Maria da Penha, a rede protetiva não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher, ciclo da violência, tipos de violência contra a mulher e cidadania, para que se formem “agentes de enfrentamento da violência contra a mulher”, afim de atuarem na defesa dos direitos femininos e na transformação da realidade social, oferecendo informações e mecanismos capazes de promoverem a ruptura dos laços de violência, assim como a emancipação.

Metodologia

Utilizamos como metodologia de pesquisa observação participante nas oficinas coletivas e individuais que tiveram como tema: a rede protetiva não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher, ciclo da violência, tipos de violência contra a mulher, Lei Maria da Penha. Realizamos análise de relatorias construídas durante as visitas domiciliares. Onde pudemos resgatar falas e reflexões dos/as participantes e assim problematizar questões por vezes naturalizadas, propondo superação da injustiça social contra as mulheres, a partir do re/conhecimento dos seus direitos enquanto mulheres e cidadãs.

Apontamentos

Apesar da maioria das mulheres serem trabalhadoras e chefes de famílias, ainda existem relações de poder, pois a autoridade de seus companheiros não é deslegitimada, sendo essa a particularidade da identidade dessas mulheres, que chamaremos “novas Amélias”.

Agradecimentos:



PEC/UFV

PROEXT/MEC



Figura 1 – oficina sobre a “Rede Protetiva”



Figura 3 - Oficina sobre “Tipos de Violência”



Figura 4 – Oficina sobre “Lei Maria da Penha”



Figura 5 – “Apresentação do Teatro”

São mulheres comuns, cujas possibilidades de rupturas se dão em casa, no bairro, ou seja, lugares do cotidiano, frequentemente considerados como lugares não políticos ou de transformação. Muitas mulheres são lideranças na localidade e (re)ordenam o modo de vida dos/as que as rodeiam. Embora não tenham refinamento teórico, têm percepção sobre as transformações cotidianas resultantes de lutas e tensionamento. São mulheres que buscam liberdade através de suas práticas cotidianas. É no espaço do cotidiano (privado) que se pode pensar um espaço democrático e transformador, cujo caráter de construção social seja possibilitado por meio da formação e do conhecimento. É nesse espaço que é possível reconhecer o/a outro/a e (re)descobrir-se criticamente. A transformação pela conscientização faz com que essas mulheres rompam com a desigualdade e saiam da situação de submissão do poder masculino.

Considerações Finais

A conscientização das mulheres enquanto sujeito histórico e de direito resulta em seu emponderamento e autonomia na luta contra as formas de opressão. “Faz-se necessário não só conhecer, mas transformar a realidade das relações humanas numa direção” (GEBARA, 2005, p. 10). A transformação de sua realidade é apenas o início de um processo coletivo de humanização do mundo, de forma mais justa e igualitária entre as relações de gênero. Esse processo não pode permanecer verticalizado, em que se proponha, como solução, salvar as/os excluídas/os. É preciso, como defende Paulo Freire (2005, p. 7), “aprender a dizer a sua palavra”, pois a/o oprimida/o é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente.

Referências Bibliográficas:

- DUQUE, Ana Paula. **Direito e Gênero: o Projeto Promotoras Legais Populares e sua Orientação à Emancipação Feminina**
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci**, Rio de Janeiro, 2011. Editora Civilização Brasileira.
- **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 10ª Edição, Editora Graal, 1979.

Novas feminilidades e o enfrentamento da violência contra a mulher

AUTORIA: DYJANE DOS PASSOS

RAFÂNIA MAREZA SILVA DE CARVALHO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PAULA DIAS BEVILACQUA

RESUMO: Esse trabalho resulta de reflexões realizadas no desenvolvimento de um trabalho de extensão-pesquisa sobre violência de gênero e enfrentamento da violência contra a mulher. Durante as atividades, envolvendo moradoras de localidades/bairros de Viçosa-MG, percebemos a paulatina participação das mulheres frequentemente relatando histórias de vida marcadas pela violência doméstica. Apesar de a maioria das mulheres ser trabalhadora e chefe de família, ainda coexistem relações de poder, pois a autoridade de seus companheiros não é deslegitimada, sendo essa a particularidade da identidade dessas mulheres, que chamaremos “novas Amélias”. São mulheres comuns, cujas possibilidades de rupturas se dão em casa, no bairro onde moram, na mercearia que frequentam,

ou seja, em lugares do cotidiano que frequentemente são considerados como lugares não políticos ou de transformação. Muitas dessas mulheres são lideranças na localidade e (re)ordenam o modo de vida dos (as) que as rodeiam. Embora não tenham refinamento teórico, elas têm percepção sobre as transformações cotidianas resultantes de lutas e tensionamento. São mulheres que não buscam aprovação de suas práticas, sendo estas acordadas muitas vezes entre “troca de olhares” quando delegam e/ou autorizam o poder a seus companheiros, e sem que isso as coloque em lugar de submissão.

Palavras-chave: Relações de gênero. Empoderamento. Cotidiano.

MINIBIOGRAFIAS:

Dyjane dos Passos: Graduada em Economia Doméstica/UFV. Bolsista PROEXT – NIEG/UFV.

Rafânia Mareza Silva de Carvalho: Graduada em Ciências Sociais/UFV. Bolsista de Iniciação à Extensão – NIEG/UFV.

Paula Dias Bevilacqua: DS – Epidemiologia. Professora Associada – DVT/UFV e coordenadora do NIEG.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



O direito de não saber/cuidar: os dilemas dos profissionais de saúde entre o reconhecimento da autonomia e o descaso

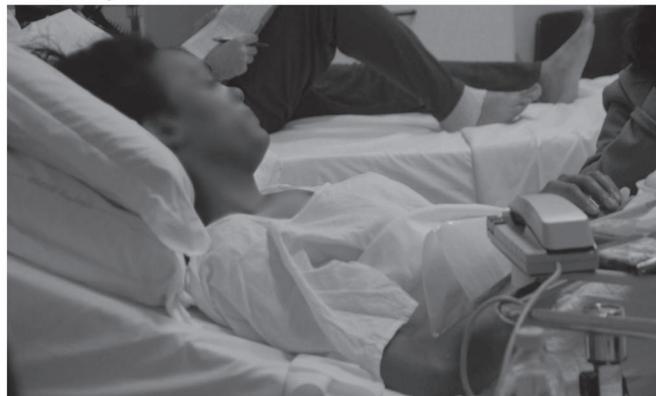
Ariane Malta Pereira (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Lais Melo Rocha (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bonssucesso Teixeira (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

Sabemos que a relação médico-paciente é um elemento importante no estabelecimento do cuidado e na adesão do usuário a todo serviço de saúde. No entanto, em relação às travestis, o gênero é um marcador fundamental não somente para o acolhimento, mas principalmente no processo decisório de adesão ao tratamento para a aids. Como lidar com a recusa da usuária que entende ser essa uma luta perdida? Ou mesmo apenas como desfecho de um final anunciado, uma vez que “travesti morre de bala ou de aids?”. Quais os desafios dos profissionais de saúde para lidar com a autonomia da usuária sem, no entanto configurar omissão ou descaso? Nossa proposta é apresentar a experiência do projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia que tem como objetivo sensibilizar as travestis e transexuais para os cuidados em saúde e ao mesmo tempo trabalhar com a equipe que se propõe a cuidar dessa população.

Relatamos aqui a experiência de Guida, 25 anos, residente em Uberlândia há cerca de quatro anos. Participativa em outros projetos do Programa relutava em agendar o retorno ao ambulatório após a solicitação da segunda coleta para sorologia de HIV. Realizamos busca ativa para discutir a ausência e ela justificou dizendo “eu não estou preparada para essa resposta agora. Eu sei do resultado, mas mesmo assim, enquanto não tem a última resposta tem sempre uma esperança”.

Apesar de sua primeira consulta ter se dado logo na inauguração e ter retornado para outros procedimentos no ambulatório, a recusa em realizar o segundo teste para HIV permaneceu. Em 2013, diante do resultado positivo para Sífilis nos vimos diante da necessidade de um novo exame: o do liquor cefalorraquidiano (LCR) e como seria o tratamento específico, caso o resultado fosse positivo. Novamente estávamos diante de uma resposta negativa. Ela estava de viagem marcada para a Itália, iria realizar o sonho de trabalhar na Europa, em suas palavras: “talvez o ultimo”. A negativa causou insegurança e insatisfação na equipe, e as palavras mais utilizadas foram: sabemos do risco, sabemos da necessidade, sabemos da indicação.

Esse saber precisava materializar algo diferente de um “ok, ela escolheu” e/ou a simples assinatura de um termo de responsabilidades. Todos possuíamos razões e, no final, encontramos um caminho. Havíamos atendido uma travesti anteriormente com quadro semelhante que também viajaria para a Itália. Refizemos o percurso, discutimos como foi na Itália e ela foi embora levando o endereço do Hospital Luigi Sacco em Milano e também os resultados do exame e um encaminhamento. Soubemos depois que, menos de um mês ela fora internada no referido hospital para tratar de uma complicação associada à sífilis.



Aprender a lidar com a autonomia das travestis para a decisão sobre o momento oportuno para a realização de exames e procedimentos e, ao mesmo tempo, trabalhar para a identificação precoce da infecção é um desafio constante. Trata-se de encontrar o fio que equilibra o respeito à autonomia do sujeito garantindo o seu direito aos cuidados em saúde e a força prescritiva do poder médico nos cuidados em saúde. A perspectiva dialógica que embasa o atendimento do ambulatório sustenta, como ato de educação em saúde, a permanente negociação entre profissional de saúde e travesti sobre os caminhos do cuidado a serem trilhados conjuntamente.

CARRIJO, Gilson Goulart. (Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).
FERNANDEZ, Josefina. *Cuerpos Desobedientes. Travestismo e Identidad de Género*. Buenos Aires: Edhasa, 2004.
PELUCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p.
TEIXEIRA, Flavia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). *Discursos Fora da Ordem* deslocamentos, invenções e direitos. 01ed. São Paulo: Annablume, 2012. v. 01, p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

O direito de não saber/cuidar: os dilemas dos profissionais de saúde entre o reconhecimento da autonomia e o descaso

AUTORIA: ARIANE MALTA PEREIRA
LAIS MELO ROCHA
FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: Sabemos que a relação médico-paciente é um elemento importante no estabelecimento do cuidado e na adesão do usuário a todo serviço de saúde. No entanto, em relação às travestis, o gênero é um marcador fundamental não somente para o acolhimento, mas principalmente no processo decisório de adesão ao tratamento para a AIDS. Como lidar com a recusa da usuária que entende ser essa uma luta perdida? Ou mesmo apenas como desfecho de um final anunciado, uma vez que “travesti morre de bala ou de aids?”. Quais os desafios dos

profissionais de saúde para lidar com a autonomia da usuária sem, no entanto, configurar omissão ou descaso? Nossa proposta é apresentar a experiência do projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que tem como objetivo sensibilizar travestis e transexuais para os cuidados em saúde e, ao mesmo tempo, trabalhar com a equipe que se propõe a cuidar dessa população.

Palavras-chave: Relação médico-paciente. Travestis. Transexuais. Autonomia.

MINIBIOGRAFIAS:

Ariane Malta Pereira e Laís Melo Rocha: Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania. Financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do BonSUCESSO Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.



O direito, a produção da verdade do sexo e a subversão do binarismo de gênero no discurso jurídico

Autor: Caio César Klein | Bolsista de Iniciação Científica | kleincaio@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Aronne

Apresentação

Gênero e sexo são categorias universalmente invocadas enquanto modos de inteligibilidade do sujeito nos contextos culturais da atualidade. Compulsoriamente, todos os corpos são classificados em machos e fêmeas, homens e mulheres, a partir do que são atribuídas identidades, formas de subjetividade e práticas sociais adequadas. No discurso jurídico, contudo, observa-se a predominância das concepções de sexo baseadas no modelo de atribuição biológica, excluindo do debate o gênero enquanto categoria cultural de diferenciação e o sexo enquanto aparato historicamente construído para justificar essas diferenças. Nesse aspecto, a apropriação dos discursos médicos, anatômicos e psiquiátricos, insere no âmbito jurídico concepções de sexo enquanto discursos de verdade, nomeando compulsoriamente os sujeitos a partir de binarismos como macho e fêmea, homem e mulher, masculino e feminino.

Objetivo geral

Uma vez que o direito incide sobre essas categorias através da nomeação jurídica dos corpos, o presente trabalho tem como objetivo analisar como se opera o controle de corpos sexuados pelo discurso jurídico enquanto instância de poder e de construção da verdade.

Objetivos específicos

- Revisar as teorias sociais explicativas do gênero a partir do feminismo de segunda onda até os estudos *queer*;
- Realizar análise dos discursos concessivos e denegatórios em demandas de retificação de registro civil que busquem a ressignificação do nome e gênero jurídicos no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul;
- Projetar a aplicabilidade dos estudos de gênero pós-estruturalistas sobre o atual discurso jurídico.

Metodologia

A análise do conteúdo da amostra intencional se apresenta como essencialmente qualitativa já que a preocupação da pesquisa consistia em aprofundar o conhecimento com o qual se está dialogando em vez de pesquisar um universo maior de decisões judiciais, sobretudo porque o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo (MARTINELLI, 1999), o que implica em considerar que o mesmo “é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 1998, p. 21).

Resultados

O discurso jurídico que harmoniza o sistema sexo-gênero, embora se apresente exclusivamente como forma, parece estar muito mais em um domínio de práticas regulatórias não jurídicas, de um conjunto de saberes que é anterior ao sistema jurídico (FOUCAULT, 1984). Embora sustentada por um arcabouço de conhecimento médico-legal, a produção da verdade – a nomeação dos corpos na prática judiciária – está em relação direta com a imersão do pensamento e, sobretudo, do intérprete, em uma matriz epistêmica heterossexual, tal como defendida por Butler (2012)

Dessa forma, renegação de uma imanência polimórfica e andrógina do gênero, e a reprodução desse em seu aspecto fálico e metafísico (HARVEY, 1993), está relacionada ao discurso da certeza e ao desejo de segurança jurídica nos quais se sustentam as práticas judiciárias contemporâneas.

Ao reformular o pensamento constituído sobre o sexo e o gênero a partir da noção de descentramento do sujeito e da impossibilidade de aferi-lo deterministicamente ao falar de sexo e gênero – apontando, outrossim, a artificialidade da noção de segurança jurídica – não se está fugindo do enfrentamento das questões que a performatividade de gênero suscita no âmbito jurídico: “pôr o sujeito em questão não significa aboli-lo, liquidá-lo, mas, antes, reinscrevê-lo, ressituar-lo” (DUQUE-ESTRADA, 2010, p.6). Trata-se de uma constatação de que não existe O Sujeito a partir do qual se possa extrair a referência para a atribuição da identidade mais correta, e sim uma multiplicidade de corpos vivos, uma heterogeneidade de desejos e identidades.

Referências bibliográficas

- ARONNE, Ricardo. **Razão & Caos no discurso jurídico e outros ensaios de direito civil-constitucional**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, n. 143, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.
- _____. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.



O direito, a produção da verdade do sexo e a subversão do binarismo de gênero no discurso jurídico

AUTORIA: CAIO CESAR KLEIN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. RICARDO ARONNE

RESUMO: Gênero e sexo são categorias universalmente invocadas enquanto modos de inteligibilidade do sujeito nos contextos culturais da atualidade. Compulsoriamente, todos os corpos são classificados em machos e fêmeas, homens e mulheres, a partir do que são atribuídas identidades, formas de subjetividade e práticas sociais adequadas. No discurso jurídico, contudo, observa-se a predominância das concepções de sexo baseadas no modelo de atribuição biológica, excluindo do debate o gênero enquanto

categoria cultural de diferenciação e o sexo enquanto aparato historicamente construído para justificar essas diferenças. Nesse aspecto, no âmbito jurídico, a apropriação dos discursos médicos, anatômicos e psiquiátricos insere concepções de sexo enquanto discursos de verdade, nomeando compulsoriamente os sujeitos a partir de binarismos como macho e fêmea, homem e mulher, masculino e feminino.

Palavras-chave: Gênero. Discurso. Direito.

MINIBIOGRAFIA:

Caio Cesar Klein: Advogado. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais (2013) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

O feminismo nosso de cada dia:

A vivência das conquistas do movimento na visão transgeracional de mulheres entre a faixa etária de 20 a 65 anos

Acadêmica Pesquisadora: Poliana Gomes Goslar¹

Orientadora: Dra. Maris Stela da Luz Stelmachuk²

Resumo: Este estudo constitui-se de pré-projeto que está sendo construído com vistas ao desenvolvimento de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, e tem por objetivo compreender de que maneira as mulheres de diferentes faixas etárias estão vivenciando as conquistas do feminismo ao longo do seu ciclo de vida. A partir da transformação das práticas sociais decorrentes de tais conquistas, pretende-se ainda compreender de que modo a atribuição de papéis de gênero vem sendo transmitida transgeracionalmente. Tendo em vista que muitas mulheres mais jovens percebem o feminismo como um movimento encerrado, será também abordada a forma como compreendem as questões atuais de emancipação feminina, bem como se consideram a necessidade de dar continuidade a estas conquistas. Pretende-se viabilizar esta análise por meio de entrevista semi-estruturada com quatro mulheres que possuam idades distribuídas uniformemente entre vinte e sessenta e cinco anos, e valendo-se da Psicologia Sistêmica como aporte teórico de análise, com o intuito de responder à pergunta de pesquisa: Como as mulheres de diferentes gerações estão vivenciando as conquistas do feminismo ao longo de seu ciclo vital?

Palavras chave: *Feminismo; Psicologia Sistêmica; Transgeracionalidade.*

Abstract: This study consists of pre-project being constructed with a view to developing the Work Completion Psychology Course, and aims to understand how women of different age groups are experiencing the achievements of feminism over its lifecycle. From the transformation of social practices arising from such achievements, we intend to further understand how the assignment of gender roles has been passed transgenerationally. Given that many younger women perceive feminism as a movement ended, will also be addressed include how the current issues of female emancipation, as well as consider the need to continue these achievements. It is intended to facilitate this analysis through semi-structured interviews with four women who have aged evenly distributed between twenty to sixty-five years, and taking advantage of Systemic psychology as theoretical analysis, in order to answer the research question: as women of different generations are experiencing the achievements of feminism throughout its life cycle?

Keywords: *Feminism; Psychology Systemic; Transgenerationality.*

Bibliografia Básica:

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2002.
- MADEIRA, Felícia Reicher. (org.) **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- SAFFIOTI, Heleith I. B. **O Poder do Macho**. 11. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- SOIHET, Rachel. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.591-611. dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X20050003000008&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 07 abr. 2013
- WAGNER, Adriana (coord.) **Como se Perpetua a Família?** A transmissão dos Modelos Familiares. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- ZIRBEL, Ilze. Gênero e Estudos Feministas no Brasil. In: SILVA, Carla Fernanda (org.); KRAEMER, Celso. (org.) **Corpos Plurais: Experiências Possíveis**. 1. Ed. Blumenau: Liquidificador, 2012. p. 15 – 68.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Contestado – UnC, Núcleo Porto União – SC
Endereço de e-mail poliana-g@hotmail.com

² Professora Orientadora do Curso de Psicologia da Universidade do Contestado – UnC, Núcleo Porto União – SC

O feminismo nosso de cada dia: a vivência das conquistas do movimento na visão transgeracional de mulheres entre a faixa etária de 20 a 65 anos

AUTORIA: POLIANA GOMES GOSLAR

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIS STELA DA LUZ STELMACHUK

RESUMO: Este estudo constitui-se de um pré-projeto que está sendo construído com vistas ao desenvolvimento de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, e tem por objetivo compreender de que maneira as mulheres de diferentes faixas etárias estão vivenciando as conquistas do feminismo ao longo do seu ciclo de vida. A partir da transformação das práticas sociais decorrentes de tais conquistas, pretende-se ainda compreender de que modo a atribuição de papéis de gênero vem sendo transmitida transgeracionalmente. Tendo em vista que muitas mulheres mais jovens percebem o feminismo como um movimento encerrado, será também abordada a forma como compreendem as

questões atuais de emancipação feminina, bem como se consideram a necessidade de dar continuidade a estas conquistas. Pretende-se viabilizar esta análise por meio de entrevista semiestruturada com quatro mulheres que possuam idades distribuídas uniformemente entre vinte e sessenta e cinco anos, e valendo-se da Psicologia Sistêmica como aporte teórico de análise, com o intuito de responder à pergunta de pesquisa: Como as mulheres de diferentes gerações estão vivenciando as conquistas do feminismo ao longo de seu ciclo vital?

Palavras-chave: Feminismo. Relações de Gênero. Psicologia Sistêmica. Transgeracionalidade.

MINIBIOGRAFIA:

Poliana Gomes Goslar: Bacharel em Psicologia pela Universidade do Contestado (UnC) – núcleo Porto União. Realizo pesquisas no campo das relações de gênero, e membro do Grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito na Contemporaneidade (UnC).



Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



O papel da mulher no processo de tomada de decisões na família

The role of women in decision-making in the family

Autora: Dalília Maranhão Cardoso,

Estudante de Graduação do Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará/Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/UFC

Orientadora: Sande Maria Gurgel D'Ávila, Professora Adjunto I do Departamento de Economia Doméstica da UFC, Tutora PET/UFC

INTRODUÇÃO

O papel da mulher na sociedade e na família vem mudando através dos séculos, embora haja uma continuidade em se atribuir à mulher todos os encargos com a família e com a casa, associados, ainda, a características essencialmente femininas. As mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, técnicas e de gênero repercutiram no comportamento das pessoas e nas relações entre os gêneros, com destaque para a emancipação feminina, os avanços tecnológicos e os sinais de individualismo cada vez mais crescente. Essas e outras questões nos levaram a refletir sobre o papel da mulher na tomada de decisões no espaço doméstico.

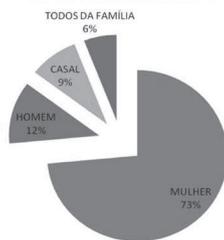
OBJETIVO

Analisar o papel da mulher no processo de tomada de decisões na família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos mostram que em 73% dos casos a mulher é quem toma as principais decisões da família (Gráfico 1); porém, 62% dos entrevistados dizem haver uma diferença entre as decisões tomadas pelo pai e as tomadas pela mãe (Tabela 1). A mulher é responsável por 26% das decisões com relação aos afazeres domésticos e o homem é responsável em 17% pelas decisões em relação à renda da família (Gráfico 2). Foi citado ainda pelos entrevistados que a mãe é a principal responsável pelas decisões que envolve os filhos, os conflitos familiar, o lazer; e o pai o maior responsável pelas decisões mais importantes da família.

GRÁFICO 1 - QUEM TOMA AS PRINCIPAIS DECISÕES DA FAMÍLIA



Fonte: A autora

CONCLUSÃO

Concluimos que, apesar de a mulher ter assumido também o papel de provedora do grupo familiar juntamente com o homem e participar de forma mais ativa nas decisões, essas ainda estão estritamente relacionadas aos assuntos domésticos. E o homem continua dando, em muitas famílias, a última palavra em relação às decisões financeiras da família.

Agradecimentos ao Programa de Educação Tutorial - PET/UFC pelo apoio.

METODOLOGIA

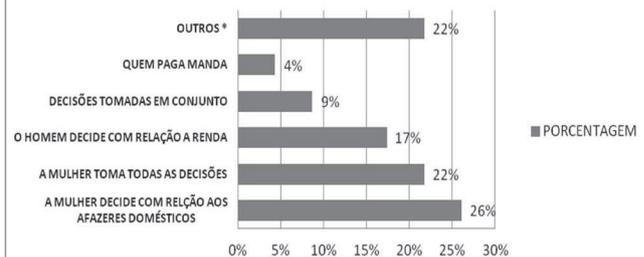
Pesquisa realizada por estudantes do curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, com a aplicação de questionários com uma amostra de 34 frequentadores, de ambos os sexos, com idades entre 25 a 40 anos, de um posto de saúde, em Fortaleza, Ceará.

TABELA 1 – EXISTEM DIFERENÇAS ENTRE AS TOMADAS DE DECISÕES POR PAI E MÃE DENTRO DA FAMÍLIA?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	21	62%
NÃO	13	38%
TOTAL	34	100%

Fonte: A autora

GRÁFICO 2 - DIFERENÇAS ENTRE AS RESPONSABILIDADES DE DECISÕES ENTRE HOMENS E MULHERES NA FAMÍLIA



Fonte: A autora

REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, Cristina. **Mulher, casa e família**: cotidiano das camadas médias paulistas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- NELSON, Linda. **Administre seu lar**: desate suas mãos, abra sua mente [por] Linda Nelson com a colab. de Clara A. Martin [Trad. de Diva Rezende. Rev. de Zita Machado Salazar Pessôa] Rio de Janeiro, IICA, 1980.
- NEGRI, Ana Rita Carvalho de Ávila. **O processo de tomada de decisão entre membros de um casal**: uma análise comparativa entre casais de duas gerações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 177f. Tese (doutorado). Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho.

O papel da mulher no processo de tomada de decisões na família

AUTORIA: DALILIA MARANHÃO CARDOSO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SANDE MARIA GURGEL D'ÁVILA

RESUMO: O papel da mulher na sociedade vem mudando através dos séculos; mas, apesar das mudanças, a mulher continua sendo a principal responsável pelo trabalho doméstico, além de hoje assumir também o papel de provedora da família. Esse contexto nos levou a indagar sobre o papel da mulher na tomada de decisões no espaço doméstico. Para tal, foi realizada uma pesquisa com os frequentadores de um posto de saúde em um bairro de Fortaleza, Ceará. Os resultados obtidos mostram que em 73% dos casos a mulher é quem toma as principais decisões da família; porém, 62% dos entrevistados dizem haver uma diferença entre as decisões tomadas pelo pai e as tomadas pela mãe. A mulher é responsável por 26% das decisões com relação aos afazeres domésticos e o homem é responsável

em 17% pelas decisões em relação à renda da família. Foi citado, ainda, pelos entrevistados que a mãe é a principal responsável pelas decisões que envolvem os filhos, os conflitos familiares e o lazer; todavia, o pai é o maior responsável pelas decisões mais importantes na família. Desta forma, concluiu-se que, ainda que a mulher seja uma provedora da unidade doméstica juntamente com o homem e tenha uma maior participação nas decisões da família, a tomada de decisões relacionada ao trabalho doméstico ainda é, na maioria dos casos, papel da mulher, ficando o homem com as decisões financeiras, o que mostra a resistência do patriarcado em algumas famílias.

Palavras-chave: Mulher. Decisões. Família.

MINIBIOGRAFIA:

Dalília Maranhão Cardoso: Graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Experiência no PET Economia Doméstica, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas às temáticas de gênero, alimentação e consumo com famílias. Atua no Curso Técnico em Alimentação Escolar, no PROFUNCIÓNÁRIO – IF/MEC.

O papel social da mulher em representações da revista do Globo no início dos anos 30.

Karin Dau Bauken (Graduanda em História –UFRGS)

Objetivo: Esta pesquisa consiste em compreender como era o ideal de ser mulher durante o início dos anos 30, quais os parâmetros de modelo cultural e social que cabiam a ela? Quais os ideais de beleza para ela naquela década? Em suma como era o modelo de mulher gaúcha representado na Revista durante a época referida, seriam modelos a serem seguidos somente em âmbito público ou alcançaria igualmente o privado?

Metodologia: Por se tratar de um trabalho sobre representação social, optei por escolher uma bibliografia teórica sobre A Nova História Cultural. No Livro *A História Cultural entre práticas e representações* de Roger Chartier, é afirmado que:

As representações do mundo assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que os forjam. Dai para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988: p.17).

É justamente nesse ponto que a presente pesquisa será pautada: a representação social é construída a partir de um discurso de um grupo dominante dentro de um lugar e tempo determinados.

Juntamente com esta base teórico metodológica optou-se pela consulta direta da fonte: Revista do Globo nos seus anos I (1929), II (1930), III (1931) e IV (1932). A presente pesquisa utilizará fotos textos (de caráter literário, jornalístico) e anúncios comerciais deste material. Cabe destacar que sua análise se dará a partir do método baseado, como já mencionado anteriormente, na Nova História Cultural. Visto que o trabalho é também, delimitado pela questão de gênero, incluímos na bibliografia autores que trabalham com a história das mulheres: Joan Scott; Michelle Perrot; Maria Izilda S. de Matos.

Resultados: Esse papel social era potencializado por um discurso médico que se fazia cada vez mais presente nas práticas do cotidiano citando também novas maneiras na toalete das damas. A beleza física outro fator importante para uma mulher moderna poderia ser alcançada tanto com cirurgias estéticas, como dizia uma reportagem do ano de 29 "estava na moda", ou com inovadores cosméticos capazes de realizar verdadeiros milagres. A importância e exaltação da beleza cresceram junto com a indústria de cosméticos e da moda, nesse sentido a vaidade da mulher teria sido também um fator indispensável para o desenvolvimento industrial e consequentemente urbano.

A nova maneira de viver na cidade demonstrada com evidência nas páginas do quinzenário dá primeiramente uma impressão de liberdade à mulher; agora ela poderia frequentar as ruas com mais autonomia, realizar o famoso "footing" na Rua da Praia, e inclusive para as moças em idade casadoura era permitido "flertar". No entanto o preço para essa suposta liberdade era cobrado: uma senhora de "boa família" deveria conservar e agir de maneira acatada, e conservar uma atitude mais séria que impusesse o devido respeito para que a honra de sua família fosse reconhecida.

Na medida em que a participação efetiva da mulher na esfera pública fosse negada, excluindo-as de atividades econômicas e políticas, elas eram encarregadas de enorme responsabilidade no âmbito privado cuidando da família, importante pilar da sociedade moderna. Portanto, a Revista do Globo era um espelho dos anseios de comportamento moral que os novos moradores de uma cidade em expansão deveriam seguir mostrando um preciso e rigoroso discurso ideológico, os seus autores eram em maioria integrantes de uma elite conservadora e letrada que direcionavam à mulher determinados tipos de comportamento, convertendo-os em rígidos papéis sociais.

Conclusões: Ao levarmos em conta os fatos aqui analisados nesta pesquisa, concluímos que a Revista do Globo era um importante veículo de informação e formação de opinião na modernidade. Ao destacar recortes referentes à forma como a mulher era representada em suas páginas foi possível perceber que a RG servia também como um manual de comportamento direcionado às mulheres burguesas pertencentes a "nova elite".

Referencias bibliográficas: ARENDT, Isabel Cristina e SILVA, Haiké R. Kheber da. *Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades*. Porto Alegre: EST, 2000.
BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-64*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria. *A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo (1890/1945)*. IN: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo-Brasil, 1981, vol.13.

DALMAZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DHOQUOIS, Régine. *O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: século XIX e XX) proteção da produtora ou reprodutora?*. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel, (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 65.

GINZBURG, Carlos. *Representação A palavra, a ideia, a coisa*. IN: GINZBURG, Carlos. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo : Companhia das Letras, 2001, p.85-103.

IORIS, Fabiana. *Com os olhos no futuro: urbanização e modernismo no projeto editorial da Revista do Globo (1929-35)*, 2003.

KARAWICZYK, Monica. *O voto de snias: breve análise das imagens veiculadas na Revista do Globo (1930-1934)*. In: História, imagem e narrativas. Nº 3, ano2. Setembro de 2006, p.3

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma História da mulher*. São Paulo: EDUSC, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Delimitando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso midiático (São Paulo 1890-1930)*. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel, (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda de. *Na Trama Urbana*. IN: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo-Brasil, 1981, vol.13.

FEDRO, Joana Maria. *Os sentimentos do feminismo*. In: ERTZOGUE, Marina Haizenred. PARENTE, Temis Gomes (org.) *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo, 2006.

PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da história*. São Paulo : EDUSC, 2005.

PERROT, Michele. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PERROT, Michele. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel, (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8, n. 16, 1995, p. 279-290.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo da imagem: território da história cultural*. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANDRO, Nilda Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Arturico, 2008, p. 99.

SCHÖSSLER, Joana Carolina Schössler. *Representações do feminino na Revista do Globo nas décadas de 30 e 40*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado)- PUCRS 2009, p.16.

SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: Burke, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1991.

TORRESINI, Elisabeth. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo. EDUSP, 1999.

O papel social da mulher em representações da Revista do Globo no início dos anos 1930

AUTORIA: KARIN DAU BAUKEN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. ELOISA CAPOVILLA RAMOS

RESUMO: Este trabalho trata do lugar social que a mulher deveria ocupar na sociedade durante o início dos anos 1930, segundo representações do feminino na Revista do Globo. Tomando como uma afirmativa a relevante importância da mídia na construção de modelos sociais, a revista do Globo teria servido como parâmetro de comportamento moral para famílias da burguesia gaúcha, incluindo um lugar específico para a mulher. Para realização deste trabalho, torna-se necessária uma contextualização histórico-

-cultural da Revista do Globo e da história da mulher, utilizando fonte primária (revista em si) e obras de autores com a temática relacionada ao tema em questão. Posteriormente, apresentamos a análise da fonte para concluirmos qual era o papel ideal para uma mulher burguesa da sociedade gaúcha durante os anos 1930.

Palavras-chave: Revista do Globo. Papel social. Mulher. Representações sociais.

MINIBIOGRAFIA:

Karin Dau Bauken: Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em 2012. Atualmente, é professora nomeada da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo e cursa bacharelado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O poder da mídia nos anos 60: um recorte sobre a importância de Marilyn Monroe no Movimento Feminista da época



Tássio da Silva Santos | Maria de Fátima Ferreira

INTRODUÇÃO

Nas décadas de 50 e 60, a revolução eletrônica contemplou a mídia com um forte poder de formação cultural e subjetivo, como a influência que exercia nos padrões cotidianos das populações urbanas e intensos questionamentos sobre a feminilidade em função do doméstico. Portanto, o presente trabalho propõe estudar produções cinematográficas que transmitiam uma nova possibilidade do “ser mulher” na época, a partir do novo foco que a mulher ganha nas representações. Marilyn Monroe marcou essa data com seu estilo e postura nos filmes, que até hoje são tidos como referências na área, e as produções de mais respaldo ainda não reproduzidas na mídia.

OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo estudar as personagens da atriz a partir das teorias do cinema e de gênero, identificando as ações feministas de Marilyn Monroe e compreendendo a importância de seu pioneirismo em comunicar o lado sensual da mulher no cinema, a “mulher liberta”, analisando não só sua postura nos filmes, mas também outros indicadores, tais como comportamento e aparência, que influenciaram não só o campo social, mas também artístico.

METODOLOGIA



Para a construção do presente trabalho foram analisados dois filmes: *Os Homens Preferem As Loiras* (1953) e *O Pecado Mora ao Lado* (1955), pois serviram de exemplo representativo da posição feminina retratada no cinema hollywoodiano.

Entre aparições e protagonismo, a filmografia de Marilyn Monroe abrange mais de 50 trabalhos, portanto, em um momento posterior pode-se incorporar outros filmes. A escolha dos dois filmes foi dada porque além de envolver o comportamento da mulher, reflete traços de uma sociedade preconceituosa que posicionava o homem no pingo da hierarquia social sob “um viés masculinista que permeia todo o pensamento social ocidental” (Adelman, 2009, p.85).

Ainda sobre a importância dos filmes, eles são altamente expressivos em seus devidos gêneros – comédia, musical e romance – e os que mais carregam o sucesso da protagonista. Eles alcançaram um sucesso maior do que as outras produções estreladas pela atriz, sendo premiada pela sua performance em *Os Homens Preferem As Loiras* (1953) pelo Globo de Ouro e eternizando cenas como a do vestido esvoaçante em *O Pecado Mora ao Lado* (1955).

RESULTADOS

Há nos dois filmes um ponto em comum: uma personagem preocupada em estar ao lado de um homem provedor capaz de suprir suas necessidades, por vezes sexuais, e que tenha a liberdade de escolher a partir de sua concepção de homem ideal. Os filmes retratam rigorosamente a ruptura do padrão normativo que regia o feminino na época, transmitindo a imagem de uma mulher interessada no desejo carnal, material e emocional, desconstruindo um ideal de mãe, esposa e família que era tido como referência até então. Ao mesclar características de mulheres de vida pública e doméstica, as personagens de Marilyn Monroe monta uma imagem de uma nova possibilidade do “ser mulher”, até então não veiculado no cinema.

CONCLUSÃO

Marilyn Monroe nos apresenta uma nova maneira de ser mulher nas representações cinematográficas hollywoodianas. Suas personagens trazem características tanto de mulheres de vida pública quanto privada, ela era ativa e valorizava o lado sexual, apesar de ver no casamento uma oportunidade de conforto financeiro. Contudo, na sua vida pessoal observa-se uma potência em suas atitudes enquadradas nos ideais feministas, uma vez que começava a se rebelar contra as convenções sociais, a exemplo das causas de seus dois primeiros divórcios ao longo de sua carreira. Suas personagens não demonstraram a postura nos filmes analisados, pois ainda era dirigida por homens e tida como um produto da indústria cultural para deleite masculino.

Referência

ADELMAN, Miriam. *A Voz e a Escuta: encontros, desencontros entre a teoria feminista e a Sociologia Contemporânea*. São Paulo: Editora Blucher, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BEBIANO, Rui. *O Poder da Imaginação. Juventude, Rebelião e Resistência nos Anos 60*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

CARDOSO, Tatiana Cristina, FREITAS JUNIOR, Edson Ferreira de. *CINEMA HOLLYWOODIANO: A IMAGEM DA MULHER SOB O OLHAR DA LENTE MASCULINA*. Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí. 2009.



O poder da mídia nos 1960: um recorte sobre a importância de Marilyn Monroe no Movimento Feminista da época

AUTORIA: TÁSSIO DA SILVA SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA FERREIRA

RESUMO: O papel midiático nas décadas de 1950 e 1960 não era meramente o de entreter uma burguesia conformista pertencente ao mundo social pós-guerra. A revolução eletrônica contemplou a mídia com um forte poder de formação cultural e subjetivo, como a influência que exercia nos padrões cotidianos das populações urbanas e a produção intensa de questionamentos sobre a feminilidade em função do doméstico. Portanto, o presente trabalho propõe resgatar a importância dos meios de comunicação preocupados em transmitir o comportamento dos jovens não conformistas de diversas idades. Essa pesquisa é uma análise da

contribuição do cinema ao movimento feminista nos Estados Unidos, a partir do novo foco que a mulher ganha nas representações cinematográficas. Serão analisadas as personagens representadas pela atriz Marilyn Monroe, seu pioneirismo em comunicar a sensualidade feminina na mídia, e sua inserção no mundo que antes era considerado dos homens. Foi possível perceber que o protagonismo de Marilyn Monroe, além de inspirar a sociedade em outros campos, reforçou a discussão sobre o “ser mulher” na época.

Palavras-chave: Mídia. Cinema. Feminismo.

MINIBIOGRAFIA:

Tássio da Silva Santos: Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



Universidade Federal
de Santa Catarina

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS



O RETRATO DA MULHER ESPANHOLA DO SÉCULO XVII NAS OBRAS SATÍRICAS DE QUEVEDO

Autores: Prof^a. Dra. Andréa Cesco - andrea.cesco@gmail.com
Beatrice Tavora - tavorabeatrice@gmail.com
Ismael Cabrera Martín - ismael.cabrera.martin@gmail.com



FRANCISCO DE QUEVEDO Y VILLEGAS

INTRODUÇÃO

Francisco de Quevedo y Villegas (1580-1645) é um autor relevante na literatura espanhola, particularmente na que se refere ao Século de Ouro, cuja produção literária inclui obras de caráter satírico-moral, nas quais o retrato da mulher aparece com personagens caricaturas de uma sociedade decadente, descritas de forma engenhosa e original. O universo quevediano é vasto, e abarca, além de escritos filosóficos e políticos, obras de caráter satírico-moral como o texto *Discurso de Todos los Diablos*, escrito em 1627 e inédito no Brasil. Essa obra, objeto de nossa pesquisa, tem como objetivo principal a construção de um glossário que levará o leitor a compreender palavras incomuns, expressões e provérbios próprios dessa época. Paralelamente, a pesquisa alcança o estudo detalhado de personagens. Como resultado parcial, quanto aos objetivos secundários, foi possível realizar o levantamento de características comuns às figuras literárias presentes na obra, destacadamente as figuras femininas que permeiam todos os extratos sociais: donzelas, damas, viúvas, prostitutas, sogras, com distintas características físicas e psicológicas que, nas mãos do autor, se transformam em objetos da sátira e são apresentadas a seguir:

Las Dueñas são figuras femininas frequentes que ocupam lugar de destaque e conjugam elementos de uma realidade social que agrega vários aspectos como a idade avançada, a condição de viúva, de guarda de honra das damas, de hipócrita, invejosa, cobiçosa, corruptora de costumes, organizadora de amores adúlteros, deixando evidente que por trás da aparência frágil da anciã carente de recursos materiais escondia-se a mulher que concentrava uma série de vícios morais e cuja prática de encobrir e facilitar relações amorosas



ilícitas, naquele período histórico era considerado um ofício. O aspecto cultural que cerca esta personagem exige uma leitura minuciosa dada sua evolução e degradação na sociedade do século XVII.

Quevedo foi um dos autores que mais denegriu a figura da *dueña*. No universo quevediano, o reflexo da posição que a mulher ocupava na sociedade do Século de Ouro é levado ao extremo. Segundo a visão dominante a mulher era tida como filha de Eva, má e culpável por natureza, verdade sustentada por autoridades bíblicas e teológicas, geradora de uma tradição misógina reforçada nos escritos de Quevedo.



A mulher Tapada é outro personagem que merece destaque, especialmente no que diz respeito ao aspecto cultural. É descrita como ser anônimo, criador de rumores, espiã e delatora, pois na sátira quevediana o costume feminino ancestral espanhol relacionado ao uso do véu é exposto quanto ao mau uso que se fazia dele. A origem histórica aponta para a existência de dois tipos de véu: um que cobria o rosto por inteiro e outro que deixava descoberto um



olho e parte do rosto, ao qual se chamava tapado. Seu uso estava relacionado à busca de liberdade pelas mulheres diante da rigidez da sociedade da época. Seu uso, porém, tornou-se um problema porque, além de serem acusadas de seduzir e provocar os homens com seus olhares assassinos, permitiam a circulação anônima de mulheres favorecendo encontros extraconjugais.

O abuso determinou sua proibição em 1639. A sátira quevediana permite uma percepção da mulher real na vida cotidiana e em suas relações.



CONCLUSÃO

Até o presente momento, a pesquisa permitiu o aprofundamento de aspectos da sociedade espanhola do século XVII, através da identificação de figuras literárias presentes no texto, que são transformadas em caricaturas nas mãos do autor e se convertem em objeto da sátira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco de (edição de Alfonso Rey). *Obras Completas*: Obras en Prosa. Volumen I, Tomo II, Madrid: Castalia, 2003.

MARAÑÓN RIPOLL, Miguel. *El «Discurso de todos los diablos» de Quevedo*. Estudio y edición. Madrid, Fundación Universitaria Española, 2005. 457p.



Núcleo Quevedo
Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro

O retrato da mulher espanhola do século XVII nas obras satíricas de Quevedo

AUTORIA: BEATRICE TÁVORA

ISMAEL CABRERA MARTÍN

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. ANDRÉA CESCO

RESUMO: Este pôster tem por objetivo apresentar um retrato da mulher espanhola do século XVII apresentada nas obras satíricas *Los Sueños* e *Discurso de Todos los Diablos*, de Francisco de Quevedo y Villegas. E na galeria de personagens, aparecem caricaturas de uma sociedade decadente: surgem as viúvas, que possuem lugar de destaque e conjugam elementos denunciadores de uma realidade social que agrega vários aspectos, como a idade avançada, a condição de guarda de honra das damas, de hipócrita, invejosa, corruptora de costumes, organizadora de amores adúlteros, deixando evidente que ‘por trás’ da aparência frágil de uma anciã, escondia-se a mulher que concentrava uma série de vícios morais e cuja prática de encobrir e facilitar

relações amorosas ilícitas era considerada um ofício. Também aparecem a mulher adúltera, ardilosa e traidora que, com suas artimanhas, abala os alicerces do casamento; e a “mulher tapada”, descrita como um ser anônimo, criador de rumores, como espiã e delatora. Assim, por meio do olhar masculino, desfilam inúmeros personagens femininos, enaltecidos em seus vícios e que retratam de forma pitoresca, sarcástica e original detalhes de uma época, revelados pela literatura, que merecem ser desvelados na atualidade por permitirem uma melhor compreensão da sociedade espanhola do Século de Ouro.

Palavras-chave: Mulher. Sátira. Quevedo.

MINIBIOGRAFIAS:

Beatrice Távora: Graduanda do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista voluntária do Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro. Desenvolve pesquisas sobre autores do Século de Ouro Espanhol, com particular interesse pela obra de Francisco de Quevedo y Villegas.

Ismael Cabrera Martín: Graduando do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista voluntário do Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro.



O Serviço Social na luta por uma sociedade emancipada

Social work in fight for an emancipated society



Lilian da Silva Cortez
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN
Lilian_cortezbf@hotmail.com
Orientadora: Prof. Rita de Lourdes de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN

RESUMO

Resultado de pesquisa documental e bibliográfica, o presente artigo analisa os trabalhos publicados no XIII Encontro Nacional de Estudantes em Serviço Social (ENPESS), realizado em Juiz de Fora/MG de 05 a 09 de novembro de 2012. Teve como objetivo identificar quais os profissionais que discutem gênero, que temas estão sendo estudados a partir desta perspectiva e a centralidade da temática em relação às demais produções do Serviço Social. A pesquisa analisou os trabalhos a partir do CD e do caderno de programação entregues aos participantes do evento, publicados no eixo temático "Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades", especificamente nas seções orais, oficinas de projetos e posters, com destaque aos trabalhos classificados com ênfase na categoria de gênero. Foram publicados ao todo cento e vinte e oito trabalhos, destes setenta e oito foram apresentações orais, vinte e cinco foram posters e os outros vinte e cinco foram oficinas de projetos. As publicações e os estudos demonstram a relevância do estudo da categoria gênero para a superação da assimetria entre homens e mulheres, na implementação dos princípios do Projeto Ético Político do Serviço Social (PEPPSS) e para a construção de uma nova realidade material e espiritual.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Gênero; Ideologia.

ABSTRACT: Results of desk research and bibliographic, this article examines the works published in the XIII National Meeting of Researchers in Social Work (ENPESS) conducted in Juiz de Fora / MG, of 05 to 09 November 2012. Aimed to identify which professionals are discussing gender, that issues are being studied, from this perspective and the centrality of the issue in relation to other productions of Social Work. The research analyzed the works from CD and notebook of programming delivered to event participants, published in thematic "Social Work, relations of exploration / oppression of gender, race / ethnicity, sexualities," specifically in oral sections, workshops projects and posters, highlighting works sorted with emphasis on gender category. Were published one hundred twenty-eight work in total, from these seventy-eight were oral presentations, twenty-five posters and the other twenty-five were workshops of projects. The publications and studies demonstrate the relevance of the study of gender to overcome the asymmetry between men and women, in implementing the principles of Political Ethical Project of Social Work (PEPPSS) and for the construction of a material and spiritual new reality.

Keywords: Social Work, Gender, Ideology.

JUSTIFICATIVA

O projeto é relevante por analisar quais os principais temas discutidos no ENPESS relacionados a categoria gênero, categoria que consideramos fundamental para a superação da assimetria entre homens e mulheres, na implementação dos princípios do Projeto Ético Político do Serviço Social (PEPPSS), com a perspectiva de construção de uma nova realidade material e espiritual.

OBJETIVO

Identificar quais profissionais discutem gênero, que temas estão sendo estudados a partir desta perspectiva e a centralidade da temática em relação às demais produções do Serviço Social.

METODOLOGIA

Realizamos pesquisa documental e bibliográfica, a partir do CD e do caderno de programação entregues aos participantes do XIII ENPESS.

RESULTADOS

Gráfico I

Trabalhos apresentados por eixos temáticos e categoria de apresentações

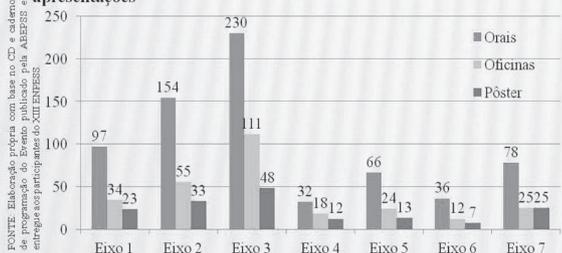


Gráfico II

Publicações do eixo temático Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, geração, sexualidade por categoria e formas de apresentação.

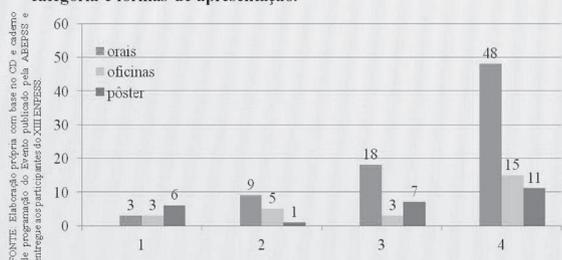
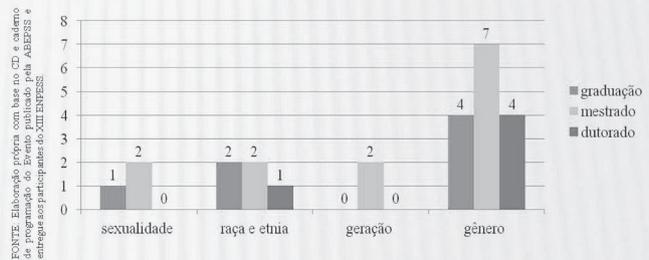


Gráfico III

Trabalhos apresentados na seção oficina de projetos, destaque nas categorias sexualidade, raça e etnia, geração e gênero por nível de formação.



Entre os homens (216), apenas 04 apresentaram trabalhos publicados com ênfase em gênero.

Os trabalhos, em sua maioria, trazem uma análise sobre a importância dos movimentos feministas para o emprego da categoria gênero e a discussão das relações de gênero.

Principais Temáticas abordadas com ênfase em gênero: As políticas voltadas as mulheres em situação de violência, com ênfase à lei Maria da Penha (18); As políticas sociais (14); O trabalho infantil; a negação do direito a convivência familiar às mulheres pobres ao perderem seus filhos para adoção; o tráfico de mulheres em nível nacional e internacional; a inserção da mulher na política; a mulher no mundo do trabalho; a atuação da mulher no campo; a população feminina em situação de rua e a gravidez na adolescência e a formação da identidade de gênero; entre outras.

CONCLUSÃO

Estudantes, pesquisadores e profissionais em Serviço Social estão sintonizados com as principais bandeiras de luta dos movimentos feministas na atualidade: sexualidade e violência, saúde, ideologia, formação profissional e mercado de trabalho, bem como as demandas mais gerais da população nos mais variados segmentos sociais, como a situação das mulheres no campo e na pesca, a exploração de crianças e adolescentes, a situação da mulher em situação de rua, entre outros.

Os trabalhos partem de uma análise macro da realidade social para chegar à análise local. Seus autores demonstram compromisso com o Projeto Ético Político Hegemônico e a importância da dimensão pedagógica da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENPESS. SERVIÇO SOCIAL, ACUMULAÇÃO CAPITALISTA E LUTAS SOCIAIS: O DESENVOLVIMENTO EM QUESTÃO. CD. XIII ENPESS, Juiz de Fora/MG, 2012. ISBN: 978-85-89252-11-9.

ENPESS. SERVIÇO SOCIAL, ACUMULAÇÃO CAPITALISTA E LUTAS SOCIAIS: O DESENVOLVIMENTO EM QUESTÃO. Caderno de Programação do evento. XIII ENPESS, Juiz de Fora/MG, 2012.

O Serviço Social na luta por uma sociedade emancipada

AUTORIA: LILIAN DA SILVA CORTEZ

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. RITA DE LOURDES DE LIMA

RESUMO: Resultado de pesquisa documental e bibliográfica, o presente artigo analisa os trabalhos publicados no XIII Encontro Nacional de Estudantes em Serviço Social (ENPESS), realizado em Juiz de Fora/MG de 5 a 9 de novembro de 2012. Teve como objetivo identificar quais os profissionais que discutem gênero, que temas estão sendo estudados a partir dessa perspectiva, e a centralidade da temática em relação às demais produções do Serviço Social. A pesquisa analisou os trabalhos a partir do CD e do caderno de programação entregues aos participantes do evento, publicados no eixo temático “Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades”, especificamente

nas seções orais, oficinas de projetos e pôsteres, com destaque aos trabalhos classificados com ênfase na categoria de gênero. Foram publicados, ao todo, 128 trabalhos: 68 foram apresentações orais, 25 foram pôsteres e outros 25 foram oficinas de projetos. As publicações e os estudos demonstram a relevância de estudar a categoria gênero para a superação da assimetria entre homens e mulheres, na implementação dos princípios do Projeto Ético Político do Serviço Social (PEPPSS) e para a construção de uma nova realidade material e espiritual.

Palavras-chave: Serviço Social. Gênero. Ideologia.

MINIBIOGRAFIAS:

Lilian da Silva Cortez: Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Aluna de Iniciação Científica (Bolsa REUNI) na pesquisa “Os discentes do curso de Serviço Social: de onde vem, quem são, o que pensam e como vivem?”.

Rita de Lourdes de Lima: Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Secretária da Diretoria Executiva da ABEPSS (gestão 2013-2014). Vice Coordenadora do PPGSS/UFRN. Vice Coordenadora do Tirésias (UFRN).

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Mulheres e fotografia: práticas e representações sociais em Ubitatã na década de 1960



Andrea Marcia de Souza (autora)
Tatiane Alves da Silva (co-autora)
Claudia Priori (Orientadora)

O intuito deste estudo é fazer uma discussão em torno da análise imagética de mulheres fotografadas na década de 1960, período de colonização e consolidação do município de Ubitatã-Pr. Nosso objeto de estudo aborda o uso de imagens, procurando recuperar as práticas femininas e suas representações sociais na sociedade daquele momento.

No dia 19 de fevereiro de 1956 foi lançada a pedra fundamental da "Vila Ubitatã" e assim a colonizadora SINOP, começou o trabalho de loteamento de terras de sua propriedade no Vale do Rio Piquiri, região atual onde se encontra o município de Ubitatã, esse nome da cidade é de origem tupi-guarani significando madeira dura. Em 25 de julho de 1960, Ubitatã finalmente chegava à categoria de município e no mês seguinte por meio de votação realizada no Diretório do Partido Social Democrático (PSD) foi eleito o primeiro prefeito interino do município.

Os anos 1960 são muito significativos tanto para a crescente inserção social das mulheres, quanto para a produção bibliográfica da história das mulheres (RAGO, 2007). Essa década marca o início de um novo perfil das mulheres, aquelas que trabalham fora de casa em serviços antes realizados apenas por homens; mulheres que vão à universidade; que rompem com os padrões tradicionais para assumir sua independência econômica e liberdade, além disso, é momento de várias reivindicações como a liberdade feminina, maior inserção social e participação política influenciada pela atuação dos movimentos feministas. É o momento em que as mulheres começam a adquirir maior visibilidade no espaço social, na vida pública, na academia, no mercado de trabalho, enfim, na esfera pública, dantes apanágio dos homens (SCOTT, 1992). A pesquisa foi realizada em etapas. Primeiramente, realizamos o levantamento do arsenal de fontes (647 fotografias), no arquivo digital da Biblioteca Municipal Cecília Meireles, com o propósito de obtermos um contato maior com o todo da história do município.

Em seguida, elaboramos a identificação das fotografias, contando com a colaboração de moradores da cidade. Algumas outras imagens foram catalogadas de acordo com a identificação já realizada no livro "Ubitatã, História e Memória", o qual tem o interesse em contar a história do município.

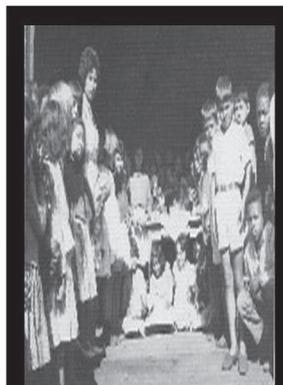
Das 647 fotografias levantadas, as mulheres aparecem em apenas 49 fotografias, percentual menor que 10% do total. E mais especificamente nas imagens produzidas na década de 1960 as mulheres são retratadas somente em 7 fotografias.

A segunda etapa da pesquisa refere-se à análise das imagens, em que abordamos o enfoque fotográfico; temas construídos; ênfase na postura dos sujeitos fotografados e ainda, possíveis significados e interpretações. Por meio da seleção e catalogação das imagens, notamos que as mulheres fotografadas aparecem em vários espaços sociais (festas, eventos políticos, campanhas eleitorais, área educacional, área religiosa, mercado de trabalho, entre outros).

Em alguns registros elas estão acompanhadas por seus maridos, muitos deles homens da política; em outras imagens identificamos Irmãs de ordens religiosas; e ainda, percebemos a presença de mulheres que começavam a inserir-se na sociedade como profissionais, estendendo suas vidas para além do espaço doméstico, do lar.

Referências

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
MIRANDA, Fernanda. *A moda e o "padrão de beleza"*. Disponível em: <<http://www.vivaitabira.com.br/viva-colunas/index.php?IdColuna=105>>.
Acesso em 29 ago 2013
RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11), 1998, p. 89-98.
SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, Edusp, 1992.



Inauguração Grupo Escolar Quinta Bosônia - 1963
Rua Ernesto Neves de Souza esquina Benjamin Constant



Aniversário do Sr. Corroia, convidado Erio Pipino - Local: atual Cantinho do Imóveis - 1962



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

O uso de imagens na colonização de Ubiratã: práticas femininas e representações sociais na década de 1960

AUTORIA: ANDREA MARCIA DE SOUZA

TATIANE ALVES DA SILVA

EVA SIMONE DE OLIVEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CLAUDIA PRIORI

RESUMO: O presente painel visa a analisar, por meio de imagens, principalmente fotografias, a participação das mulheres no contexto de colonização do município de Ubiratã/PR, na década de 1960. A imagem fotográfica é um recurso importante para a história, uma vez que permite o armazenamento e a visualização de traços de um determinado período. Dessa forma, o objetivo deste estudo é resgatar a atuação feminina na sociedade, os papéis desempenhados por elas no referido contexto, em espaços e

práticas sociais. Além disso, abordaremos como a imagem feminina foi construída pela mídia fotográfica durante o processo de colonização da cidade, buscando compreender as representações sociais, os estereótipos forjados, e também como as mulheres foram retratadas e quais aspectos socioculturais podem ser identificados no uso das imagens.

Palavras-chave: Mulheres. Imagens. Práticas. Representações.

MINIBIOGRAFIAS:

Andrea Marcia de Souza, Tatiane Alves da Silva e Eva Simone de Oliveira: Graduandas em História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Campo Mourão/PR.

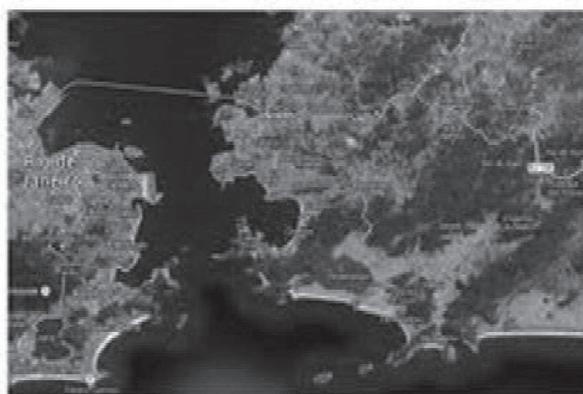
Observatório de Violência Contra Mulher

Autora: Mariana da Silva Vieira

Orientadores: Rita de Cássia Santos Freitas e José Nilton de Sousa
Escola de Serviço Social - Universidade Federal Fluminense

Introdução

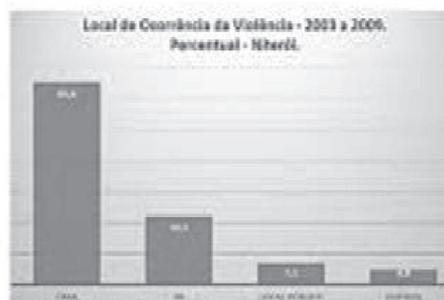
Este trabalho é pautado no projeto observatório de mulheres (Universidade Federal Fluminense) coordenado pela professora Rita de Cássia Santos Freitas, e apresenta os resultados do estudo realizado em Niterói/RJ no período de 2003 a 2009.



Niterói situa-se a cerca de 11 km do centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma população estimada em 407 827 habitantes (2010), área de 129,3 km², sendo a quinta cidade mais populosa do estado e uma zona DF.

Metodologia

Utilizamos como fonte para a realização deste trabalho, fontes documentais, tendo como objeto de estudo 512 prontuários da Coordenação dos Direitos da Mulher (CODIM), em Niterói, organizados em um banco de dados, contendo variáveis socioeconômicas, o que nos permitiu analisar tanto a vítima quanto do suposto perpetrador da violência.



Conclusões

Constatamos que em 65,5% dos prontuários as mulheres sofreram violência física e, em, 26,2% esta violência foi acompanhada da violência psicológica. Se destaca entre as vítimas, o grupo de mulheres até os 40 anos, com nível fundamental incompleto (33,2%); a casa aparece em 65,8%, como o local de maior incidência dos atos de violência. O marido ou o parceiro representam 77,5% dos supostos perpetradores e o bairro do Fonseca é indicado com 14,5% entre os casos.

Considerações Finais

A pesquisa encontra-se em andamento, e tem como objetivo sugerir políticas de combate e enfrentamento a todo tipo de violência, envolvendo o interesse político, bem como a organização e a consolidação de uma rede de atendimento para as mulheres vítimas de violência em Niterói.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Susy S.Ferreira; algumas (P) Níveis do público-privado. Rio de Janeiro: Revistas (1998).
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos et al. "Família e Serviço Social - algumas reflexões para o debate", família e serviços: práticas sociais e conversações contemporâneas (org): Maria José de Oliveira Duarte e Márcia Tunes de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Lumen, out. 2010.
- FREITAS, Rita et al. "Violência contra a Mulher - Niterói". Revista Gênero, Niterói, v.12, n.1, 2011.
- SAPPHO, Helen H. S. "O estatuto teórico da violência de gênero".
- Violência em tempo de globalização (org): José Vicente Favares dos Santos, São Paulo: Hucitec, 1999.
- SOARES, Róbalo. Mulheres e violência: violência conjugial e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.



Observatório de Violência contra a Mulher

AUTORIA: MARIANA DA SILVA VIEIRA
VIVIANE PEREIRA MONTEIRO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. JOSÉ NILTON DE SOUZA

RESUMO: Observando que a violência representa formas de controle construídas historicamente, aprendidas e confirmadas nas relações da sociedade, apresentamos os resultados de um estudo sobre a violência contra mulheres em Niterói/RJ, tendo como fonte 512 prontuários da Coordenadoria dos Direitos da Mulher/CODIM. A partir de leituras de textos clássicos, foi possível refletir a respeito da violência contra mulheres, e ter dimensões das lutas empreendidas e do processo de formação de políticas de apoio às vítimas. Para o estudo, foi organizado um banco de dados, contendo variáveis socioeconômicas, tanto da vítima quanto do suposto perpetrador da violência. Constatamos que em 65,5% dos prontuários as mulheres sofreram violência física; em 26,2%, essa violência foi

acompanhada da violência psicológica. O grupo de mulheres de até os 40 anos, com nível fundamental incompleto (33,2%), destaca-se entre as vítimas. Além disso, em 65,8% das ocorrências, a casa aparece como o local de maior incidência; o marido ou o parceiro representam 77,5% dos supostos perpetradores; e o bairro do Fonseca é indicado com 14,5% entre os casos. As análises sugerem políticas de combate e enfrentamento a esse tipo de violência, envolvendo o interesse político, e que haja organização e consolidação de uma rede de atendimento para as mulheres vítimas de violência.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Desigualdade. CODIM.

MINIBIOGRAFIAS:

Mariana da Silva Vieira e Viviane Pereira Monteiro: Graduandas em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



Oficinas sobre adolescência, sexualidade e gênero: uma estratégia de intervenção potencializadora.

Autoras: Schaiene Martinez Brandolt¹; Patricia Moraes Bicca².

Orientadora: Profa. Me. Elisa Girotti Celmer³.

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio Grande possui uma população de 194.351 habitantes, distribuídos em um território de 2.814 Km². Localizada no extremo sul do Brasil região mais pobre do Rio Grande do Sul e onde vivem 3,6 milhões de pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 149,00 por mês¹⁸. O município, sede da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), está situado às margens do Estuário da Lagoa dos Patos a 312 km da capital do Estado, Porto Alegre, sendo uma das principais cidades do Estado do Rio Grande do Sul. A economia é caracterizada por acentuada predominância do setor secundário, numa ampla interação com o sistema viário, liderado pelas instalações portuárias.

Um dos grandes problemas que tem assolado Rio Grande, e o Rio Grande do Sul como um todo, são as diferentes expressões de violência contra mulheres, crianças e adolescentes e outros grupos vulneráveis e o avanço do consumo de drogas e de doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes e jovens, principalmente diante da inexistência de políticas públicas que apresentem alternativas sócio-culturais saudáveis nas comunidades e bairros mais carentes.

Apresentaremos a experiência de oficinas sobre adolescência, sexualidade e gênero desenvolvidas pelo Centro de Referência em Direitos Humanos, na Escola CAIC, situada no campus universitário da Fundação Universidade Federal do Rio Grande-FURG, região periférica da cidade.

OBJETIVO

As oficinas mostraram-se como possibilidades de intervenções potencializadoras à medida que visam à formação de indivíduos autônomos. O projeto buscou apresentar aos adolescentes da Cidade do Rio Grande alternativas sócio-culturais saudáveis para, além de formá-los, fazer com que se tornem agentes formadores de opinião em sua família e comunidade. Dessa forma, objetivamos prevenir, através do diálogo e informação, que os adolescentes alcançados pelo projeto sejam vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e a discriminação de gênero através do conhecimento e da desmistificação dos temas.

RESULTADOS

Ao final desse processo, percebemos um aumento no nível de informações dos participantes. Proporcionamos um espaço para que os jovens possam (re) pensar suas concepções de gênero, facilitando o processo de socialização no qual o indivíduo toma consciência de si e dos outros viabilizando seu desenvolvimento e sua inserção em determinada sociedade. Nesse sentido, pretendeu-se contribuir para a emancipação dos sujeitos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; PINHEIRO, I. C.; et.al. **Juventude, violência e Vulnerabilidade social na américa latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V.N.A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: IGLU, 1989, p. 25-46.
- AYRES, J.R; et al. **Vulnerabilidade e prevenção em tempo de aids**. In: *Barbosa RM, Parker R, organizadores. Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1999, p. 49-72.
- CASTRO, M. R. de. **Retóricas da rua: educador, criança e diálogos** [Street rethorics: the educator, the child and dialogues]. Rio de Janeiro: EDUSU/AMAIS, 1997.

¹ Bolsista do Centro de Referência em Direitos Humanos-FURG, acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande(FURG).

² Bolsista do Centro de Referência em Direitos Humanos-FURG, acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande(FURG).

³ Professora da Universidade Federal do Rio Grande(FURG).

Oficinas sobre adolescência, sexualidade e gênero: uma estratégia de intervenção potencializadora

AUTORIA: SCHAIENE MARTINEZ BRANDOLT
PATRICIA MORAES BICCA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. MS. ELISA GIROTTI CELMER

RESUMO: Rio Grande é uma cidade que possui uma população de 194.351 habitantes, e está localizada no extremo sul do Brasil, região mais pobre do Rio Grande do Sul e onde vivem 3,6 milhões de pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 149,00 por mês. Um dos grandes problemas que têm assolado Rio Grande são as diferentes expressões de violência, entre os grupos vulneráveis, e o avanço do consumo de drogas e de doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes, principalmente diante da inexistência de políticas públicas que apresentem alternativas socioculturais saudáveis nas comunidades e nos bairros mais carentes. Apresentaremos a experiência de oficinas sobre adolescência, sexualidade e gênero que foram desenvolvidas pelo Centro de Referência em

Direitos Humanos, na Escola CAIC, situada no campus universitário da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), região periférica da cidade. As oficinas mostraram-se como possibilidades de intervenções potencializadoras à medida que visam à formação de indivíduos autônomos. Ao final desse processo, percebemos um aumento no nível de informações dos participantes. Proporcionamos um espaço para que os jovens possam repensar suas concepções de gênero. Nesse sentido, pretendeu-se contribuir para a emancipação dos sujeitos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

Palavras-chave: Adolescência. Sexualidade. Gênero.

MINIBIOGRAFIAS:

Schaiene Martinez Brandolt e Patrícia Moraes Bicca: Bolsistas do Centro de Referência em Direitos Humanos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e acadêmicas do curso de Direito (FURG).

Elisa Girotti Celmer: Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente, é doutoranda em Sociologia pela UFRGS. Mestre em Ciências Criminais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008)

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Os (ab)Usos da rua: relato da experiência de resolução não violenta de conflitos envolvendo travestis e policiais militares

Marcela Oliveira Franco Assunção (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Mayara Ferreira Biasi (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bonussuco Teixeira (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

A rua se constituiu como espaço privilegiado para muitos pesquisadores que iniciaram seus trabalhos com/sobre as travestis acompanhando ações de enfrentamento da epidemia da Aids. Ainda hoje, muitas pesquisas mantêm esse delineamento, talvez porque a visibilidade ou possibilidade de acesso ao grupo ainda se faça na rua. Acreditamos que, embora as travestis e transexuais tenham avançado em relação à luta por reconhecimento e cidadania, as calçadas e a noite ainda se configuram como a realidade para a maioria. Nesta perspectiva, os conflitos decorrentes do exercício da prostituição na rua envolvendo as relações de vizinhança, polícia, outros usuários da rua e interesses imobiliários traduzem desafios cotidianos para a permanência das travestis nesses espaços. Relatos de ações policiais violentas com o objetivo de “derrubar o ponto” são pautas informais dos diferentes encontros e também integram os relatos da literatura.

Temos como objetivo apresentar a experiência de mediação de conflitos realizada pelo projeto Vidas nas Calçadas que resultou na aproximação da ONG Triângulo Trans e Polícia Militar de Minas Gerais permitindo o empoderamento das travestis e o estabelecimento de uma regulamentação ainda que sem textos



Foto: Gilson Goulart

CARRIJO, Gilson Goulart. **(Re)apresentações do outro:** travestidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Múltiplos, 2012. (Tese de Doutorado).
FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos Desobedientes.** Travestismo e Identidade de Gênero. Buenos Aires: Edhasa, 2004.
PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v.01. 263p.
TEIXEIRA, Flávia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F.. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). **Discursos Fora da Ordem** deslocamentos, invenções e direitos... 01ed. São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.

formais, de um modo de exercício da prostituição na área em questão.

Diante dos relatos das travestis sobre as constantes abordagens realizadas pela Polícia Militar, envolvendo as travestis e seus clientes, e os efeitos diretos das mesmas como a diminuição do número de clientes na noite, afugentados pela possibilidade de uma visibilidade não desejada ou a abordagem discriminatória de alguns policiais que constrangiam clientes e travestis realizamos a primeira mesa de mediação envolvendo a ONG SHAMA, uma vez que naquele momento as travestis não estavam organizadas em uma ONG.



Após a primeira reunião onde foram estabelecidas as primeiras estratégias para o uso do espaço público, incluindo questões apresentadas pelos moradores como a nudez, o barulho em frente as residências no horário noturno, os preservativos usados deixados em locais inadequados, os acordos foram reafirmados em reunião realizada na sede do Comando da PM em Uberlândia/MG, com a presença de todos os comandantes das equipes de ações preventivas da Polícia Militar. Nesse momento, as travestis estavam representadas pela ONG Triângulo Trans.



Foto: Gilson Goulart

A constância das ações se dissolveram no estabelecimento de um diálogo permanente que se fortalece com a presença da Polícia Militar nas ações organizadas pela ONG ou nas que elas participam.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

Os (ab)usos da rua: relato da experiência de resolução não violenta de conflitos envolvendo travestis e policiais militares

AUTORIA: MAYARA FERREIRA BIASI
MARCELA OLIVEIRA FRANCO ASSUNÇÃO
FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: A rua se constituiu como espaço privilegiado para muitos pesquisadores que iniciaram seus trabalhos com/sobre as travestis acompanhando ações de enfrentamento da epidemia da AIDS. Ainda hoje, muitas pesquisas mantêm esse delineamento, talvez porque a visibilidade ou possibilidade de acesso ao grupo ainda se faça na rua. Acreditamos que, embora as travestis e transexuais tenham avançado em relação à luta por reconhecimento e cidadania, as calçadas e a noite ainda se configuram como a realidade para a maioria. Nesta perspectiva, os conflitos decorrentes do exercício da prostituição na rua envolvendo relações de vizinhança, polícia, outros usuários da rua e interesses imobiliários traduzem desafios cotidianos para

a permanência das travestis nesses espaços. Relatos de ações policiais violentas com o objetivo de “derrubar o ponto” são pautas informais dos diferentes encontros e também integram os relatos da literatura. Temos como objetivo discutir a experiência de mediação de conflitos realizada pelo Projeto Vidas nas Calçadas visto que resultou na aproximação da ONG Triângulo Trans com a Polícia Militar de Minas Gerais, permitindo o empoderamento das travestis e o estabelecimento de uma regulamentação, ainda que sem textos formais, de um modo de exercício da prostituição na área em questão.

Palavras-chave: Violência. Travestis. Transexuais. Resolução de conflitos.

MINIBIOGRAFIAS:

Mayara Ferreira Biasi e Marcela Oliveira Franco Assunção: Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania. Financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do BonSUcesso Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Os paradoxos da inserção social das travestis

Camilla Resende Silva (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia),
Emerson Fernando Rasera (Orientador – Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)

Introdução

A participação no Programa 'Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania', desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia e voltado para comunidade travesti da cidade instigou o interesse em problematizar as formas de promoção e inserção social desse grupo por meio de dois indicadores: o nome social e o trabalho. Em um contexto marcado pela carência de políticas públicas específicas, o movimento social travesti tem lutado pela garantia de direitos básicos no sistema de saúde, ensino e trabalho. Alguns direitos mínimos já foram conquistados, mas há dificuldades para a efetivação dos mesmos.

Objetivo

Analisar as diversas tensões geradas pelo processo de inserção social de um grupo de travestis na cidade de Uberlândia-MG.

Metodologia

Realizou-se a observação participante junto à comunidade travesti, no período 2012/2013, a partir das atividades realizadas por um programa de extensão da Universidade local. Selecionamos dois indicadores que apontam para os desafios da inclusão social, o nome social e o trabalho.

Resultado e Discussão

Por meio dos dois indicadores sociais analisados observamos que:

- 1) o nome social: apesar de este legitimar oficialmente o gênero travesti, ele promove uma restrição ao caráter lúdico, criativo e flexível de autonegação;
- 2) o trabalho: a busca de validar o trabalho de 'oficineira' das travestis por meio da remuneração demanda a apresentação de documentos como RG, CPF, PIS e conta bancária, os quais muitas delas não possuem

Consideramos que esses mecanismos de inserção social apresentam o paradoxo de contribuir para o reconhecimento social das travestis e, ao mesmo tempo, exigir a transformação de características tradicionais do modo de vida travesti.

Considerações Finais

Ressaltamos a necessária reflexão crítica a cerca das consequências trazidas pela inserção social do grupo por tenderem a uma padronização de elementos que se encontram 'flutuantes'/ mutáveis no universo *trans*.



CARRIJO, Gilson Goulart. (Re)representações do outro: travestilidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).

FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos Desobedientes*. Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

PELUCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo* - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p

TEIXEIRA, Flávia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F. . Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). *Discursos Fora da Ordem* deslocamentos, invenções e direitos. 01.ed.São Paulo: Annablume, 2012. v. 01. p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

Os paradoxos da inserção social das travestis

AUTORIA: CAMILLA RESENDE SILVA
EMERSON FERNANDO RASERA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. EMERSON FERNANDO RASERA

RESUMO: Em um contexto marcado pela carência de políticas públicas específicas, o movimento social travesti tem lutado pela garantia de direitos básicos no sistema de saúde, ensino e trabalho. Alguns direitos mínimos já foram conquistados, mas há dificuldades para a efetivação deles. O objetivo deste trabalho é analisar as diversas tensões geradas pelo processo de inserção social de um grupo de travestis de uma cidade mineira. Metodologicamente, realizou-se a observação participante junto à comunidade travesti, no período de 2012 a 2013, a partir das atividades realizadas por um programa de extensão da Universidade local. Selecionamos dois indicadores que apontam para os desafios da inclusão social: 1) o nome social: apesar de

este legitimar oficialmente o gênero travesti, ele promove uma restrição ao caráter lúdico, criativo e flexível de autonegação; 2) o trabalho: validar o trabalho de oficinaira das travestis por meio da remuneração demanda a apresentação de documentos como RG, CPF, PIS e conta bancária, os quais muitas delas não possuem. Consideramos que esses mecanismos de inserção social apresentam o seguinte paradoxo: contribuem para o reconhecimento social das travestis e, ao mesmo tempo, exigem delas a transformação de características tradicionais do modo de vida travesti.

Palavras-chave: Travesti. Inserção social. Nome social. Trabalho.

MINIBIOGRAFIAS:

Camilla Resende Silva: Estudante do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Emerson Fernando Rasera: Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenador do Projeto Educando pelos Pares.

FAZENDO GÊNERO 10 DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS

FLORIANÓPOLIS-SC, BRASIL. SETEMBRO; 2013.

PESQUISA-INTERVENÇÃO, GÊNERO E MÍDIAS MÓVEIS COMO RECURSO DE SENSIBILIZAÇÃO DE MULHERES E HOMENS JOVENS.

José Mário Gomes de Souza Filho; Karla Galvão Adrião (Orientadora); Departamento de Psicologia - LABESHU, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

INTRODUÇÃO

Parte-se do “Curso de Mídias Móveis”, uma pesquisa-intervenção realizada pelo projeto Ação Juvenil - Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape - desenvolvido pela UFPE com diversas parcerias, na sub-região de Suape-PE. A pesquisa-intervenção e o trabalho com as mídias móveis tinham como objetivo ajudar a desenvolver um senso crítico, político sobre as desigualdades e violências de gênero, e produzir um vídeo de cinco minutos. O curso consistiu em um trabalho desenvolvido com mulheres e homens jovens, estudantes da rede pública estadual, no formato de oficinas, e utilizou as mídias móveis para sensibilizá-los acerca da violência contra mulher - não só a violência física, como suas formas mais diversas. Partimos do ponto de vista dos-as próprios-as jovens, para entender como eles compreendiam questões de gênero entre outros temas em suas comunidades.

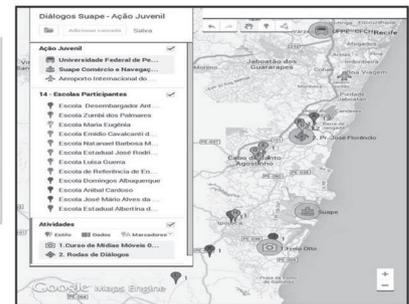
CONTEXTO - SUAPE



OBJETIVOS

Este trabalho visa refletir sobre a pesquisa-intervenção e sua relação com o uso das mídias móveis na percepção e aprendizado sobre violência contra a mulher.

ATIVIDADES



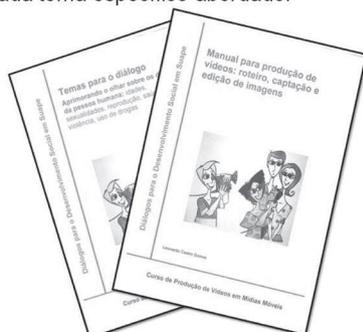
MÉTODO

Fizemos uso de técnicas do ARTPAD, de mídias móveis com noções básicas para elaboração de roteiro e técnicas de filmagem, rodas discursivas de diálogos em grupo, filmes auxiliares para reflexão crítica, tecnologias sociais e cartilha para subsidiar cada tema específico abordado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vídeo serviu para que eles/as percebessem criticamente, por meio da produção do filme, o que pensam as pessoas daquela localidade sobre o tema discutido. Além disso, percebeu-se como as mídias móveis podem ajudar a denunciar qualquer tipo de violência ou irregularidade em suas comunidades, bem como auxiliar no compartilhamento de informações e no aprendizado.



Pesquisa-intervenção, gênero e mídias móveis como recurso de sensibilização de mulheres e homens jovens

AUTORIA: JOSÉ MÁRIO GOMES DE SOUZA FILHO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. KARLA GALVÃO ADRIÃO

RESUMO: Este trabalho visa a refletir sobre a pesquisa-intervenção e sua relação com o uso das mídias móveis na percepção e no aprendizado sobre violência contra a mulher. Parte-se do “Curso de Mídias Móveis”, uma pesquisa-intervenção realizada pelo projeto Ação Juvenil – Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com diversas parcerias, na sub-região de Suape/PE. O curso consistiu-se mediante um trabalho desenvolvido com mulheres e homens jovens, estudantes da rede pública estadual, no formato de oficinas, e utilizou as mídias móveis para sensibilizá-los acerca da violência praticada contra a mulher, abordando não só a violência física, como suas

formas mais diversas. Partimos do ponto de vista dos(as) próprios(as) jovens, para entender como compreendiam essa questão entre outros temas em suas comunidades. E em rodas de conversas, íamos conhecendo, discutindo e montando um roteiro com noções técnicas de filmagens para que produzissem um vídeo sobre o tema de violência discutido. Assistindo às filmagens, os(as) jovens puderam perceber criticamente o assunto trabalhado. A pesquisa-intervenção e o trabalho com as mídias ajudaram a desenvolver um senso crítico, político sobre as desigualdades e violências de gênero.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção. Jovens. Violência. Gênero.

MINIBIOGRAFIA:

José Mário Gomes de Souza Filho: Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integra o grupo extensionista Ação Juvenil que faz parte do Programa Diálogos e do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU), e realiza oficinas com jovens na área de tecnologias, espaço urbano, e políticas públicas em uma perspectiva feminista de trabalho.



Universidade Federal
de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia Política
Núcleo de Pesquisa sobre Agricultura Familiar

"Pinus nesta banda nunca foi pinheiro" a resistência e a viabilidade camponesa frente a floresta exótica

Autora: Flavia Soares Ramos (flavia.soares.ramos@gmail.com)
Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Inez Silveira Paulilo

RESUMO

Esse trabalho tem a pretensão de perceber quais as estratégias de resistência e viabilidade utilizadas por camponesas e camponeses da região serrana de Santa Catarina, local onde há grande concentração de reflorestamentos com árvores exóticas. A partir de um estudo de caso, e através do discurso de camponeses e de autores que se dedicam a essas questões, buscamos traçar os artifícios criados pela unidade familiar, com auxílios institucionais externo e que possibilitam a sua permanência no local. A iniciativa parte e se viabiliza pelo trabalho principalmente das mulheres, que tem como principal estratégia, a conversão para a agroecologia. Tal escolha levou a organização do grupo em associação familiar, congregando mais força para o enfrentamento dos obstáculos encontrados.



Agroecologia como estratégia fundamental:
organização coletiva, segurança e soberania alimentar,
diversificação de culturas, recuperação ambiental,
comercialização direta, agregação de valor, geração de
trabalho e renda, compartilhamento de saberes, autonomia

Nos últimos anos os países do Hemisfério Norte reduziram a sua participação nas exportações florestais, enquanto cresce a participação dos países do Sul, como Brasil, Chile, Uruguai, África do Sul e Moçambique.

Atualmente o Brasil possui 8% da produção mundial de madeira para uso industrial e geral, ocupando assim, a quarta posição no ranking mundial.

- Síntese Anual de Agricultura de SC. Epagri, 2012



Pesquisa realizada na Localidade Fundo do Campo, com a Associação de Famílias Agroecológicas de Otacilio Costa

Situação relatada: modificação no ciclo das chuvas, redução do volume hídrico, (ab)uso de agrotóxicos, desaparecimento dos animais e vegetais típicos

"(...) as plantas exóticas invasoras são atualmente consideradas a segunda maior ameaça mundial à biodiversidade, perdendo apenas para a destruição de habitats pela exploração humana direta" (ZILLER, 2006)

É preciso falar em resgate e (re)construção da identidade camponesa porque com a Revolução Verde sendo desenvolvida a partir de 1950 no Brasil, muito da cultura das populações rurais foi substituído por técnicas e métodos modernos de produção.

A agroecologia aparece como estratégia fundamental por que valorizar tanto o meio ambiente quanto os recursos humanos disponíveis. Não há um 'pacote agroecológico' e sim conhecimentos locais que são articulados a novas tecnologias, sendo, portanto, um passo rumo ao futuro, não um retrocesso.

Apoios institucionais: MMC, Pastoral da Saúde, Epagri, Centro Vianeí, Rede Ecovida, Prefeitura Municipal de Otacilio Costa.

Esses espaços de interação possibilitam o intercâmbio de experiências e conhecimentos, ampliando a perspectiva das(os) agricultoras e agricultores na medida em que seu trabalho passa a ser visibilizado, além de haver a oportunidade de manter-se atualizadas(os).



Referências:
EPAGRI Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2011/2012 v.1 1976 - Florianópolis: Epagri/SCpa, 2012.
ZILLER, Sílvia Renata. O processo de degradação ambiental originado por plantas exóticas invasoras. In: Revista AmbienteBrasil, 2006. Disponível em: <http://ambientebrasil.com.br/>
Fotos: Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFSC (PIBIC/CNPq – BI/UFSC)



Pinus nesta banda nunca foi pinheiro: a resistência e a viabilidade camponesa frente à floresta exótica

AUTORIA: FLAVIA SOARES RAMOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARIA IGNEZ SILVEIRA PAULILO

RESUMO: Esse trabalho tem a pretensão de perceber quais são as estratégias de resistência e viabilidade utilizadas por camponesas e camponeses da região serrana de Santa Catarina, local onde há grande concentração de reflorestamentos com árvores exóticas. Além dos problemas ambientais, esse modelo de desenvolvimento monocultural levou a região a ter um dos menores índices de desenvolvimento humano e social do estado catarinense. A partir de um estudo de caso, e também por intermédio da fala dos(as) camponeses(as) e de autores(as) que se dedicam a essas questões, buscaremos traçar os artifícios criados pela unidade familiar, com auxílio

institucional externo, que possibilitam a sua permanência no local. A iniciativa parte e se viabiliza principalmente pelo trabalho das mulheres, que têm como principal estratégia a conversão para a agroecologia. Tal escolha possibilitou a organização do grupo em associação familiar, congregando mais força para o enfrentamento dos obstáculos encontrados. Segurança alimentar e geração de renda por meio da comercialização de produtos na feira são os pontos positivos desse processo.

Palavras-chave: Campesinato. Resistência. Reflorestamento. Agroecologia.

MINIBIOGRAFIA:

Flavia Soares Ramos: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi bolsista IC do Núcleo de Pesquisa sobre Agricultura Familiar, e atualmente é mestranda do Programa de Sociologia Política e colaboradora no mesmo núcleo.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Posso cuidar de/com você?! A relação entre a demanda de cuidado e a “emergência” no Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais

Leonardo Augusto Dias Nascimento (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Junia Rodrigues de Araujo (Psicóloga –Hospital de Clínicas - Universidade Federal de Uberlândia)
Cristina Aparecida dos Santos Crovato (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

As temáticas envolvendo a diversidade sexual, os direitos humanos e as questões de gênero produziram e produzem efervescências no mundo acadêmico com (des)construções das categorias dos conhecimentos produzidos e socializados em relação a corpo/natureza/desejo/norma. Essas discussões estão imbricadas no campo da saúde e, se configuram em questões práticas no cotidiano de pessoas que transgridem a norma dos gêneros, da sexualidade ou ambas e também para aqueles que ocupam o lugar de profissionais da saúde. A Política de Saúde Integral LGBT tem como marca o reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão no processo de saúde-doença da população LGBT. Suas diretrizes e seus objetivos estão, portanto, voltados para mudanças na determinação social da saúde, com vistas a redução das desigualdades relacionadas a saúde destes grupos sociais (BRASIL, 2010, p.4).

Nesse cenário, o Programa de Extensão intitulado “Em Cima do Salto: Saúde, Educação e Cidadania” se consolidou como um espaço de atenção às demandas das travestis na cidade de Uberlândia. A implantação do Ambulatório “Saúde das Travestis”, em 2007, possibilitou o acesso aos serviços de saúde que se constituía num entrave para a integralização da assistência.

Nossa proposta é um relato desta experiência, que reúne uma primeira sistematização de nossas descobertas e desafios frente a uma organização do cuidado centrada na autonomia do sujeito e no acolhimento de suas percepções sobre o processo saúde-doença. Conciliar as expectativas e contradições na oferta de um serviço que se pretende de continuidade, onde o vínculo é a diretriz do trabalho com a demanda das travestis por um atendimento de “pronto socorro”, que deve ser acessado somente em situações que elas consideram como emergências, e ao mesmo tempo deve também ser acolhedor, respeitoso e resolutivo.

Essa demanda das travestis pelo ambulatório como porta de entrada para o Pronto Socorro ou como seu substitutivo ainda que reafirme a confiança no trabalho desenvolvido se configura como desafio na consolidação de nossas ações e, principalmente, na descoberta de um caminho que possibilite o “cuidar de si”. As faltas consecutivas ao Ambulatório e a baixa demanda pelo serviço poderiam facilmente justificar a não necessidade de um lugar específico para elas, no entanto, essa resposta não pode ser assim fácil, um serviço em saúde que se abre para um público específico deve se preparar para as especificidades, pensar com Jurandir Freire Costa “—o que está errado não é a prática das pessoas, é a regra, o metro, a norma que quer regulá-las (2005, p. 92)”.

A literatura aponta para as dificuldades das travestis em estabelecerem de projetos de vida, elemento anunciado desde o trabalho de William Peres (2005) configura-se num desafio para pensar as ações de prevenção e promoção de saúde. A cosmologia do universo travesti se ancora no presente, o futuro é conjugado com desconfiança, assim, o agendamento do retorno de uma consulta para um dia posterior torna-se uma estratégia que não produz efeito esperado. A busca ativa, as estratégias de lembrar a data de consulta próxima, o acolhimento imediato da demanda por assistência tem sido o caminho trilhado para enfrentar a dificuldade das ausências nas consultas. O acompanhamento sistemático em relação às imunizações e medicamentos que necessitam de doses consecutivas também demanda uma compreensão sobre o modo de vida e o deslocamento interno/externo das travestis.

(Re)posicionar a equipe, transitando entre a necessidade de estabelecimento de normas e fluxos e o repensar sobre a flexibilidade dessas mesmas normas e fluxos que só fazem sentido se conseguirem atingir ao objetivo inicial: cuidar da saúde das travestis, constituir um espaço de cuidado mediado pelo vínculo.



Foto: Gilson Goulart

CARRIJO, Gilson Goulart. (Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).

FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos Desobedientes*. Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

PELUCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo* - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p.

TEIXEIRA, Flavia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). *Discursos Fora da Ordem* deslocamentos, invenções e direitos.. 01ed. São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

Posso cuidar de/com você?! A relação entre a demanda de cuidado e a “emergência” no Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais

AUTORIA: LEONARDO AUGUSTO DIAS NASCIMENTO
CRISTINA APPARECIDA DOS SANTOS CROVATO
JUNIA RODRIGUES DE ARAUJO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: Iniciado no ano de 2006, o Projeto de Extensão intitulado “Em Cima do Salto: Saúde, Educação e Cidadania” se consolidou como um espaço de atenção às demandas das travestis na cidade de Uberlândia. A implantação do ambulatório “Saúde das Travestis”, em 2007, possibilitou o acesso aos serviços de saúde que representava um entrave para a integralização da assistência. Nossa proposta é um relato desta experiência, que reúne uma primeira sistematização de nossas descobertas e desafios frente a uma organização do cuidado centrada na autonomia do sujeito e no acolhimento de suas percepções sobre o processo saúde-doença. Conciliar as expectativas e as contradições na oferta de um serviço que seja de continuidade, visto

que o vínculo é a diretriz do trabalho com a demanda das travestis por um “atendimento de pronto-socorro”. E este será acessado somente em situações que elas considerarem como emergências; mas, ao mesmo tempo, deve também ser acolhedor, respeitoso e resolutivo. Essa demanda das travestis pelo ambulatório como porta de entrada para o pronto-socorro ou como seu substitutivo, ainda que reafirme a confiança no trabalho desenvolvido, configura-se como um desafio na consolidação de nossas ações e, principalmente, na descoberta de um caminho que possibilite o “cuidar de si”.

Palavras-chave: Travestis. Saúde. Cuidado integral.

MINIBIOGRAFIAS:

Leonardo Augusto Dias Nascimento: Estudante do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Cristina Aparecida dos Santos Crovato: Enfermeira, coordenadora técnica.

Júnia Rodrigues de Araújo: Psicóloga, responsável técnica pelo serviço de psicologia do Ambulatório Saúde das Travestis e Transexuais.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Projeto adesão e as travestis: não se "trata" do diagnóstico...

Denise Vieira Santos (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Ludmila Ribeiro Pedrosa (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bonsucesso Teixeira (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais está ancorada no reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão no processo de saúde-doença da população LGBT. Regulamentada em dezembro de 2011 e publicada durante a 14ª Conferência Nacional de Saúde esta Política representa um avanço na compreensão de que as pessoas que integram o segmento LGBT possuem necessidades em saúde para além dos limites do que poderia ser proposto pela Política Nacional de Enfrentamento da Aids. Reconhecer a integralidade da assistência, no entanto, é também reconhecer que não superamos uma questão ainda fundamental no campo da aids: a adesão das travestis e mulheres transexuais ao tratamento.

Nossa proposta é apresentar o projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia que tem como objetivo sensibilizar as travestis e transexuais para os cuidados em saúde e, particularmente, identificar com elas estratégias para o enfrentamento da não aderência ou não adesão ao tratamento para a aids, considerando que esta é a principal variável na qual os serviços de saúde podem intervir não só para aumentar a eficácia da medicação, mas também para diminuir a chance do surgimento de resistência do HIV às drogas anti-retrovirais.

Nosso desafio inicia na sensibilização para a realização do teste, conforme descrição abaixo:

A relação com a aids aparece de modo peculiar desde o momento em que o tema é introduzido na consulta. Por vezes, a realização do exame não é consentida e a temática é retomada em outros atendimentos, nem sempre logrando êxito. Ainda que exista o desejo manifesto de sua realização ou o consentimento para fazê-lo, a dificuldade retorna – agora com maior propriedade, diante da necessidade da segunda amostra. Nesse momento, algumas travestis tendem a se afastar de um diagnóstico, o que se configura num cenário de desistência que as impossibilitaria de receber um resultado indesejado, mas também que as afastaria do próprio ambulatório (TEIXEIRA, F.; ROCHA, R.; RASERA, E., 2012, p.158-9).



Foto: Gilson Goulart

A possibilidade e a naturalidade com que a aids circula no universo das travestis e mulheres transexuais muitas vezes se constitui como uma profecia auto-realizadora por meio da qual elas, por se julgarem a priori como infectadas pelo HIV, deixam de se proteger e então se infectam. Ao sustentarem tal experiência reafirmam a associação entre travestilidade e transexualidade e contaminação pelo HIV.

Com o diagnóstico em mãos, os desafios se somam: entre a “constatação” e a “revelação” as ausências e as recusas de encaminhamento para o ambulatório especializado vão dizendo das lacunas. As travestis e mulheres transexuais estiveram e muitas ainda permanecem reféns da luta pelo direito de não serem mortas em razão da violência e transfobia. Viver com aids ainda é uma pauta tímida mesmo no ENTLAIDS (CARRIJO, 2012).

Assim, entendemos que as Campanhas de Educação em Saúde direcionadas para a realização do teste ou para a prevenção pouco impactaram nossas usuárias em relação ao desafio de viver com aids.

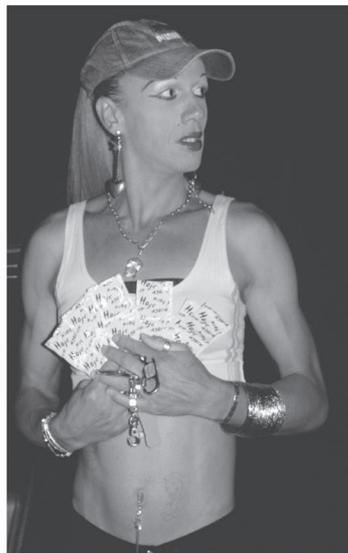


Foto: Gilson Goulart

CARRIJO, Gilson Goulart. (Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).

FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos Desobedientes*. Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

PELUCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo* - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p.

TEIXEIRA, Flavia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). *Discursos Fora da Ordem* deslocamentos, invenções e direitos. 01ed. São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

Projeto adesão e as travestis: não se “trata” do diagnóstico...

AUTORIA: LUDMILA RIBEIRO PEDROSA
DENISE VIEIRA SANTOS
FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais está ancorada no reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão no processo de saúde-doença da população LGBT. Regulamentada em dezembro de 2011 e publicada durante a 14ª Conferência Nacional de Saúde, representa um avanço na compreensão de que as pessoas que integram o segmento LGBT possuíam necessidades em saúde para além dos limites do que poderia ser proposto pela Política Nacional de Enfrentamento da Aids. Reconhecer a integralidade da assistência, no entanto, é também reconhecer que não superamos uma questão ainda fundamental no campo da AIDS: a adesão das travestis e mulheres transexuais ao

tratamento. Nossa proposta é apresentar o projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que tem como objetivo sensibilizar as travestis e transexuais para os cuidados em saúde e, particularmente, identificar com elas as estratégias para o enfrentamento da não aderência ou não adesão ao tratamento para a aids, considerando que esta é a principal variável na qual os serviços de saúde podem intervir não só para aumentar a eficácia da medicação mas também para diminuir a chance do surgimento de resistência do HIV às drogas antirretrovirais.

Palavras-chave: Travesti. Política Pública. Aids. Adesão.

MINIBIOGRAFIAS:

Ludmila Ribeiro Pedrosa e Denise Vieira Santos: Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do Bonsucesso Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.

Prostituição Feminina em São Luís: Uma Análise acerca das Manifestações de Violência Contra Mulheres Profissionais do Sexo



Autora: Joseana Priscila Carvalho Azevedo

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Maranhão membro do Núcleo de Estudos África e o Sul Global- NEAFRICA , Integrante do NAFEM - Núcleo Artístico Feminista (UFMA/UEMA)

Orientadora: Dra. Tatiana Raquel Reis Silva

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir acerca de algumas manifestações de violência sofridas por mulheres inseridas no âmbito da prostituição feminina em São Luís, Maranhão. A área específica da pesquisa se refere a região do Oscar Frota, ponto de concentração de bares, feiras e mercados no centro comercial e histórico da cidade. A partir de pesquisa realizada nos locais de atuação dessas mulheres e tendo como base os debates de gênero, classe e raça/etnia, o intuito foi perceber como as situações de violência interferem no seu cotidiano e se entrelaça a algumas dessas categorias analíticas.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido primeiramente a partir do levantamento bibliográfico sobre o tema. Em um momento posterior ocorreram visitas ao campo de atuação dessas mulheres. Houve também realização de entrevistas e aplicação de questionários. Foram organizadas palestras e oficinas que visavam beneficiar a realidade desses sujeitos. As temáticas abordadas nas palestras e oficinas perpassavam questões ligadas a violência física e simbólica, sexualidade, saúde mental e sexual.



Centro Comercial e Histórico de São Luís (MA)



Centro Histórico de São Luís (MA)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível perceber que diversas manifestações permeiam o cotidiano dessas mulheres, violências que estão inscritas nos seus corpos e falas. Falamos não apenas de violência física, mas, sobretudo, simbólica. Cabe destacar que no caso de mulheres negras acrescenta-se a violência racial. As dinâmicas da prostituição feminina em São Luís acontecem de maneira peculiar e marginalizada, constamos que são mulheres em sua maioria negras, jovens e pobres, advindas do interior do Estado, geralmente excluídas de todo e qualquer benefício social.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A prostituição feminina na região do Oscar Frota em São Luís, Maranhão, se relaciona a questões étnico/raciais, socioeconômicas e de gênero. Degradação das relações sociais, uso de drogas, insalubridade e violência estão intimamente inseridas nessa realidade. Alguns desses sujeitos são mulheres chefes de família, mães-trabalhadoras que buscam o sustento dos filhos. A prostituição no contexto estudado carece de uma maior atenção por parte do Estado, para que essas mulheres possam ter acesso aos serviços sociais e exercício de cidadania.

REFERÊNCIAS

- SILVA, Tatiana R. R. Dinâmica da Prostituição Feminina nas Áreas Centrais da Cidade de São Luís, Maranhão. 2008.89f. Dissertação (mestrado em estudos étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas programa multidisciplinar em estudos étnicos e africanos. UFBA, Salvador, 2008.
- TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica. O que é violência contra Mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Prostituição feminina em São Luís: uma análise acerca das manifestações de violência contra mulheres profissionais do sexo

AUTORIA: JOSEANA PRISCILA CARVALHO AZEVEDO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. TATIANA RAQUEL REIS SILVA

RESUMO: Este trabalho visa a discutir algumas manifestações de violência sofridas por mulheres inseridas no âmbito da prostituição feminina em São Luís, Maranhão. Temos como objeto de estudo a região do Oscar Frota, área de bares, feira e mercados no centro comercial e histórico da cidade. A partir de pesquisa realizada nos locais de atuação dessas mulheres e tendo como base os debates de gênero, classe e raça/etnia, o nosso intuito é perceber como as situações de violência interferem no seu cotidiano e se entrelaçam a algumas dessas categorias analíticas. Falamos de mulheres em sua maioria negras, advindas de bairros periféricos, com baixa

escolaridade e que – neste caso, entre as violências sofridas – sofrem violência racial. Durante nossa pesquisa de campo e com a realização de oficinas, foi possível focar e melhor problematizar as condições de trabalho em que essas mulheres atuam, o uso da sexualidade, a saúde mental e física, além dos tipos de violência a que estão submetidas. Pudemos perceber que essas são problemáticas que marcam a sua vivência como prostitutas e mãe-mulher-trabalhadora.

Palavras-chave: Violência. Mulheres. Profissionais do sexo. Raça. Cor.

MINIBIOGRAFIA:

Joseana Priscila Carvalho Azevedo: Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), membro do Núcleo de Estudos África e o Sul Global (NEAFRICA) e Integrante do Núcleo Artístico Feminista (NAFEM – UFMA/UEMA). Atualmente, atua com pesquisas sobre memória de mulheres profissionais do sexo em São Luís.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Que visibilidade é essa? Política e participação na comunidade travesti

Emerson F. Rasera (Orientador - Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)
Ericka Daniela González Santana (Discente - Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)
Lais Castro (Discente - Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)

Introdução

- O movimento social LGBT no Brasil: década de 70 - grupos que lutavam pelos direitos dessa população.
- Organização das travestis: recente e com vários desafios.
- Demandas iniciais: prevenção das DST/AIDS e combate à repressão policial.

Objetivo

Analisar as várias formas de participação social e política de um grupo de travestis de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Método

Contexto: ONG de travestis de uma cidade mineira.
Procedimento: observação participante.
Período: 2012/2013.
Atividades analisadas: reuniões, ações públicas, manifestos.

Resultados

Formas de participação social:

- organização de eventos: Dia da Visibilidade Trans, Parada Gay, Encontro Regional de Travestis e Transexuais.



Foto: Gilson Goulart



- participação em eventos: Marcha das Vadias, ENTLAIDS e Encontro Sudeste de Travestis e Transexuais.
- exposição fotográfica: fotografias das travestis da cidade
- reuniões com a comunidade travesti.

Discussão

Que participação é essa?

- baixa inserção na discussão da política pública
- relações frágeis com as instituições governamentais
- privilégio de ações voltadas à visibilidade e à busca de aceitação social.

Desafios

Quais efeitos dessa visibilidade na transformação do imaginário sobre travestis e transexuais?

Como transformar a visibilidade em ferramenta na construção coletiva de uma luta social, por conquistas de direitos, por reconhecimento?



Foto: Gilson Goulart

CARRIJO, Gilson Goulart. (Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).

FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos Desobedientes**. Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p.

TEIXEIRA, Flávia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F.. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). **Discursos Fora da Ordem** deslocamentos, invenções e direitos... 01ed.São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.

Contatos:
emersonrasera@gmail.com
edgsantana@gmail.com
lala_laca7@hotmail.com



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

Que visibilidade é essa? Política e participação na comunidade travesti

AUTORIA: ERICKA DANIELA GONZALEZ SANTANA

EMERSON FERNANDO RASERA

LAIS CASTRO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. EMERSON FERNANDO RASERA

RESUMO: O movimento social LGBT iniciou-se no Brasil na década de 1970 com a emergência de grupos que lutavam pelos direitos dessa população. Apesar do crescente fortalecimento desse movimento, a organização das travestis é recente e apresenta alguns desafios. As demandas iniciais desse grupo estavam pautadas na prevenção das DST/AIDS, e, com o tempo, se consolidou com a busca de reconhecimento social e de novos direitos. Este trabalho tem o objetivo de analisar as várias formas de participação social e política de um grupo de travestis de uma cidade do interior de Minas Gerais. Metodologicamente, realizou-se a observação participante junto à comunidade travesti, no período de 2012 a 2013, a partir das atividades realizadas

por um programa de extensão da Universidade local. Essa observação permitiu identificar que as formas de participação social foram: adesão às paradas (Dia da Visibilidade Trans, Parada Gay, Marcha das Vadias), exibição fotográfica, distribuição de *folders* e reuniões coletivas. Consideramos que tais formas de participação têm privilegiado a visibilidade e a aceitação social. A reflexão sobre os impactos dessa opção e seus efeitos na conquista de direitos talvez abra espaço para imaginar a ampliação da participação para além da visibilidade.

Palavras-chave: Travesti. Participação política. Visibilidade. Movimento social.

MINIBIOGRAFIAS:

Ericka Daniela Gonzalez Santana e Lais Castro: Estudantes do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Emerson Fernando Rasera: Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenador do Projeto Educando pelos Pares.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



"Quero deixar a rua, mas"...: problematizando o discurso sobre a prostituição entre as travestis e suas interfaces com o posicionamento da rede brasileira de prostitutas

Jacqueline Gonçalves Paiva (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Laura Moukachar Ramos de Oliveira (Discente – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)
Flavia do Bonsucesso Teixeira (Orientadora – Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Uberlândia)

Enfatizando a problemática equação estabelecida entre ser travesti e ser prostituta ou que a prostituição seria naturalmente um atributo da identidade travesti, compartilhamos com outros pesquisadores a percepção de que as calçadas são significativos espaços de sociabilidade. Embora a maioria das travestis, cerca de 97%, vivencie a prostituição como trabalho - conforme dados obtidos durante I Consulta Nacional sobre DST/Aids, Direitos Humanos e Prostituição que ocorreu em Brasília entre 26 e 28 de fevereiro de 2008 – a pauta sobre a regulamentação da profissão ainda não foi incorporada nas bandeiras de luta da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

É nosso interesse discutir como os discursos “sobre deixar a rua” são produzidos pelas travestis que trabalham em Uberlândia/MG e oscilam entre o abolicionismo e a demanda por reconhecimento performando aproximações e distanciamento com a Rede Brasileira de Prostitutas.

Diante da pergunta sobre a escolha em ser prostituta, o discurso acionado sobre prostituição como único caminho encontrado ou como resultante da falta de espaço no mercado formal de trabalho é o mais recorrente no universo travesti.

O caráter inevitável de um destino sobre o qual não se tem controle e do qual não se pode fugir parece alimentar o imaginário que une a prostituição à exploração sexual e distancia as travestis da bandeira de luta da Rede Brasileira de Prostitutas. De outro lado, ao discutirem sobre a organização do trabalho no mercado sexual, os argumentos se aproximam dos apresentados pela Rede Brasileira de Prostitutas. Destacando a lógica associativa para o trabalho, a necessidade da regulamentação dos locais onde os serviços são prestados e mesmo a compreensão da necessidade de maior presença do Estado como forma de diminuir a vulnerabilidade das prostitutas. As travestis compartilham do discurso circulante de que a prostituição, ainda que não seja criminalizada, não é um trabalho como outro qualquer. Revestido com os termos “ter um trabalho normal”, “ter um trabalho honesto”, “ter um trabalho de verdade” são as aspirações que denunciam as desconfiças sobre esse trabalho.

Ao observarmos a celeuma que envolveu o Ministério da Saúde e a Campanha do Departamento Nacional de Aids em torno da positivação da prostituição, essa desconfiça recobre seus tons, sendo um trabalho, suas trabalhadoras não podem ser felizes?

O Estado brasileiro afirmou que não somente o trabalho, mas principalmente suas trabalhadoras: não são pessoas que possam usufruir de todos os benefícios do trabalho.



Foto: Gilson Goulart



CARRIJO, Gilson Goulart. **(Re)representações do outro: travestilidades e estética fotográfica.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, 2012. (Tese de Doutorado).

FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos Desobedientes.** Travestismo e Identidad de Género. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.** 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v.01. 263p.

TEIXEIRA, Flavia B.; ROCHA, Rita M.G.; RASERA, Emerson F. Construindo saberes e compartilhando desafios na clínica da travestilidade. In: Richard Miskolci; Larissa Pelúcio. (Org.). **Discursos Fora da Ordem** deslocamentos, invenções e direitos... 01ed. São Paulo: Annablume, 2012, v. 01, p. 155-178.



Programa financiado através do Edital PROEXT/MEC
SIGProj N°: 117804.480.40346.14042012

“Quero deixar a rua, mas”... : problematizando o discurso sobre a prostituição entre as travestis e suas interfaces com o posicionamento da rede brasileira de prostitutas

AUTORIA: LAURA MOUKACHAR RAMOS DE OLIVEIRA

JACQUELINE GONÇALVES PAIVA

FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA

RESUMO: Enfatizando a problemática equação estabelecida entre ser travesti e ser prostituta ou que a prostituição seria naturalmente um atributo da identidade travesti, compartilhamos com outros pesquisadores a percepção de que as calçadas são significativos espaços de sociabilidade. Embora a maioria das travestis, cerca de 97%, vivencie a prostituição como trabalho – conforme dados obtidos durante a “I Consulta Nacional sobre DST/Aids, Direitos Humanos e Prostituição” que ocorreu em Brasília entre 26 e 28 de fevereiro de 2008 – a pauta sobre a

regulamentação da profissão ainda não foi incorporada nas bandeiras de luta da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). É nosso interesse discutir como os discursos “sobre deixar a rua” são produzidos pelas travestis que trabalham em Uberlândia/MG e oscilam entre o abolicionismo e o regulamentarismo, performando aproximações e distanciamento com a Rede Brasileira de Prostitutas.

Palavras-chave: Travesti. Prostituição. AIDS. Trabalho.

MINIBIOGRAFIAS:

Laura Moukachar Ramos de Oliveira e Jacqueline Gonçalves Paiva: Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsistas do Programa Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania, financiado pelo PROEXT/MEC.

Flavia do Bonsucesso Teixeira: Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenadora do Programa.

Questões de Educação Sexual no Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul



Émerson Flores Gracia – Bolsista PET Conexões Ciências Humanas. Graduando em História pela UFRGS
Ana Rita Silva Rodrigues – Bolsista PET Conexões Ciências Humanas. Graduada em Ciências Sociais pela UFRGS.
Orientador: Fernando Coutinho Cotanda

INTRODUÇÃO

➤ O presente trabalho surgiu da preocupação em relação à educação sexual nas escolas estaduais do RS. Como o Governador do RS, Tarso Genro, iniciou a implantação do Ensino Médio Politécnico no estado em 2011, resolvemos refletir sobre o novo sistema e o espaço que a educação sexual pode ter nele.

➤ Baseando-nos no pressuposto que a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1999) e no fascículo sobre o tema transversal Orientação Sexual (1997), que consolidou a escolarização de uma educação do sexo, perguntamo-nos: Qual o nível de institucionalização da educação sexual nas escolas de ensino médio? Quais as possibilidades para seu estabelecimento no novo sistema de ensino (politécnico)?

OBJETIVOS

➤ Verificar o nível de institucionalização da educação sexual, enquanto tema transversal, no novo contexto de ensino politécnico.

➤ Compreender as possibilidades de mudança na educação sexual e suas práticas pedagógicas tendo em vista o processo de implantação do Ensino Médio Politécnico no RS.

METODOLOGIA

➤ Análise do plano pedagógico e regimento interno da escola estadual escolhida, a Escola Padre Rambo.

➤ Entrevistas semi-estruturadas com professoras/es da escola, buscando compreender esse processo de transição do ensino médio para uma visão politécnica e como o tema da educação sexual está inserido nesse processo.

➤ 4 entrevistas foram realizadas: coordenadora pedagógica, profª Educação Física, profª Biologia e profª História

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

➤ Em relação ao Ensino Médio Politécnico:

- Diálogo difícil ou inexistente com o governo;
- Modelo imposto “de cima para baixo”;
- Aumento relativo na participação docente na gestão escolar;
- Interdisciplinaridade como fator positivo;
- Ausência de atividades formativas que preparem as/os professoras/es para lidar com o novo sistema;
- Sistema de avaliação ineficiente;
- Bons resultados dos Seminários Integrados.

➤ Em relação à Educação Sexual:

- É pouco ou nada institucionalizada;
- Educação sexual vista ainda sob a ótica da prevenção de DSTs/ AIDS e gravidez na adolescência (sexo problema);
- Depende da iniciativa individual de certas/os professoras/es, notadamente de biologia;
- Professoras veem a educação sexual como o tema mais difícil de ser tratado por:
 - Ser um tema tabu;
 - Pela enorme resistência de algumas famílias, principalmente as religiosas, em relação ao tema;
 - Um sentimento de falta de proteção legal para trabalhar com o assunto.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL/Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais “Orientação Sexual”. Livro 105. 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIO GRANDE DO SUL/ SE – Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio - 2011-2014**. Novembro de 2011.

Questões de Educação Sexual no Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul

AUTORIA: ÉMERSON FLORES GRACIA

ANA RITA SILVA RODRIGUES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. FERNANDO COUTINHO COTANDA

RESUMO: O presente trabalho se refere à educação sexual nas escolas estaduais do RS. Como o poder executivo estadual iniciou a implantação do Ensino Médio Politécnico em 2011, propomos uma reflexão sobre a relação do novo sistema com a educação sexual. Baseando-nos no pressuposto de que a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos – não podendo ser desligada ou algo de que alguém possa se “despir” (LOURO, 1999) –, e no fascículo sobre o tema transversal Orientação Sexual, publicado em 1997, que consolidou a escolarização de uma educação do sexo, perguntamos: “qual o nível de institucionalização da educação sexual

nas escolas de ensino médio? Quais as possibilidades para seu estabelecimento no novo sistema de ensino?”. Nosso objetivo é compreender os processos de mudança nos planos e nas práticas pedagógicas das escolas e dos docentes e como o tema da educação sexual se insere nesse novo contexto. Para tanto, analisamos o plano político-pedagógico do Colégio Estadual Padre Rambo e realizamos entrevistas semiestruturadas com as docentes desta escola.

Palavras-chave: Educação sexual. Ensino Médio Politécnico.

MINIBIOGRAFIAS:

Émerson Flores Gracia: Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista do PET Conexões Ciências Humanas.

Ana Rita Silva Rodrigues: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista do PET Conexões Ciências Humanas.

QUESTÕES DE GÊNERO NO PROJETO DAS AÇÕES DE UM CRAS

Curso de Psicologia da Faculdade Três de Maio – SETREM

Acadêmicas: Juliana Borges de Souza; Núbia Daniela de Oliveira Rolim

Orientadora: Mestra Carolina Duarte de Souza



O presente trabalho é um relato de experiência que descreve ações realizadas durante o Estágio Básico em Saúde Coletiva de um curso de Psicologia, num Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O Estágio Básico em Saúde Coletiva objetiva @ acadêmic@ acompanhe e experiencie o cotidiano dos serviços e a partir dessa vivência produza relações entre a teoria e a prática, construindo uma práxis conectada com as políticas públicas em vigor, levando em conta a realidade local. Dessa forma, visa desenvolver um conjunto de capacidades básicas, que abarcam práticas articuladoras do saber/fazer psicológico, buscando potencializar intervenções que objetivem promoção e prevenção em saúde (WINTER, GOMES, BARASUOL, BORGES & COSTA, 2012).

Portanto, como o CRAS é o contexto em que serviços, programas e projetos de potencialização da família, são desenvolvidos, este foi o local em que as atividades de estágio aqui descritas ocorreram. Segundo ANDRADE e ROMAGNOLI (2010) o CRAS é uma unidade de atenção básica, composto por psicólogos, assistentes sociais, coordenador, auxiliar administrativo e educadores sociais, entre outros, que deve reconhecer as diversas formações familiares, valorizar as subjetividades de cada grupo familiar, e fortalecer e articular os vínculos no contexto comunitário. Dessa maneira, o CRAS visa a prevenção da ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, assim como a ampliação do acesso aos direitos da cidadania.

Questões relativas a expressão da afetividade, emoções, sentimentos, agressividade e sexualidade emergiram durante a realização do estágio. Essas questões foram interpretadas e posteriormente trabalhadas a partir da categoria gênero, que é aqui entendida como um processo histórico e cultural, atravessada pela linguagem. Assim, estamos falando de significados que se (re)construem ao longo da história e se (re)organizam nas interações sociais, marcando os corpos como condição de poder (Nogueira, 2001).

MÉTODOS

As atividades foram desenvolvidas em um Centro de Referência de Assistência Social - CRAS numa cidade interiorana de aproximadamente 25 mil habitantes no noroeste de um estado do sul do Brasil. Os participantes pertenciam à turma matutina do Projeto das Ações, que era composta por 13 crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 18 anos, 6 meninas e 7 meninos.

O Estágio Básico em Saúde Coletiva ocorre em três momentos distintos: observação, planejamento da intervenção e a intervenção propriamente dita (WINTER et al. 2012). O primeiro momento enfocou o processo de familiarização, reconhecimento e a observação do CRAS, principalmente dos programas que eram desenvolvidos no espaço identificando dificuldades encontradas em nível de saúde mental e coletiva, com vistas à promoção da saúde neste espaço. Ao final deste primeiro momento de estágio, por meio de uma leitura etnográfica (FONSECA, 1999), e de um embasamento teórico sobre as possibilidades de intervenções psicológicas no CRAS (COSTA, e CARDOSO, 2010; ANDRADE e ROMAGNOLI, 2010), as dificuldades supracitadas relacionadas com a categoria gênero se sobressairam.

Num segundo momento, a partir dessa análise e calcadas nos estudos de gênero (NOGUEIRA, 2001), da Teoria Sistêmica (CURONICI e MCCULLOCH, 1999) e demais referenciais teóricos estudados durante a graduação em Psicologia, foram elaboradas propostas de intervenção que proporcionassem reflexões e novas possibilidades de interação entre as crianças e adolescentes, menos marcadas pelas diferenças estereotipadas relativas a papéis cristalizados de homens e mulheres, meninos e meninas. Posteriormente foi feito um projeto de execução dessas ações.

O terceiro momento foi caracterizado pelas intervenções propriamente ditas, que foram: confecção do monstro do problema, discussão do filme "A Era do Gelo 4", do conto "Bom Dia Todas as Cores", e do livro "Menino brinca de boneca?". Os materiais utilizados foram: folhas de ofício, tinta, lápis de cor, giz de cera, barbante, lantejoulas, papel pardo, EVA e cartolina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dinâmica do mostro do problema proporcionou a resignificação de algumas narrativas acerca dos comportamentos estereotipados das crianças. As crianças e os adolescentes foram convidados a produzir um desenho do seu mostro do problema, que o qual era responsável pelas ações que eles faziam involuntariamente (agressões, desobediências, etc.), e que se manifestava em lugares que frequentavam, como o Cras, a escola e a família. No final da atividade colocamos os monstros dentro de um saco e levamos embora. No terceiro encontro utilizamos os desenhos para que todos apresentassem seus monstros e socializassem com os colegas. Neste momento pontuamos as pessoas que cada criança e adolescente trouxeram para ajudá-las a combater estes monstros em cada lugar em que apareciam. Depois, cada criança colocou seu monstro dentro de um saco preto e falou, dentro do saco, todas as suas raivas e angústias e o motivo pelo qual gostaria que este comportamento fosse embora.

A partir de um cine pipoca, exibimos o filme Era do Gelo 4 para trabalhar as diferentes configurações de família, com vistas a ampliar a visão do grupo a cerca da naturalização proposta pela cultura ocidental do padrão de família nuclear. No encontro seguinte, para aquecimento relembamos o filme com as crianças e fizemos um jogo de mímicas onde deveriam imitar alguns animais. Propomos que cada acerto que o grupo fizesse no final da brincadeira seriam presenteados, mas que deveriam ajudar uns aos outros, pois o presente seria coletivo. Posteriormente, convidamos aos participantes para que desenhassem a sua família, na forma de animal, posteriormente cada um apresentou sua família e o motivo pelo qual escolheu cada animal para representar os membros do sistema. Isso nos permitiu entender as relações intra-familiares de cada participante do grupo, que lugar este ocupa dentro da sua família, e flexibilizar o conceito de família das crianças e adolescentes.

Trabalhamos o conto Bom dia todas as cores, da escritora Ruth Rocha, para discutir com as crianças e os adolescentes as diferenças e a subjetividade do grupo, possibilitando ao mesmo criar outras formas para mediar os conflitos, calcados no respeito das diferenças de cada sujeito.

Sentimos necessidade de abordar as questões referentes a gênero de uma forma sucinta e lúdica. Trouxemos o livro Menino brinca de boneca? do autor Marcos Ribeiro, este livro faz uma discussão de gênero. O livro instrumentaliza professores e profissionais da educação a desconstruir o que já está naturalizado e amplia de uma forma lúdica as várias formas e possibilidades de enxergar os sujeitos e as suas diferenças, desta forma se utilizamos desta ferramenta para desconstruir algumas narrativas a cerca do que é de menino e o que é de menina, neste propósito as próprias crianças e os adolescentes puderem se enxergar como sujeitos daquela história, refletindo e se questionando sobre suas atitudes.

Essas atividades dispararam reflexões e novas possibilidades de interação - menos produtoras de sofrimento, entre as crianças e adolescentes, e entre estes e as estagiárias desde o início do trabalho, em agosto de 2012, até o presente momento. El@s puderam, de forma lúdica, (des)construir, reconstruir e ampliar formas e possibilidades de enxergar os sujeitos e as suas diferenças, bem como repensar seus conceitos sobre gênero, afetividade, emoções, sentimentos, agressividade e sexualidade. Todas as intervenções objetivaram a promoção e prevenção de situações de risco e vulnerabilidade, bem como o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. F.; ROMAGNOLI, R. C. (2010). O Psicólogo no Cras: Uma Cartografia dos Territórios Subjetivos. Revista Psicologia e Profissão, 30(3), 604-619.
- COSTA, A. F. S.; CARDOSO, C. L. (2010). Inserção do Psicólogo em Centros de Referência de Assistência Social- CRAS. Revista Interinstitucional de Psicologia, 3(2), 223-229.
- CURONICI, C., & MCCULLOCH, P. (1999). Psicólogos e professores: um ponto de vista sistêmico sobre as dificuldades escolares. São Paulo: EDUSC.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. v. 10 jan/fev/mar/abr. 1999.
- NOGUEIRA, M.C. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. Psicologia & Sociedade. v. 13, n.1, p.107-128, 2001.
- WINTER, L., GOMES, M. C. R., BARASUOL, B. E., BORGES, L. J., & COSTA, B. L. (2012). Guia do estudante em estágio básico em saúde coletiva. Três de Maio: Setrem.



Questões de gênero no Projeto das Ações de um CRAS

AUTORIA: JULIANA BORGES DE SOUZA

NÚBIA DANIELA DE OLIVEIRA ROLIM

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. MS. CAROLINA DUARTE DE SOUZA

RESUMO: O presente trabalho é um relato de experiência que descreve ações realizadas durante o Estágio Básico em Saúde Coletiva de um Curso de Psicologia. As atividades foram desenvolvidas em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em uma cidade interiorana de aproximadamente 25 mil habitantes no noroeste de um estado do sul do Brasil. Os participantes pertenciam à turma matutina do Projeto das Ações, que era composta por 13 crianças e adolescentes, com idades entre sete e 18 anos, seis meninas e sete meninos. O estágio aconteceu em três momentos: observação, planejamento da intervenção, e intervenção propriamente dita. Durante a fase de observação, surgiram questões relativas à expressão de afetividade, emoções, sentimentos,

agressividade e sexualidade na turma. Por meio da categoria gênero e da Teoria Sistêmica, foram planejadas intervenções que proporcionassem reflexões e novas possibilidades de interação entre as crianças e os adolescentes, menos marcadas pelas diferenças estereotipadas relativas a papéis “cristalizados” de homens e mulheres, meninos e meninas. Para tanto, diferentes atividades que alcançaram esse objetivo foram realizadas: “meu mestre mandou”, enfocando a expressão de afetividade; mímicas das emoções e dos sentimentos; oficinas de sexualidade; e curto-circuito da agressividade.

Palavras-chave: Psicologia. CRAS. Gênero. Teoria Sistêmica. Intervenções psicoterapêuticas.

MINIBIOGRAFIAS:

Juliana Borges de Souza e Núbia Daniela de Oliveira Rolim: Acadêmicas do Curso de Psicologia da Faculdade de Três de Maio (SETREM).

Carolina Duarte de Souza: Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2006. Especialista em Terapia Relacional Sistêmica pelo Familiare Instituto Sistêmico (2010). Mestre em Processos Psicossociais, Desenvolvimento e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP-UFSC) em 2012. Foi psicóloga docente do Curso de Psicologia da Faculdade Três de Maio (SETREM) entre 2011 e 2013. Atualmente, é doutoranda do PPGP na área de concentração Saúde e Desenvolvimento Psicológico, na linha Saúde e Contextos de Desenvolvimento Psicológico, bolsista da CAPES, e integrante do NEPeDI.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A FEMINIZAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO: REFLEXÕES NO CONTEXTO DA TERCEIRIZAÇÃO EM CATALÃO (GO)

Autora: Laudicéia Lourenço de Araújo (UFG)

Docente responsável: Dra. Carmem Lúcia Costa

Resumo: O presente texto trata da reestruturação produtiva e da inserção de mulheres no trabalho terceirizado nas funções de limpeza e conservação. Tem-se como objetivo compreender a feminização no mundo do trabalho no contexto da terceirização diante da reestruturação produtiva do capital e as condições de existência e a permanência da precarização do trabalho feminino na empresa terceira *Prest John*, em Catalão (GO), por meio das práticas cotidianas das trabalhadoras. A metodologia utilizada para a realização desse estudo fundamentam-se na pesquisa teórica que busca uma compreensão das implicações da reestruturação produtiva para o mundo do trabalho, em especial as trabalhadoras da empresa *Prest John*, utilizamos da pesquisa documental que é caracterizada pelo uso de documentos de instituições que nos auxiliem na realização da pesquisa e da pesquisa de campo que se baseia no empírico articulado ao teórico, momento que iremos analisar o cotidiano das trabalhadoras. Nota-se que grande parte das mulheres se insere neste segmento da produção em decorrência da carteira de trabalho assinada e de outros benefícios trabalhistas, no entanto este trabalho é caracterizado pela intensa repetição de atividades, essas questões justificam a ligação entre gênero e a divisão sexual e social do trabalho na terceirização, sendo inerente a realização dessa pesquisa.

Palavras-chave: Gênero; Trabalho; Terceirização; Precarização.

Reestruturação produtiva e a feminização no mundo do trabalho: reflexões no contexto da terceirização em Catalão (GO)

AUTORIA: LAUDICÉIA LOURENÇO DE ARAÚJO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CARMEM LÚCIA COSTA

RESUMO: O presente texto trata da reestruturação produtiva e da inserção de mulheres no trabalho terceirizado nas funções de limpeza e conservação. Tem-se como objetivo compreender a feminização no mundo do trabalho no contexto da terceirização, diante da reestruturação produtiva do capital, as condições de existência e a permanência da precarização do trabalho feminino na empresa *Prest John*, em Catalão (GO), por meio das práticas cotidianas das trabalhadoras. A metodologia utilizada para a realização desse estudo fundamenta-se na pesquisa teórica que busca uma compreensão das implicações da reestruturação produtiva para o mundo do trabalho, em especial as trabalhadoras da empresa *Prest John*. Utilizamos a pesquisa documental, caracterizada pelo uso

de documentos de instituições, como auxílio para a realização desta pesquisa e da pesquisa de campo, que se baseia no empírico articulado ao teórico, momento em que iremos analisar o cotidiano das trabalhadoras. Notamos que grande parte das mulheres se insere neste segmento da produção em decorrência de ter sua carteira de trabalho assinada, de obter benefícios trabalhistas; no entanto, este trabalho é caracterizado pela intensa repetição de atividades. Essas questões mencionadas justificam a ligação entre gênero e divisão sexual e social do trabalho na terceirização de mão de obra, sendo inerente à realização desta pesquisa.

Palavras-chave: Gênero. Trabalho. Terceirização. Precarização.

MINIBIOGRAFIA:

Laudicéia Lourenço de Araújo: Graduada em Geografia (licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Catalão.

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO:

Um



sobre o universo feminino no PROEJA

Andréia Zanchetti

Bolsista BICTES – IFRS/BG

Edson Carpes Camargo

Orientador

APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS

Desde pequenas as meninas eram, e ainda são estimuladas a desenvolver o instinto maternal, o cuidado com os demais e o cuidado com o lar. Os discursos reforçam constantemente a ideia de que a mulher é naturalmente frágil, sensível, prestativa e cuidadosa. Essa “naturalização” do feminino imputada pelo patriarcado, ignora as relações construídas social e historicamente. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Câmpus Bento Gonçalves oferece o curso PROEJA Técnico em Comércio e, tendo em vista que a maioria d@s ministrantes das aulas deste curso são mulheres, elaboramos este estudo visando identificar se os conceitos de gênero são debatidos durante as aulas, e de que forma isso ocorre. Deste modo, nosso objetivo era identificar elementos que fizeram parte da formação inicial dessas professoras e que agora são retomados em suas práticas, bem como analisar o que estas professoras compreendem por educação sexista e se acreditam que a praticam em seu cotidiano.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estímulo para o surgimento de novas inquietações vem da curiosidade que reside em cada um de nós e é com esta curiosidade de problematizar discussões sobre gênero no IFRS que nos lançamos ao desafio de (des) *alinhar* discursos histórico-culturais que vem sendo fortalecidos por uma construção de sociedade patriarcal. Utilizamos o Grupo de Discussão para colher relatos e experiências vindos das professoras que atuam no PROEJA e o Método Documentário para descrever e explicar os resultados. Participaram do Grupo de discussão quatro professoras que responderam ao questionamento principal: Levando em consideração o componente curricular que você ministra, você acredita que existe distinção entre o modo de trabalhar com os alunos do sexo masculino e com os do sexo feminino em sala de aula, particularmente no PROEJA? O GD foi gravado em áudio e serviu como base para análise dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As falas das professoras deixaram transparecer que, muitas vezes, a prática docente toma rumos que refletem o que está acontecendo do lado de fora da sala de aula, ou seja, não existe diferença no modo de trabalhar com cada gênero, mas sim o modo como cada indivíduo em si aprende, independente de seu sexo. Mesmo as mulheres tendo conquistado seus direitos e assumido posições de

destaque nos mais variados setores da sociedade, ainda ocorrem diferentes tipos de discriminação, como o menor salário e priorização da figura masculina na ocupação de alguns cargos. Com a abertura do mercado comercial, a globalização, o aumento da produção e as novas estruturas familiares que se constituíram no final do século passado, as mulheres foram impelidas a entrar para o mercado de trabalho, tornando-se mão de obra barata e desvalorizada pelos discursos comerciais do ocidente. Conforme Perrot (2005, p. 288) “as operárias são duplamente negadas: como mulheres, por serem a antítese da feminilidade; como trabalhadoras, pois seu salário, estatutariamente inferior ao do homem, é considerado como um 'complemento' ao orçamento da família”. Escolhendo a relação de gênero para analisar o cotidiano das professoras que atuam no PROEJA, estamos trazendo para o debate as relações sexistas que estão presentes nas instituições de ensino, problematizando como as práticas educativas podem contribuir para uma reflexão sobre essa sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES

A inserção da mulher no mercado de trabalho em setores que antes eram somente ocupados por indivíduos do sexo masculino, fez eclodir a necessidade de analisar as questões de gênero. O fato de muitos indivíduos, tanto homens quanto mulheres, ainda não aceitarem essa ideia é que leva às divergências. A partir do Grupo de Discussão observamos que não há distinção em trabalhar com os diferentes gêneros, a mudança está em como cada um de nós aprende.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LUZ, Nanci Stanchi da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO SUL
Campus Bento Gonçalves

PROPI
Pró-Reitoria de
Pesquisa e Inovação



Núcleo de
Inovação
Tecnológica

Relações de gênero e educação: um olhar sobre o universo feminino no PROEJA

AUTORIA: ANDRÉIA ZANCHETTI

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. EDSON CARPES CAMARGO

RESUMO: Desde os primórdios da evolução, as atividades domésticas sempre estiveram relacionadas ao gênero feminino, desenvolvidas no campo domiciliar, com toques de delicadeza e fragilidade. O homem sempre foi considerado o responsável pelo sustento familiar, aquele que exerce atividades que envolvam força e virilidade. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves, oferece o curso PROEJA Técnico em Comércio. E considerando que a maioria dos ministrantes das aulas deste curso é do sexo feminino, essa pesquisa visa a identificar se os conceitos de gênero são debatidos durante as aulas, e de que forma isso ocorre, questionando: quanto às professoras que atuam no PROEJA, quais as práticas de sua formação são reforçadas durante as aulas que ministram? Como as professoras que atuam nesta modalidade de ensino compreendem a relação entre gênero, educação e trabalho? Enfim, para estas professoras, a educação no Instituto Federal é uma educação sexista? Tais questões foram debatidas por meio de encontros de grupos de

discussão e de entrevista narrativa, prática utilizada pela pesquisadora Wivian Weller em seus estudos. Para a documentação dos registros, utilizamos o método documentário, por que busca não somente explicar a realidade em que os sujeitos estão inseridos mas também analisar intrinsecamente como esta realidade é constituída. Tomando como referência as questões apresentadas, o objetivo desta investigação foi analisar as práticas cotidianas das professoras do PROEJA oferecido pelo IFRS – campus Bento Gonçalves, relacionando tais ações com o conceito de uma educação sexista. Para tanto, cabe analisarmos que o ensino está diretamente relacionado às questões de gênero, já que a maneira como o homem e a mulher aprendem é diferente, o que não significa que um seja mais inteligente que o outro, e vice-versa, pois cada um tem um tipo de inteligência distinto; logo, cabe às professoras organizarem aulas que não prejudiquem nenhum dos sexos.

Palavras-chave: Grupo de Discussão. Mulheres. PROEJA. Gênero. Práticas Docentes.

MINIBIOGRAFIA:

Andréia Zanchetti: Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Bento Gonçalves, e bolsista do Programa de Educação Tutorial Matemática.

Relações de gênero e sexualidades no ciberespaço



Autoras: Aline Gonçalves Ferreira (UFMG)
Francielle Alves Vargas (UFMG)
Profa.Orientadora: Shirlei Rezende Sales (UFMG)

INTRODUÇÃO

O ciberespaço¹ não possibilita apenas a expansão das relações sociais no espaço-tempo, mas também minimiza a distância geográfica entre as pessoas e os lugares, potencializando o compartilhamento de saberes, conhecimentos, além de, construir novas formas de sociabilidade e ampliar as possibilidades de interconexão global. A intensa conexão com as tecnologias digitais é uma marca da contemporaneidade. As juventudes, mais especificamente, ocupam o ciberespaço se apropriando cada vez mais das culturas presentes na relação com a internet. Em suas diversas possibilidades de existência, os/as jovens utilizam o ciberespaço como um local que disponibiliza elementos para construir, trocar, orientar e modificar as formas de aprendizagem e de existência.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é apresentar a rede social EMdiálogo e sua comunidade Sexualidade para garot@s enquanto cenário da complexificação das relações de gênero e sexualidade potencializados pelo advento da internet. Além de cenário, a comunidade possibilita um espaço de discussão das temáticas, formação e construção de identidade.

OS DESDOBRAMENTOS DO MOVIMENTO FEMINISTA “MARCHA DAS VADIAS NO CIBERESPAÇO”

O movimento denominado “Marcha das Vadias” teve início em Toronto, no Canadá, no de 2011, após diversos casos de violência sexual sofrida por mulheres na Universidade de Toronto. Devido a esse fato, um agente de polícia local foi chamado para se pronunciar e durante sua participação afirmou que as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não sofrerem o estupro. O termo “vadia” foi adotado e batizou esse movimento feminista, que em inglês é chamado *Slut Walk*. Em um espaço curto de tempo, o movimento ganhou milhares de adeptos nos EUA e na América Latina. Esse fenômeno se deu numa velocidade avassaladora que foi potencializado no ciberespaço com advento das redes sociais. As proporções geográficas e de tempo que o movimento alçou, talvez não seriam alcançadas na ausência de tais ferramentas utilizadas por esse movimento social e, possivelmente não haveria os mesmos resultados. Numa sociedade na qual as condutas ditas “femininas” são produzidas na cultura, as identidades são delimitadas por espaços e comportamentos sob um rígido controle e vigilância das relações de gênero e sexualidade.

¹ Ciberespaço consiste no “território que surge da interconexão mundial dos computadores, a internet” (SALES, no prelo)

COMO AS RELAÇÕES DE GÊNERO SÃO DISCUTIDAS NO PORTAL EMDIÁLOGO?

A comunidade “Sexualidade para garot@s” foi criada para fomentar discussões sobre as relações de gênero e sexualidades. Por meio das novas formas de vivenciar as relações de gênero e sexualidades que emergem a partir do advento do ciberespaço. Os/as jovens encontram-se cada vez mais imersos nessa nova linguagem que possibilita a construção de outras formas de existência. Há nesse espaço a complexificação do processo de construção de identidades de gênero e sexualidades.

As articulações realizadas no Portal EMdiálogo sobre as relações de gênero são efetivadas através das postagens na comunidade “Sexualidade para garot@s” e que também são estendidas à outras redes sociais contemporâneas. Segue abaixo algumas imagens que ilustram as postagens realizadas na comunidade:

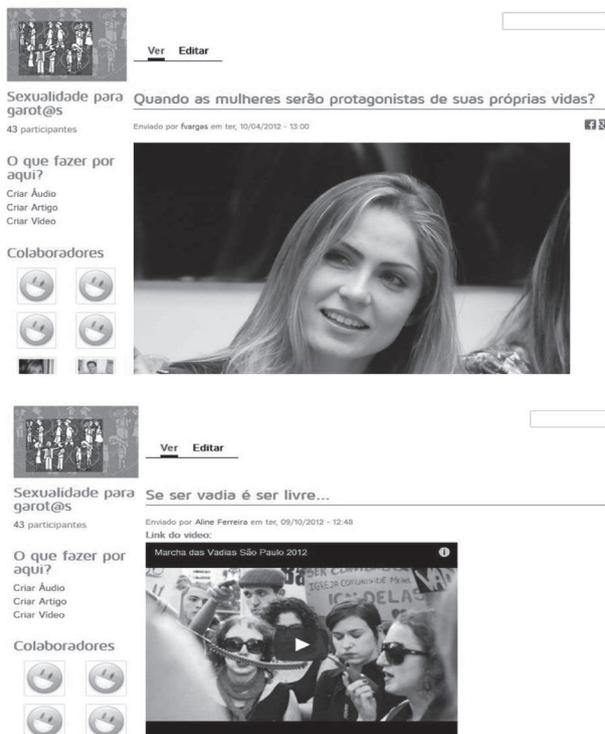


Fig 1 e 2: publicações realizadas na comunidade “Sexualidade para garot@s”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmund, (2005). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura: educação e cibercultura*. São Paulo; Ed.34,1999.
- SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: MAIA, Carla Valéria Linhares; DAYRELL, Juarez Tarcísio; CARRANO, Paulo (Orgs.). *A condição juvenil e o ensino médio no Brasil* (no prelo).

Relações de gênero e sexualidades no ciberespaço

AUTORIA: ALINE GONÇALVES FERREIRA
FRANCIELLE ALVES VARGAS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. SHIRLEI REZENDE SALES

RESUMO: O ciberespaço não possibilita apenas a expansão das relações sociais no espaço-tempo, mas também minimiza a distância geográfica, potencializando o compartilhamento de saberes. A partir deste novo contexto de hiperconectividade, encontra-se a proposta do Portal EMdiálogo [www.emdialogo.uff.br] cujo objetivo é criar um espaço de múltiplos diálogos sobre questões do ensino médio público brasileiro. A proposta do Portal é propiciar a reflexão e o diálogo sobre temáticas diversificadas que envolvem questões do universo juvenil. O portal é composto por comunidades virtuais de temas transversais que abarcam o universo juvenil. Uma dessas comunidades é a *Sexualidade para garot@s*. Os (as) jovens encontram-se

cada vez mais imersos(as) nas novas linguagens tecnológicas que possibilitam a construção de outras formas de existência. Há nesse espaço a complexificação do processo de construção de identidades de gênero e sexualidades. A partir deste novo universo em rede, a comunidade se propõe a fazer uma discussão sobre as relações de gênero e sexualidade que estão presentes nas relações mais cotidianas presenciais e *online*. Padrões de comportamento, gravidez na adolescência, e tolerância à diferença são algumas das temáticas abordadas na comunidade.

Palavras-chave: Juventudes. Relações de gênero e sexualidade. Ciberespaço.

MINIBIOGRAFIAS:

Aline Gonçalves Ferreira: Graduanda do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Programa de ensino, pesquisa e extensão Observatório da Juventude e do Grupo de estudos do GECC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas.

Francielle Alves Vargas: Graduada em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Sistemas de Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Atualmente, é aluna do curso de pós-graduação lato sensu em Engenharia de Software (PUC-MG), e integrante do Programa de ensino, pesquisa e extensão Observatório da Juventude.

Shirlei Rezende Sales: Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta do Departamento de Administração Escolar (UFMG). Integrante do Observatório da Juventude e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG.



Relações sociais de gênero: Uma análise sobre as condições de vida das mulheres agricultoras do território rural da Mata Sul de Pernambuco



Aryadne Castelo Branco Correia Lins
aryadnecb@gmail.com

Eynat K. Heliodoro de Morais
eynatheliodoro@gmail.com

Vitória Régia Fernandes Gehlen
vicgehlen@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho faz referências as atividades que estão sendo realizadas pelo GRAPP/CNPq/UFPE no decurso do projeto “Relações Sociais de gênero e Políticas públicas: Uma análise das condições de vida das mulheres agricultoras do território da Mata Sul de Pernambuco”. Na sociedade capitalista, especificamente, as relações sociais entre homens e mulheres ocorrem em torno do domínio sobre o trabalho e suas divisões (KERGOAT, 1998). No mundo agrícola, as relações sociais de gênero apresentam papéis separados, suprimindo diferentes necessidades dentro da unidade doméstica, que são influenciados pela formação social. Neste contexto, o trabalho objetiva analisar as relações sociais assimétricas entre homens e mulheres no âmbito rural.

METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados na elaboração do trabalho:

Viagens aos municípios da Mata Sul de Pernambuco, que objetivam coletas de dados e informações sobre as mulheres na localidade; levantamento bibliográfico; levantamento de dados através de questionários.

OBJETIVOS

Verificar o acesso das mulheres agricultoras às políticas, programas e ações do Estado; Identificar as transformações ocorridas na renda das mulheres da agricultura familiar; Verificar a relação entre a melhoria das condições de vida e o acesso às políticas públicas; Identificar as relações sociais de gênero nas interligações rural-urbano nos municípios da Mata Sul de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se relevante analisar as tramas que se processam nas relações sociais de gênero na agricultura familiar, tendo em vista que ainda é visível a hierarquia do homem como chefe da família, enquanto a mulher possui dupla jornada de trabalho responsável pelas atividades domésticas e é posta como ajudante na produção agrícola.

REFERÊNCIAS

KERGOAT, Danielle. (1986). “*Em defesa de uma Sociologia das Relações Sociais: da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação*”. In: KARTCHEVSKY- BULPORT, André et al. **O Sexo do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

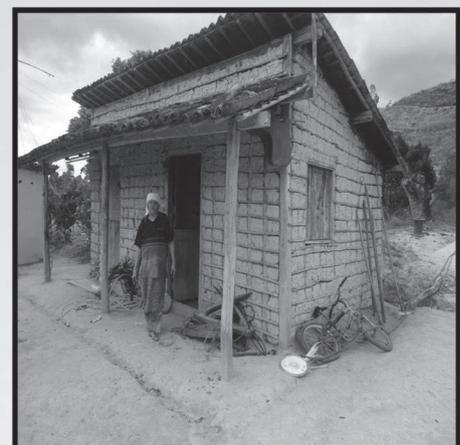
HIRATA, Helena. Division Sexuelle du Travail dans l’Industrie Brésilienne: les cas d’une Usine Construction Électrique. In: AUBERT, Nicole; ENRIQUEZ, Eugène; DE GAULEJAC, Vincent. (éds). **Le Sexe du Pouvoir: feme, homes et pouvoir dans les organisations**. Paris, Editions EPI, 1985.



Fonte: GRAPP, 2013.



Fonte: GRAPP, 2013.



Fonte: GRAPP, 2013.

Relações sociais de gênero: uma análise sobre as condições de vida das mulheres agricultoras do território rural da Mata Sul de Pernambuco

AUTORIA: ARYADNE CASTELO BRANCO CORREIA LINS
EYNAT KELLY HELIODORO DE MORAIS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. VITÓRIA RÉGIA FERNANDES GEHLEN

RESUMO: A dinâmica do território na Mata Sul de Pernambuco foi estabelecida pela cultura da cana-de-açúcar, ainda no Brasil Colônia, e moldou sua sociedade. As transformações ocorridas nos Séculos XX e XXI modificaram não apenas a produção de cana-de-açúcar mas também as demais atividades produtivas existentes no território rural. Desenrola-se, neste território, uma série de intervenções estatais que visam à promoção das atividades agropecuárias e ao desenvolvimento de ramos da economia, como o industrial e o turístico. No que se refere às relações sociais de gênero na agricultura, é salientado o papel culturalmente atribuído à mulher como mãe e esposa; “responsabilizada” pelas

atividades domésticas, em contraste à ideia de simples “ajudante” nas atividades ditas produtivas, muitas vezes compreendidas como prolongamento das atividades domésticas. As mulheres produtoras rurais sempre trabalharam de forma intensa nas atividades agropecuárias. De acordo com alguns autores, o trabalho feminino possui características peculiares, entre elas: ser polivalente, e ter seu tempo adaptado segundo as necessidades do momento – inclusive, ultrapassando até mesmo a barreira da tradicional divisão sexual do trabalho.

Palavras-chave: Mulheres. Relações de gênero. Rural.

MINIBIOGRAFIAS:

Aryadne Castelo Branco Correia Lins e Eynat Kelly Heliodoro de Moraes: Graduandas em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Gênero, Raça, Meio Ambiente e Políticas Públicas/ GRAPP-UFPE.

Vitória Régia Fernandes Gehlen: Integrante da Associação Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. “Professora associada 3” da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Gênero, Raça, Meio Ambiente e Políticas Públicas/GRAPP-UFPE.

Relatos da disciplina de “Orientação Sexual” através do PIBID: O que os (as) jovens pensam sobre isso?

Mariana Martines Tozzi Moreira
Luan Fernando Schwinn Santos
Universidade Federal da Grande Dourados
À CAPES pelo apoio financeiro

Introdução

Este trabalho consiste em um relato de experiência sobre as aulas do módulo de Orientação Sexual - elaborado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - ministradas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) para o sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Floriano Viegas Machado de Dourados – MS. A disciplina foi dada em 7 aulas. Os (as) alunos (as) tinham de 10 a 13 anos de idade. As aulas eram expositivas-dialogadas, ou seja, consistiam em além da exposição do conteúdo, na discussão em sala de aula sobre os temas tratados. Durante as aulas uma das professoras era responsável por observar os (as) estudantes e tomar nota do que se passava em aula. Assim, através das observações realizadas em aula, pode-se realizar este trabalho. Deste modo, o trabalho visa mostrar as experiências, os resultados obtidos com a realização da disciplina e entender “o que os jovens pensam sobre isso?”.

Discussão

As aulas desenvolvidas tiveram como principal objetivo discutir alguns conceitos, tais como, a aceitação do corpo como ele é de fato em detrimento dos modismos utópicos de corpos perfeitos; relações e papéis de gênero; diversidade sexual e homossexualidade, possibilitando uma análise destes conceitos sob uma visão crítica e contrária aos padrões sociais.

Nessa perspectiva, foram realizadas diversas atividades e dinâmicas com os (as) estudantes a fim de descobrir o que estes pensam acerca destas questões. Dentre elas, cumpre destacar uma atividade realizada pelos (as) estudantes que consistiu na divisão da sala em grupos de meninos e meninas e na posterior enumeração das representações sociais masculinas e femininas de acordo com a visão dos(as) alunos(as). Vale dizer que devido o tempo de aulas reduzido, a discussão de gênero abrangendo as outras categorias não foi possível, por isso, optou-se por nesse primeiro momento se atentar apenas para a diferenciação de papéis entre as categorias de gênero masculino e feminino.

Nesta atividade pode ser observado que os (as) estudantes apresentaram opiniões bastante parecidas com as representações sociais de feminilidade e masculinidade veiculadas pelo senso comum, isto é, mostraram que suas opiniões acerca do que é ser homem e mulher estão enraizadas na cultura patriarcal que sustenta e legitima as desigualdades entre os gêneros, o que pode ser notado nas características elencadas por eles (as) como por exemplo “galinha”, “folgado”, “garanhão” relacionadas aos homens, ao passo que “parceira do homem”, “gravidez e menstruação como coisas essenciais para a mulher” e “bunda e peito” as características relacionadas às mulheres.

Após a finalização das atividades ao longo da disciplina foi feito um debate sobre os conceitos estudados e pode-se perceber que, apesar de apresentarem bastante resistência às novas opiniões, os (as) alunos (as) repensaram algumas questões, como por exemplo, “Porque nenhum menino tem algo rosa?”, “Porque só as mulheres querem casar?”, dentre outras.

Considerações Finais

A título de conclusão, cumpre dizer que o que os (as) jovens pensam sobre sexualidade está bastante ligado a cultura dominante da nossa sociedade, ou seja, a busca infinita pela beleza perfeita; a heteronormatividade; e a delimitação de papéis aos gêneros, sendo o homem com maior poder social que a mulher, etc. O que vale enfatizar é que a atuação na escola faz-se de extrema importância pois a educação é atualmente entendida como uma possibilidade de modificação das representações sociais vigentes, isto é, os (as) alunos (as) são vistos como sujeitos capazes de, através do conhecimento adquirido na escola, transformar a realidade.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed. Vozes. 6 ed. 1997.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Gender and the politics of history. Columbia University Press. New York, 1989.

Relatos da disciplina de “Orientação Sexual” através do PIBID: O que os (as) jovens pensam sobre isso?

AUTORIA: MARIANA MARTINES TOZZI MOREIRA
LUAN FERNANDO SCHIWINN SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. CRISTIANO DA SILVEIRA LONGO

RESUMO: O trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as aulas de “Orientação Sexual” que foram ministradas pelos autores, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), para jovens do ensino fundamental da rede pública de ensino em Dourados – MS. As aulas tinham como principal objetivo discutir, de maneira crítica, assuntos relacionados

ao tema proposto para as aulas, tais como, a desigualdade de gênero, homossexualidade, a obsessão por corpos perfeitos, dentre outros; e, dessa forma, gerar junto aos (às) estudantes, reflexões visando a entender, afinal, quando se trata de sexualidade: o que os (as) jovens pensam sobre isso?

Palavras-chave: Educação. Sexualidade. Jovens.

MINIBIOGRAFIA:

Mariana Martines Tozzi Moreira e Luan Fernando Schiwin Santos: Estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em Dourados, Mato Grosso do Sul. Bolsistas pela CAPES do PIBID, desenvolvendo, por meio deste projeto, pesquisas na área de educação, gênero e sexualidade.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Representações da mulher veiculadas no jornal impresso Folha do Norte do Paraná no período de 1962 a 1963

Amanda de Souza Ribeiro (IC, Fundação Araucária), Unespar/Fecilcam, amad.ribeiro@gmail.com
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (OR), Unespar/Fecilcam, crispataro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa faz parte de investigação mais ampla desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder com apoio do CNPq, e propõe a análise das edições do Jornal Folha do Norte do Paraná dos anos de 1962 a 1963. Busca-se verificar os valores, os comportamentos, as relações e os papéis de gênero que emergem da maneira pela qual as mulheres são representadas.

OBJETIVO

Investigar as representações da mulher veiculadas na imprensa ligada à igreja católica na região de Maringá, por meio da análise das edições do Jornal Folha do Norte do Paraná no período de 1962 a 1963.

METODOLOGIA

As edições referentes aos anos de 1962 e 1963, inicialmente sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa (CPDP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), foram digitalizadas e catalogadas pelo grupo de pesquisa *Cultura e Relações de Poder* em projetos anteriores. Possuímos para a realização de nossa investigação, arquivos eletrônicos em forma de fotos das edições do jornal Folha do Norte do Paraná, referentes aos anos em estudo, que foram ordenadas por data/ano.

Realizamos a tabulação do conteúdo das edições a partir da leitura de todo o jornal, procurando identificar e descrever todas as notícias, reportagens, propagandas, imagens e demais conteúdos que fizessem referência à mulher.

RESULTADOS

A análise das representações da mulher presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná foi realizada com base nas seguintes categorias:

A) Folha Feminina: trata-se de uma coluna destinada ao público feminino, onde são apresentadas matérias sobre culinária, maternidade, moda feminina, conselhos de beleza, conselhos domésticos e de comportamento para a mulher.

B) Religião: referente aos conteúdos que relacionavam as temáticas da mulher e da religião. Encontramos matérias onde são transmitidos modos de comportamento, de como uma mulher direita e religiosa deveria se comportar em sociedade.

C) Publicidade: contendo anúncios de produtos e/ou serviços com mulheres ou para mulheres. A mulher aparece aqui ligada a anúncios de utilidades domésticas e institutos de beleza.

D) Violência/conflitos: notícias onde a mulher aparecia em situações de conflito e violência. As matérias evidenciam ocorrência de brigas, assassinatos, prostituição, roubo.

E) Trabalho: conteúdos nos quais a mulher aparece relacionada ao âmbito do trabalho. Ela aparece geralmente como professora, mas encontramos mulher médica, escritora, colunista, etc.



Imagem 1 - Folha do Norte do Paraná (Folha Feminina), 19 de outubro de 1962



Imagem 2 - Folha do Norte do Paraná, Capa, 05 de Janeiro de 1963.



Imagem 3 - Folha do Norte do Paraná, 29 de Novembro de 1962.

CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que as representações da mulher veiculadas estavam ligadas a estereótipos que reforçam um modelo definido de comportamento que era passado às mulheres e à sociedade. Grande parte das representações veiculadas estava ligada à imagem da mulher como dona de casa, responsável por cuidar do lar, de seu marido e filhos, além de representações relacionadas à normatização do corpo da mulher. Embora o jornal seja considerado laico foi possível verificar a influência da religião nas representações veiculadas, inclusive em matérias redigidas por membros representantes da Igreja Católica.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez./2007.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. IN: AQUINO, Julio G. (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998, p.93-105.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MORENO, M. *Como se ensina a ser menina*. São Paulo: Moderna, 1999.

SASTRE, Genoveva et al. *Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SOUZA, Sandra Duarte (org.). *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feminista*. São Bernardo do Campo: UESP, 2006.

Representações da mulher veiculadas no Jornal Impresso Folha do Norte do Paraná no período de 1962 a 1963

AUTORIA: AMANDA DE SOUZA RIBEIRO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CRISTINA SATIÊ DE OLIVEIRA PÁTARO

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo identificar e analisar as representações da mulher veiculadas na mídia impressa católica na região de Maringá, no período de 1962 a 1963, por meio da análise do Jornal Folha do Norte do Paraná. Busca-se verificar os valores, os comportamentos, as relações e os papéis de gênero que emergem da maneira pela qual as mulheres são representadas. Parte-se do pressuposto de que as representações de gênero presentes na sociedade designam valores, visões de mundo e papéis sociais que influenciam os processos de educação e socialização voltados para os sujeitos. Os resultados demonstraram que as representações da mulher veiculadas estavam ligadas

a estereótipos que reforçavam um modelo definido de comportamento que era passado às mulheres e à sociedade. Grande parte das representações veiculadas estava ligada à imagem da mulher como dona de casa, responsável por cuidar do lar, de seu marido e seus filhos, além de representações relacionadas à normatização do corpo da mulher. Foi ainda possível verificar a influência da religião nas representações veiculadas, inclusive em matérias redigidas por membros representantes da Igreja Católica.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Imprensa. Mulher.

MINIBIOGRAFIAS:

Amanda de Souza Ribeiro: Graduada em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Campo Mourão/PR. Bolsista do PIC/Fundação Araucária.

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro: Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Campo Mourão/PR.

Representações do feminino na publicidade: de consumidora a consumida

Ana Paula de Souza Santos

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM);
bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a docência (PIBID),
financiado pela CAPES/CNPQ.

Orientação: Prof. Dra. Patrícia Lessa (DFE/UEM)

nós queremos dizer que os dias de "passividade" acabaram.

Descrição da pesquisa

Esta pesquisa tem o intuito de se aproximar das representações do que é "ser mulher" difundidas pelas propagandas de produtos direcionados diretamente à consumidora. Como objeto, tomamos programas ditos "femininos" veiculados em emissoras regionais abertas da cidade de Maringá. São eles Destaque, da Rede Massa – TV Tibagi, e Cristina Calixto, da Bandeirantes. Ambos vão ao ar pelo início da tarde e são apresentados por mulheres. Ademais, destinam-se principalmente a um público feminino.

Foram observadas as propagandas inseridas nestes programas, feitas pelas próprias apresentadoras. Estas muitas vezes se conduzem a uma mulher emancipada, que, independente e cheia de afazeres, busca praticidade em seu dia-a-dia. Contudo, esta praticidade em geral refere-se aos cuidados estéticos, que têm por objetivo final agradar a figura masculina. Ou seja, se promete a libertação feminina dos seus aprisionamentos cotidianos lançando-a enquanto objeto a ser consumido. Como exemplo, podemos ressaltar a fala da apresentadora Cristina Calixto, em que refere-se ao padrão estético de cabelos (os lisos) como sendo responsável pela felicidade da consumidora, "faça um alisamento pra baixar esse chulé, além do seu cabelo mais bonito, você mais feliz!"

Objetivos

Esta pesquisa visa reconhecer a quem a propaganda inserida em programas televisivos maringenses é direcionada, buscando assim investigar as representações do feminino na sociedade contemporânea, dadas através das falas publicitárias.

Representações sociais

O conceito de Representações Sociais encontra-se fundado, primeiramente, sobre o que Durkheim chama de "ideação coletiva". A definição, que por muito tempo mantém-se no esquecimento, é retomada e teorizada pelo psicólogo social Serge Moscovici, na década de 1960 (Jodelet, D. : 2002; Sêga, R. A. : 2000). Atualmente, a principal expoente sobre o tema, é a Professora Dra. Denise Jodelet, que apresenta a definição mais consensual entre os pesquisadores do campo, segundo Angela Arruda (2002).

São elas produto e processo da apropriação da realidade exterior ao pensamento do indivíduo, que por sua vez, constrói assim sua percepção do real. Este sistema orienta nossas percepções e julgamentos. Trata-se da capacidade de refratarmos o distante, o estranho, através da linguagem e da história do grupo ao qual pertencemos.

Representações Sociais se tornam, em suma, um sistema interpretativo que orienta nossa relação com o mundo e com os outros, subordinando nossas ações. A partir delas, nomeamos, definimos, explicamos, enfim, nos relacionamos com o objeto que antes nos era desconhecido. Seu intuito é, justamente, tornar o não-familiar, conhecido.

"Tecnologia japonesa valorizando a beleza brasileira"

"Você mais bonita de corpo inteiro!"

"É vestir e se sentir a própria Giovanna Antonelli, aquela mulher linda!"

"Alisamento para baixar esse chulé:
Além do seu cabelo mais bonito, você mais feliz!"

Publicidade – Campo profissional que trabalha com a propaganda, seja através da agência, do veículo, fornecedor ou produtora para divulgar a empresa anunciante.

Propaganda – Faz a divulgação de marcas e produtos, junto aos consumidores, através dos veículos de comunicação. (LESSA, 2002:97)

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. In: *Cadernos de pesquisa*. Campinas : nov. 2002. N.117, p. 127-147.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

LESSA, Patrícia. *Mulheres à venda: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors da cidade de Maringá*. Maringá: 2002.

* Arte por Elisa Riemer, artista plástica maringaense, direcionada à Marcha Nacional Contra a Mídia Machista.

Representações do feminino na publicidade: de consumidora a consumida

AUTORIA: ANA PAULA DE SOUZA SANTOS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PATRÍCIA LESSA DOS SANTOS

RESUMO: Este trabalho se dispõe ao tateamento da construção do feminino na produção publicitária, aqui entendida sob a forma de imagens e palavras. Para o seu desenvolvimento, é inerente a constatação da existência e da necessidade de análise da sublimariedade da propaganda e o real assujeitamento da mulher às suas representações (NAVARRO-SWAIN *apud* LESSA, 2012). Tomamos como alicerce a lógica de que a publicidade não necessariamente cria novos padrões comportamentais e estéticos. O que ela faz realmente é apropriar-se de estruturas e papéis já existentes e alimentá-los, produzindo desejos a partir de ligeiras ressignificações (CARVALHO *apud* LESSA, 2005). Desse modo, diante da composição ideal da mulher moderna,

a propaganda ora finca-se na promessa de libertação feminina de seus aprisionamentos cotidianos, tomando-a como consumidora, ora devolvem-na ao patamar de objeto possuído e submetido. O conteúdo a ser analisado serão anúncios veiculados em programas “femininos” maringenses, pertencentes a algumas afiliadas das maiores emissoras nacionais. Essa análise partirá de uma epistemologia que não se sujeite a Metanarrativas tradicionais e que se preocupe com a superação da hierarquização sexual dentro da produção de conhecimento, uma epistemologia tida como feminista.

Palavras-chave: Publicidade. Representações. Consumo. Sexismo. Objetivação.

MINIBIOGRAFIA:

Ana Paula de Souza Santos: Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES/CNPq.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



REPRESENTAÇÕES DA MULHER VEICULADAS NO JORNAL FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1964/1965)

, Gessica Aline Silva, (IC, CNPq), Unespar/campus de Campo Mourão, gessica58@hotmail.com

, Frank Antonio Mezzomo (OR), Unespar/campus de Campo Mourão, frankmezzomo@gmail.com

, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (CO-OR), Unespar/campus de Campo Mourão, crispataro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe a análise das representações da mulher presentes no jornal impresso vinculado à Igreja Católica da diocese de Maringá, no período de 1964 a 1965. Trata-se do Jornal Folha do Norte do Paraná, que esteve em circulação nas décadas de sessenta e setenta, abrangendo boa parte da região norte do Paraná. Parte-se do pressuposto de que as representações de gênero presentes na sociedade designam valores, visões de mundo e papéis sociais que influenciam os processos de educação e socialização voltados para os sujeitos.

OBJETIVO

Identificar as representações da mulher veiculadas no Jornal Folha do Norte do Paraná, partindo da análise das edições do jornal.

METODOLOGIA

O trato e a análise do material segue algumas etapas, a saber:

- Identificação e leitura dos materiais (notícias, imagens, anúncios, dentre outros) veiculados nas edições do Jornal que referenciam à mulher;
- Análise dos valores, comportamentos e papéis sociais subjacentes às representações da mulher, relacionando-os ao contexto histórico do período em questão.

Número da edição	Título do artigo	Data	Autoria	Assunto	Imagem	T+prévio	prévio controlado
2	05020848	02/01/1964	Sociedade	Frank Silva	ORGANIZAÇÕES	Índice dos eventos de 1964	nenhuma
4	05020849	02/01/1964	Supernatural	não possui	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964
4	05020849	02/01/1964	Supernatural	não possui	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964
4	05020849	02/01/1964	Supernatural	não possui	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964
3	05020841	02/01/1964	Case	Principal	não possui	Índice dos eventos de 1964	Índice dos eventos de 1964
2	05020842	02/01/1964	Religião	Instituto	Cooperativa	não possui	não possui

Imagem 3 - Tabela onde são levantados os dados extraídos das edições do jornal.

RESULTADOS

- Os noticiários, anúncios publicitários e notas relacionadas a conflitos e trabalho, expressam a presença cada vez mais constante da mulher em espaços predominantemente masculinos, mesmo que cercada de preconceitos.
- As colunas 'Folha Feminina' e 'Reconstruir o Mundo', que ratificam um discurso de reafirmação e fundamentação da mulher como esposa e mãe cristã, cercada pela missão de cuidar do lar e zelar pelo bem estar da família.



Imagens 1, 2 e 3: Jornal Folha do Norte do Paraná (12/01/1964; 01/05/1965; 30/05/1965).



Imagens 4, 5 e 6: Jornal Folha do Norte do Paraná (22/03/1964; 05/03/1964; 13/05/1964).

REFERÊNCIAS

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2 ed., São Paulo: Contexto 2008

SILVA, M. P.; FRANCO, G. Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2010.

Representações do gênero feminino veiculadas no Jornal Folha do Norte do Paraná (1964/1965)

AUTORIA: GESSICA ALINE SILVA

CRISTINA SATIÊ DE OLIVEIRA PÁTARO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. FRANK ANTONIO MEZZOMO

RESUMO: A pesquisa tem por objetivo analisar as representações da mulher presentes no jornal impresso vinculado à Igreja Católica da diocese de Maringá, no período de 1964 a 1965. Trata-se do Jornal Folha do Norte do Paraná, que esteve em circulação nas décadas de sessenta e setenta, abrangendo boa parte da região norte do Paraná. Para a pesquisa, as edições do jornal referentes ao período foram organizadas. Posteriormente, foi feita a leitura e identificação das matérias – editoriais, notícias, imagens, anúncios etc. – que traziam representações sobre a mulher. Foram extraídas informações das matérias como título, data, seção, resumo e descrição de imagens, quando houvesse. Finalmente, após conhecer as matérias veiculadas nos anos

de 1964 a 1965, foi possível sistematizar e analisar o conteúdo delas. Pode-se destacar que os noticiários, os anúncios publicitários, e as notas relacionadas a conflitos e trabalho expressam a presença cada vez mais constante da mulher em espaços predominantemente masculinos, mesmo que cercada de preconceitos. Vale também destacar as colunas “Folha Feminina” e “Reconstruir o Mundo”, uma vez que ratificam um discurso de reafirmação e fundamentação da mulher como esposa e mãe cristã, cercada pela missão de cuidar do lar e zelar pelo bem-estar da família.

Palavras-chave: Representação. Jornal. Mulher.

MINIBIOGRAFIA:

Gessica Aline Silva: Graduanda do Curso de História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão, e bolsista IC veiculada ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de poder. Desenvolve pesquisas sobre a representação das mulheres presente no jornal Folha do Norte do Paraná.

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro: Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação do Paraná, Campus de Campo Mourão/PR.



Representações Sociais e Gênero: reflexões acerca do pensamento social de internautas sobre a *Marcha das Vadias*

Caroline Gonçalves Nascimento*, Dra. Aline Accorssi**

*Acadêmica de Psicologia, Unilasalle; Bolsista de Iniciação Científica no GP Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento; **Orientadora; Professora no Mestrado de Memória Social e Bens Culturais, Unilasalle; Contato: carolinenascimento@yahoo.com.br

OBJETIVO

Identificar e compreender as representações sociais da *Marcha das Vadias* expressadas a partir dos comentários de internautas às reportagens digitais que fizeram a cobertura do movimento no Brasil em 2012.

METODOLOGIA

Para a construção do *corpus*, elegemos quatro matérias sobre a *Marcha* em um importante portal de conteúdos variados, sendo que o material selecionado para análise foram 500 comentários de internautas referentes a tais matérias.



Fig. 1

Para a organização do material e análise dos dados, nos baseamos na Hermenêutica de Profundidade de John Thompson que enfatiza, sobretudo, o processo interpretativo e crítico frente à propagação de formas simbólicas ideológicas no campo midiático.



Fig. 2

INTERPRETAÇÕES E REINTERPRETAÇÕES

As RS da *Marcha* giram em torno de dois campos. Por um lado, há uma minoria, normalmente identificada como mulheres, que a associam a uma forma de expressão da possibilidade de mudança social através de um ativismo político irreverente e ousado, e, de outro, uma maioria, identificada principalmente como homens, que tomam as expressões dos corpos como atitudes vulgares e despropositadas, agindo no sentido oposto ao das reivindicações.

Também ganha destaque o número expressivo de comentários ofensivos e agressivos voltados às participantes e ao movimento. Tais dados tem nos levado a refletir sobre a repetição dos papéis sociais que as mulheres ainda ocupam na sociedade e as normativas morais que impõem formas aceitáveis de ser e agir ao cotidiano feminino.



Fig. 3

REFERÊNCIAS

- BAUER, M.; GASKELL, G. (2000). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
GUARESCHI, P. (2005). *Psicologia Social Crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
GUARESCHI, P. et al. (1999) *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.
JOVCHELOVITCH, S. (2008). *Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.
MOSCOVICI, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
THOMPSON, J. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

IMAGENS:

Fig. 1 - Disponível em: <http://www.ocupasalvador.org/marcha-das-vadias-proximo-sabado-as-13h-na-praca-da-piedade/>

Fig. 2 - Disponível em: <http://portaldaclube.com/marcha-das-vadias-em-teresina-discute-a-igualdade-e-o-respeito-a-mulher.html>

Fig. 3 - Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/category/sem-categoria/>

Acesso em: out. 2012.

Representações Sociais e Gênero: reflexões acerca do pensamento social de internautas sobre a *Marcha das Vadias*

AUTORIA: CAROLINE GONÇALVES NASCIMENTO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. ALINE ACCORSSI

RESUMO: Ainda que a Marcha das Vadias tenha surgido em 2011 no Canadá, foi em 2012 que ela ganhou visibilidade nas ruas e na mídia brasileira, em especial em *sites* de notícias e nas redes sociais. Expressão de movimentos feministas contemporâneos, a Marcha procura denunciar a violência contra as mulheres e lutar pela igualdade de gênero nos diferentes espaços sociais. Mesmo que sejam reivindicações aparentemente aceitas socialmente, tal movimento tem se defrontado com inúmeros preconceitos e resistências. A internet, neste sentido, tem servido como suporte midiático de propagação e debate em torno de tal temática. O presente artigo, portanto, pretende identificar e compreender a representação social da Marcha das Vadias expressada a partir dos comentários de

internautas às reportagens digitais que fizeram a cobertura do movimento no Brasil no presente ano. Para isso, foram captadas quatro matérias sobre a Marcha, do período de março a junho, em um importante portal de conteúdos variados. O material selecionado para análise é composto por 500 comentários de internautas referentes a tais matérias. Para a organização do material e a análise dos dados, este estudo baseou-se na *Hermenêutica de Profundidade* de John Thompson que enfatiza, sobretudo, o processo interpretativo e crítico frente à propagação de formas simbólicas ideológicas no campo midiático.

Palavras-chave: Marcha das Vadias. Feminismos. Teoria das Representações Sociais.

MINIBIOGRAFIA:

Caroline Gonçalves Nascimento: Graduanda do Curso de Psicologia no Centro Universitário La Salle (Unilasalle-RS) em Canoas/RS. Bolsista IC do Projeto Possibilidades e limites no rompimento do ciclo de violência contra mulheres: uma análise a partir dos Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Porto Alegre e região metropolitana, financiado pelo CNPq.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



SAÚDE DO HOMEM: UM DESAFIO A SER VENCIDO

Autora/es: Bruno Coimbra Queiroz
Débora Clarkson
Lucas Monteiro Gomes
Prof. Orientador: Sérgio Aboud

Introdução

Este trabalho apresenta um dos resultados da pesquisa desenvolvida no Programa PRP/PET UFF/FMS de Niterói (RJ).

É observado que a inserção de indivíduos do sexo masculino nos serviços de saúde tem sido um grande desafio para as políticas públicas. Esta realidade é ainda mais evidente quando se trata da atenção primária, pois muitos homens não reconhecem a necessidade e a importância da prevenção de doenças.

Objetivos

Avaliar o estado nutricional de idosos (>60 anos) de ambos os sexos, cadastrados no programa Hipertensão e diabetes mellitus) da Policlínica Regional Dr. Guilherme Taylor March, situada no município de Niterói/RJ.

Metodologia

Os dados foram coletados de diagnósticos prescritos por nutricionistas em pacientes que realizaram 1 ou mais consultas nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2012. A amostra contou com 109 indivíduos sendo 81 do sexo feminino (74,4%) e 28 do sexo masculino (25,6%).

Desenvolvimento

Observou-se aproximadamente 3 vezes mais a presença de usuárias do sexo feminino do que o sexo masculino.

Em consideração ao estado nutricional observou-se um maior índice de baixo peso em homens (14,2%) quando comparado com as mulheres (9,8%), no entanto a amostra revelou um maior percentual de peso adequado entre os homens.

Considerações

Neste cenário o homem é mais vulnerável especialmente se vive sozinho, uma vez que a cultura do cuidado sempre fez parte do universo feminino. Enquanto a mulher aprendeu a cuidar de si, dos filhos, maridos, pais, etc, o mesmo não ocorreu com os homens que ou se descuidavam por completo, ou eram cuidados por suas mulheres (esposas, mães, filhas, etc)

Referenciais Bibliográficos

BRASIL. **Política nacional de atenção Integral à Saúde do Homem**. Brasília: MS, 2008. Disponível em:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/politica_nacional_homem.pdf. Acesso em 10/05/2013

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 159 p.

TOSCANO, Cristiana M. **As campanhas nacionais para detecção das doenças crônicas não-transmissíveis: diabetes e hipertensão arterial**. Disponível em

<http://www.scielo.org/pdf/csc/v9n4/a10v9n4.pdf>



Saúde do homem: um desafio a ser vencido

AUTORIA: BRUNO COIMBRA QUEIROZ

DÉBORA CLARKSON

LUCAS MONTEIRO GOMES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. SÉRGIO ABOUD

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo avaliar o estado nutricional de idosos (>60 anos) de ambos os sexos, cadastrados no programa Hiperdia (hipertensão e diabetes mellitus) da Policlínica Dr. Guilherme March, situada no município de Niterói/RJ. Os dados foram coletados nos prontuários dos pacientes que realizaram uma ou mais consultas nos meses de janeiro e fevereiro de 2013. A amostra contou com 109 indivíduos, sendo 81 mulheres e 28 homens. A inserção de pacientes homens nos serviços de saúde tem sido um grande desafio para as políticas públicas. Esta realidade é ainda mais evidente na atenção primária, pois muitos homens não reconhecem a necessidade e a importância da

prevenção de doenças. Nossa experiência mostra que não há diferença significativa na prevalência e incidência da hipertensão arterial e da diabetes mellitus no que se refere à questão de gênero. No entanto, após o levantamento dos dados coletados, observou-se uma maior presença de usuáries do sexo feminino em aproximadamente três vezes mais que o número de usuários do sexo masculino. Além de alguns teóricos da área de saúde, usamos Bourdieu como referencial teórico.

Palavras-chave: Masculinidade. Saúde do Homem. Hiperdia.

MINIBIOGRAFIAS:

Bruno Coimbra Queiróz e Débora Clarkson: Estudantes do oitavo período do Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsistas pesquisadores do Projeto Pro/PET-Saúde do Ministério da Saúde.

Lucas Monteiro Gomes: Aluno do oitavo período do Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista pesquisador do Projeto Pro/PET-Saúde do Ministério da Saúde, e monitor em uma disciplina do Curso de Educação (UFF).



NÚCLEO

DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO
E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA UFSC/CNPq

Sobre Veteranas e Fisiculturistas : notas acerca de um estudo sobre mulheres praticantes de *bodybuilding*

Autores: Acad. Amanda Mello Andrade de Araújo (PIBIC/CNPq)
salutamanda@hotmail.com

Pr. Dr. Jaison José Bassani (DEF/CDS/UFSC)
jaisonbassani@uol.com.br

Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade
Contemporânea

Para muitas mulheres, impregnar-se de músculos parece ter se tornado o mais novo artifício a agregar-se aos rituais de embelezamento, constituindo a possibilidade de emergência de novos imaginários sociais de beleza feminina. No presente estudo, que investigou a relação entre a prática de modificação corporal e a construção identitária em mulheres praticantes de *bodybuilding* na cidade de Brasília, entrevistamos sete mulheres com idade entre 21 e 44 anos, sendo seis delas atletas de fisiculturismo e uma não atleta, denominada de “veterana”. Nossos resultados revelam que as modificações extremas do corpo, tanto no caso das atletas quando no da veterana, são resultado de uma tentativa de fazer da aparência um importante descritor de si. Por outro lado, encontramos diferenças, para além do volume muscular, nos modos como ambos os tipos se relacionam com a musculação enquanto prática de modelação corporal. Enquanto que para a veterana a frequência à academia e o treinamento muscular intenso estão relacionados à “socialidade” e à tentativa de aproximar-se aos padrões vigentes de corpo feminino, no caso das fisiculturistas, o que parece estar em jogo é a construção de uma “competência esportiva” e profissional.

Palavras-chave: corpo, *bodybuilding*, mulheres fisiculturistas

Sobre veteranas e fisiculturistas: notas de um estudo sobre mulheres praticantes de *bodybuilding*

AUTORIA: AMANDA MELLO A. DE ARAÚJO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. JAISON JOSÉ BASSANI

RESUMO: Para muitas mulheres, impregnar-se de músculos parece ter se tornado o mais novo artifício a agregar-se aos rituais de embelezamento, constituindo a possibilidade de emergência de novos imaginários sociais de beleza feminina. No presente estudo, que investigou a relação entre a prática de modificação corporal e a construção identitária em mulheres praticantes de *bodybuilding* na cidade de Brasília/DF, entrevistamos sete mulheres com idade entre 21 e 44 anos, sendo seis delas atletas de fisiculturismo e uma não atleta, denominada de “veterana”. Nossos resultados revelam que as modificações extremas do corpo, tanto no caso das atletas quando no da veterana, decorrem de

uma tentativa de fazer da aparência um importante descritor de si. Por outro lado, encontramos diferenças, para além do volume muscular, nos modos como ambos os tipos se relacionam com a musculação enquanto prática de modelação corporal. Enquanto que para a veterana a frequência à academia e o treinamento muscular intenso estão relacionados à “sociabilidade” e à tentativa de aproximar-se aos padrões vigentes de corpo feminino, no caso das fisiculturistas o que parece estar “em jogo” é a construção de uma “competência esportiva” e profissional.

Palavras-chave: Corpo. *Bodybuilding*. Mulheres fisiculturistas.

MINIBIOGRAFIA:

Amanda Mello A. de Araújo: Graduada em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, cursa mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação (UFSC).



Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Educação

TEATRO COMO MEIO PEDAGÓGICO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

CASTRO, Iara Cássia de¹; BEVILACQUA, Paula Dias²;

Estudante de Pedagogia e bolsista no NIEG/UFV (1); Professora associada DVT/UFV (2);

CONTEXTUALIZAÇÃO

O teatro, mais do que uma metodologia participativa, pode ser utilizado como meio pedagógico ao trazer a representação do espaço doméstico, do privado e das relações de dominação masculina, que ficam invisíveis aos olhares desatentos, naturalizados. Em 2012, o grupo de Teatro Policultura iniciou suas atividades a partir de demandas das atividades do Programa de Extensão Casa das Mulheres (PROEXT/UFV), atuando com a rede não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher no município de Viçosa-MG. A peça encenada retrata, anonimamente, histórias de mulheres que passaram pelo atendimento na rede protetiva, buscando evidenciar os tipos de violência tratados na Lei Maria da Penha. As cenas seguem uma ordem cronológica onde, com o passar do tempo, a violência se repete e se acentua, contribuindo para a evidência do ciclo da violência.

OBJETIVO

O objetivo do grupo de teatro é desnaturalizar a violência contra as mulheres e evidenciar as desigualdades de gênero. Com a peça “Todo dia de mulher” o grupo ressalta os direitos das mulheres em situação de violência, demonstrando a importância da construção de redes protetivas e como estas podem ser construídas nos municípios, a partir de articulações com as instituições locais.

METODOLOGIA

São realizadas apresentações nas instituições parceiras da rede, em escolas, ruas, feiras e demais locais públicos. A apresentação é seguida por um debate sobre a violência contra as mulheres, em que é questionado os comportamentos naturalizados de homens e mulheres, evidenciando como a divisão desigual entre os sexos causa as relações de gênero e assim as de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro é um importante instrumento de mobilização popular, principalmente no trabalho de formação com temas mais complexos, como a violência contra as mulheres, em que envolve a desconstrução de valores e comportamentos naturalizados em nossa sociedade, ainda patriarcal. No teatro é facilitada a visualização das violências, pois são criadas relações de empatia entre os sujeitos, percebidas em choros, risadas e “cochichos” durante a peça. Ao final das apresentações mulheres procuram os atores da peça para partilharem suas vivências de violência. Tendo em vista a continuidade das atividades teatrais o grupo tem construído esquetes e iniciado estudos e treinamentos sobre o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, para se especializarem mais nas técnicas teatrais e no fazer político do teatro.

Fotos das apresentações da peça “Todo dia de Mulher”



Membros do grupo



Apresentação na Feira Livre



Apresentação na praça central de Viçosa



Apresentação em uma escola



Apresentação em uma igreja

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.
- BOAL, A. *Jogos para atores e não atores*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1998.
- SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

AGRADECIMENTOS

PROEXT/MEC



Teatro como meio pedagógico no enfrentamento da violência contra as mulheres

AUTORIA: IARA CÁSSIA DE CASTRO
PAULA DIAS BEVILACQUA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. PAULA DIAS BEVILACQUA

RESUMO: O teatro, mais do que uma metodologia participativa, pode ser utilizado como meio pedagógico ao trazer a representação do espaço doméstico, do privado e das relações de dominação masculina, que ficam invisíveis aos olhares desatentos, naturalizados. Em 2012, o grupo de Teatro Policultura iniciou suas atividades a partir de demandas das atividades do Programa Casa das Mulheres, que atua na rede não especializada de enfrentamento da violência contra a mulher no município de Viçosa-MG. O teatro surgiu como instrumento educativo e de mobilização popular nas atividades da Casa das Mulheres na Comarca de Viçosa. A peça encenada retrata, anonimamente, histórias de mulheres que passaram pelo atendimento na

rede protetiva, buscando evidenciar os tipos de violência tratados na Lei Maria da Penha. As cenas seguem uma ordem cronológica. E, com o passar do tempo, a violência se repete e se acentua, contribuindo para a evidenciação do ciclo da violência. A percepção do ciclo auxilia a desconstrução de comportamentos e discursos que julgam a mulher como passiva ou conivente com a situação de violência, demonstrando que a violência é um fenômeno de imensa complexidade, requerendo análise a partir de diferentes perspectivas e que incorporem conceitos de gênero e patriarcado.

Palavras-chave: Teatro. Violência. Mulheres.

MINIBIOGRAFIAS:

Iara Cássia de Castro: Estudante de Pedagogia e bolsista do PROEXT/MEC no NIEG/UFV.

Paula Dias Bevilacqua: DS-Epidemiologia. Professora Associada-DVT/UFV.



Universidade Federal
de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Trabalho feminino nas colônias alemãs da África

Ana Carolina Schweitzer - Bolsista PIBIC/CNPq - UFSC (carol_schweitzer@hotmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa – UFSC (silvio.correa@cnpq.pq.br)

O presente trabalho faz parte de um projeto intitulado “Mulheres Brancas na África Negra” sob a orientação do professor doutor Sílvio Marcus de Souza Correa (UFSC) e se insere numa perspectiva historiográfica que articula as relações de gênero com outras questões – como classe e “raça” – para o estudo do colonialismo em África, notadamente em territórios sob domínio alemão.

O colonialismo alemão na África teve duração de três décadas (1884 -1914). Neste breve período, a Liga Feminina (*Frauenbund*) da Sociedade de Colonização Alemã foi uma das principais organizações empenhadas com a migração de mulheres brancas para a África.



Revista *Kolonie und Heimat*, Ano IV, n.47, 1911.

A Revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* era um meio de comunicação impresso da Liga Feminina e compartilhava certos ideais pangermanistas da Sociedade de Colonização Alemã. Nas últimas páginas da revista, encontram-se anúncios de mulheres alemãs. Oferecia-se uma série de serviços femininos, também oferta de vagas de emprego destinadas às alemãs. Ainda nesta revista, têm-se numerosas fotografias das colônias alemãs com destaque para as mulheres alemãs e africanas exercendo vários trabalhos na incipiente sociedade colonial.

Em termos metodológicos, a pesquisa teve por base empírica fontes hemerográficas e iconográficas, além de relatos e memórias de mulheres. A análise dessas fontes, sobretudo dos anúncios e das fotografias, permite observar um conjunto de atividades femininas compartilhadas por mulheres adventícias e nativas. Alguns espaços do trabalho feminino eram compartilhados entre mulheres alemãs e africanas, além de eventuais mulheres bóeres.

O convívio entre elas não anulava necessariamente certas distâncias sociais, bem como idiosincrasias culturais entre elas. No mundo do trabalho, havia uma relação assimétrica entre mulheres europeias e africanas; porém, em alguns casos, as primeiras dependiam das segundas.

Entre outras atividades, as mulheres alemãs trabalhavam como professoras, governantas, secretárias, enfermeiras, proprietárias ou ajudantes no pequeno comércio no meio urbano ou como proprietárias ou donas de casa em fazendas no meio rural.

Cozinheiras e babás nativas faziam parte do cotidiano das mulheres brancas e tal presença reconfigurava as relações de poder no espaço doméstico.



Revista *Kolonie und Heimat*, Ano IV, n. 36, 1911.



Revista *Kolonie und Heimat*, Ano IV, n. 29, 1911.

O trabalho feminino nas colônias alemãs da África (re)produziu relações de dependência entre africanas e alemãs. Essas dependências ajudam a entender como as relações de poder são “constelações dispersas de relações desiguais” (Joan Scott, 1995).

Em termos pedagógicos, houve um esforço da Liga Feminina em suprir as colônias de mulheres alemãs para se ocuparem da futura geração nos trópicos e garantir o processo de “germanização” das crianças e, ao mesmo tempo, reduzir a tendência à “cafrilização”. Entre outros fatores, a invenção e o culto da branqueira (McClintock, 2012), a racialização da feminilidade (Todzi, 2008) e o *habitus* da domesticidade para as mulheres (Reagin, 2006) serviram de suporte ideológico ao projeto colonial da Alemanha do II Reich.



Jardim de infância em Swakopmund. Koloniales Bildarchiv, Frankfurt., Bildnummer 041-0242-45

Como resultados parciais, pode-se destacar o seguinte: no discurso da Liga Feminina e veiculado em sua revista há uma projeção idealizada das mulheres alemãs. A Liga feminina lidava com mulheres alemãs de diferentes segmentos sociais. Se havia mulheres da burguesia e mesmo da nobreza entre as dirigentes e sócias beneméritas da Liga, as que eram enviadas para a África tinham, geralmente, origem pequeno-burguesa, operária ou camponesa.

Apesar disso, as alemãs foram representadas como portadoras da cultura (*Kulturträgerin*), responsáveis pela transmissão e manutenção do Germanismo (*Deutschtum*) nas colônias africanas. Sendo também o seu trabalho feminino um dos principais meios de reprodução de relações coloniais entre alemã(e)s e africano(a)s. Mesmo quando as alemãs dividem o espaço doméstico com as mulheres africanas, prevalece uma clivagem nas relações de trabalho. Articulada com a questão de gênero, tem-se ainda a dimensão social e racial nos trabalhos das mulheres.

Stellen-Gesuche

Junges 17jähr. Mädchen gebildet u. tatkräftig, sucht für später leichte Stelle als Kinderfräulein (Fröbel) od. zur Gesellschaft bei vollständigem Familienanschluss in deutscher Kolonie, am liebsten Darressalam, wenn möglich Reise mit der Herrschaft. Gefl. Off. unt. „Kolonie“ an Postamt 23, Dresden postl.

Anúncio de uma jovem de 17 anos, com formação e disposição, para cuidar de crianças em casa de família numa colônia alemã, com preferência em Dar es Salaam, na então África Oriental Alemã. Revista *Kolonie und Heimat*, Ano IV, n. 50, 1911.

BECHHAUS-GERST, Marianne. *Mediethild LEUTNER (Hg.) Frauen in den deutschen Kolonien*. Berlin: Ch. Links, 2009.
MAMOZAI, Matha. *Schwarze Frau, weiße Herrin. Frauenleben in den deutschen Kolonien*. Reinbek bei Hamburg 1989.
MCCLINTOCK, Anne. *Come Imperial! Race, gênero e sexualidade no âmbito colonial*. São Paulo: Unicamp, 2010. 600 p.
REAGIN, Nancy R. *Sweeping the German Nation: Domesticity and National Identity in Germany, 1870-1945*. New York: Cambridge University Press, 2007.
SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, 20(2), jul-dez, 1995, pp. 71-99
SMIDT, Karen. *„Germania führt die deutsche Frau nach Südwest“: Auswanderung, Leben und soziale Konflikte deutscher Frauen in der ehemaligen Kolonie Deutsch-Südwestafrika 1884-1920*. Eine sozial- und frauengeschichtliche Studie, Phil. Diss., Magdeburg, 1997.
TODZI, Kim Sebastian. *Rassifizierte Weiblichkeit. Der „Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft“ zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung*. Universität Hamburg, 2008.

CNPq

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

LEHaf

Laboratório de Estudos de História da África

Trabalho feminino nas colônias alemãs da África: uma questão de gênero, classe e raça

AUTORIA: ANA CAROLINA SCHVEITZER

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. DR. SÍLVIO MARCUS DE SOUZA CORREA

RESUMO: No final do século XIX, o imperialismo ampliou o domínio de alguns países europeus sobre o continente africano. Entre eles, a Alemanha logrou ter colônias entre 1884 e 1914. A Sociedade de Colonização Alemã foi uma das principais instituições que se empenhou para a construção de uma sociedade colonial branca e germânica na África. Também a sua Liga Feminina teve papel importante, notadamente ao se mobilizar para o envio de mulheres brancas para as colônias africanas. Nestas colônias, as mulheres alemãs trabalhavam, entre outras atividades, como professoras, governantas,

secretárias, enfermeiras e domésticas em casas, no meio urbano, ou em fazendas, no meio rural. Os espaços do trabalho feminino eram compartilhados entre mulheres alemãs e africanas, além de eventuais mulheres bôeres; entretanto, o convívio entre elas não as deixava necessariamente próximas umas das outras. Este trabalho apresenta uma análise do trabalho feminino nas colônias alemãs, relacionando gênero, raça e classe social.

Palavras-chave: Trabalho. Colonialismo alemão. Gênero.

MINIBIOGRAFIA:

Ana Carolina Schweitzer: Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), participa do Laboratório de Estudos de História da África (LEHAf), e desenvolve pesquisas sobre a experiência de mulheres durante o colonialismo alemão na África, abordando a escrita de si e o uso de fotografias como fonte histórica.

Um estudo sobre igualdade de gênero e casamento homoafetivo na sociedade e na Igreja Luterana na Suécia

Fazendo Gênero 10
Desafios Atuais dos Feminismos



KOHL, Tatiani Müller
Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas
tatianimuller@gmail.com

ALTMANN, Lori. (orientadora)
Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. lori.altmann@yahoo.com



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda questões sobre a igualdade de gênero dentro da sociedade e da religião na Suécia, mostrando essas relações na teoria e na prática. A Suécia considera-se um país igualitário na sociedade e na religião luterana, na qual 68% da população pertence a esta instituição religiosa. As pessoas entrevistadas colocam que na teoria o país é igualitário, tanto na sociedade, quando na religião, onde homem e mulher são vistos da mesma forma, mas que na prática ainda há algumas diferenças.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico para este trabalho se deu através da observação participante, dentro da sociedade e do meio religioso na Suécia, no período de março a maio de 2012, através do intercâmbio Jovens na Igreja Mundial. Houve também uma interlocução posterior com algumas pessoas via internet, no período de janeiro a fevereiro de 2013.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

❖ Igualdade de gênero

Durante minha estadia na Suécia, muitas vezes foi falado sobre a igualdade de gênero no país. Um dos entrevistados explica que na Suécia não há papéis específicos masculinos e femininos ou atividades e funções determinadas, considerando-se uma sociedade igualitária.

❖ Paternidade

Rosaldo e Lamphere discutem a igualdade de gênero, dizendo que "talvez as sociedades mais igualitárias sejam aquelas nas quais as esferas pública e doméstica são fragilmente diferenciadas, onde nenhum dos sexos reivindica muita autoridade e onde o enfoque da própria vida social seja o lar" (1979, p.53). Na sociedade sueca percebe-se que há elementos que levam para essa igualdade entre homens e mulheres e que há responsabilidades que visam à presença de ambos os sexos, como no caso do cuidado dos filhos, onde para o pai torna-se obrigatória a licença paternidade durante 4 meses, para cuidar e participar da vida da criança.

❖ Gênero neutro

Em Estocolmo, capital da Suécia, a pré-escola *Nicolaigården*, aderiu a eliminação dos papéis de gênero, evitando o uso dos pronomes ele ou ela. "O gênero neutro é parte de um movimento maior de busca por igualdade na Suécia" e "a escola diz combater não o gênero biológico, mas o cultural" (Folha de S. Paulo, 2012).

❖ Ordenação de mulheres na Igreja Luterana

A ordenação de mulheres na Igreja sueca foi admitida em 1958 e essa decisão só se deu pela "crença teológica de que todos - independentemente de sexo - seriam capaz de realizar todos os serviços na igreja. Ou como um dos defensores da reforma escreveu, não somos seres essencialmente sexuais, mas nascido cidadãos do reino de Deus", segundo o site oficial da igreja Sueca.

❖ Casamento homoafetivo

O casamento homoafetivo é realizado no país desde 1995 pelo estado civil e desde 2009 no religioso, sendo discutido desde 1970 dentro da Igreja Sueca.

Uma das pastoras entrevistadas diz que: "Em 2009 a Igreja Sueca tomou a decisão que ambos os casais, hetero e homossexuais poderiam se casar na Igreja sueca. Esta decisão foi tomada depois de uma discussão muito longa e muitas pesquisas. Havia definitivamente muitos argumentos e alguns conflitos dentro da Igreja antes da decisão. Houve até pessoas que abandonaram a Igreja Sueca por causa dessa decisão. Mas para a Igreja Sueca, a decisão de permitir que casais do mesmo sexo se casassem foi muito importante. Nós acreditamos que todo bom e verdadeiro amor, em última análise vem de Deus, e que este amor existe em casais tanto de sexos diferentes como do mesmo sexo. Portanto, o sexo/gênero do casal é irrelevante. Para mim, não é nada estranho que a Igreja Sueca tenha decidido casar casais homossexuais. Eu não acredito que as coisas que aumentam a quantidade de amor no mundo seja ruim, eu acredito que é maravilhoso e não deve ser interrompido, mas deve ser apoiada e aceita. Estou orgulhosa e feliz por pertencer a uma Igreja que tem tido essa postura para a igualdade e amor de todos".

CONCLUSÃO

Percebe-se que a Suécia é um país que busca a igualdade de gênero em sua sociedade e também no meio religioso. Mesmo que essa igualdade ainda seja um pouco diferente na prática do país, nota-se que o país é sim um país igualitário e que busca ainda mais igualdade. Acredito que várias práticas aplicadas no âmbito social e religioso desse país, nos sirvam como exemplos e sendo o gênero uma construção social, devemos lutar para que isto seja quebrado e assim buscar uma sociedade mais igualitária entre os sexos. Percebe-se que a Suécia vem discutindo as questões de gênero há bastante tempo e acredito que ela esteja um passo a frente na luta pela igualdade de gênero e pelos direitos da união homoafetiva.

REFERÊNCIAS

- FOLHA DE S. PAULO. **Pré-escola na Suécia estimula igualdade de gênero.** Folha UOL, São Paulo, 26 de nov. de 2012. Acessado em 14 de mar. de 2013. Online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1190527-pre-escola-na-suecia-estimula-igualdade-de-genero.shtml>
- HEILBORN, Maria Luiza. "De que gênero estamos falando?" In: *Sexualidade, Gênero e Sociedade* ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, V.16, n. 2. Porto Alegre, 1990.
- SVENSKA KYRKAN. **Ordenação de mulheres.** Acessado em 14 de mar. de 2013. Online. Disponível em: <http://www.svenskakyrkan.se/>

Um estudo sobre igualdade de gênero e casamento homoafetivo na sociedade e na Igreja Luterana na Suécia

AUTORIA: TATIANI MÜLLER KOHLS

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. LORI ALTMANN

RESUMO: Esta pesquisa aborda questões sobre a igualdade de gênero dentro da sociedade e da religião na Suécia, mostrando essas relações na teoria e na prática. A Suécia considera-se um país igualitário na sociedade e na religião luterana, e 68% da população pertence a esta instituição religiosa. As pessoas entrevistadas colocam que na teoria o país é igualitário, tanto na sociedade quando na religião homem e mulher são vistos da mesma forma, mas que na prática ainda há algumas diferenças. Na pesquisa, ainda apresento algumas discussões em torno da paternidade, a qual é obrigatória no país, e sobre o gênero neutro utilizado dentro da sociedade e na Igreja Sueca, visto que tentam quebrar as diferenças culturais dos gêneros. Sobre o

casamento homoafetivo, a maior parte dos entrevistados o apoia, dizendo que, se há amor entre as pessoas, a união entre elas deve ser então aceita e respeitada. A Suécia é um país que busca a igualdade de gênero em sua sociedade e também no meio religioso, trazendo discussões e debates em torno de questões polêmicas como o casamento homoafetivo e a criação de um gênero neutro. Mesmo que essa igualdade ainda seja um pouco diferente na prática do país, percebe-se claramente que a Suécia pode ser considerada como um país igualitário e busca ainda mais igualdade de gênero.

Palavras-chave: Igualdade. Gênero. Sociedade. Religião. Suécia.

MINIBIOGRAFIA:

Tatiani Müller Kohls: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente é aluna do curso de Pós-Graduação em Antropologia, nível de mestrado, pela mesma universidade, na qual desenvolve pesquisas de gênero, teoria feminista, homossexualidade e religiosidades.



UFSC



Um outro olhar sobre a Novembrada: a resistência através da atuação das mulheres no movimento estudantil.

Lidia Schneider Bristot – PIBIC/CNPq lidiabristot@gmail.com
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff – CNPq
cristiwolff@gmail.com

Introdução

Essa pesquisa é resultado de minha participação como bolsista de Iniciação Científica no projeto “O gênero da resistência: na luta contra as ditaduras militares no Cone Sul 1964-1989”. O projeto visa analisar como as relações e representações de gênero atuam na constituição dos sujeitos no contexto da resistência contra as Ditaduras Militares nas décadas de 1960 a 1980, nos países do Cone Sul. Minha pesquisa se insere nesse contexto ao analisar a participação das mulheres no movimento estudantil da UFSC no final da década de 1970, em um momento em que esse movimento se fortalecia e organizou o mais conhecido protesto ocorrido na capital catarinense durante a Ditadura, mais tarde chamado de Novembrada.

Metodologia

Como metodologia foi utilizada a História Oral e o gênero como categoria de análise. Através de diversas entrevistas realizadas busco compreender como se deu a entrada dessas mulheres no movimento estudantil e como elas se perceberam enquanto sujeitos ativos desse movimento. Também utilizo fontes periódicas, onde procuro perceber como esse movimento estudantil e as mulheres que nele estavam foram retratadas.

Novembrada: o movimento estudantil e a participação das mulheres

A Novembrada foi um evento simbólico para a cidade de Florianópolis, sendo lembrada como o momento de resistência ao regime. Com a visita do presidente Figueiredo à cidade, em 1979, foi o movimento estudantil da UFSC, através da recém eleita chapa Unidade, que organizou a manifestação, apesar de que ela só tenha tido sucesso pelo apoio que recebeu da população.

A década de 1970 assistiu a um grande aumento das mulheres nas universidades, inclusive em cursos considerados masculinos. Isso também ocorreu na UFSC, e se reflete na presença destas estudantes no movimento estudantil. Como rememora Marize, uma das entrevistadas, apesar do presidente do DCE ser um homem, (Adolfo Dias), “*A equipe de trabalho dele, quem segurava a estrutura, eram as mulheres.*”. É também importante perceber como o acesso ao ensino superior foi porta de entrada da maioria dessas mulheres para a vida política, e como muitas delas, a partir dessa experiência, continuaram suas vidas fora do movimento estudantil com outras militâncias.

As relações de gênero são perceptíveis nas falas das entrevistadas, que apesar de afirmarem não sentirem nenhum preconceito no movimento estudantil, frisam o quanto se esforçavam para que as discussões acontecessem de igual para igual. Como relata Thais:

“Sim, [havia muitas mulheres no DCE]! (...) a gente tinha uma discussão muito de igual mesmo para com os homens. Mas eu vou te dizer, eu tenho certeza que isso também era pela propriedade dos argumentos, sem dúvida. Porque eu acho que aí é que se igualam os gêneros. As dificuldades que existem na sociedade, elas se dão muito por desconhecimento dos direitos básicos e de equiparação de direitos. E como a gente tinha isso muito claro, os homens tinham que ter bons argumentos pra contrapor!”

Conclusões

O papel do movimento estudantil nesse evento foi muito importante, assim como o foi em diversos outros lugares do país e do mundo. Em todos os países do Cone Sul percebe-se uma constante do movimento estudantil como a iniciação política da maioria das mulheres. Com o enfraquecimento da ditadura esses movimentos serão um dos primeiros a se reestruturarem e voltarem a ativa. Nessa efervescência de discussão política, em um momento em que a redemocratização abre espaço de atuação política para novos sujeitos, os movimentos sociais e os grupos políticos afloraram em diversas linhas. É essa a hora em que muitas mulheres entram nesse jogo político, possibilitadas pelas mudanças culturais ocorridas na última década e pela emergência do feminismo no Brasil. A participação das estudantes na Novembrada é um exemplo disso, pois foi uma manifestação organizada por estudantes em um contexto nacional e regional de fortalecimento do movimento estudantil. Tendo conquistado a possibilidade de estar dentro da Universidade, essas mulheres aproveitaram o momento histórico em que viviam e entraram para a vida pública através do movimento estudantil.

Referências

- HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, jan/abr 2009.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995.
- NECKEL, Roselane; DIANA, Alita (Org.). *UFSC 50 Anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: EDUFSC, 2010.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (Org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, p.29-42, jan-jun, 2005.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16(2), p. 55-22, jul/dez 1990.
- SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica Editorial, 1982.
- WAGNER, Mirian Elisa da Silva Aguiar. *Em cena, as mulheres: a novembrada como lugar de resistências*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003.

Um outro olhar sobre a Novembrada: a resistência através da atuação das mulheres no movimento estudantil

AUTORIA: LIDIA SCHNEIDER BRISTOT

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CRISTINA SCHEIBE WOLFF

RESUMO: A Novembrada foi um evento marcante para Florianópolis e o fim da ditadura civil-militar no Brasil em 1979. O protesto, que teve enorme apoio popular e se tornou símbolo do descontentamento dos cidadãos para com a situação política, econômica e social do país, foi organizado pelos estudantes do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por meio de entrevistas busco compreender como foi possível a entrada das mulheres no movimento estudantil de Florianópolis e como elas se perceberam enquanto

sujeitos ativos desse movimento. Utilizando como metodologia a história oral e o gênero como categoria de análise, é possível perceber as subjetividades e as relações de gênero envolvidas em um episódio tão marcante quanto a Novembrada e na militância cotidiana do movimento estudantil.

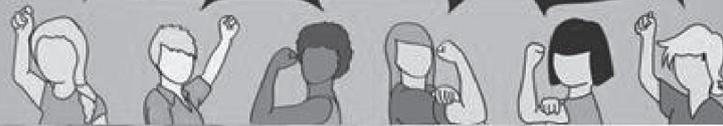
Palavras-chave: Movimento estudantil. Florianópolis. História das mulheres. Gênero. Ditadura civil-militar.

MINIBIOGRAFIA:

Lidia Schneider Bristot: Graduanda do curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica no projeto “Lágrimas como bandeira: Emoções e gênero na retórica da resistência no Cone Sul” no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH). Desenvolve pesquisas nas áreas de ditaduras, relações de gênero, resistência, juventude e história das mulheres.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos



Um projeto investigativo: banco de dados
na área de gênero da Universidade
Federal Fluminense

Descrição

- Foram utilizados trabalhos de conclusão dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação, Letras, Serviço Social, História, Psicologia, Educação Física, Ciências Sociais, Enfermagem e Direito, no período de 1968 a 2011, encontrados em algumas de nossas bibliotecas.
- O trabalho é composto por duas fases:

• **Primeira fase:** levantamento da produção.

• **Segunda fase:** identificar as representações e distinções teóricas, por questões cronológicas e metodológicas.



Autora: Karla Herdy Mackenzie
Orientador: Prof. Sérgio Aboud

Objetivo

- O principal objetivo é expandir a divulgação de trabalhos acadêmicos da área de Relações de Gênero, através da construção de um banco de dados para uso do domínio público. Acreditando que a sistematização desses trabalhos é de relevância acadêmica para aqueles que lutam pela equidade de gênero.

Referências Bibliográficas:

BAUER, W. Martin; GASKELL, George (ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p.
DATE, C. J. **Introdução a Sistema de Banco de Dados.** Editora Campus: São Paulo, 2000
LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 174 p.

Um projeto investigativo: banco de dados na área de gênero da Universidade Federal Fluminense

AUTORIA: KARLA HERDY MACKENZIE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROF. SÉRGIO ABOUD

RESUMO: O presente trabalho apresenta o resultado de um Projeto de Extensão e Pesquisa do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenado pelo Prof. Sérgio Aboud. O principal objetivo é expandir a divulgação de trabalhos acadêmicos da área de Relações de Gênero, mediante a construção de um banco de dados para uso do domínio público, com os trabalhos de conclusão dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação, Letras, Serviço Social, História, Psicologia, Educação Física, Ciências Sociais, Enfermagem e Direito, no período de 1968 a 2011, tendo como base os acervos de algumas das nossas bibliotecas.

O recorte principal foi Gênero. A pesquisa se propôs a realizar a análise de significados antropológicos e sociais desta produção. A primeira fase do trabalho consistiu no levantamento da produção. Na segunda fase, trabalhamos com a proposta de identificarmos as representações e distinções teóricas, por questões cronológicas e metodológicas. Acreditamos que a sistematização desses trabalhos é de relevância acadêmica para pesquisadores e outros membros da sociedade que lutam pela equidade de gêneros.

Palavras-chave: Banco de dados. Relações de gênero. Produção acadêmica.

MINIBIOGRAFIA:

Karla Herdy Mackenzie: Professora de Educação Física formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente leciona na rede municipal de Niterói/ RJ. Ao longo do seu curso foi bolsista de extensão, monitora, bolsista de pesquisa do projeto Pró-Saúde do Ministério da Saúde. Todos os seus trabalhos na área de cultura, memória, educação e saúde foram relacionados às questões de Gênero.

Fazendo Gênero 10

Desafios Atuais dos Feminismos

Uma análise de gênero dos trabalhadores mais bem remunerados no mercado de trabalho brasileiro

Jéssika Martins Ribeiro¹ e Moema de Castro Guedes²

1. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFRRJ, Discente do Curso de Ciências Sociais da UFRRJ;

2. Orientadora, Professora Adjunta de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ

Introdução

O Brasil passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais nas últimas décadas que tiveram impacto sobre o aumento do trabalho feminino. Mudanças nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher alteraram a identidade feminina, voltada cada vez mais para o trabalho remunerado. Ao mesmo tempo, a expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades deram a elas novas oportunidades no mercado de trabalho (BRUSCHINI, 2007).

A presença das mulheres no mercado de trabalho concentrou-se em determinadas áreas do conhecimento, em geral aquelas dedicadas ao cuidado, os chamados “guetos femininos”. Todavia, nas últimas décadas a presença feminina nas universidades tem ultrapassado também os redutos masculinos. Ainda que as mulheres estejam ocupando novos e promissores postos elas permanecem submetidas a violentas desigualdades de gênero.

Metodologia

Levantamento da bibliografia sobre gênero e mercado de trabalho no Brasil, em particular a literatura sobre os segmentos mais elitizados da mão-de-obra. Análise quantitativa de algumas variáveis do Censo Demográfico 2010 (IBGE). O cruzamento de dados estatísticos permitiu traçar os perfis femininos e masculinos dos trabalhadores que ocupam os cargos de comando. A hipótese de que o processo de heterogeneização da mão-de-obra feminina vem seguindo um padrão semelhante ao assistido há décadas na população.

Resultados obtidos

Nos últimos anos, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a distribuição de renda melhorou, mas a desigualdade entre homens e mulheres ainda é muito significativa. Apesar de serem mais da metade da população (51%) e estudarem mais que os homens, as brasileiras têm rendimentos menores e ocupam os piores postos no mercado de trabalho.

Em 2010, as mulheres passaram a ganhar em média 73,8% do salário do homem; em 2000, esse percentual era 67,7%. Isso mostra uma leve tendência de melhora ao longo do tempo. Apesar desse avanço, os cruzamentos realizados mostram que as mulheres continuam concentradas nos extratos de renda mais baixos.

Do contingente mais mal remunerado, que tem rendimento de até ¼ de salário mínimo, 71% são mulheres e 29% são homens. O gráfico 02, a seguir, ilustra estas distribuições. O dado mostra que a inserção laboral mais fragilizada é das mulheres, bastante influenciada pela forte concentração feminina nos serviços domésticos.

Gráfico 01 - Distribuição relativa de homens e mulheres em alguns estratos salariais



Fonte: Censo Demográfico 2010 do IBGE - Elaboração própria

Em 2000, elas eram apenas 19% dos profissionais da área de engenharia, produção e construção e 20% da agricultura e veterinária. Na década seguinte, chegaram a 23% e 30%, respectivamente. No entanto, continuam com um peso relativo altíssimo nas áreas voltadas ao cuidado. São 83% dos profissionais da educação, 73% em humanidades e artes, 68% na saúde e bem estar e 59% em áreas de formação mal especificada.

Gráfico 02 - Distribuição relativa da população com curso superior por áreas de formação e sexo – ano 2010 – Brasil



Fonte: Censo Demográfico 2010 do IBGE - Elaboração própria

Considerações Finais

O processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho é orientado pela divisão sexual do trabalho. Esse conceito é central nos estudos de gênero pois explicita as distintas dinâmicas e constrangimentos de homens e mulheres no mercado de trabalho. Essa divisão posiciona as mulheres nos postos menos prestigiados por elas terem que conciliar vida familiar e vida profissional. Os dados de nossa pesquisa evidenciam a necessidade de uma nova equação entre Estado, mercado trabalho e família para que as mulheres possam estar em pé de igualdade com os homens.

Bibliografia

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Relatório de pesquisa, Fundação Carlos Chagas, 2007.
BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Portal do IBGE. Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/index.php>>. Acesso em: 23/08/2012.

Uma análise de gênero dos trabalhadores mais bem remunerados no mercado de trabalho brasileiro

AUTORIA: JÉSSICA MARTINS RIBEIRO

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MOEMA DE CASTRO GUEDES

RESUMO: A literatura sobre gênero e mercado de trabalho demonstra que as principais diferenças encontradas entre homens e mulheres acontecem no topo da pirâmide salarial. No Brasil, apesar de apresentarmos altas taxas de presença feminina no mercado e termos nos últimos anos revertido uma desigualdade histórica no processo de escolarização, o acesso feminino aos cargos mais importantes do país ainda mantém-se distante de um patamar de igualdade em relação aos homens. Assim, por meio do levantamento da bibliografia sobre gênero e mercado de trabalho no Brasil, e em particular a literatura sobre os segmentos mais elitizados da mão de obra e da análise das tabulações do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE), temos como foco analisar as dinâmicas mais amplas das desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Além disso, queremos propor um olhar sobre o segmento mais elitizado de trabalhadores, que permite discutir as singularidades e diferenças deste grupo em relação à população como um todo. Deste modo, avançamos na compreensão de variáveis como a escolarização ou a renda no delineamento de identidades femininas tanto no campo laboral quanto familiar.

Palavras-chave: Gênero. Mercado de trabalho. Diferenciações salariais.

MINIBIOGRAFIA:

Jéssika Martins Ribeiro: Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente, é bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa “Gênero e Ciência: uma análise das mulheres nas carreiras acadêmicas a partir dos anos 1990 no Brasil”. Anteriormente, desenvolveu pesquisa sobre a presença das mulheres no mercado de trabalho. Possui interesse nas áreas de estudos de gênero e ciência, gênero e mercado de trabalho, feminismo, gênero, e políticas públicas.



Violência contra mulheres rurais: reflexões na perspectiva de gênero e no campo da saúde



Daiane Toebe¹, Marta Cocco da Costa².

INTRODUÇÃO

- A violência contra as mulheres esta atrelada ao poder e as desigualdades de gênero, em que os atos são repetitivos e vão se agravando em frequência e intensidade¹.
- A violência de gênero é marcada historicamente por desigualdades econômicas, sociais e políticas, na qual a mulher ocupa posição inferior².
- Podemos considerar que esse agravo é um problema de saúde e de saúde pública, pois afeta diretamente a saúde da vítima, que apresenta mais queixas, distúrbios e adoecimentos.
- Dentre as mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade destacam-se as que residentes em áreas rurais por estarem inseridas em um contexto permeado de experiências de submissão, associada à falta de informação, ao precário acesso e acessibilidade aos serviços.

OBJETIVO

- O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão acerca da violência contra as mulheres rurais na perspectiva de gênero e no campo da saúde.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

- Este trabalho tem como base uma pesquisa em desenvolvimento intitulada “Análise situacional da violência contra mulheres rurais e as interfaces intersetoriais: a problemática em municípios do sul do Brasil” que busca o desenvolvimento de reflexões que ampliem a compreensão, a visibilidade do problema, a diversidade das situações de violência contra mulheres rurais e as interfaces intersetoriais no enfrentamento desse agravo.

- Entre os objetivos citamos identificar a rede de atenção existente para atender estas mulheres, descrever e analisar os tipos de violência e analisar e confrontar as dimensões representacionais e políticas no enfrentamento da violência nos municípios estudados.
- Esta pesquisa esta sendo desenvolvida por acadêmicos e docentes do curso de enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões.

CONCLUSÃO

- Os poucos estudos sobre a temática apontam para o desconhecimento da situação das mulheres rurais, e que os profissionais da saúde têm dificuldades em visualizar essa problemática como sendo de sua responsabilidade, evitando o acolhimento e responsabilização pelo sofrimento gerado, impedindo assim intervenções sensíveis e qualificadas.
- Constata-se que as políticas públicas precisam reconhecer o meio rural como espaço de cuidado que demanda intervenções específicas e multissetoriais para a construção de estratégias de prevenção.
- Nesse sentido, o setor saúde compõe a rede de enfrentamento à violência, por estar próximo e poder acolher as mulheres estabelecendo vínculos e empoderando-as.

BIBLIOGRAFIA

- ¹SOARES, B. Enfrentamento a Violência contra a Mulher. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.
²MEDEIROS, M. C. Unidos Contra a Violência. In Marcadas a Ferro – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, 102p.

¹ Acadêmica do 6º Semestre em Enfermagem da UFSM/campus Palmeira das Missões. Bolsista PET-Enfermagem. Relatora do trabalho. E-mail: daiane.toebe@ufsm.br

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora e Coordenadora do Curso de Enfermagem da UFSM/campus Palmeira das Missões. Orientadora. E-mail: marta.c.c@ufsm.br

Violência contra mulheres rurais: reflexões na perspectiva de gênero e no campo da saúde

AUTORIA: DAIANE TOEBE

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARTA COCCO DA COSTA

RESUMO: A violência contra as mulheres está atrelada ao poder e às desigualdades de gênero, em que os atos se agravam em frequência e intensidade. A violência de gênero é marcada historicamente por desigualdades econômicas, sociais e políticas, na qual a mulher ocupa posição inferior, sendo esse agravo problema de saúde e de saúde pública. As mulheres rurais apresentam-se em situação de vulnerabilidade, associada à falta de informação, ao precário acesso e acessibilidade aos serviços. Devido ao aumento da violência, da sua “invisibilidade” no rural e da sua magnitude enquanto problema de saúde, propõe-se uma reflexão acerca da violência contra as mulheres rurais na perspectiva de gênero e no campo da saúde. Os poucos

estudos sobre a temática apontam para o desconhecimento da situação das mulheres rurais, e que os profissionais da saúde têm dificuldades em visualizar essa problemática. Constatase que as políticas públicas precisam reconhecer o meio rural como espaço de cuidado que demanda intervenções específicas e multisetoriais para a construção de estratégias de prevenção. Nesse sentido, o setor saúde compõe a rede de enfrentamento à violência, por estar próximo e poder acolher as mulheres estabelecendo vínculos e empoderando-as.

Palavras-chave: Violência contra a Mulher. Gênero. Saúde da População Rural.

MINIBIOGRAFIAS:

Daiane Toebe: Graduanda do 8º semestre de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Campus Palmeira das Missões, Bolsista PET/Enfermagem. Integra Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva (NEPESC/UFSM).

Marta Cocco da Costa: Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Campus Palmeira das Missões. Membro e pesquisadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva (NEPESC/UFSM).



UnB



Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise / Departamento de Psicologia Clínica / Instituto de Psicologia
Grupo de Pesquisa "Saúde Mental e Gênero" - <http://saudementalgenetico.woahp.uess.com>

Violência de gênero e reafirmação patriarcal na síndrome de alienação parental

Humberto Soares Costa
E-mail: humberto.costa73@gmail.com

Valéria Maria Zanêllo de Loyola
E-mail: valeriazanellol@uel.com.br

Introdução:

Desde a sua criação em meados dos anos 80 pelo psiquiatra americano Richard Gardner, a Síndrome de Alienação Parental - SAP tem conquistado rápida aceitação no mundo jurídico e entre os profissionais psí do ocidente.

A maioria dos trabalhos publicados sobre a SAP corrobora ou amplia as proposições originais de Gardner, sendo poucos os que propõem um olhar crítico, para além de uma semiologia sintomática e judicial. Muitas dessas publicações, inclusive as de Gardner, identificam a mãe como mais propensa que o pai a atuar como genitor alienador nos conflitos conjugais que ocorrem após o divórcio.



Objetivo:

Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise crítica da SAP, tal como proposta nos textos de Gardner, a partir das contribuições de estudos feministas, considerando a historicidade dos papéis e valores de gênero nas sociedades ocidentais, e do questionamento das práticas e do saber psiquiátrico.

Resultados e discussão:

Em seus escritos, Gardner dá destaque à figura materna como sendo a principal indutora da SAP, ocupando, quase sempre, a posição de genitor alienador. Ele aponta a primazia das mulheres neste papel a partir das transformações que a sociedade estadunidense viveu em torno do tratamento legal sobre o divórcio. Segundo ele, a instituição, em meados dos anos 70, da guarda compartilhada e do critério do melhor interesse da criança, retirando da mulher a preferência na definição da guarda dos filhos menores, resultou no crescente número de casos de SAP nos Estados Unidos. Para Gardner (1987), os pais não têm a mesma capacidade que as mães para cuidar das crianças, sobretudo dos bebês.

Não bastasse, Gardner afirma que a igualdade entre homens e mulheres na custódia dos filhos, tal como acontece na guarda compartilhada, é um desrespeito para as mulheres e o principal motivo para o desenvolvimento da síndrome de alienação parental, uma vez que esta é uma resposta à ameaça de verem seus filhos sendo retirados de seus cuidados.

"Embora muitas delas possam ser consideradas cruéis, manipuladoras e mentirosas, eu tenho certa simpatia por essas mulheres. Elas se sentiram desamparadas e impotentes e muitas vezes recorreram a técnicas primitivas por conta do fracasso de maneiras mais civilizadas e maduras. Também as crianças têm sido ameaçadas pela ruptura do vínculo mãe-filho. Suas técnicas foram ainda mais primitivas por conta da sua ingenuidade sobre o mundo." (Gardner, 1987)

Apesar da simpatia que sente pelas mães que promovem a SAP, em reação à cruel sociedade que tenta lhes retirar os filhos que lhes cabem por natureza, Gardner não é tão simpático na recomendação da intervenção estatal. Uma vez diagnosticada a SAP, é hora do poder coercitivo do Estado entrar em ação. Gardner propõe que a criança e seus genitores sejam submetidos a tratamento psicoterápico, por meio de intervenção judicial, podendo envolver sanções judiciais caso os membros da família não se dispuserem a cooperar. Para que tal tratamento compulsório seja possível, Gardner recomenda que o terapeuta tenha acesso direto ao juiz e que sejam suspensas suas restrições éticas quanto ao sigilo profissional (Souza, 2009). Ao genitor alienador, Gardner propõe sanções como o pagamento de multa, a redução do valor da pensão alimentícia, a perda do pátrio poder e a suspensão de qualquer contato com os filhos.

Gardner propõe também a detenção do genitor alienador em sua própria casa, sobretudo nos dias de visita do genitor alienado, ou mesmo a colocação de transmissores eletrônicos no torço do genitor alienado como forma de rastrear a aproximação do genitor alienador em relação à criança e ao outro responsável. E se, mesmo com isso, não cessarem as campanhas difamatórias contra o genitor alienado, Gardner sugere, então, a prisão do genitor alienador.

Souza (2009) sugere que o tratamento indicado por Gardner ao genitor alienador tem muita semelhança com o tratamento moral exercido sobre os alienados de Fiesol no século XVIII:

"(...) o tratamento imposto ao alienado naquele século expressa uma relação de luta, com o emprego da força física, medicamentos e hidroterapia. O pensamento médico vigente era o de que, por conta dos excessos e imo demorações do alienado, é necessário dobrá-lo através de uma relação terapêutica que se assemelha a uma luta entre o bem e o mal." (Souza, 2009, p. 95)

A patologização de comportamentos e a "sindromização" do sofrimento humano encontram ampla aceitação no contexto atual das sociedades ocidentais, quando assistimos à proliferação de discursos sobre novas síndromes. Isso explica, em parte, a rapidez com que a SAP alcançou notoriedade no sistema de Justiça e entre especialistas do campo psí em diversos países.

Para contrapor as declarações de Gardner sobre a seleção natural que lapidou a maternidade nas mulheres e a providencialidade nos homens, acreditamos que os papéis e valores exercidos por homens e por mulheres são relacionais, assimétricos e completamente imbricados (Zanêllo & Mare, 2012). E tais relações não são simples relações de sexos, mas relações de gênero permeadas de poder, que não nos permitem esquecer a nossa fundação patriarcal que hierarquiza tais relações e condensa o feminino ao jugo do masculino (Lima, 2008). Portanto, não acreditamos na solução naturalista de Gardner, sendo sua epifania genética, para nós, manifestação de nossa ciência androcêntrica.

Conclusão:

A leitura dos escritos de Gardner a partir de um olhar feminista permitiu-nos afirmar que SAP representa uma tentativa do patriarado de retomar para o masculino o poder paterno, onde seus mecanismos de diagnóstico e de intervenção, centrados no indivíduo e fundados na violência, são os mesmos historicamente verificados nas relações que mantêm e recriam o próprio patriarado.

É preciso retirar o caráter de ciência e autoridade que foi atribuído à SAP, uma vez que seu fundamento não contribui para o amadurecimento da discussão dos problemas existentes em torno das relações de gênero, mas incluídas as relações conjugais e parentais, pelo contrário, representa um grande retrocesso na busca por relações de gênero fundadas na alteridade e na equidade.

Não ignoramos a existência de conflitos nas disputas de guarda entre genitores. Nem tampouco somos cegos ao sofrimento daqueles que se vêem impossibilitados de conviver com os filhos por conta de alianças entre estes e o outro genitor. Entretanto, não vimos na SAP solução adequada para tais conflitos e não acreditamos que a criação de leis e punições seja o melhor caminho para enfrentar questões relacionais, sobretudo pelas relações de poder nela envolvidas e a pela tentativa de patologização principalmente das mulheres. Neste sentido, compartilhamos a posição de Souza (2009), para quem "a questão do litígio conjugal deve ser analisada não por um viés psiquiátrico, que prioriza o exame do indivíduo, mas por uma perspectiva sócio-histórica, que não opõe indivíduo e sociedade, pois reflete que os atores sociais se constituem no interior da história" (Souza, 2009, p. 160). Trata-se de resgatar esta história sob um viés das relações de poder, nas quais o gênero é pedra angular.

Referências básicas:

- Gardner, R. A. (1987). *Judges interviewing children in custody/visitation litigation*. Acesso em Fevereiro de 2013, disponível em www.fact.on.ca/Info/pas/gardner87.htm
- Lima, B. S. (2008). *Violências de gênero nas ciências*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder - ST 38 - 25-28 ago 2008. Acesso em Fevereiro de 2013, disponível em <http://www.fazendogenero.org.br/8%20-%2013%20Braz%20Fazendo%20Lima%20.pdf>
- Souza, A. M. (2009). *Síndrome de alienação parental: análise de um tema em evidência*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Zanêllo, V., & Mare, R. (2012). Saúde mental, gênero e violência estrutural. *Rev. Sociol.* pp. 267-279.

Violência de gênero e reafirmação patriarcal na Síndrome de Alienação Parental

AUTORIA: HUMBERTO SOARES COSTA

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. VALESKA MARIA ZANELLO DE LOYOLA

RESUMO: Em agosto de 2010, passou a vigorar no Brasil a Lei nº 12.318, que versa sobre a síndrome de alienação parental (SAP). Essa nova lei define o que é alienação parental e estabelece sanções ao genitor que cometer atos típicos de SAP. Desde sua criação, em meados dos anos 1980, pelo psiquiatra americano Richard Gardner, a SAP tem conquistado rápida aceitação no mundo jurídico e entre os profissionais “psi” do ocidente. A maioria dos trabalhos publicados sobre a SAP corrobora ou amplia as proposições originais de Gardner, sendo poucos os que propõem um olhar crítico, para além de uma semiologia “sindrômica e indicial”. Muitas dessas publicações, inclusive as de Gardner, identificam

a mãe como mais propensa que o pai a atuar como genitor alienador nos conflitos conjugais que ocorrem após o divórcio. Nesta pesquisa, propomos uma análise crítica da SAP a partir das contribuições dos estudos feministas. Levando em consideração a historicidade dos papéis e dos valores de gênero nas sociedades ocidentais, propomos que a SAP e as leis a ela relacionadas, criadas no Brasil e em outros países, são uma reafirmação da assimetria patriarcal, pois objetivam retomar o poder paterno, ora perdido para o Estado e para as mulheres.

Palavras-chave: Síndrome de Alienação Parental. Relações de gênero. Violência de gênero.

MINIBIOGRAFIA:

Humberto Soares Costa: Graduando do Curso Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) e bacharel em História, também pela UnB. Desenvolve pesquisas sobre as relações de gênero e de raça com a saúde mental, estudando as especificidades no adoecimento psíquico e os serviços disponibilizados pelas instituições de atenção à saúde mental.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PROGRAMA CALEIDOSCÓPIO
**Violência de Gênero no jornal popular Super Notícia:
a Leitura de quem é notícia**
Orientadora: Margareth Diniz
Bolsista: Gerliani de Oliveira Mendes

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA:

Essa pesquisa visa responder a seguinte hipótese: “As notícias sobre mulheres em situação de violência (Saffioti 2004), da forma como são construídas, empoderam as mulheres?”. Consideramos refletir sobre os desdobramentos da prática jornalística para o público feminino e para as relações de gênero, já que esta prática pressupõe contribuir com a democracia e disseminar informação. **OBJETIVOS:**
- Refletir sobre o papel desempenhado pelo jornalismo popular (AMARAL, 2006) ao publicar casos de violência de gênero.
- Pensar os desdobramentos dessa veiculação na vida social e nas relações de gênero.
- Buscar as discussões teóricas acerca do gênero (AGUIAR, 2003; FARGANIS, 1997) e jornalismo (BENNETTI, 2010) para analisar as notícias.
- Buscar, através de entrevistas, a percepção de mulheres que já sofreram violência, sobre Estas matérias jornalísticas.

DESENVOLVIMENTO:

Catalogamos 209 edições de jornais, extraindo delas 149 casos noticiados, alguns destes com desdobramentos. Usamos a análise de conteúdo para conhecer a abordagem dada à violência doméstica e contra a mulher Na segunda fase, realizamos entrevistas (BURGUSS, 1997) com duas mulheres que já sofreram violência doméstica, e registramos suas perspectivas e propostas a cerca de 4 destas notícias

RESULTADOS:

As notícias apresentam um viés demasiado masculino, negligenciando fontes que empoderam as mulheres e informações cruciais sobre seus direitos. Apesar disso, a entrevista às mulheres que já sofreram violência doméstica, nos demonstrou a força do impacto em suas vidas, a importância da visibilidade e da presença da mulher como fonte e, principalmente, as transformações que essas notícias receberam: transformações estas que deixam uma segunda hipótese: A Lei Maria da Penha terá sido um marco na mudança de abordagem desse tema no jornal popular?

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Renato. *Butler e a desconstrução do gênero*, 2003. 236 p. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005
AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular* São Paulo, Editora Contexto, 2006.
BENNETTI, Marcia. *O jornalismo como acontecimento*. BENNETTI, Marcia. PRADELINA, Virginia da Silva Fonseca (org). *Jornalismo e acontecimento, mapeamentos críticos*, Florianópolis, Ed. Insular, 2010. p.144 – 166.
BURGUSS, Robert g. *Métodos de pesquisa de terreno II: as entrevistas como conversas*. In A Pesquisa de Terreno. Oeiras, Celta Editora, 1997, p.111-133.
FARGANIS, Sonda. *O feminismo e a reconstrução da ciência social* In: JAGGAR, Alison. BORDO, Susan. *Gênero, Corpo e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1997, p. 224 – 240.
SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Gênero, Patriarcado, violência*; São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004



Fonte: Jornal Super – Janeiro, Fevereiro e Março de 2013.

Violência de Gênero no jornal popular *Super Notícia*: a leitura de quem é notícia

AUTORIA: GERLIANI DE OLIVEIRA MENDES

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. MARGARETH DINIZ

RESUMO: Este trabalho é resultado de levantamento e análise de notícias que abordam o tema da violência de gênero especificamente no jornalismo popular. Foram catalogados três meses de edições diárias, resultando em 209 jornais, onde foram noticiados 149 casos, alguns destes com desdobramentos. O acervo utilizado é do Jornal Super Notícia, líder de vendas no país. Usamos a análise de conteúdo para conhecer a abordagem dada à violência doméstica e contra a mulher. As notícias apresentam um viés demasiado masculino, negligenciando fontes que empoderam as mulheres e informações cruciais sobre seus direitos. Foi observada a forma como a mulher é representada no jornal como um todo, deixando-nos características problemáticas no que diz respeito ao reconhecimento das mulheres como público leitor a ser beneficiado com o acesso à informação, para sua categoria política. Na segunda fase, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas mulheres que já sofreram

violência doméstica, e registramos suas perspectivas e propostas a cerca de quatro dessas notícias. Tais entrevistas nos mostram o impacto de notícias jornalísticas na vida dessas mulheres, a importância da visibilidade e da presença da mulher como fonte e, principalmente, as transformações que essas notícias receberam em função das conquistas de direitos das mulheres no Brasil. Foi importante ouvir mulheres que já experimentaram a violência doméstica, pois suas experiências têm, de fato, um olhar mais apurado e crítico no sentido de formular um guia de comunicação para noticiar casos afins. De modo geral, esta pesquisa nos levou a uma segunda hipótese que está aberta para investigação: A Lei Maria da Penha terá sido um marco na mudança de abordagem desse tema no jornal popular?

Palavras-chave: Violência de gênero. Jornalismo popular. *Fait divers*. Empoderamento

MINIBIOGRAFIA:

Gerliani de Oliveira Mendes: Mestranda em Ciências Sociais (PPGCSO) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e bolsista da Capes. Pesquisou sobre mulheres em situação de violência e jornalismo popular durante a graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como bolsista da Fapemig. Atualmente, seu trabalho de mestrado está inserido na área da antropologia e ainda versa sobre classes populares.

Organização

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora Associada III e coordena o núcleo Literatura e Memória da UFSC. Integra a equipe de pesquisadoras do Instituto de Estudos de Gênero, bem como faz parte do quadro permanente da organização do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Além disso, faz parte da Coordenação Geral da Revista Estudos Feministas e do Conselho Editorial das revistas, UniLetras, Mafuá, Ciências e Letras, Literatura Hoje, Signótica. É professora de Literatura Brasileira no Curso de Letras da UFSC. Atua, pesquisa e publica nas linhas de pesquisa História e Memória: escritas de si e gênero.

JAIR ZANDONÁ

Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, é um dos editores da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC), professor substituto na área de Literaturas DLLV/UFSC, e integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC) e do Grupo de Estudos Pós-Coloniais Afro-Latino-Americanos (GEPALA/UFSC). Desde 2008, integra a comissão organizadora do Seminário Internacional Fazendo Gênero.

CLAUDIA RENATA DUARTE

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003) e graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2000). Tem experiência docente nas áreas de História do Brasil, História Moderna e Contemporânea, desenvolve pesquisas nos campos da: cultura material, literatura, moda, história do trabalho e história social. Coordenou a equipe de Monitoria da 10ª edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero.

JULIA TELÉSFORO OSÓRIO

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestra em Literatura (2013) e graduada em Letras Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas pela mesma instituição (2010). Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pesquisa a poesia portuguesa contemporânea. Coordenou a equipe de Monitoria da 10ª edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero.

